

Da Fundação do BIMEc ao 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado: O Futuro de Nós Dirá



Da Fundação do BIMec ao 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado:
O Futuro de Nós Dirá



Da Fundação do BIMec

“Nesta visita ao BIMec, onde tive o grande prazer de me reunir com um conjunto de oficiais de “elite”, sargentos e praças que ajudaram a formar a primeira unidade mecanizada do Exército Português, escola de guerra, patriotismo e grande profissionalismo, é com emoção que vivo momentos passados, e transmito aos actuais militares que o formam o desejo de não se afastarem do espírito fundador e lutarem pela honra e dignidade do exército, último bastião defensor da Nação e da Pátria.”

*O 1º Comandante do BIMec, Cor (REF) Fernando Barroso de Moura,
10 de Outubro de 2012*



15 de Março de 1977



10 de Outubro de 2012





1º Batalhão de Infantaria Mecanizado-1BIMec

Índice

1. Do Comandante.....	9
2. Da Fundação	
2.1 Dos Oficiais, Sargentos e Praças fundadores da primeira unidade mecanizada do Exército Português.....	12
2.2 Os Recursos Humanos - Soldados de Portugal.....	16
3. Resenha Histórica	
3.1 Síntese Histórica.....	22
3.2 Da Fundação do BIMec 1976/77.....	25
3.3 Nas décadas de 80 e 90.....	26
3.4 No Teatro de Operações da Bósnia Herzegovina	27
3.5 No Teatro de Operações do Kosovo.....	28
3.6 No Teatro de Operações de Timor Leste.....	29
3.7 Aprontou um Agrupamento Mecanizado que entregou a Nato Response Force (NRF) 5.....	30
3.8 No Teatro de Operações do Afeganistão.....	31
3.9 O 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado.....	32
4. Digitalizações do Livro de Honra	
4.1 Primeiro Comandante do BIMec, TCor Inf ^a Barroso de Moura.....	34
4.2 S. Ex. ^a o Presidente da República Portuguesa, Gen António Ramalho Eanes.....	35
4.3 Comandante das Forças U.S.A estacionadas na Europa	36
4.4 Visita do Chefe de Estado-maior do Exército U.S.A.....	36
4.5 Comandante Landsout, NATO.....	37
4.6 S. Ex. ^a MDN Dr. Jaime Gama.....	38





4.7 S. Ex. ^a Gen CEME, António Eduardo Queiroz Martins Barrento....	39
4.8 S. Ex. ^a Rev ^a Vigário Geral Castrense, D. Januário Torgal Ferreira .	40
4.9 Visita de S.Ex. ^a o Presidente da República Portuguesa - Prof. Dr. Aníbal António Cavaco Silva.....	41
4.10 Mensagem de despedida de S. Ex. ^a o Cmdt da Brigada Mecanizada MGen Noé Pereira Agostinho.....	42
4.11 Mensagem de despedida de S. Ex. ^a o Cmdt da Brigada Mecanizada MGen Esperança da Silva.....	43
4.12 Visita dos Fundadores do BIMec.....	44
4.13 Mensagem de S. Ex. ^a o Cmdt da Brigada Mecanizada MGen António Xavier Lobato de Faria Menezes.....	45
4.14 Mensagem de S. Ex. ^a o Gen CEME, Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.....	46
4.15 Mensagem de S. Ex. ^a o Cmdt da KFOR, MGen Salvatore Farina, ao 1BIMec/KFOR.....	47
4.16 Mensagem do Secretário de Estado dos Assuntos Europeus, Dr Bruno Mações, ao 1BIMec/KFOR.....	48
4.17 Mensagem do Cmdt do JFC das Forças de Defesa da Hungria, MGen Sándor Fucsku.....	49
4.18 Mensagem de S.Ex. ^a o Cmdt da KFOR, MGen Francesco P. Figliuolo, ao 1BIMec/KFOR.....	50

5. Síntese das publicações do 1BIMec

5.1 O Mecanizado N ^o 1, "Maio 79"	52
5.2 O Mecanizado N ^o 26, "Janeiro 87"	52
5.3 O Mecanizado N ^o 28, "Julho"	52
5.4 Todo juntos pelo Futuro de Timor 2003.....	52
5.5 Sitrep 2005	53
5.6 Reflexões de Experiência Feita 1BIMec/BrigMec/NRF 5.....	53
5.7 O Mecanizado, Dezembro de 2009.....	53
5.8 O Mecanizado, Abril de 2010.....	53
5.9 Manual de M113.....	54
5.10 Sitrep 2012/13.....	54

5.11 Sitrep 2013/14.....	54
5.12 Sitrep KFOR 2014, 1º Trimestre.....	54
5.13 Sitrep KFOR 2014, 2º Trimestre.....	55

6. Mensagens, Testemunhos, Relatos; De Set12 a Set14

6.1 Discurso do Comandante da BrigMec, Dia do 1BIMec e entrega do EN ao 1BIMec/KFOR.....	57
6.2 Discurso tomada de posse do Cmdt do 1BIMec a 20 Setembro de 2012.....	63
6.3 Apresentação do exercício tático de fogos reais, Rosa Brava 12.....	68
6.4 Do Comandante do Subagrupamento Alfa, no decorrer da 1ª fase do ciclo de Treino Operacional do AgrMec1, da Força Mecanizada 2012.....	70
6.5 As alterações do Apoio Logístico à ECOSF - Perceção sustentada nos trabalhos correntes do 1ºBIMec/BrigMec.....	73
6.6 1º e 2º Curso de Atirador Mecanizado de 2013.....	76
6.7 Discurso do Cmdt do 1BIMec pela ocasião dos 36 anos da publicação da 1ª OS.....	78
6.8 Apresentação do Exercício de fogos reais conjunto, Rosa Brava 13.....	88
6.9 A problemática dos calibres (NATO).....	90
6.10 Debate "Queda na máscara modificada".....	96
6.11 A vidas das mulheres no 1BIMec.....	100
6.12 Dia da Família Mecanizada do 1BIMec.....	102
6.13 Operações de Apoio Civil - 1BIMec/BrigMec.....	103
6.14 Partilha de experiências - Soldado Atirador Mecanizado.....	104
6.15 Exercício Tamarma.....	106
6.16 Síntese da apresentação do 1BIMec/BrigMec sobre o treino operacional de uma UEB.....	110
6.17 Mensagem por ocasião do Dia da Europa.....	112
6.18 Mensagem do Cmdt por ocasião do Dia de Portugal.....	114
6.19 Mensagem do Cmdt à KTM.....	116





7. Artigos do 1BIMec

7.1 Attacks.....	120
7.2 Viver o 1BIMec.....	127
7.3 Desafio de Chefiar um EM multinacional numa unidade escalão batalhão.....	130
7.4 Treino Operacional.....	138
7.5 As Operações não se aprendem, Vivem-se.....	148
7.6 Logística das pequenas unidades: Dos princípios às experiências vividas.....	158
7.7 Manutenção – O trabalho invisível.....	161
7.8 O apoio médico na preparação, projeção e manutenção da prontidão operacional de uma Força.....	166
7.9 A vivência de um Sargento de Administração Militar no 1BIMec (Set12 a Out14).....	171
7.10 C ⁴ ISR - Da informação aos baixos escalões.....	173
7.11 O Comando-Missão: O gozo da iniciativa disciplinada.....	180
7.12 O destacamento de Operações Especiais do 1BIMec/KFOR. na Missão NATO, Joint Enterprise.....	186
7.13 Importância do Sargento de Pelotão na dinâmica operacional de um PelAt.....	187
7.14 A presença das mulheres nas Forças Armadas	195
7.15 Comandar uma Secção - A liderança constrói-se e a Liberdade de acção conquista-se.....	198
7.16 A importância da estrutura organizacional no início de um percurso profissional sustentado do Sargento do 1BIMec.....	207
7.17 Cooperação Civil-Militar (CIMIC).....	210
7.18 O emprego da Pandur no TO do Kosovo.....	217
7.19 O emprego de pequenos sistemas aéreos não tripulados (SUAS) numa unidade de escalão batalhão, como FND no TO do Kosovo.....	220
7.20 O Apoio de Combate nas Unidades de escalão Batalhão de Infantaria Mecanizado: Possíveis tendências de evolução.....	227

DO COMANDANTE

Constitui nossa intenção com o presente livro, iniciar o redescobrir da Fundação do BIMec; de divulgar em síntese o percurso de emprego operacional da primeira unidade mecanizada do Exército Português; e procurar redigir, tanto quanto possível, "o saber de experiência feita", resultante da partilha de conhecimento entre gerações, e da ação de comando do escalão superior - vertido em determinações, orientações e vontade - , que se julga ter viabilizado a obtenção de um renovado e apurado produto operacional.

Relembrar a Fundação desta unidade em 1977, após 40 anos de democracia em Portugal, 75 anos do início da 2ª Guerra Mundial, e 100 anos do início da 1ª Grande Guerra, e navegar no terreno do tempo até aos dias de hoje, parece fazer sentido:

- Da firme determinação, dos Oficiais, Sargentos e Praças que fundaram o Batalhão de Infantaria Mecanizado (BIMec) que com uma vontade indómita, e com um "espírito novo" iniciaram o *ethos* guerreiro próprio, perante os desafios sentidos na ação de comando, à data, provocados por influências políticas próprias do período conturbado e incerto posterior ao 25 de abril de 1974, que visavam dispersar, dividir, a unidade de comando do BIMec;

- Por constatarmos o desenvolvimento de ameaças a SUL e a ESTE da Europa, contra os valores e culturas ocidentais, estamos hoje mais conscientes da necessidade de se revigorarem os processos que viabilizem uma maior partilha de valores, e de culturas; estamos mais assertivos sobre urgência de incrementar a vontade e determinação em vencer os desafios de índole Política, Económica, Militar, Social, e de cariz Religioso que se nos deparam, através da ponte Transatlântica; acreditamos que a NATO e a União Europeia materializam uma Vantagem Competitiva, também, para vencer eventuais desafios de Defesa e Segurança;

A Cultura Institucional que caracteriza o IBIMec resulta, salvo melhor opinião, de uma vivência curta mas intensa de 37 anos de vida, sustentada no legado dos valores, princípios, conhecimento e liderança dos Comandantes desta Unidade. Os efeitos dessas ações afiguram-se nos dias de hoje, num *ethos* guerreiro específico decorrente, também,





de uma abrangente experiência operacional, traduzida em múltiplos empenhamentos de treino operacional (i.e., Display Determination 1980, Cohesion 2005, Rosa Brava plurianual), e em teatros de operações tão diversificados como por exemplo: Afeganistão, Bósnia, Kosovo, e Timor.

No decorrer destes, 37 anos de vida, os padrões de referência atingidos, devem-se à vontade e iniciativa dos desempenhos dos homens e mulheres deste 1BIMec e, também, por que somos uma das unidades de manobra subordinadas desta Grande Unidade do Exército Português – a Brigada Mecanizada. É nesta Brigada que, e ainda, permanece o conhecimento, o modus operandi, necessário à obtenção de um produto operacional de armas combinadas, associado à edificação da Capacidade de Aplicação da Força que, no nosso entendimento, é essencial, revestindo-se de plena Utilidade, no contexto dos cenários de Segurança e Defesa, atuais e futuros.

Aproveitamos esta oportunidade para saudar todos os leitores, manifestando a nossa inteira disponibilidade para, na procura incansável do aperfeiçoamento contínuo, agradecer e acolher a continuidade da partilha de conhecimento, e expressar a nossa firme determinação – com **CONFIANÇA**, **RESILIÊNCIA** e **INOVAÇÃO** - para vencer os Desafios em prospectiva.



Pedro Brito Teixeira
Comandante do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Da Fundação





“DOS OFICIAIS, SARGENTO E PRAÇAS FUNDADORES DA PRIMEIRA UNIDADE MECANIZADA DO EXÉRCITO PORTUGUÊS: O BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO – 1976 A 1977”.

Decorreu no dia 10 de Outubro de 2012, o encontro no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, da Brigada Mecanizada, do grupo de Oficiais, Sargentos e Praças, responsáveis pela edificação da primeira unidade mecanizada do Exército Português.

Durante a reunião de trabalhos foram expressas um conjunto de ideias, valores, princípios que constituíram a génese da Cultura Institucional que determinou, e determina a mística do atual 1º BIMec. Assim, julga-se oportuno



evidenciar em sinopse as alocações referentes às entidades que presidiram à mesa de honra.

1. O 1º Comandante do BIMec - Coronel (REF) Barroso de Moura.

O início da alocução, realizada de improviso, impôs no ambiente da sala onde decorreu a reunião de trabalho, um profundo silêncio, denotando a plateia um misto de expectativa e respeito pelo primeiro Comandante do BIMec.

Destacam-se do discurso proferido os aspetos seguintes:

a. O ênfase e elogio imediato à lealdade e qualidade dos Oficiais, Sargentos e Praças que serviam na Unidade, distinguindo sem hesitações o TGen (REF) Rino, TGen (REF) Vizela Cardoso, TGen (REF) Silvestre Martins.

b. Os desafios sentidos na ação de comando, provocados por influências políticas próprias do período conturbado e incerto do pós 25 de abril, visavam dispersar, dividir, a unidade de comando do BIMec que possuía à data entre oficiais, sargentos e praças, cerca de 1000 militares.

c. A edificação da primeira unidade mecanizada do exército português caracterizou-se pela existência de um “espírito novo” para o Exército.

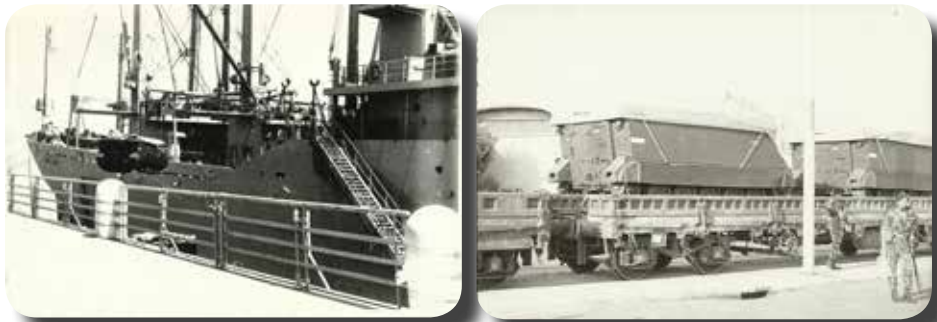
Da existência de um espírito de entreatajuda, onde cada um exercia o

sentido de responsabilidade que lhe competia, procurando contribuir para a resolução dos problemas da unidade. Simplesmente, o dever de cumprir, colaborando em permanência para o princípio do bem-fazer.

d. O sentido do “espírito novo” traduz-se no lema seguinte: Aperfeiçoar o que está bem e remediar o que está mal.

Após a reunião de trabalho e inauguração de uma placa evocativa do evento, procedeu-se à assinatura do livro de honra do 1º BIMec, onde consta a redação seguinte:

“Nesta visita ao BIMec, onde tive o grande prazer de me reunir com um conjunto de oficiais de “elite”, sargentos e praças que ajudaram a formar a primeira unidade mecanizada do Exército Português, escola de guerra, patriotismo e grande profissionalismo, é com emoção que vivo momentos



passados, e transmito aos actuais militares que o formam o desejo de não se afastarem do espírito fundador e lutarem pela honra e dignidade do exército, último bastião defensor da Nação e da Pátria.”

2. O Oficial de Operações do BIMec – TGen (REF) Cardeira Rino

Em resultado de determinações superiores deixa a unidade de operações especiais em Lamego para servir o BIMec como Oficial de Operações. Releva-se da alocação a percepção das enormes dificuldades que em 1975 se faziam sentir em todo o Exército, talvez, bem mais graves quando comparadas com as que hoje se sentem.

Da desmotivação sentida, em resultado do estado caótico que o país vivia, surge associado à vinda para a Brigada Mecanizada um inesperado incentivo, muito devido à existência de nova tecnologia e doutrina,





promovendo uma dinâmica que se traduz nas palavras seguintes: foi uma vida nova e...**COMEÇAMOS!**

Fomos muito felizes aqui em Santa Margarida. Os ciclos existem e vão continuar, permanecendo a necessidade do Exército continuar a prestar um Serviço a Portugal e aos Portugueses.



3. O Comandante da Companhia de Apoio de Combate – TGen (REF) Vizela Cardoso

O destaque realizado a Oficiais do BIMec durante a alocação do Coronel Barroso de Moura foi complementado, porquanto, no seu entendimento, o sucesso e padrões atingidos no BIMec deveu-se ao empenho de todos, oficiais, sargentos e praças. Inclui-se com distinção o TGen Silvestre Martins.

Por determinação do Brigadeiro Jasmim Freitas, é designado para vir para o BIMec para levantar a Companhia de Apoio de Combate. Veio com a missão de trabalhar uma vertente tecnológica até então desconhecida, com a qual se constatou que a formação dos quadros necessitava de um aperfeiçoamento abrangente para fazer face à disrupção cognitiva que então os novos sistemas de armas promoveram ao nível dos quadros do



Exército. Regressou mais tarde ao BIMec como 2º Comandante.

Em conclusão, evidencia-se que a existência de novos sistemas de armas e tecnologias requerem uma lógica de sustentabilidade, plurianual, que nem sempre é devidamente identificada. Temos dificuldade em sustentar o que é bom. Temos dificuldade em sustentar o investimento realizado na Defesa.

4. O Oficial de Informações do BIMec – MGen (REF) Afonso

A novidade das funções, associado a uma integração numa unidade em edificação, constituíram à data os motivos principais de motivação para fazer face ao desafio com que se deparava.

Para além dos aspetos referidos e de tudo ter que ser erguido de novo, existiam particularismos da unidade que lhe permitam desencadear uma mística única (i.e., posição de sentido de punhos fechados, movimento do ombro arma diferente do regulamentado, existência do código de honra).

Obviamente, que a existência destes aspetos diferenciadores visavam incrementar a unidade de comando, obter um elevado espírito de corpo e assegurar um elevado sentido de disciplina, totalmente contrário às tendências que se viviam na maior parte das unidades do Exército no período conturbado do pós 25 de abril de 1974.

Temia-se, então, a existência de unidades com elevados padrões de disciplina. A dedicação, empenho e iniciativa atingiram padrões extremamente elevados e, notavelmente, sempre com um sorriso na cara de cada Soldado.



Autor: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Nota 1: O empreendedor deste evento, Coronel (REF) Ferreira e Silva, moderou as intervenções de todos os presentes na sala.

Nota 2: A sessão de trabalhos foi iniciada pelo Comandante do 1ºBIMec/BrigMec .





OS RECURSOS HUMANOS - O SOLDADO DE PORTUGAL

1. INTRODUÇÃO

“Encontrei nestes homens a mesma garra, a mesma vontade e capacidade de adaptação dos homens que comandi em África. A “massa” é a mesma e é boa. É um orgulho constatá-lo.”¹

Brigadeiro Jorge Manuel Silvério, Comandante da BMI/CMSM

Desde o áureo período dos descobrimentos, que o povo Português relevou a sua dimensão universal, materializada ainda hoje nas relações com os outros povos, pela empatia que estabelecemos e na facilidade com que comunicamos, mesmo quando a língua aparenta ser um problema. Nestes 37 anos de existência do 1BIMec, importa destacar o denominador comum, o Soldado de Portugal. Enquanto produto da sociedade é um composto resultante da formação e treino operacional. Fator credível e competente, materializa um multiplicador do potencial da Unidade. E se até aqui, vimos características transversais, existirá uma especificidade própria, dos militares do 1BIMec?

2.RECURSOS HUMANOS

Para cumprir este desiderato, temos de recuar até ao conturbado período que se vivia nas Forças Armadas, após os acontecimentos do 25 de Abril de 1974. A incerteza que coexistia em todos os setores da nossa sociedade, associada a outras motivações e interesses, que não importa aqui aprofundar, contribuíam para a dispersão e divisão no seio das Forças Armadas. Contudo, quando tudo indicava o contrário, surge

¹ Declarações proferidas em 1999, por ocasião da visita do Exmo Comandante da BMI, Brigadeiro Jorge Manuel Silvério ao 3º BIMoto / SFOR II em missão, no Teatro de Operações da Bósnia Herzegovina.

Revista Azimute – Ano II – Nº3 – ABR2000, pág. 11.

um “punhado” de homens (13 Oficiais, 21 sargentos e 68 Praças)² que de forma pragmática e com visão de futuro, surpreendem tudo e todos no modo como encetam o desafio, transformando o “obstáculo” em degrau e arriscam ... “COMEÇAR”³.

Os cerca de 1000⁴ militares, entre Oficiais, Sargentos e Praças que fundaram o BIMec, estavam animados de um espírito novo em virtude da nova tecnologia e doutrina da 1ª Unidade Mecanizada do país. A arte, engenho e motivação de todos os fundadores, possibilitou o desencadear de uma mística única (incluindo, alguns movimentos de ordem unida diferenciados, a existência de um Código de Honra, de um Emblema e de um grito de saudação), baseada no sentido de responsabilidade e cujo farol procurava em todos os momentos contribuir para a resolução dos problemas.



Aliado a este conjunto de fatores únicos, a intensa atividade operacional registada na década de 80 e 90 possibilitou o cimentar e desenvolver de um “*ethos guerreiro*” muito próprio na forma de trabalhar e solucionar os problemas.

² Comemoração do 35º aniversário do 1BIMec

³ De acordo com o testemunho do TGen (REF) Carneira RINO, por ocasião do encontro promovido em 10 de Outubro de 2012 no 1BIMec

⁴ Discurso do 1º Comandante do BIMec Cor (Ref) Barroso de Moura em 10 de Outubro de 2012 no 1BIMec





Concorrente para os fatores atrás enunciados, importa ainda destacar a privilegiada localização do 1BIMec, como unidade de manobra da Brigada Mecanizada, fundamental para a obtenção de um produto operacional de armas combinadas.



Estes fatores, transversais à história da Unidade alavancaram um Passado sólido, possibilitando a construção de um Futuro.

Abordarei de seguida os dois fatores que mais alterações sofreram ao longo da história da Unidade: a redução de efetivo e a forma de prestação de serviços, com as respetivas alterações nos processos de formação.



A redução de efetivos, verificou-se de forma transversal nas Forças Armadas desde os anos 1980 e acompanha a tendência de outros países da Aliança Atlântica no fim da Guerra Fria⁵. O número de efetivos das Forças Armadas diminuiu 85% em 40 anos de democracia, após a revolução que pôs fim à Guerra Colonial, passando de 243 mil em 1974 para cerca de 32 mil em 2014. Os efetivos do 1BIMec acompanharam a tendência de descida das Forças Armadas, excepto nos períodos em que a unidade aprontou e projetou forças para teatros de operações no exterior.

Na vigência do Serviço Militar Obrigatório (SMO), cerca de 80% dos efetivos pertencia ao SMO, pelo que o tempo de permanência nas fileiras, era reduzido. Após a instrução elementar individual (incluindo Juramento de Bandeira), seguia-se a Instrução Coletiva (ICol), que iniciava com uma fase individual, evoluindo para a instrução de unidades

⁵ Com o colapso do bloco soviético, perde sentido a constituição de “grandes exércitos” prontos para uma guerra à escala global, como refere um estudo publicado pelo Instituto de Defesa Nacional em 2008

elementares (esquadra, secção) e para a instrução de pelotões e companhias. Cada fase de instrução (pelotão, companhia e batalhão), culminava com um exercício de campo, permitindo avaliar o nível de instrução das tropas e o salutar espírito competitivo.



Determinante para a redução dos efetivos militares, verificada nos quadros permanentes e nos regimes de contrato e de voluntariado, foi o fim do SMO que começou a desenhar-se em 1991, quando foi reduzido para quatro meses.

A obrigação de prestar serviço militar foi retirada da Constituição da



República na revisão de 1997 e ficou consagrado na Lei do Serviço Militar de 1999 que acabaria em 2004.

Após a adoção em 2004 de um serviço militar profissional, o Exército Português, foi alvo de várias reformas, quer ao nível da estrutura organizativa, quer ao nível da preparação dos seus militares. A Instituição procurou, constantemente, adaptar-se às novas realidades, num esforço de atualização e aperfeiçoamento, que lhe permitiria estar no pelotão da liderança, nas áreas da informação, da comunicação e da qualidade. Isso mesmo foi conseguido através da capacidade de adotar novas tecnologias, doutrinas, processos e formas de organização. Neste pressuposto a missão foi cumprida, contudo em virtude do reduzido número de cidadãos que ingressam nas fileiras, conjugado com o isolamento territorial, preponderante na escolha da unidade preferencial para prestação de serviço face à perspectiva duma colocação mais próxima do seu local de residência e ambiente familiar, esta situação atinge ainda maiores vulnerabilidades, quando a retenção de pessoal com qualificações caras e específicas é limitada até três anos, obrigando a constante renovação, dificultando deste modo, a tão necessária escola do “*saber*” de experiência feito.





3. CONCLUSÕES

E se no início do artigo, destacámos o Soldado de Portugal como denominador comum da história do 1BIMec, iremos concluir o nosso escrito do mesmo modo. Os padrões de referência atingidos ao longo destes 37 anos permitiram edificar, manter e desenvolver uma Fluidez Operacional, com a capacidade e a visão para adaptar o dispositivo militar, o seu emprego e procedimentos para as novas situações e ameaças.

Que alicerçada nos valores, princípios e na doutrina, permitem obter mais e melhor produto operacional, permitindo antecipar e ultrapassar problemas e incertezas. As dificuldades que atualmente se fazem sentir, outrora também se sentiram. Se ontem as ultrapassaram, hoje e amanhã também as iremos ultrapassar, tendo por base a coesão e por referência o caminho de excelência até aqui trilhado.

Bibliografia:

1. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, (1998). Brigada Mecanizada Independente 1978-1998 – 20 Anos. Brigada Mecanizada Independente
2. BRIGADA MECANIZADA, (2008). Brigada Mecanizada 1978-2008 – 30 Anos. Brigada Mecanizada
3. QG/CMSM, (2012). 60 Anos do Campo Militar de Santa Margarida – 1952-2012. QG/CMSM
4. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Sitrep 2003-2005, 1º BIMec/BrigMec
5. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Sitrep 2012-2013, 1º BIMec/BrigMec
6. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Sitrep 2013-2014, 1º BIMec/BrigMec
7. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Todos juntos pelo futuro de Timor, 2003, 1º BIMec/UNMISSET;
8. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Reflexões de experiência feita, 1º BIMec/BrigMec, NRF 5, 2006;
9. EXÉRCITO PORTUGUÊS, O Mecanizado, 1BIMec/BrigMec/KFOR, Abril 2010
10. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, Revista Militar Atoleiros, Ano I - Nº 01 - Abril 1999
11. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, Revista Militar Atoleiros, Ano I - Nº 02 - Outubro 1999
12. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, Revista Militar Atoleiros, Ano II - Nº 03 - Abril 2000
13. BRIGADA MECANIZADA, Revista Militar Atoleiros Ano VIII - Nº 16 – Outubro 2006
14. BRIGADA MECANIZADA, Revista Militar Atoleiros Ano XI - Nº 29 – Outubro 2009
15. BRIGADA MECANIZADA, Revista Militar Atoleiros Ano XII - Nº 30 – Abril 2010



Cap Inf Faustino

1º Batalhão de Infantaria Mecanizado-1BIMec

Resenha Histórica





SÍNTESE HISTÓRICA

O **BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO** nasce em 15 de Março de 1977, dia em que foi publicada a 1ª Ordem de Serviço. O desfile em Lisboa, da 1ª Companhia de Atiradores, integrado nas comemorações do 25 de Abril de 1977, formalizou a apresentação pública do Batalhão. Inicia a sua actividade operacional com a participação no Exercício “ORION 77”, participando posteriormente, até aos dias de hoje, em todos os exercícios da série ARCO e ROSA BRAVA da Brigada Mecanizada Independente.

A década de 80, marca o início de uma forte e intensa actividade militar no âmbito OTAN, destacando-se os intercâmbios militares com o Exército Inglês, Norte Americano, Italiano e Espanhol. O BIMec neste contexto participa nos seguintes exercícios militares – da OTAN - em Itália: “DISPLAY DETERMINATION – 80, 82, 84, 86, 89”; “DRAGON HAMMER - 91”; “ROMA 96” e “DINAMIC MIX - 96”; em Espanha: Primeira Batalha/FRONTERA.

Por despacho de 17 de MARÇO de 1994 de SExa O General Chefe de Estado Maior Exército, a 1ª Brigada Mista Independente passou a designar-se por Brigada Mecanizada Independente, tendo o BIMec passado a designar-se por “1º Batalhão de Infantaria Mecanizado”(1º BIMec).

Em Fevereiro de 1997 e Janeiro de 1999, com as designações de 1º BIMoto/SFOR e 3º BIMoto/SFOR II, respectivamente, cumpre missões de manutenção de paz no Teatro de Operações da BÓSNIA - HERZEGOVINA (BiH).

Em Janeiro de 2000, cede uma Companhia de Atiradores Mecanizada ao Agrupamento DELTA que, entre Agosto de 2000 e Abril de 2001, cumpriu missão no KOSOVO.

Em Janeiro de 2001 regressa novamente ao Teatro de Operações da BiH, com a designação de Agrupamento ECHO/SFOR II, tendo assumido a missão de Reserva Operacional Terrestre do Comandante da SFOR.

Durante o primeiro semestre de 2003, o 1º BIMec, com a designação de 1º BIMec/UNMISSET, cumpre a missão no Teatro de Operações de TIMOR LESTE;

No segundo semestre de 2004 e durante o ano de 2005, aprontou um Agrupamento Mecanizado que integrou a NATO Response Force 5,

tendo sob seu Comando Operacional um Esquadrão do Grupo de Carros de Combate da BMI. Neste âmbito participou no Exercício COHESION 05 em Espanha.

Em Janeiro de 2005 iniciou o aprontamento do 1º BIMec/TACRES/KFOR, para cumprir missão no Kosovo a partir de Mar06. Durante esta missão recebeu a visita oficial de SExa o Presidente da República.

De 11JUL08 a 30JAN09, aprontou um Agrupamento Mecanizado que integrou a NATO Response Force 12, tendo sob seu Comando Operacional um Esquadrão do Grupo de Carros de Combate do ECC. Neste âmbito participou em diversos exercícios nacionais e num exercício internacional “NOBLE LIGTH 08”, em Espanha.

Em Maio de 2009 iniciou o aprontamento do 1BIMec/BrigMec/KFOR, para cumprir missão no Kosovo a partir de SET09.

Desde Abril de 2010 que militares do Batalhão servem no Teatro de Operações do Afeganistão integrados na International Security Assistance Force (ISAF).

Entre Março de 2011 e Outubro de 2012 o 1º BIMec, por determinação superior, liderou o Projeto de Cooperação Técnico-Militar nº5, com Timor Leste no âmbito do Treino Operacional da Componente Terrestre (CT) das Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL). Constitui finalidade desta missão garantir o apoio técnico à CT, nomeadamente, no planeamento e execução do treino - com ênfase no nível técnico e tático de Infantaria – a partir da técnica individual de combate até à unidade escalão Batalhão.

De Setembro de 2012 a Julho de 2013 o 1BIMec comandou o Agrupamento Mecanizado da Brigada Mecanizada, durante o ciclo de treino operacional dedicado às Operações Ofensivas. Este objetivo de força, com, 450 militares e 85 viaturas - 57 viaturas de lagartas e 28 viaturas de rodas – foi reforçado para efeitos de comando e controlo com os módulos SIC-T. Releva-se no âmbito da doutrina da manobra e das armas combinadas, o reforço do Agrupamento Mecanizado pelo Grupo de Carros de Combate (GCC), com um Esquadrão de Carros de Combate (ECC) LEOPARD 2-A6, o qual obteve a certificação inicial de capacidade operacional (Initial Operational Capability – IOC) durante o exercício de fogos reais de armas combinadas, conjunto (JCALFX) ROSA BRAVA 13.

A partir de 30 de Setembro de 2013, preparou e organizou uma UEB (-) para projetar para o TO do KOSOVO em Março de 2014, a fim de





integrar, desde 06Abr14 até 04 Out14, a reserva tática do comandante da KFOR (KTM) no âmbito da Operação JOINT ENTERPRISE da Aliança Atlântica.

Ao longo dos 37 anos de existência, o 1BIMec tem participado noutras missões de interesse público de cariz essencialmente não militar em apoio das populações, particularmente em situações de cheias e incêndios florestais.

O 1BIMec é atualmente comandado pelo Tenente-Coronel de Infantaria Pedro Miguel Andrade de Brito Teixeira.



Vista aérea 1977



Nas décadas de 80 e 90

destacam-se os intercâmbios militares NATO, com os Exércitos Inglês, Norte Americano, Italiano e Espanhol.





No Teatro de Operações da BÓSNIA - HERZEGOVINA

cumpra as seguintes missões: em 1997 e 1999, com as designações de 1º BIMoto/SFOR e 3º BIMoto/SFOR II. Em Janeiro de 2001 regressa, com a designação de Agrupamento ECHO/SFOR II. Em 2006 cede militares a GCC/BMI /EUFOR





KFOR
K
Ф
О
Р

Participa no Teatro de Operações do KOSOVO

nas
datas seguintes:
2000 com uma
CatMec/Agr DELTA;
2006 e 2009 como
Batalhão em reserva
tática da KFOR.





Durante o primeiro semestre de 2003, o 1º BIMec, com a designação de 1ºBIMec/UNMISSET, cumpre a missão no **Teatro de Operações de TIMOR LESTE**





Durante o ano de 2005, aprontou um Agrupamento Mecanizado que integrou a **NATO Response Force (NRF) 5.**

Participou no exercício COHESION 05 em Espanha, onde projetou parte significativa da Força, incluindo, pela primeira vez, carros de combate M60.

Em 2009, aprontou um Agrupamento Mecanizado para a NRF 12. Participou no exercício internacional NOBLE LIGHT 08, em Espanha.





Desde *Setembro de 2010* que militares do Batalhão servem no

Teatro de Operações do Afeganistão

integrados na ISAF. Entre Março de 2011 e Outubro de 2012, o 1º BIMec liderou o

Projeto de Cooperação Técnico-Militar nº5.

com Timor Leste.





1º Batalhão de Infantaria Mecanizado



1.º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

CÓDIGO DE HONRA

O Membro do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado vive com este Regimento de guerra, com o mesmo espírito de unidade, disciplina, amor ao trabalho e eficiência no campo de batalha, mantendo sua honra e sua personalidade, mesmo quando estiver longe.

1. Ser honesto e transparente em todas as situações.
2. Ser sempre o primeiro a assumir as responsabilidades.
3. Respeitar a vida e a dignidade de todos os membros do Regimento.
4. Evitar o consumo de álcool e drogas, mantendo a prontidão para o combate.
5. Observar o código de conduta e o plano de segurança do Regimento em todas as situações.
6. Manter-se atualizado em todos os aspectos técnicos e administrativos.
7. Ser generoso e disponível em todas as situações.
8. Manter-se em constante estado de prontidão e alerta para qualquer situação.
9. Ser o primeiro a responder a qualquer situação de emergência.
10. Manter-se em constante estado de prontidão e alerta para qualquer situação.

O FUTURO DE NÓS DIRÁ



Digitalizações do Livro de Honra





1º Comandante do BIMec TCorInf BARROSO DE MOURA

Com os oficiais infantaria, muito me
honro a ter sido o primeiro comandante
da 1ª Batalha de Infantaria Mecanizada, BIMec,
e me considero da melhor vida profissional,
que um soldado de infantaria, sempre a marchas,
incurso nos maiores sentimentos de dever, de
honra, de generosidade e perseverancia, foram
capazes de fazer do exercito.

Para os fuzis, os militares em movimento,
esta carreira e a continuancia a ser, um
símbolo de capacidade e a melhor prova de
que o soldado militar tem dentro de si
força e valor suficiente para do momento
e desfrutar no futuro o bem de viver.

Que muitos vós se juntem ao lado de
deuses e não deslembem o esforço do seu
vão servir, e a mensagem que a Deus quem
deixa.

Barroso de Moura
Ten. Cor. Inf.
out 78

Como Infante e responsável
 Militar senti neste I BI 750,
 simbolicamente, e certo, dada a
 sua dimensão, as potencialidades
 de nossa velha Infantaria
 em actualização, impulsiona
 pela mais do jovem Infante -
 o comandante as suas
 fôrças soldadas - que constituem
 o seu efectivo e representam
 a sua vida dinâmica de
 querer/fazer.

Antônio Ramalho Eanes

Sua Excelência o Presidente da República - Gen ANTÔNIO RAMALHO
 EANES





Comandante das Forças U.S.A. estacionadas na Europa

23 March 1982

With sincere compliments to an impressive
battalion of Portuguese soldiers.

[Signature]
General U.S. Army, Europe

Visita do Chefe do Estado Maior do Exército U.S.A.

9 June 1982

My compliments to a group of
professional soldiers from their
United States friends and compatriots.

[Signature]
Gen USA
of Staff

Comandante do LANDSOUTH

grato por l'acoplimento recente e com
i migliori auguri di ogra maeno e
fortuna !

Wm. Santos
COMLANDSOUTH





Sº Exº MDN DRº JAIME GAMA

Homemagem ao ~~Exército~~
do 3.º Bat. Motorizado, por
sua atuação e dedicação
em ~~na~~ ~~desempenharem~~
missões de alto nível em
serviço de paz internacional
na Birmânia, Bósnia e an-
ticipadamente em alto e bom
som em Portugal.

20.7.99

Jaime Gama

Exº Gen CEME ANTÓNIO EDUARDO QUEIROZ MARTINS BARRENTO

Dadas as condições difíceis
para estar com a família, do
finalmente passou aqui para no
Dia de Portugal.

Tem um significado, deve é a
passagem de Portugal na Europa-África
é o desejo que todos vão para que
a missão foi cumprida com sucesso
O Conselho de Portugal agradece a todos
que está sendo o seu muito obrigado
= a todos com carinho e atenção
e Portugal

10/12/99





S.Ex^a.Rev^a o Vigário Geral Castrense, D. Januário Torgal Ferreira

Foi uma visita cheia de ternura e de beleza,
até que, mais tarde, me trouxe a este teatro místico
de Bonn - Herzogen

Levo pra cá a uma Comissão Pastoral não deve
de refletir nos outros aspectos part. para a de Deus que
do formam este Boticão! Pater noster aqui,
me ao lado amada. E a vida de baticão
é um laboratório de Deus em quem se vê a
que nos habilitamos. Os Meus Tardes de
São Clemente, b. ca., 1m pto, Tocco
e Francisco Liv.

13 de Junho de 2008
Januário Torgal Ferreira
Bispo de São Paulo
e de São Paulo

VISITA DE S. EX.^o O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA
PROF. DR ANÍBAL ANTÓNIO CAVACO SILVA

É por mim uma enorme satisfação
incidir a minha actuação no terreno
como comendado supremo de alguns
dos nossos vizinhos e concitantes e outras
particulares no estrangeiro e verificar
o bom e excelente trabalho que fazem
como com a sua dedicação e as suas
forças de trabalho.

Desta forma expresse o meu apreço
pelo contributo que o partido de Portugal
fez para a nossa nação e as suas realizações
de importância nacional no terreno

Aníbal António Cavaco Silva
21.04.25





Na última oportunidade enquanto Comandante da Brim
Mecanizada, de sua despedida formalmente ao "DIEX", e
com a feliz coincidência de abraçar o velho do ten
Lito de Lemos, - com inúmeras lembranças que deixei
o meu batentele formal sobre o espaço, o legado,
profissionalmente e sobre a cultura da unidade desta
emblemática unidade, no cumprimento dos requisitos
feitos que não foram atendidos nos períodos em
que fui responsável pela direção desta Grande
Unidade do Exército. Efectivamente, só com total
dependência e a colaboração do pessoal (serviço e
treinados) o equipamento Mecanizado que entrou a
NRF-12 durante o ano de 2008 e 2009, o que
constituiu um enorme legado, em estrutura e
material, que a "Grande" existente no mundo
permite ultrapassar com sucesso. Também destaca-se
o pessoal que destacou à NRF-12, a FND como
função básica do comando de KFOR no TO do Kosovo,
de ser com sucesso e a pouco tempo cumprido
e cumprir desta experiência pessoal. O Exército
é de fato a unidade única Mecanizada do Exército e
o caso de crescimento nele existente permite que
nos dias de hoje, passando a "Grande" e também
nos seus comandados, garantindo assim e com
contribuição ao futuro do Exército - a Brim.

✓ f. Roger de, 07 de Abril 2010

O Comandante da Brim Mecanizada

Agostinho

Despedida do MGen ESPERANÇA DA SILVA, Comandante da BrigMec, 11 de Setembro de 2012

Casa Robôtes e Fúria em Casa de L. B. M.

Neste momento, muitos passagens para este Batalhão, com o Comandante do Batalhão, que me manifestou o meu orgulho e satisfação por ter participado com vocês a minha experiência do comando de uma unidade viável, respeito do saber na área de blindados e Armas.

Do que me foi dado, o abraço e sentir sobre o vosso contributo comum, pelo que se produziram muitas aprendizagens de vossa profissionalidade e dedicação ao lado dos alunos, um qual do exército militar do Batalhão como elemento da campanha operacional do futuro do país do Brasil.

No nome de seu Comandante, Heu Comandante, agradeço novamente o espaço cedido e fico muito feliz pelo o sucesso pessoal e profissional de cada um de vós.

Santa Luzia, 11 de Setembro 2012







VISITA DOS FUNDADORES DO BIMEC

SANTA MARGARIDA, 10 DE OUTUBRO DE 2012

Nesta visita ao BIMEC, tive o grande prazer de uma reunião com um conjunto de oficiais de "elite", sagrados e preciosos que ajudaram a formar a 1.ª unidade mecanizada do exército português, com a presença, patriótica e grande profissionalismo, e com aqueles que viveram momentos passados, e transcorreram as ações militares que o formaram o desejo de não se afastar nem do espírito fundador e lutar pela honra e glória do exército através das ações de formação da vida e da Patria.

O 1.º comandante do BIMEC

Francisco Xavier
em T.M.

Imagem
T.M. Ref.

Manfred Vial
T.M.

João José
Casimiro

João do
T.M.

Mário

João
T.M.

Adriano
1.º Cabo

Brigadeiro
T.M.

João
T.M.

João
T.M.

Mensagem de sua Exª o Comandante da BrigMec, MGEN ANTONIO XAVIER LOBATO DE FARIA MENEZES

Santa Margarida, 15 de Março de 2013

POR ocasião de mais uma aniversário desta prestigiada unidade da Infanteria, da Brigada Mecanizada e do Exército, gostaria de sublinhar no seu livro de Honra, os seguintes pontos:

- O valor do seu legado de conhecimento, transmitido pelas sucessivas gerações de militares que por aqui serviram, bem patente na acap de comando, firme e autoritária, do seu atual Comandante e visível no trabalho em quartel e sobretudo no Treino operacional dos Soldados, Infantes Mecanizados;
- A constante busca da inovação e de boas práticas inserida nos vários quadros, cimentada numa lealdade e espírito de disciplina em quaisquer circunstâncias, que permite perceber o presente e garantir o Futuro!
- A união e confiança que se sente nos Regtos dos Homens e Mulheres deste Batalhão na dedicação total à Missão que permite projetar o sucesso como Comando do Agrupamento táctico Mecanizado e no futuro próximo como FND no TO do Kosovo.

Nesta ocasião festiva, Saúdo todos os militares e Civis do 1º BMEC e exortáv-os a continuarem a zelar de Serina Portugal e os Portugueses.

Um abraço

15 de Março 2013

António Xavier Lobato de Faria Menezes





Santa Margarida, 28 de Fevereiro de 2014

A linha passagem pela remota São José da Exercício Pristina 141, de conjunto do 1: BSMec / EST, bem como na cerimônia de inauguração do 1: BSMec / Buzle, na qual se pode ver à entença da Estabilidade do Brasil é por que dentro em breve parte para o Brasil, embora eu de um enorme orgulho, pelo que me foi dado observar em favor de profissionalismo dos militares que participaram estes vocantes e por toda a gente que contribuíram para a sua formação, tendo em vista o cumprimento da missão.

Os meus sinceros cumprimentos a todos os oficiais, sargentos e praças do 1: BSMec / EST, pela tarefa desempenhada e os meus votos de sucesso na missão que se aguarda.

Tenho a certeza de que continuará a cumprir Portugal naquela Tarefa de operações, honrando a Buzle, o Exército e as Forças Armadas e mantendo bem alta a chama que os militares, com soldados de coragem que são, e que o seu lema sempre foi e será sempre a sua presença na linha de frente, como por o tempo antigo o seu lema invariável: "O Brasil de Deus!"

Santa Margarida, 28/2/14
Carlos Jerónimo

Visit of the COM KFOR MGen SALVATORE FARINA to the 1st MecBn/ KTM

Pristina, 07 July 2014

To the Soldiers and The Commander of 1st Mec Bn/ KTM, my greatest appreciations for the outstanding commitments and the very excellent results as KFOR Tasked Reserve expressed every single day and in a magnific way during the month of June '14 when in many occasions the unit was alerted, pre-deployed, tasked to intervene and operated.

This is a clear sign of the professionalism and dedication of Portuguese and Hungarian Soldiers as well as the outstanding quality of the Staff and the Commanders. Thank you all, well done to you Pedro!

"More together!"
MGen Salvo





Visita do Secretário de Estado dos Assuntos Europeus, Dr BRUNO MAÇÃES ao 1BIMec/KFOR

Pristina, 09/Julho2014

COM ORGULHO E RECONHECIMENTO
PELO VOSTRO TRABALHO.

Br. Bruno

SEAE . 9.07.2014

Visit of the Commander of the Joint Force Command of the Hungarian Defence Forces MG SÁNDOR FÜCSÜ

Pristina, 04September2014

As the occasion of my visit in
Camp Slin lines I wish you
all the best.

I hope, that the cooperation
between the PLI and KUN contingent
will be as fruitful in the future
as it is now.





Visit of the COM KFOR MGen FRANCESCO PAOLO FIGLIUOLO to the 1st MecBn/KTM

Pristina, 13 September 2014

Dear Pedro,

I' wish to thank you as the KFOR Tactical Reserve Manoeuvre Unit Commander, for your service to NATO and the peoples of Kosovo over your mandate. The commitment of your Unit was simply outstanding and ensured that KFOR met its major mission of SASÉ and FOM.

Pedro you are a credit to the Portuguese Army, KFOR and NATO!

Thank you again and all the best for you and your soldiers.

Example, Endeavour, Enticust!

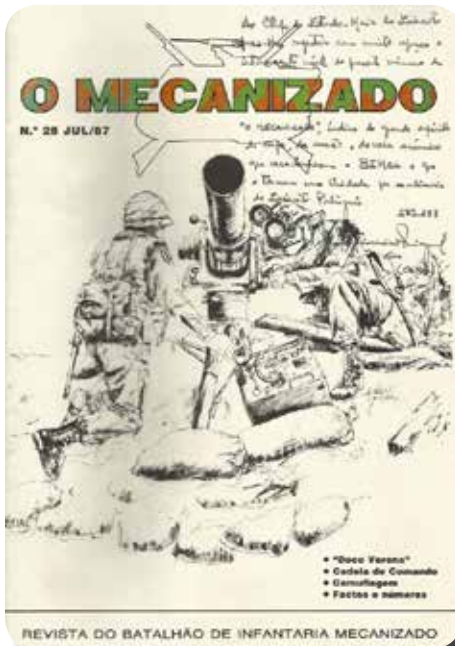
F.lli - lo

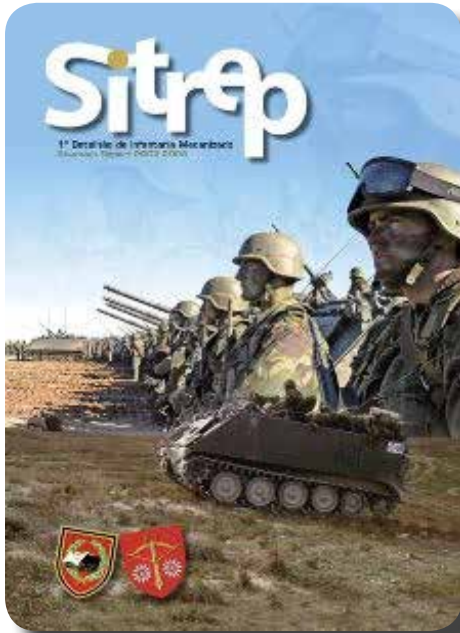
Síntese das Publicações do 1BIMec





<http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Publicacoes/Paginas/default.aspx>





<http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Publicacoes/Paginas/default.aspx>





1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO



Manual M113



"O Futuro de nós dois"

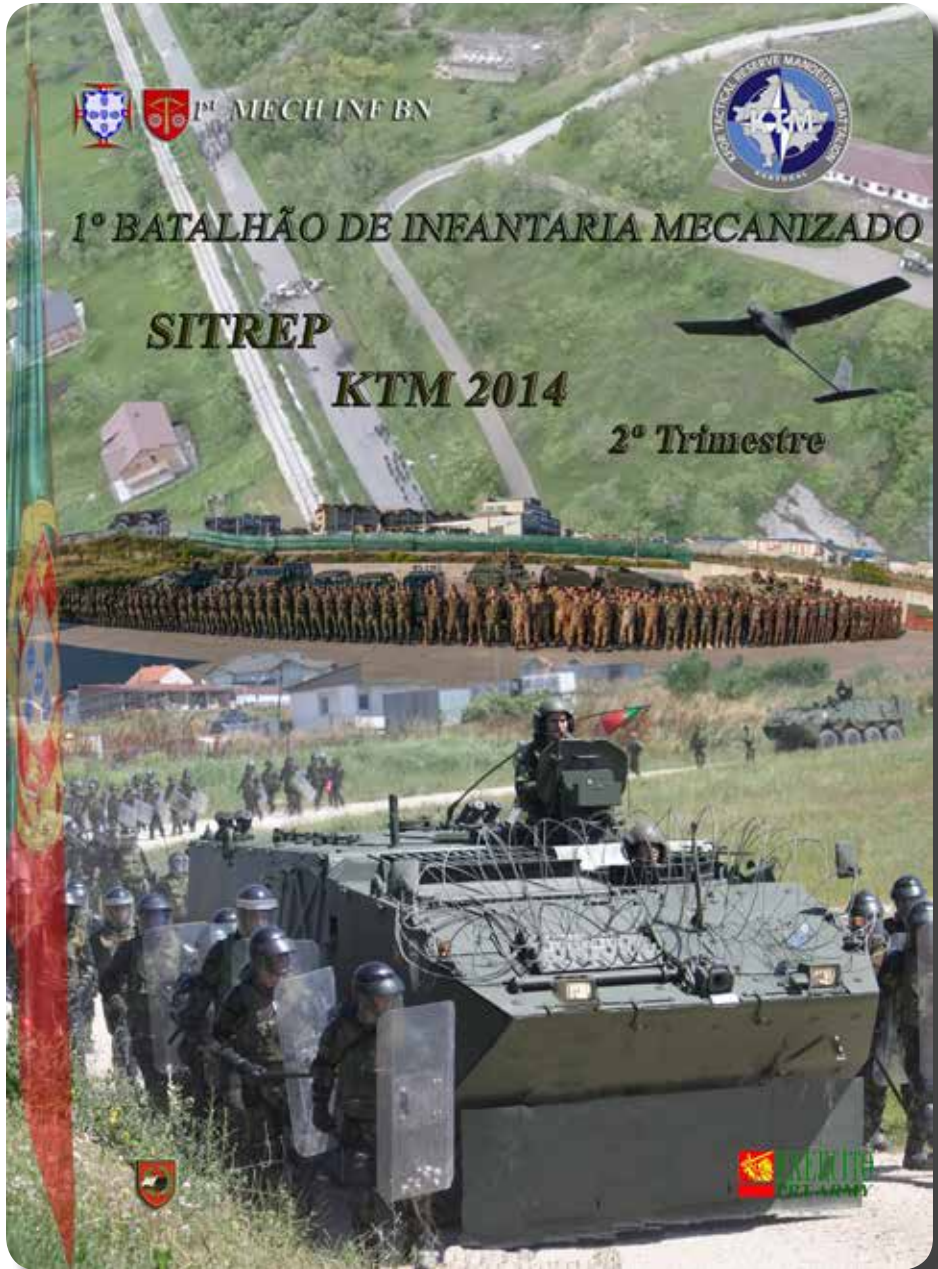
(EDIÇÃO 2013)



<http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Publicacoes/Paginas/default.aspx>



1º Batalhão de Infantaria Mecanizado-1BIMec



<http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Publicacoes/Paginas/default.aspx>





O 1BIMec de Set12 a Set 14

DIA DO 1BIMEC E ENTREGA DO EN AO 1BIMEC/KFOR (28FEV14)

Sua Excelência Senhor General Chefe do Estado-maior do Exército
Meu General Chefe.

Quis VEx^a presidir à entrega do Estandarte Nacional ao 1BIMEc/KFOR e à celebração dos 37 anos da publicação da primeira Ordem de Serviço desta prestigiada unidade.

Interpretamos este gesto como uma subida honra e responsabilidade por sermos a primeira unidade a destacar sob o seu Comando e materializarmos a clara afirmação da prioridade do Comandante do Exército para a sua componente operacional, em particular para as forças do Exército que cumprem Portugal nos compromissos externos.

Saberemos ser mercedores deste sinal inequívoco de confiança.



Excelentíssimo General Martins Barrento;
Meu General

A presença do antigo Chefe de Estado-maior do Exército, que no desempenho das suas altas responsabilidades, acompanhou e dirigiu a abertura do Teatro de Operações do Kosovo pela primeira força nacional em 1999, pelo Agrupamento Bravo, simboliza, para os militares aqui formados, mas sobretudo para os que tiveram o privilégio de servir sob as suas ordens e crescer como líderes, pelo seu exemplo, ensinamento e culto dos valores que caracterizam o ser militar, um inestimável alento para sermos dignos continuadores das unidades que nos precederam. Bem-haja!

Excelentíssimo Tenente General Fonseca Cabrinha e Tenente General Oliveira Cardoso, Exm^{os} Senhores Oficiais Generais, Senhores Coronéis e Tenentes-coronéis, antigos Comandantes desta ilustre unidade;
Excelentíssimos Oficiais, Sargentos e Praças que serviram nesta unidade .
Sejam bem-vindos à vossa Casa!





A vossa presença é sempre encarada como um privilégio para os que hoje servem no 1º Batalhão Mecanizado. A vossa postura, o vosso saber e conhecimento, o entusiasmo e liderança firme sempre patenteados no desempenho da missão, constituirão sempre, uma referência e um legado a preservar, onde sempre encontramos o necessário incentivo para mais facilmente pudermos ultrapassar os desafios da realidade presente.

Excelentíssimos Oficiais Gerais;

Excelentíssimos Comandantes das Brigada de Reação Rápida e da Brigada Ligeira de Intervenção;

Caros Comandantes das Unidades e Órgãos do Exército, responsáveis pelo aprontamento desta força;

Caros Comandantes e adjuntos das Unidades da Brigada Mecanizada;

Ilustres convidados.

As minhas primeiras palavras estão reservadas aos excelentíssimos Familiares e Amigos dos Militares do 1ºBIMec/KFOR.

A vossa participação nesta cerimónia, materializa o apoio que têm dado aos militares, vossos familiares e amigos, que hoje aqui se declaram prontos para substituir os que há seis meses os precederam em terras distantes, ao serviço do país.

O vosso testemunho é para eles e para quem teve a responsabilidade de os preparar, um elemento motivador e de orgulho no cumprimento da missão.

A todos o nosso agradecimento pela vossa presença a qual nos traz imensa satisfação e alegria e nos permite acrescentar, para além da camaradagem característica da instituição castrense, a dimensão humana e social, que sempre necessitamos como complemento e referência, para a realização da missão que nos é confiada.

Bem hajam e sejam muito bem-vindos à Brigada Mecanizada e ao nosso



convívio, neste dia especial para estes militares.

Caro TCor Brito Teixeira;
Senhores Oficiais, Sargentos e Praças;
Soldados do 1ºBIMec/KFOR.

É para mim um privilégio e um orgulho participar, como Comandante da Brigada Mecanizada, numa cerimónia de tão elevado significado para todos vós, para o Exército e para Portugal, já que se trata da passagem do mais alto testemunho a uma Unidade da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército Português, que brevemente irá ser destacada, no cumprimento de uma missão no Teatro de Operações do Kosovo, em estreita parceria com militares das Forças Armadas Húngaras. Como sabemos, Portugal é uma Nação inserida no contexto Europeu, detentora de um passado histórico, de uma identidade e coesão bem vincadas e consolidadas ao longo de quase nove séculos de história.

Afirmamo-nos como um Estado credível e responsável no seio das alianças e organizações de segurança e defesa, das quais somos membros de pleno direito e por isso devemos ser relevantes no plano estratégico, contribuindo conjuntamente com os nossos aliados no esforço coletivo para a segurança e paz.

Neste contexto, as Forças Armadas tem contribuído para a afirmação do nosso país no mundo com a projeção de unidades treinadas e certificadas para diversos Teatros de Operações como a Bósnia Herzegovina, Timor Leste, Afeganistão, e no caso presente, para o Kosovo, constituindo-se, mais do que nunca, como Instituição estruturante da identidade nacional e pilar indispensável do Estado, merecedoras da confiança que o País nelas deposita e onde a Nação se revê com elevado sentido patriótico.

Por estas razões, a participação em operações de paz, nas quais esta missão se inscreve, é sempre encarada com elevada responsabilidade mas também como uma oportunidade para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades operacionais, e simultaneamente, para que a nossa imagem além-fronteiras, seja coerente e reveladora de elevados desempenhos amplamente reconhecidos, a par, naturalmente, da nossa forma de ser e de estar no mundo, da nossa personalidade coletiva, do nosso código ético e da vontade firme de elevar o nome de Portugal.





Assim, e conforme é definido superiormente, “*o comprometimento do Estado Português na contribuição para a estabilização da paz no KOSOVO, colaborando na criação de condições para um progressivo incremento da responsabilidade das Partes nas ações de consolidação da paz e para uma crescente participação das componentes civis no estabelecimento de um ambiente de segurança sustentado naquela região dos Balcãs, mantém-se como desígnio que norteia o empenhamento do Exército naquele Teatro de Operações*”.

Por outro lado, decorrente da sua filosofia de intervenção na região dos Balcãs, a NATO iniciou, já há algum tempo, uma alteração do dispositivo das forças que integram a KFOR, que contempla três fases, estando neste momento na segunda, denominada de Gate 2 – Presença Dissuasora.

Por estas razões, a Unidade Reserva Tática da KFOR, deixou de ser exclusivamente nacional desde Março de 2011, passando o seu efetivo a contar com a participação da Hungria, através de uma Unidade de Escalão Companhia de Manobra e de elementos no estado-maior do Batalhão e no elemento de apoio. A parte Portuguesa com 182 militares aqui presentes perante nós, é constituída por um Comando de Batalhão, uma Unidade de Escalão Companhia de Manobra e o respetivo apoio, com localização na proximidade de Pristina, no denominado Campo Portugal.

Militares da Unidade Reserva Tática da KFOR

Este Teatro de Operações do Kosovo, caracterizado por um frágil e complexo contexto de segurança, em particular, a situação de confrontação civil de cariz étnico que se tem mantido constante e que já obrigou à intervenção continuada da Reserva Operacional desde meados de 2011, e que poderá subir de tom com o avançar do processo eleitoral em curso, não está, naturalmente, isento de riscos e constitui um permanente desafio a qualquer força que aí tenha que atuar.

Apesar disso, e fruto da boa preparação e qualidade dos vossos antecessores, as Unidades Nacionais que por aí passaram, têm mantido elevados padrões de desempenho os quais mereceram o reconhecimento das mais altas autoridades militares e civis, nacionais e estrangeiras.

A missão da vossa Unidade, como Reserva Tática da KFOR é, portanto, ainda mais exigente para levar a bom termo a condução de operações no território do Kosovo contribuindo para um ambiente seguro e estável

e, ainda, caso seja necessário, estar preparado para reforçar a Força da União Europeia – EUFOR, na Bósnia Herzegovina.

Todos estão cientes que irão atuar no seio de populações com outra cultura. Aprenderam-na e saberão comportar-se mediante os elevados padrões que a posse do Estandarte, que agora acolheram, implica. Esse vosso comportamento e consideração pelos costumes locais serão, seguramente, um fator decisivo na minimização dos riscos que a missão em si possa conter.

O intenso período de treino operacional realizado no Campo Militar de Santa Margarida e que hoje formalmente chega ao seu termo, a formação recebida em diversas Unidades do Exército, as ações desenvolvidas no contexto do exercício Pristina e as lições aprendidas de missões anteriores, são o garante de um excelente desempenho.

Fruto deste aprontamento rigoroso, duma liderança entusiástica e assertiva, de jovens quadros que patenteiam competência e iniciativa, e de homens e mulheres, fisicamente robustos e com espírito de missão, vemos nesta parada, uma força coesa e bem representativa da inserção territorial do Exército junto à população donde emana e por quem se bate.

Permitam-me destacar na sua composição, a base sólida, sustentada nos militares do 1ºBIMec que juntos completaram, antes do aprontamento, um ciclo operacional de operações convencionais e operações de estabilização, agora reforçados pelo pelotão Pandur das fortes gentes de Vila Real, complementados com o módulo de apoio dos Rangers de Lamego e com a bravura e rusticidade duma secção de atiradores dos Açores.

O Comando da Brigada Mecanizada, o Comando das Forças Terrestres e o Exército, tudo fizeram para garantir as melhores condições e tudo farão para garantir os aspetos relativos à sustentação da Força durante o período do seu emprego operacional, o que naturalmente acontecerá com todo o empenho, profissionalismo e atenção.

Aos vossos familiares e amigos, a Nação também lhes pede que os apoiem, na retaguarda, durante este período de ausência, no plano pessoal, como fator extremamente importante para o sucesso da missão que vão desempenhar. Só dessa forma se poderá assegurar a tranquilidade desejável no espírito de cada um deles, constituindo assim um inestimável reforço de coesão para a concretização da missão.





Meu General Chefe;
Distintos Convidados;
Militares do 1ºBIMec/ KFOR

A elevada responsabilidade pelo cumprimento de uma missão num contexto internacional e na liderança de uma unidade de características multinacionais, ao serviço da paz e da estabilidade desta região do mundo, em nome do interesse nacional, é mais um desafio que estou confiante que vai ser ultrapassado por estes militares, mulheres e homens “cujo desempenho está hoje, reconhecidamente, ao nível das melhores unidades militares dos países aliados e parceiros com as quais operam em missões no exterior do território nacional, na constante salvaguarda dos ideais da Paz, da Liberdade e da Democracia” como o afirmou o Comandante Supremo das Forças Armadas aquando das Cerimónias Militares das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, no passado dia 10 de junho.

Que estas palavras vos sirvam de farol e de incentivo para um desempenho que à semelhança das cinco Forças Nacionais Destacadas que o 1ºBIMec já empenhou, honre uma vez mais, a Brigada Mecanizada, o Exército, as Forças Armadas Portuguesas e Portugal.

Autor. Comadante da BrigMec, MGen António Xavier Lobato De Faria Menezes
28 de Fevereiro de 2014



DISCURSO TOMADA DE POSSE DO TENENTE-CORONEL DE INFANTARIA BRITO TEIXEIRA COMO COMANDANTE DO 1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO (1BIMec), DA BRIGADA MECANIZADA, EM SANTA MARGARIDA A 20 DE SETEMBRO DE 2012

Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis do 1BIMec, É um enorme privilégio e honra assumir, hoje, o comando do 1BIMec/BrigMec.

Do Privilégio, em resultado da *Cultura Institucional* que caracteriza esta unidade, resultante de uma vivência curta mas intensa de 35 anos de vida. Existe um ethos guerreiro específico, e uma abrangente experiência operacional, resultado de múltiplos empenhamentos em teatros de operações tão diversificados como por exemplo: Afeganistão, Bósnia, Kosovo, e Timor.

Da Honra, porque assumo as funções de Comando, nas quais fui investido com a consciência da enorme responsabilidade de preservar, continuar e se possível engrandecer, em linha com o trabalho de dedicação, inteligência e entrega exemplar, de todos quanto me antecederam. Aproveito para saudar em particular o meu antecessor, a quem presto uma homenagem amiga.

Destes curtos mas intensos 35 anos de vida, os padrões de referência atingidos, fruto da vontade e iniciativa dos desempenhos dos homens e mulheres deste 1BIMec foram obtidos, também, por sermos uma das unidades de manobra subordinadas, desta Grande Unidade do Exército Português – a Brigada Mecanizada. É nesta Brigada que, e ainda, permanece o conhecimento, o modus operandi, necessário à obtenção de um produto operacional de armas combinadas, associado à edificação da Capacidade de Aplicação da Força – Engagement – que, no meu entendimento, é essencial, revestindo-se de plena Utilidade, no contexto dos cenários de Segurança e Defesa, atuais e futuros.

Da função de comando que agora assumo, considero pertinente partilhar, neste momento especial, os valores e princípios militares que moldam a ação de comando, e estruturam o Soldado de Portugal.

Considero o comando, em primeiro lugar, como um compromisso de honra que vincula, para a vida, um comandante aos homens e mulheres que estão sob seu comando. Vínculo este, desejavelmente, sustentado





em valores, dos quais destaco os seguintes: Honestidade, Competência e Espírito de Sacrifício.

Da Honestidade, porque se estruturada na boa-fé, na retidão de carácter e na clareza de atitudes, promove a confiança, de uma forma abrangente, indispensável à obtenção de unidade de comando, viabilizando uma adequada descentralização de acção de comando.

Da Competência, na procura incansável de um aperfeiçoamento contínuo, onde o erro pode ocorrer, desde que fruto do trabalho e não do desleixo, tratando-se, por isso, de mais um patamar necessário para, obter a qualidade desejada.

Gostaria ainda numa lógica de sistematização evidenciar no âmbito da competência, os seguintes domínios:

Da Técnica – na obtenção de eficácia e qualidade dos efeitos, através do operar dos diferentes sistemas, meios e plataformas dos quais somos responsáveis;

na prática de um treino físico militar para uma salvaguarda de uma condição física coerente, com o posto, cargo e desempenho exigido.

Da Tática – no estudo, pesquisa, atualização permanente do conhecimento tático, através de lições identificadas, prática de procedimentos e exercícios combate padrão, ou simplesmente, através do debate e troca de ideias entre profissionais.

Do Operacional – Na era de informação todos são responsáveis por obterem a compreensão do que vos envolve, desejavelmente, contribuindo para esse efeito a vossa cadeia de comando. O vosso desempenho num controlo de tumultos, no respeito por regras de empenhamento, pode para o bem e para o mal, desencadear efeitos que em muito ultrapassam a natureza tática da ação que se encontram a executar.

Do Espírito de Sacrifício. Deparamo-nos, hoje, com o fim de um ciclo de crescimento, onde uma sociedade em envelhecimento, se esqueceu dos deveres, tanto habituada que foi a lutar por direitos.

Hoje mais que nunca, num momento de particular dificuldade do Estado Nação milenar que é Portugal importa, quando e se necessário, cumprir o estatuto da condição militar que nos diferencia das demais funções de estado, designadas, também, de públicas. Sobretudo, aqueles que de forma incógnita deram, dão, e hão-de de continuar a dar, exemplo de extraordinária, abnegação e espírito de missão, quando em tempo

de guerra, de operações de resposta a crises, de sacrifício, lealmente e subordinadamente deram os melhores anos da sua juventude ao serviço da Pátria, pagando muitas vezes o preço último com a própria vida.

Descritos os valores estruturantes da ação de comando, considero em segundo lugar, como necessário evocar os princípios que fundamentam a minha intenção de comando.

As lições aprendidas nas operações correntes revelam-nos que, é determinante para as forças militares uma adaptação rápida ao ambiente operacional, predominantemente, do tipo urbano, de cariz complexo e incerto. Constitui como centro de gravidade para ação de comando a adoção, adaptação e prática da doutrina Comando-Missão que se define como, a realização das operações através da execução descentralizada baseada em ordens tipo-missão.

Assim, é minha intenção conduzir, no biénio 2013 e 2014, a Formação, Treino Individual, Treino Colectivo, Treino de Aperfeiçoamento Operacional e Operações, assegurando em permanência princípios seguintes:

Projeção, no âmbito do emprego prioritário de forças para o exterior e interior do Território Nacional;

Adaptabilidade, para fazer face às contínuas alterações do Ambiente Operacional;

Versatilidade, para agir, simultaneamente, em situações de combate próximo, e de gradação da força;

Adoção, adaptação e emprego da doutrina do Comando-Missão, visando um planeamento centralizado e uma execução descentralizada baseada em ordens tipo-missão, permitindo aos escalões subordinados atuar com elevado grau de autonomia, só possível pela existência de confiança nos diferentes patamares de comando, e pelo uso da iniciativa a cada escalão, obviamente, integrada na intenção do Comandante.

A única constante de todos os dias no desempenho operacional é a contingência e ela está aí para ficar. Logo, o foco posiciona-se na necessidade de agilizar mentalidades.

Da conjugação destas duas grandes áreas, dos valores e dos princípios, importa reter que o nosso desempenho se deve caracterizar por uma **FLUIDEZ OPERACIONAL** necessária para, ultrapassar dogmas, problemas e restrições atuais, e futuras.





Acredito que esta **FLUIDEZ OPERACIONAL** nos permite obter melhores condições para a geração do nosso produto operacional, tendo em vista o sucesso das operações e das missões em que podemos estar envolvidos, respeitando os estados de prontidão que nos são exigidos.

Admito que com esta **FLUIDEZ OPERACIONAL** estaremos melhor preparados para antecipar e ultrapassar surpresas e incertezas, através de uma adequada gestão do risco, a todos os níveis. Pretendo com isto salientar, por exemplo, que caso os fundamentos do treino individual, não estejam validados, o risco de realizar um exercício de fogo reais de armas combinadas, aumenta exponencialmente. Logo esse risco pode não ser aceitável. Dirimi-lo significa, então, melhorar os resultados do treino individual.

Assim, assumo as funções que me foram confiadas sem dogmas e sem juízos pré-estabelecidos. Todos são merecedores da minha confiança, até prova em contrário. As funções de comando, encerram responsabilidades que decorrem da Lei, tanto em matéria de justiça e condição militar, como de integração no Estado, relevando-se o respeito pela dignidade humana, e a aplicação, quando necessário, da força da Lei.

Aproveito para vos saudar, a todos, Oficiais, Sargentos, Praças e Civis que servem o País, sem esquecer, muito especialmente, os militares do 1º BImec que se encontram fora do território nacional.

Estou bem ciente das dificuldades vencidas e das que se encontram ainda por ultrapassar. Reitero que, com uma **FLUIDEZ OPERACIONAL** desenvolvida no dia-a-dia, no treino operacional, e também, em momentos de convívio, seremos capazes de continuar aperfeiçoar, de acordo com as prioridades que o Comandante da Brigada Mecanizada determinar, o caminho dos nossos antecessores.

O todo vale mais do que a soma das partes. Esta missão realiza-se com unidade de comando, com coesão, em equipa. Todos, eu repito, todos são indispensáveis para a levar a bom termo.

Quem me conhece, e julgo que ainda são muitos, sabem que é assim que gosto de trabalhar.

Sou o vosso Comandante e um vosso camarada, nas dificuldades e nos momentos bons. Contem com a minha exigência no cumprimento da missão, nos valores, princípios e doutrina expressas. Cumprirei as

minhas funções com entrega total, como sempre o fiz no cumprimento das diversas missões que assumi ao longo da minha vida. Podem contar comigo; eu conto convosco.

O Futuro de nós dirá.



TCor Inf Brito Teixeira





APRESENTAÇÃO DO EXERCÍCIO TÁTICO DE FOGOS REAIS, ROSA BRAVA 2012

É um orgulho e um privilégio receber no nosso laboratório militar tão ilustre e estimada audiência.

Um orgulho, porque no âmbito da **Capacidade de Aplicação da Força** o Exército através de uma das suas três Grandes Unidades, a Brigada Mecanizada, apresenta de **forma realista e pragmática o seu produto operacional - o Agrupamento Mecanizado 1**, neste momento **constituído com cerca de 400 militares e 77 viaturas - 29 de rodas e 48 de lagartas**. Este Agrupamento realizou no 3 Quadrimestre de 2012 dois exercícios táticos designados de FTX, para validar o **treino de unidade escalão companhia (UEC) e do próprio Agrupamento**. Admite-se, que o ciclo de treino operacional deste Agrupamento esteja concretizado durante o 1º Trimestre de 2013 com a realização de um exercício conjunto integrando a Força Aérea em missões de apoio aéreo próximo (CAS).

Para além dos fatos acima relatados permitam-nos enfatizar que este produto **operacional da Brigada Mecanizada se diferencia das demais grandes unidades pela UNIDADE DE COMANDO que a caracteriza**, permitindo constituir com **coerência e celeridade UMA FORÇA DE ARMAS COMBINADAS**. Este é o princípio diferenciador em qualquer Teatro de Operações – no passado, no presente e no futuro. O Desafio posiciona-se nos **dilemas que conseguimos criar na ameaça através do diferente uso de sistemas de sistemas para vencer os obstáculos; por outro lado, a doutrina a que nos move é a que PRIVILEGIA A MANOBRA EM DETRIMENTO DA ATRICÇÃO; consideramos que os conflitos ocorrem entre a população e se situam tendencialmente em áreas edificadas**.

Constitui um privilégio, porque temos a oportunidade de pedagogicamente expressar que, o que nos permite continuar a operar estes sistemas de sistemas com mais de 40 anos deve-se à **transmissão de conhecimento de geração em geração com a finalidade de assegurar a CONSTANTE REGENERAÇÃO DOS MEIOS, otimizando-os em prol do produto operacional que temos que obter**.

Este conhecimento dos mecanizados e das armas combinadas, sustentado em princípios, permite-nos hoje, sem falsas modéstias, e à luz dos requisitos de capacidades da NATO - que expressam não ser importante diferenciar lagartas de rodas, mas antes identificar os sistemas de armas neles existentes – afirmar que **ESTAMOS PREPARADOS PARA TRABALHAR COM OUTRAS PLATAFORMAS, porquanto, os princípios mantêm-se e a doutrina de armas combinadas existe.**

Considera-se também oportuno enfatizar que o Exército e esta Brigada Mecanizada, em particular, privilegiam o **TREINO OPERACIONAL DE ALTA INTENSIDADE** uma vez que é ele que nos torna aptos a cumprir as outras missões – média, baixa intensidade ou vulgarmente conhecidas por operações de apoio à paz – **O CONTRÁRIO NÃO É VERDADE.**

Vamos desta forma assistir a um exercício tático de fogo real, num quadro de operações de alta intensidade, como o corolário da conclusão do Exercício ROSA BRAVA12, no âmbito do cumprimento das missões táticas: Marcha para o contacto; Ataque Imediato e Abertura de Brecha expedita.

Brito Teixeira
Tenente-Coronel Infantaria
Cmdt do 1BIMec/BrigMec





DO COMANDANTE DO SUBAGRUPAMENTO ALFA, NO DECORRER DA 1ª FASE DO CICLO DE TREINO OPERACIONAL DO AGRMEC 1, DA FORÇA MECANIZADA 2012

A função como Comandante de Companhia iniciou-se após a conclusão do curso de promoção a Capitão. Deste modo, a tomada de posse da 2ª Companhia de Atiradores Mecanizada (2ªCATmec) do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (1ºBIMec) teve lugar a 24 de Julho de 2012, constituindo enorme honra e privilégio o assumir destas funções e, estando consciente do caminho percorrido pela companhia nos últimos anos, sinto-me preparado e motivado para continuar a aperfeiçoar e a dignificar o exemplar trabalho que tem vindo a ser realizado.

Por ocasião da tomada de posse do Comandante do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado e, durante o discurso do mesmo dirigido ao Batalhão, foi com enorme regozijo que escutei a intenção do Comandante. Identifico-me com as expectativas e ambições expressas, com ênfase, no conceito do treino operacional. Desta forma, como Comandante de Companhia, encontro-me motivado, para colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da minha carreira militar, por forma a dinamizar e agilizar procedimentos no seio da 2ªCATmec que, comando.

Esta 2ªCATmec, depois de um período de regeneração, fruto das inúmeras solicitações a que foi sujeita, em Set12 renasceu para aquilo que é o seu *core business*, ou seja, o treino e a obtenção de um produto operacional coerente e credível. Foi nessa altura que recebeu a missão para se constituir como Subagrupamento (SubAgr) e utilizar o terceiro quadrimestre de 2012 para exercer o esforço de planeamento, preparação e execução do treino operacional no âmbito das operações ofensivas, nomeadamente nas tarefas essenciais ao cumprimento da missão (TECM) seguintes: marcha para o contacto e ataque imediato. Para o efeito, foi necessário planear, preparar e conduzir um condensado ciclo de treino, orientado para a participação no exercício de Brigada ROSA BRAVA, sempre de acordo com o conceito de armas combinadas.

Entre 15Out12 e 18Out12 decorreu o exercício de Batalhão LINCE/RINO com vista à aquisição, e aperfeiçoamento de competências através do treino das TECM). A realização deste exercício constituiu, desde logo, um enorme desafio, na medida em que foi o primeiro exercício que os

comandantes realizaram, desde o escalão Batalhão até à Companhia, após assumirem as respetivas funções. Por outro lado, algum desfasamento com o tipo de treino operacional exigido, apelou à necessidade de uma ação de comando assertiva, pragmática e, concomitantemente, pedagógica. Ainda neste exercício, pudemos contar com o apoio de combate precioso da Companhia de Engenharia que com uma Secção de Engenharia, permitiu o treino e o testar a interoperabilidade entre sistemas de armas por um lado e, por outro, motivou os militares a fazerem mais e melhor no sentido de prestigiar o nome da Companhia. Também o Pelotão de Carros de Combate (Pel CC) participou neste exercício ainda que só no último dia, uma vez os outros dias se destinaram a treinos parciais de Pelotão. O exercício ROSA BRAVA foi o culminar da 1ª fase de um condensado ciclo de treino operacional, onde as oportunidades de treino, não foram as desejáveis mas as possíveis, fruto de restrições de diversa ordem, que se fizeram sentir durante o ano de 2012. No entanto com a dedicação e empenho das subunidades intervenientes foi possível aproveitar e rentabilizar o treino operacional. De referir, a notória melhoria após dois exercícios, na interoperabilidade, quer com a Engenharia, quer com o Pel CC, bem patente na forma como foram abertas as brechas expeditas nos obstáculos e na forma como os CC se integravam na manobra com a Infantaria.

Como é doutrinário o ciclo ideal de treino operacional deverá partir do individual para o coletivo, do simples para o complexo e culminar com um exercício de fogo real (*Live Fire Exercise - LFX*).

A 2CA_tMec designada de SubAgr ALFA, após receber em controlo tático (TACON) o PelCC, teve o privilégio de executar um LFX onde os principais sistemas de armas do Subagrupamento, do Agrupamento Mecanizado 1 (i.e., PelEng/CEng que se integrou na manobra de um Agrupamento, e SubAgrupamento, participando na abertura de brecha expedita) e da BrigMec (i.e., Grupo de Artilharia de Campanha realizou o apoio de fogos com uma Bateria) efetuaram fogo. Como não podia deixar de ser, no intervalo entre exercícios, foram dedicados alguns dias à execução de tiro de combate, porque este, para além de constituir uma área de excelência no treino de uma força deste tipo, confere ganhos de confiança, motivação e disciplina que, de outra forma não seriam





possíveis obter. Também a manutenção foi uma área onde se empreendeu enorme esforço, em virtude da contínua utilização a que os equipamentos e viaturas têm vindo a ser sujeitos nas últimas décadas.

Em suma, o Comandante de Companhia é responsável por tudo o que esta faz ou deixa de fazer e a liderança, disciplina, emprego tático, treino, atividades de manutenção, administração e gestão de pessoal são tudo tarefas que este não se pode alhear. Assim, ele deve ser capaz de exercer o comando com eficácia e determinação, usar o bom senso na tomada de decisões e emitir instruções aos seus líderes subordinados na forma de ordens claras e precisas, sustentadas na intenção do Comandante de Batalhão.



Cap Inf Viana

O Comandante de Subagrupamento

Manuel Pedro Afonso Viana
Cap Inf



AS ALTERAÇÕES DO APOIO LOGÍSTICO À ECOSF – PERCEÇÃO SUSTENTADA NOS TRABALHOS CORRENTES DO 1º BIMEC/BRIGMEC

Existindo uma determinação do Gen Chefe sobre o apoio logístico à ECOSF, do ponto de vista da ética e valores militares, não faz sentido questioná-la. Importa, sim, encontrar a melhor forma de a implementar, assegurando os princípios que garantam a coerência do treino operacional e emprego da Força, credibilizando-a.

Considera-se como referência inicial o QOP 24.0.01, aprovado pelo General Chefe em de 29Jun09. Do rácio existente entre o desejado e o existente constata-se, a impossibilidade de ativar as subunidades seguintes: 2 (duas) Companhias de Atiradores (1ªCatMec e a 3ªCatMec), o Pelotão de Apoio da 2ªCatMec, o Pelotão Anti-Carro, as seções de mini-unmanned air systems (UAV) e de vigilância do Campo de Batalha (VCB) da Companhia de Apoio de Combate, e todas as seções de manutenção das unidades escalão companhia.

Perante as condicionantes e restrições identificadas, e tendo presente a intenção do Comandante da BrigMec, o 1º BIMEc com a articulação de recursos humanos e materiais possíveis, considera como sua missão restabelecida a seguinte: O 1 BIMEc prepara as forças que lhe forem atribuídas e mantém os meios ao seu dispor, exercendo o esforço até MAIO 2013, na constituição de uma Unidade Tática Flexível (UTF) de armas combinadas para ser empregue, se necessário, em 48 horas; à ordem executa as missões que lhe sejam cometidas, no âmbito da defesa do território nacional e na satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, bem como, em ações de proteção civil e de apoio à população.

De forma realista e pragmática, a carência de militares da categoria de Praças constitui um facto inultrapassável. Assim, reconhece-se que o produto operacional a obter pelo 1BIMEc, designado de unidade tática flexível (UTF), se edifica com os recursos existentes, permitindo atualmente materializar, com lacunas, o objetivo de força seguinte:





Comando e Estado-Maior do Batalhão; Companhia de Comando e Serviços; Uma Unidade Escalão Companhia de Atiradores Mecanizada, a dois pelotões de atiradores mecanizados; Uma Companhia de Apoio de Combate com um Pelotão de Reconhecimento de Infantaria e um Pelotão de Morteiros Pesados.

As alterações promovidas no apoio logístico à ECOSF produzem efeitos abrangentes afetando, por isso, os vetores de desenvolvimento: Doutrina, Organização, Treino Operacional, Liderança, Material, Pessoal, Formação, Infraestruturas e Interoperabilidade (DOTLMPFII) da capacidade Logística. Assim, julga-se, que ao olhar para a Logística devemos, também, atender às funções de reabastecimento, transporte, evacuação manutenção e serviços de campanha.



Reconhece-se que a modularização do apoio logístico ao nível do Reabastecimento (i.e., manutenção), transporte (i.e., RTrasnp), evacuação (CS T/SM) e serviços de campanha (EPS), já está de alguma forma implementada. O 1 BIMec tem vivido bem com esse modelo, pelo menos, tão bem como outras unidades.

No entanto, releva-se a necessidade de melhorar os processos, e métricas, associadas às funções referidas.

Da função manutenção e desaparecimento do Oficial de Manutenção, Pelotão e secções de manutenção no 1 BIMec:

- Reitero a necessidade de se atualizarem os processos e métricas. Como exemplo menciono o facto, de agora se realizarem 3 modelos de relatórios de SITVIAT enquanto anteriormente apenas se realizava um. Este paradoxo apenas se verifica, porquanto, o modelo de SITVIAT enviado para diferentes entidades (i.e. DMT/CmdLog e CFT) não foi, ainda, padronizado.

- A doutrina não carece de alterações mas de ajustamentos e experimentação. O Pelotão dedicado ao 1º BIMec, existente no novo quadro orgânico do BAS, cumpre a missão. De facto, julga-se assim ser,

desde que as prioridades estabelecidas pelo Comandante da BrigMec existam e sejam cumpridas. O que de momento, com regozijo, e apreço, afirmo que se verifica.

- A organização cumpre as orientações modulares, superiormente determinadas.
- O treino Operacional é assegurado, com a convergência de esforços promovida entre as prioridades e o plano de treino operacional aprovado.
- Dos materiais há a possibilidade de se obter mais qualidade nas coleções de ferramentas a utilizar.
- No âmbito da Liderança, Pessoal e Formação, a transição física de militares de uma unidade para outra (i.e., do 1 BIMec para o BAS) não se deve colocar agora, mas apenas num futuro imediato.
- Das infraestruturas há a referir que as instalações oficinais são mais adequadas no Batalhão de Apoio de Serviços, apesar, das existentes no 1º BIMec serem adequadas, e têm vindo a ser melhoradas, no que respeita ao espaço e equipamento disponível, para a prática dos trabalhos de manutenção.
- A interoperabilidade, desejavelmente, é total.

O 1 BIMec está a envidar todos os esforços, com a finalidade de contribuir para a implementação das alterações ao apoio logístico ao seu nível e da BrigMec, acautelando, com ênfase, os aspetos seguintes:

Na evacuação: a atribuição pelo CS T/SM, via QG BrigMec, em tempo e local dos meios humanos e materiais em apoio ao treino operacional;

Na manutenção: desenvolvendo o conhecimento técnico do operador, acautelando, e dirimindo, falhas desnecessárias e caras (i.e., verificação e manutenção das baterias, verificações antes e pós serviço); desenvolvendo um aturado plano de manutenção, sincronizando-o com as prioridades superiormente determinadas.

Brito Teixeira
Tenente-Coronel Infantaria
Cmdt do 1BIMec/BrigMec





1º e 2º CURSO DE ATIRADOR MECANIZADO DE 2013

Decorreram, de 28 de Janeiro a 27 de Fevereiro de 2013, dois cursos de Atirador Mecanizado no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (1BIMec). O 1º curso decorreu de 28 de Janeiro a 8 de Fevereiro e o 2º de 13 de Fevereiro a 27 de Fevereiro de 2013.

Esta formação pós-Formação Geral Comum (FGC), também chamada internamente de “Nivelamento”, teve como finalidade integrar os militares que foram colocados no 1BIMec, após concluírem o Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPPE).

Coube à Companhia de Apoio de Combate, a tarefa de planear e executar esta formação, para a qual atribuiu os seus recursos humanos e materiais, empenhando equipas de formação, viaturas, armamento, e outros equipamentos.

De acordo com a intenção do Comandante do 1BIMec, de “otimizar e padronizar a transmissão de saberes, de capacidades e de qualidades pessoais aos novos militares, inerentes ao desempenho de funções no 1BIMec”¹, a formação foi dividida em duas fases:

Na primeira fase foram ministradas técnicas e procedimentos específicos do 1BIMec, nas áreas da Técnica Individual de Combate (TIC), de Armamento (ARM), procedimentos com Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP), tiro instintivo e organização militar. E foram também revistas algumas matérias já do conhecimento dos militares, como Topografia (TOP) e Moral Cívica e Militar (MCM).

A segunda fase foi pautada por revisões e avaliações, com um incremento crescente de dificuldade e exigência, desta forma, os militares foram avaliados numa prova topográfica diurna, seguida de uma noturna, num teste teórico, em tiro de precisão, numa prova prática e, por fim, numa marcha noturna avaliativa de 8 Km.



¹ DIRECTIVANº03/13 do 1BIMec

A nota final foi calculada através da média das provas em cima mencionadas, a acrescentar a avaliação contínua. Os novos militares foram, assim, avaliados nos conhecimentos e técnicas adquiridas, na sua capacidade de orientação e navegação, na sua capacidade física e intelectual, e no seu espírito de sacrifício.

O Treino Físico teve também um foco importante, com o objetivo de um aumento gradual do esforço, e salientando-se a execução de um controlo físico inicial e final, para apreciação da evolução dos militares.

Dos 18 militares que frequentaram o 1º curso de Atirador Mecanizado,

16 passaram com aproveitamento, tendo o Soldado NIM 00031311 JOSÉ FILIPE CARDOSO DA COSTA obtido a melhor classificação, de 16,99 valores, e sendo a média do curso: 14,08 valores.

Dos 27 camaradas que frequentaram o 2º curso de Atirador Mecanizado, 23 passaram com aproveitamento, tendo o Soldado NIM 02467711 ALEJANDRO ORNELAS RODRIGUES obtido a melhor classificação, de 16,40 valores, e sendo a média do curso: 12,25 valores.

Resta-nos referir a forma profissional, exigente e rigorosa que pautou a conduta dos militares da CAC que se empenharam nesta formação, e de saudar, também, os camaradas da Companhia de Comando e Serviços (CCS), pelo apoio irrepreensível prestado.

Aos novos Atiradores Mecanizados, bem-vindos ao 1BIMec, que se orgulhem desta vossa nova Casa, e que a façam orgulhar-se de vós.



António Pedro Lopes Monteiro
Capitão de Infantaria
Cmndt da CAC



Cap Inf Monteiro





DISCURSO COMANDANTE DO 1BIMec PELA OCASIÃO DA CERIMÓNIA MILITAR COMEMORATIVA DOS 36 ANOS DA PUBLICAÇÃO, EM 15 MARÇO 1977, DA 1ª ORDEM DE SERVIÇO DO 1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

Meu Major General Comandante

Os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem o Exército e a Brigada Mecanizada no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, sentem-se honrados em ter a presidir à cerimónia do 36º aniversário o Comandante da Brigada Mecanizada.

A identificação assertiva de prioridades e correspondente perseverança na obtenção de um produto operacional de armas combinadas, coerente e credível, constituem na conjuntura atual, de grandes desafios que se nos deparam, um incentivo extra e um fator de apoio e motivação, tornando claro a importância que o meu Major General Comandante confere ao cumprimento da nobre missão que nos incumbe.

Bem-haja meu Major General Comandante pela sua presença.

Excelentíssimos Senhores Oficiais Gerais, Excelentíssimos Antecessores, Comandantes do 1BIMec, Excelentíssimos Oficiais, Sargentos e praças, da Fundação do BIMec 1976-77.

Estamos cientes da prioridade e especial atenção com que têm acompanhado as atividades que se desenvolvem nos assuntos de Defesa e Segurança. Por isso, é com especial apreço que expressamos o nosso sentido reconhecimento pela disponibilidade manifestada de V. Exs.

A vossa presença acrescenta distinção e dignidade a esta cerimónia, e é a expressão visível da abertura, proximidade e apoio, que sustentam através da ponte do tempo, o saber de experiência feita das Instituições, e da Instituição Militar em particular; contribuindo, assim, para um enriquecimento das gerações mais novas, através da partilha de conhecimento que materializam.

Excelentíssimo 2Cmdt do CSM, Digníssimas Entidades militares do Comando da Brigada, Digníssimas Entidades Civis e Militares.

A presença de V. Exs. neste dia festivo representam para nós uma manifestação inequívoca do vosso interesse, incentivo e apoio à obtenção de um produto operacional coerente e credível.

Agradecemos a vossa presença neste evento, e a relevância acrescida que lhe proporcionam. Permitam-nos uma referência particular à presença entre nós, de uma pequena, média empresa nacional que através de protocolo celebrado com o Exército, e Universidades, desenvolvem, entre outros, projetos de robótica - Sistemas não tripulados - de cariz essencialmente militar e não essencialmente militar.

Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis do 1º BIMec,

Constituiu nossa intenção como mote para o dia de hoje, **relembrar o passado, referir o presente e olhar para o futuro.**

Do passado longínquo - há precisamente 866 anos - e à época da Independência de Portugal, diante do avanço para o Sul das forças portuguesas sob o comando do rei D. Afonso Henriques (1112-1185), o Castelo de Santarém foi conquistado, em **15 de Março de 1147**, de surpresa, após uma marcha por etapas e com um assalto, realizado com a cumplicidade da noite¹.

O Rei D. Afonso Henriques é o protagonista da nossa independência e de uma conceção estratégica, própria de um estado que, segundo o livro Temas Militares, do General Martins Barrento, vale a pena aqui recordar; e cito: Defender o Portugal- Condado contra todas as ameaças, utilizando os recursos materiais disponíveis, ampliados pela força anímica das

¹ Para além dos 866 anos passados sobre a conquista de Santarém aos Mouros, dos muitos feitos reconhecidos ao primeiro Rei de Portugal, relevam-se: a Pacificação interna do reino; Devemos-lhe a vontade indomável de tornar independente o Condado Portucalense, de o alargar e de o estruturar como Estado. D. Afonso Henriques foi o elemento aglutinador de um povo que, lentamente tinha de afirmar a língua, e de afirmar a sua identidade.





populações, com vista a garantir a independência nacional, a integridade do território e a coesão entre os portugueses, para edificar o Portugal-Estado-Nação-Soberano².

Constitui um **privilégio e honra**, celebrar hoje, o trigésimo sexto (36) aniversário do 1º BIMec/BrigMec.

Do Privilégio, em resultado da **Cultura Institucional** que caracteriza esta unidade, resultante de uma vivência curta mas intensa destes 36 anos de vida. Reconhece-se a existência de um *ethos guerreiro* específico, que toma por referência a génese **Da Fundação do BIMec 1976-1977**, e também, decorrente de uma abrangente experiência operacional, resultado de múltiplos empenhamentos em **teatros de operações** tão diversificados como por exemplo: Afeganistão, Bósnia, Kosovo, e Timor-Leste.

Da Honra, porque temos consciência da enorme responsabilidade que em nós recai, de preservar, continuar e se possível engrandecer, este 1 BIMec, em linha com o trabalho de dedicação, inteligência e entrega exemplar, de todos quanto nos antecederam.

Destes curtos mas intensos 36 anos de vida, os padrões de referência atingidos, fruto da **vontade e iniciativa** dos desempenhos dos homens e mulheres deste 1º BIMec foram obtidos, também, por sermos uma das unidades de manobra subordinadas, desta Grande Unidade do Exército Português - a Brigada Mecanizada. É nesta Brigada que, e ainda, permanece o conhecimento, o *modus operandi*, necessário à obtenção de um **produto operacional de armas combinadas**, associado à edificação da Capacidade de Aplicação da Força - *Engagement* - que, no nosso entendimento, é essencial, revestindo-se de plena Utilidade, no contexto dos cenários de Segurança e Defesa - passados, correntes e futuros.

De um passado mais recente evocamos: o nascimento deste 1 BIMec através de um grupo de Oficiais, Sargentos e Praças, designados doravante, da Fundação do BIMec; que num período de enorme instabilidade e incerteza nacionais, souberam, nas palavras do TGen (Ref) RINO, ... **COMEÇAR...** edificando, uma unidade com mais de 1000 militares, com

² BARRENTO, António Queiroz Martins Barrento, Reflexões sobre Temas Militares, IAEM, 1991, pp 230

material e doutrina novas, bem treinada e temida pela disciplina que a caracterizava.

Deste passado recente, relevam-se nas décadas de oitenta e noventa, do século XX as possibilidades de treino cruzado com o exército do Reino Unido e Italiano. É com o exército Italiano que se ensaia o cariz **EXPEDICIONÁRIO** deste Batalhão e da Brigada, com a projeção para Itália de meios mecanizados para participar em exercícios da série *Display Determination* ou do tipo *Dynamic Mix*.

Nas décadas de noventa até ao presente, são as Operações de Resposta a Crises, na Bósnia, Kosovo, Timor-Leste; são, também, as missões das **NATO RESPONSE FORCE**, e mais recentemente no Afeganistão, que permitem aperfeiçoar as vertentes do cariz **EXPEDICIONÁRIO** da **ADAPTABILIDADE** e **VERSATILIDADE** dos quadros e tropas que por aqui têm passado.

Do presente, temos o 1º BIMec e a sua circunstância, isto é: de forma realista e pragmática, a carência de militares da categoria de Praças constitui um fato inultrapassável³.

Assim, reconhece-se que o produto operacional a obter pelo 1º BIMec, designado de unidade tática flexível (UTF), se edifica com os recursos existentes, permitindo atualmente materializar o cumprimento da missão⁴, através do objetivo de Força seguinte: Comando e Estado-Maior do Batalhão; Companhia de Comando e Serviços; Uma Unidade Escalão Companhia de Atiradores Mecanizada, a dois pelotões de atiradores mecanizados; Uma Companhia de Apoio de Combate com um Pelotão de Reconhecimento de Infantaria e um Pelotão de Morteiros Pesados.

³ Logo, e salvo melhor opinião, tendencialmente, o foco deve posiciona-se na edificação de objetivos de força qualitativos em detrimento de racionais, exclusivamente, quantitativos.

⁴ Prepara as forças atribuídas e mantém os meios ao seu dispor, exercendo o esforço até JUNHO 2013, na constituição de uma Unidade Tática Flexível (UTF) de armas combinadas para ser empregue, se necessário, em 48 horas; à ordem executa as missões que lhe sejam cometidas, no âmbito da defesa do território nacional e na satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, bem como, em ações de proteção civil e de apoio à população.





No âmbito do vetor de desenvolvimento do **Treino Operacional** realizámos nos últimos 6 meses: dois exercícios táticos de escalão Agrupamento Mecanizado, designados de LINCE e ROSA BRAVA. Este último materializou no terreno uma Força com 400 militares e 77 viaturas⁵, onde se incluíram: carros de combate M60 do GCC; uma UEC do 2º BIMec e um Pel Eng^a/ CEng da BrigMec; executámos, treinos e uma demonstração tática de fogos reais com os sistemas de armas do Agrupamento Mecanizado; dois exercícios de unidade escalão Companhia (UEC) focados em áreas edificadas. Um deles envolveu a projeção da unidade para o Centro de Excelência de Áreas Edificadas em Mafra, e o outro integrou-se no contributo da BrigMec para o exercício *REAL THAW* da Força Aérea, exercício este de cariz conjunto e combinado. Temos tido condições para realizar um exigente plano de tiro que abrange todo o universo do 1 BIMec, incluindo tabelas de adaptação, qualificação e tiro de combate.

Estamos a executar um plano treino Físico de Aplicação Militar, rigoroso que, julgamos complementar os objetivos do treino operacional e, também, do espírito de corpo da Unidade.

Esta atividade operacional intensa, e por isso motivadora, tem sido possível graças à Unidade de Comando que se vive na Brigada. Consequência da ação de comando existente, e do conceito de armas combinadas que aqui se pratica e nos diferencia das demais unidades do exército.

No âmbito da **Doutrina** estamos a desenvolver os trabalhos associados às Jornadas de Infantaria; temos recolhido contributos de diferentes unidades da BrigMec para a apresentação de temas táticos (i.e., GAC, GCC, CEng), com o intuito de preparar os exercícios de escalão Agrupamento ou Batalhão; temos formulado e continuamos a desenvolver contributos para manuais do Exército (vide o Manual do Pelotão de Reconhecimento, manual do M113); contribuímos com recursos humanos e materiais, para a realização do curso de Apoio de Combate, ministrado na EPI; elaborámos recomendações para a atualização das tabelas de tiro de combate de armamento ligeiro, coletivo e pesado; temos promovido a edição, reedição de publicações e artigos do 1º BIMec, que se encontram

⁵ Das quais 29 de rodas e 48 de lagartas

disponíveis na página oficial da internet do Exército para o 1 BIMec.

Do Material costumamos dizer que os sistemas que possuímos - Viaturas, Comunicações, armamento, outros equipamentos - carecem de muito do nosso "carinho", ou seja: muito trabalho, paixão e rigor.

Constata-se, ainda, que o que nos permite continuar a operar estes sistemas de sistemas, alguns com mais de 40 anos se deve por um lado: ao apoio da capacidade logística, expressa nas unidades desta Brigada (vide BAS, Companhia de TMS) e dos OCAD do Exército com ênfase para a DMT/CmdLog - Releva-se a dinâmica do fluxo de reabastecimento da classe IX, que tem permitido manter níveis de operacionalidade para a UTF, entre os 80% e 90%; O 1º BIMec está a envidar esforços, com a finalidade de contribuir para a implementação das alterações superiormente determinadas para o apoio logístico na BrigMec⁶.

Ainda na vertente do MATERIAL, torna-se adequado salientar a continuidade, e a importância da transmissão e partilha de capital de conhecimento, de geração em geração, que nos permite assegurar a CONSTANTE REGENERAÇÃO DOS MEIOS, em prol do produto operacional determinado⁷.

Das Infraestruturas, recebemos uma equipa da Inspeção Geral do Exército para avaliar das condições atuais das arrecadações de guerra do 1 BIMec. Julgamos que, com o novo parecer técnico, sustentado no investimento já realizado entre 2006 e 2010, e de acordo com a determinação de prioridades, seja possível concluir a arrecadação central, permitindo ganhos, expressivos de recursos humanos e no aperfeiçoamento da segurança das arrecadações de material de guerra. A melhoria das instalações, camaratas dos nossos Soldados durante 2011 e 2012, permitiram revitalizar as condições de vida dos militares

⁶ Acautelando, com ênfase, os aspetos seguintes: Na evacuação: a atribuição, via QG BrigMec, dos meios humanos e materiais em tempo e em locais oportunos, para apoio do treino operacional; Na manutenção: desenvolvendo o conhecimento técnico do operador, prevenindo, e dirimindo falhas desnecessárias desenvolvendo, para o efeito, um aturado plano de manutenção que, se deseja, sincronizando com as prioridades superiormente determinadas.

⁷ É desta forma que mantemos o treino de PRINCÍPIOS que nos permitem trabalhar com quaisquer outros sistemas ou plataformas.





dentro da Unidade. Todavia, continuamos empenhados em aperfeiçoá-las, no âmbito do aspetos da vida corrente da Unidade, bem como, no materializar de medidas de apoio à tendência de aumento da permanência dos militares na Unidade.

Relembrado o passado, referido o presente, admite-se agora como necessário, "*olhar*" para o **FUTURO**.

Nesse Futuro, em que queremos participar, reconhece-se a vitalidade de uma ação de comando assente numa liderança pelo exemplo, e estruturada nos **VALORES** e **PRINCÍPIOS** seguintes:

Dos valores:

Da Honestidade e Lealdade, porque se estruturada na boa-fé, na retidão de carácter e na clareza de atitudes, promove a confiança em toda a cadeia de comando⁸.

Da Competência, técnica, tática e operacional, na procura incansável de um aperfeiçoamento contínuo, onde o erro pode ocorrer, desde que fruto do trabalho e não do desleixo, tratando-se, por isso, de mais um patamar necessário para, obter a qualidade desejada⁹.

*Do Espírito de Sacrifício*¹⁰.

Hoje mais que nunca, num momento de particular dificuldade do Estado Nação que é Portugal importa, quando e se necessário, cumprir o estatuto

⁸ Indispensável à obtenção de unidade de comando, viabilizando uma adequada descentralização de ação de comando e permitindo a aplicação do conceito comando-missão

⁹ Da Técnica - na obtenção de eficácia e qualidade dos efeitos, através do operar dos diferentes sistemas, meios e plataformas dos quais somos responsáveis; e na prática de um treino físico militar para uma salvaguarda de uma condição física coerente, com o posto, cargo e desempenho exigido.

Da Tática - no estudo, pesquisa, atualização permanente do conhecimento tático, através de lições identificadas, prática de procedimentos e exercícios combate padrão, ou simplesmente, através do debate e troca de ideias entre profissionais.

Do Operacional - Na era de informação todos são responsáveis por obterem a compreensão do que vos envolve, desejavelmente, contribuindo para esse efeito a vossa cadeia de comando. O vosso desempenho num controlo de tumultos, no respeito por regras de empenhamento, pode para o bem e para o mal, desencadear efeitos que em muito ultrapassam a natureza tática da ação que se encontram a executar.

¹⁰ Deparamo-nos, hoje, com o fim de um ciclo de crescimento, onde uma sociedade em envelhecimento, se esqueceu dos deveres, tanto habituada que foi a lutar por direitos

da condição militar que nos diferencia das demais funções de Estado, designadas, também, de públicas.

Os princípios da **PROJEÇÃO, ADAPTABILIDADE e VERSATILIDADE**, norteiam- nos:

Da Projeção no âmbito do emprego prioritário de forças para o exterior e interior do Território Nacional;

Da Adaptabilidade para fazer face às contínuas alterações do Ambiente Operacional;

Da Versatilidade para agir, simultaneamente, em situações de combate próximo, e de gradação da força;

A *Doutrina* que nos move é a que **PRIVILEGIA A MANOBRA EM DETRIMENTO DA ATRICÇÃO**; consideramos que os conflitos ocorrem entre a população¹¹ e se situam tendencialmente em áreas edificadas¹². A guerra no meio populacional e urbano sustenta-se na Informação e não, em absoluto, no poder de fogo; e a Informação de que falamos não é unicamente militar ou política¹³.

Este conhecimento dos mecanizados e das armas combinadas, sustentado em princípios, permite-nos hoje, sem falsas modéstias, e à luz dos MCR/NATO de Nov11¹⁴ - afirmar que **ESTAMOS PREPARADOS PARA TRABALHAR COM OUTRAS PLATAFORMAS**, porquanto, os princípios mantêm-se e a doutrina de armas combinadas existe nesta Brigada e também no nosso 1BIMec.

Considera-se também oportuno enfatizar que privilegiamos o **TREINO OPERACIONAL DE ALTA INTENSIDADE** uma vez que é ele que nos torna aptos a cumprir as outras missões - média, baixa intensidade - **O CONTRÁRIO NÃO É VERDADE**.

Da conjugação destas três grandes áreas, dos valores, dos **princípios, e da doutrina**, deve o nosso desempenho se caracterizar por uma

¹¹ <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=355>

¹² <http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Noticias/Paginas/29.aspx>

¹³ SMITH, Rupert, Utility of the Force, First Vintage Books Edition, Fevereiro 2008, 430 pp.

¹⁴ que expressam não ser importante diferenciar lagartas de rodas, mas antes identificar os sistemas de armas neles existentes.





permanente *FLUIDEZ OPERACIONAL*, que se reconhece como necessária para ultrapassar dogmas, incertezas, restrições atuais, e futuras. As boas práticas, em curso, no Exército, permitem-nos hoje ter entre nós o exemplo de um projeto, de potencial valor acrescentado para a economia nacional, para o tecido empresarial e para as áreas da inovação científica e tecnológica. De fato a robótica, deixou de ser uma tendência para se constituir como uma realidade, crescente nas operações militares. Os aperfeiçoamentos destes projetos revestem-se de uma aplicabilidade abrangente nos domínios da Defesa e Segurança¹⁵. Sejam eles de cariz: essencialmente militar; não essencialmente militar ou, eventualmente, como bem transacionável¹⁶.

Acreditamos que a *FLUIDEZ OPERACIONAL* nos permite obter melhores condições para a geração do nosso produto operacional, tendo em vista o sucesso das operações e das missões em que podemos estar envolvidos; com ela, estamos melhor preparados para antecipar e ultrapassar surpresas e incertezas, através de uma adequada gestão do risco, a todos os níveis.

Por definição: **SOMOS PARTE DA SOLUÇÃO E NÃO DO PROBLEMA**. Aproveito para vos saudar, a todos, Oficiais, Sargentos, Praças e Civis que servem o País, sem esquecer, muito especialmente, os militares do 1 BIMec que se encontram fora do território nacional.

Estamos cientes das dificuldades vencidas e das que se encontram ainda por ultrapassar. Sustentados numa Cadeia de Comando que promove a *CONFIANÇA*, a *PROATIVIDADE* e a *RESILIÊNCIA*, afirmamos a nossa vontade e firme determinação para levar de vencida, os desafios do dia-a-dia, nas operações, no treino operacional, na vivência dos Quadros e da Família Militar. Na procura incansável do aperfeiçoamento contínuo, e na senda dos nossos antecessores, desejamos obter: um produto operacional

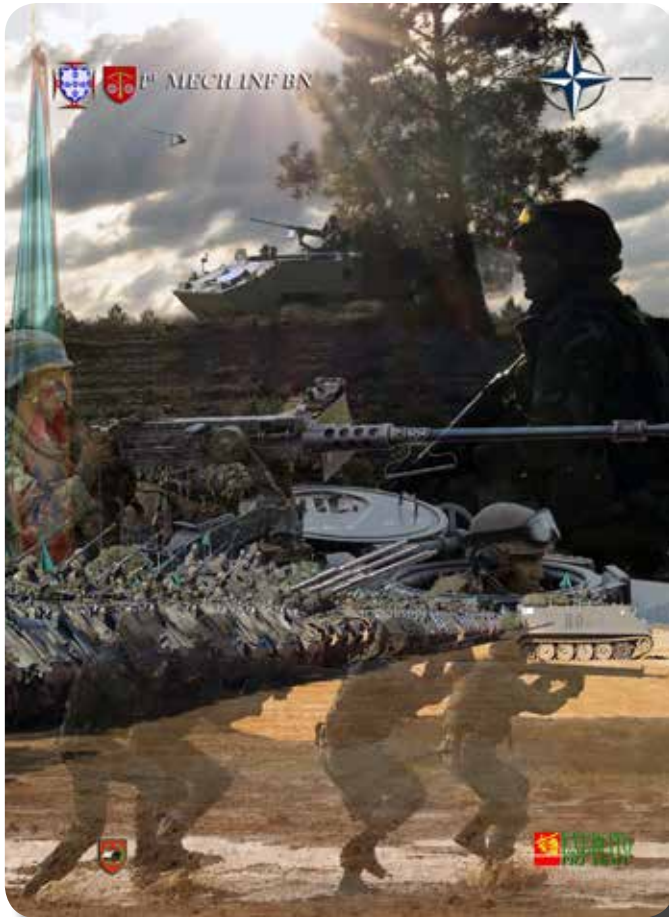
¹⁵ <http://www.operacional.pt/o-desafio-da-defesa-e-seguranca-em-2030-ii-conclusao/>

¹⁶ Admitir a possibilidade de na BrigMec participarmos nestes projetos de experimentação, de acordo com as coordenações que possam ser estabelecidas com a EPI e CFT, prospetivam situações vencedoras para as partes: do desenvolvimento das plataformas para as empresas no mercado glocal onde se inserem; para o exército no aperfeiçoamento de Capacidades comuns à Segurança e Defesa; para as Universidades ganhos de conhecimento em toda a cadeia de valor.

coerente e credível; uma valorização e motivação acrescida dos Quadros; um desenvolvimento da educação cívica dos nossos cidadãos militares; um incremento do espírito de Corpo e orgulho de pertença ao 1BIMec, à Brigada Mecanizada, ao Exército e a Portugal.

"O Futuro de Nós Dirá" Disse.

Brito Teixeira
Tenente-Coronel Infantaria
Cmdt do 1BIMec/BrigMec





APRESENTAÇÃO DO EXERCÍCIO DE FOGOS REAIS CONJUNTO, ROSA BRAVA 13

Decorreu no dia 16 de maio, na Carreira de tiro do D. PEDRO no Campo Militar de Santa Margarida o Exercício Tático Conjunto de Fogos Reais (LFX) como corolário da conclusão do Exercício ROSA BRAVA 13, no âmbito do cumprimento das missões táticas: Marcha para o Contacto; Ataque Imediato, Ataque pelo Fogo e Ataque Deliberado e Apoio Aéreo Próximo (*Close Air Support*). Este tipo de exercício, com fogo real, é o patamar último que marca o final de um ciclo intensivo de treino durante o qual se vão atingindo níveis de proficiência que permitem aos militares operar sistemas de armas num ambiente o mais perto possível do combate.

No total estiveram presentes, 140 militares, 4 aeronaves F-16, e 40 viaturas - 30 viaturas de lagartas, das quais 10 Carros de Combate *Leopard 2 A6*, e 10 viaturas de rodas.

O Agrupamento Mecanizado materializa um PRODUTO OPERACIONAL DA BRIGMEC, QUE SE DIFERENCIA DAS DEMAIS GRANDES UNIDADES PELA UNIDADE DE COMANDO que a caracterizam, permitindo constituir com COERÊNCIA E CELERIDADE UMA FORÇA DE ARMAS COMBINADAS. Este é o princípio diferenciador em qualquer Teatro de Operações – no passado, no presente e no futuro. Consideramos este princípio das armas combinadas como uma VANTAGEM COMPETITIVA porque, na essência da guerra, é a COMPLEMENTARIDADE DOS SISTEMAS, que nos permitem vencer obstáculos e simultaneamente criar dilemas à ameaça. A doutrina que nos move é a que PRIVILEGIA A MANOBRA EM DETRIMENTO DA ATRIÇÃO; consideramos que os conflitos ocorrem entre a população e se situam tendencialmente em ÁREAS EDIFICADAS.



Relevamos o legado de conhecimento, corporizado na transmissão do saber de experiência feita de geração em geração com a finalidade

de assegurar a **CONSTANTE REGENERAÇÃO DOS MEIOS**, e concomitantemente, a **EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO** que nos habilita, por exemplo, a trabalhar com sistemas tecnológicos do mais evoluído que existe – o Carro de Combate *LEOPARD 2 A6*.

Este conhecimento dos mecanizados e das armas combinadas, sustentado em princípios, permite-nos hoje, sem falsas modéstias, afirmar que **ESTAMOS PREPARADOS PARA TRABALHAR COM OUTRAS PLATAFORMAS**, porquanto, os princípios mantêm-se e a doutrina de armas combinadas existe.

Considera-se, também, oportuno enfatizar que o Exército e esta Brigada Mecanizada em particular, privilegiam o **TREINO OPERACIONAL DE ALTA INTENSIDADE** uma vez que é ele que nos torna aptos a cumprir as outras missões – média, baixa intensidade ou vulgarmente conhecidas por operações de apoio à paz – **O CONTRÁRIO NÃO É VERDADE**.

Brito Teixeira
Tenente-Coronel Infantaria
Cmdt do 1ºBIMec/BrigMec





A PROBLEMÁTICA DOS CALIBRES (NATO)

INTRODUÇÃO

O presente artigo, apresenta uma tradução livre do artigo “The Calibre Conundrum” da revista IHS Jane’s Defense Weekly....., sobre os dilemas atuais que envolvem o desenvolvimento do armamento leve do Soldado, a sua relação com o calibre a adotar, perante o desafio dos requisitos operacionais atuais – precisão, eficácia e peso.

O DILEMA: QUE CALIBRE PARA O ARMAMENTO LIGEIRO DO SOLDADO

“O Exército dos EUA em vez de substituir o calibre da sua arma (5,54 mm), resolveu atualizá-lo. No entanto, de acordo com relatórios existentes, o debate relacionado sobre o calibre ideal para as espingardas no moderno campo de batalha está longe de estar resolvido.

O Exército dos EUA decidiu, de acordo com relatos de fontes credíveis, cancelar o concurso para escolher uma nova espingarda 5,56 mm.

O projeto para substituir a atual Espingarda M4, (padrão do exército), começou em 2011 com um pedido de propostas de fabricantes de armas. Na análise das propostas resultaram uma lista de 6 armas, com projetos apresentados por *Fabrique Nationale* da Bélgica, *Heckler & Koch* da Alemanha, Beretta da Itália, e três licitantes dos Estados Unidos: Colt, Adcor Defesa, e um esforço conjunto da Remington, Magpul, e Bushmaster. A competição alcançou o estágio de testar as espingardas pré-seleccionadas, com uma decisão esperada para o final deste ano.

O anúncio do cancelamento não surpreendeu os observadores - ou mesmo as empresas em causa - uma vez que, em paralelo com a competição, o exército dos EUA estava a executar um programa, que consistia no melhoramento da espingarda M4A1. As alterações previstas seriam a introdução de rajada a três munições na opção de fogo automático e a alteração do peso do carregador.

Regista-se hoje com o programa do Exército *Lightweight Arms Small Technologies* (LAST), a redução de peso obtida com os protótipos têm sido na ordem de 40%. Porém, pelo menos por enquanto, a exigência de

novas instalações para produção de armas e munições a necessidade de redução substancial de peso através da combinação polímero / metal e outras, podem constituir-se como alguns dos fatores que contribuem para o adiamento da produção de um novo tipo de armamento ligeiro.

Resultante do relatório do Programa do Exército dos EUA de 2011, intitulado *Soldier Battlefield Effectiveness*, relevam-se as seguintes citações sobre as características julgadas ideais sobre o armamento ligeiro do Soldado e suas munições:

- Um soldado deve ser capaz de combater a ameaça com a sua arma desde os oito aos 800 metros;
- Para ser eficaz em todos os cenários, um soldado precisa de ter munições reais que assegurem efeitos precisos e eficazes contra uma ampla gama de alvos;
- As Armas devem ser precisas e capazes de enfrentar o inimigo em distâncias para além do alcance das possibilidades da ameaça. Estes requisitos operacionais não são satisfeitos com o calibre de 5,56 mm NATO. O calibre 5,56 milímetros é facilmente “dispersado por ventos laterais, sobretudo às médias e longas distâncias: um problema que limita o seu emprego com eficácia, às curtas distâncias. Na contra insurgência no Afeganistão, os talibans têm atacado as patrulhas da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF) com alcances até 900 m com as leves metralhadoras russas PKM, e espingardas SVD. Estes usam armamento designado de “velho”, porém ostentam uma poderosa munição 7.62x54R, com um alcance muito mais eficaz quando comparados com os calibres 5,56mm utilizados pela NATO.

A eventual troca de calibres 5,56 mm por 7,62 milímetros munições, acarreta um problema ponto de vista logístico, a munição 7,62 mm pesa o dobro da munição 5,56 mm. Respetivamente, as armas também são mais pesadas e geram muito mais recuo, fazendo com que o tiro preciso a curtas distâncias seja de mais difícil execução e o fogo automático incontrollável - todas as razões pelas quais 5,56 mm substituiu o calibre 7,62 mm. As tropas da ISAF têm, portanto, utilizado os dois calibres, uma vez que muitas vezes, é difícil prever se uma patrulha se depara com objetivos às longas, médias ou curtas distâncias, de *per se*, ou em simultâneo.

Reconhecem-se desvantagens práticas e muitos inconvenientes no uso de dois sistemas de armas com calibres diferentes, e por isso com diferentes





tipos de munições.

Os últimos desenvolvimentos de investigação, indiciam a intenção em desenvolver uma munição de calibre intermédio, entre o 5,56 mm e o 7,62 mm, que permita atingir o desempenho da munição 7,62 mm, embora com um sistema de armas associado que assegure menor peso e recuo, após o disparo.

Têm-se vindo a realizar diversos estudos desde 2009 com a finalidade de examinar diferentes calibres, considerando-se em termos de desempenho, os aspetos seguintes: a penetração; eficácia; precisão; energia; derivação do vento e recuo.

Durante estes trabalhos as munições de 5,56 milímetros e 7,62 milímetros, foram comparadas com munições de 6, 6,35 e 6,8 mm. O resultado do estudo indica que os efeitos das munições calibre 6,35 e 6,8 milímetros foram acima do expetável.

Na continuidade de estudos anteriores em 2011-12, surgem no exército dos EUA recomendações de que a munição ideal para uma futura espingarda automática deve ser de 6,5 mm, considerando que o tamanho, o peso e a energia se deve posicionar entre os 5,56 e os 7,62 milímetros.

O exército Canadano também realizou recentemente um estudo sobre as possibilidades e limitações para o uso de munições de calibre intermédio. Foram realizadas comparações de balística entre as munições 5,56 mm e 7,62 mm NATO com as munições de 6,5 milímetros e 6,8 milímetros. Concluiu-se que os calibres 6,5 mm têm melhor balística de longo alcance, incluindo a resistência à derivação do vento.”

CONCLUSÃO

Com a tradução deste artigo constituiu nossa finalidade divulgar um assunto que tem vindo a ganhar maior acutilância, com as lições aprendidas nos Teatros de Operações mais recentes – Iraque, Afeganistão. Regista-se um incremento do debate sobre que calibre de munição a adotar, para o armamento ligeiro do Soldado, permanecendo o dilema como obter o calibre adequado, perante os requisitos operacionais existentes. O dilema e a intenção conhecem-se: deseja-se alcançar uma maior eficácia e precisão, e concomitantemente, obter uma redução no peso da munição e do sistema de armas. Falta o como e o para quando.



Figura n.º 4 - 6,5 mm Grendel.

Na tabela seguinte podemos ver a comparação realizada entre as munições 5,56 mm NATO, 7,62 mm NATO e a 6,5 mm Grendel.

(Distância de 600 jardas [548,64 m])	5,56 OTM da OTAN	7,62 OTM da OTAN	6,5 OTM da Grendel
Velocidade em pés por segundo (metros por segundo)	1.558 (474,88)	1.666 (507,79)	1.861 (567,23)
Energia Ft/lbs. (pés/libras)	415	1.079	946
Queda (centímetros)	-231,34	-246,25	-205,99
Jardas (metros) Máximas Supersônico	875 (800,10)	1.075 (982,98)	1.275 (1.165,86)
Recuo em libras (quilogramas)	5,40 (2,45)	17,24 (7,82)	9,23 (4,18)

Quadro n.º 1 - Comparação de munições.

Outra munição desenvolvida foi a 6,5x47 mm Lapua, de origem finlandêsa que apesar de ter um desempenho muito superior às munições 7,62 mm NATO, no que toca às longas distâncias, contudo não apresentava uma redução significativo de peso.



Figura n.º5 - 6,5x47 mm Lapua.





Por último, a munição 6,8×43 mm Remington SPC, projetada pelo Exército dos EUA, e fabricado pela Remington. Esta munição foi criada na tentativa de resolver os problemas com a munição 5,56 mm no que toca à fiabilidade, para tal esta munição visa melhorar a precisão e ser mais destrutiva até aos 500 metros. Deste modo a velocidade é maior que a da munição 7.62x39 mm. O resultado final foi produzido a uma velocidade de cerca de 2650 metros por segundo, excedendo a velocidade do M43 redondo de uma AK-47 em cerca de 300 pés por segundo.

O comprimento total do cartucho SPC 6,8 (OAL) é semelhante a um cartucho 5,56 NATO, que o torna adaptável ao carregador das munições 5,56 mm. Como podemos observar na figura n.º 6, o diâmetro da cabeça é maior do que um cartucho 5,56 mm, para requer apenas a modificação de um parafuso que se adapta a uma arma de fogo normalmente utilizada para disparar as munições 5,56 mm, como por exemplo, um AR-15. (Gun Wiki, 2013).



Figura n.º 6 - Munições: 7,62 mm, 6,8 mm, 5, 56 mm

Bibliografia

- Avery, P. J. (2012). Um Exército com Armas Inferiores: A Física Exige uma Nova Arma Básica de Combate. Military Review.
- Macieira, C. (2008). Elementos de Armamento - Manual do Aluno. Lisboa: Serviços Graficos da Academia Militar;
- Telo, A. J., & Álvares, M. (2004). Armamento do Exército Português - Vol. I - Armamento Ligeiro. Lisboa: Prefácio.
- Fichas de Material (FIMAT). (2001). Fichas de Material (FIMAT) - Vol. V - Munições, Explosivos e Artíficos. Lisboa: Estado - Maior do Exército;
- Hartink, E. A. (2002). Enciclopédia de Rifles e Carabinas. Lisboa: centralivros;
- Pereira V. (2010). Os Calibres das Armas Ligeiras de Infantaria – Potencialidades e adequabilidades dos calibres 7,62 NATO e 5,56 NATO às missões contemporâneas. Lisboa: Academia Militar.
- Gun Wiki, (2013). Retirado: junho, 15, 2013, de <http://www.rifleshootermag.com/2012/02/08/the-versatile-6-5-creedmoor/>.

Sites utilizados:

- <http://www.basemilitar.com.br/forum/viewtopic.php?f=5&p=142174>
- <http://www.operacional.pt/calibre-762mm-versus-556mm/>
- <http://sadefensejournal.com/wp/?p=769>
- <http://landcombatcb.blogspot.pt/2010/05/lewis-machine-tools-lmt-l-129a1.html>

Autores: Asp Inf José António Ferreira da Silva
Asp Inf João Paulo Vieira Chaves
Asp Inf João Pedro da Silva Medronho
Asp Inf José Alberto Figueira da Silva





DEBATE “QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA”

A antiga “instalação sem preparação da posição”, vulgo “queda na máscara”, foi pensada e ministrada aos militares num exército que tinha acabado de adquirir a espingarda automática HK-G3 e estava em operações nas antigas colónias. Durante a guerra da ultramar, as operações militares aí levadas a cabo eram, em grande parte, todas realizadas em terreno arborizado, onde tendo em conta um dos fatores de decisão, o terreno, a “queda na máscara” era perfeitamente adequada à situação aí vivida. Com o fim da guerra fria e com o aumento dos conflitos armados em regiões urbanas, foi necessário adaptar esta técnica individual de combate ao terreno onde se realiza o combate.

O IBIMec no decorrer do seu ciclo treino operacional deparou-se com uma problemática ao nível da Técnica Individual de Combate (TIC): “*QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA vs QUEDA NA MÁSCARA TRADICIONAL*”. Para saber que técnica a adotar levantaram-se os parâmetros que sustentariam a escolha de mudar ou de continuar. Os fatores que tivemos em conta foram: prontidão em combate, segurança, fadiga e risco de lesão.

A prontidão em combate é, ao nível do atirador, a capacidade/tempo que este tem para reagir perante uma ameaça. Ao analisarmos as duas técnicas, tendo por base que um atirador médio demora cerca de 4 segundos a adquirir/disparar e acertar no alvo, constatamos que este é o tempo que um atirador demora a executar a *QUEDA NA MÁSCARA TRADICIONAL*. Contrariamente, o atirador quando executa a *QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA* demora menos de 4 segundos, logo anula a probabilidade de ser atingido e potencia a possibilidade de atingir deixando de ser um alvo remunerador.

Analisando o terceiro fator, a segurança, podemos constatar que na execução da *QUEDA NA MÁSCARA TRADICIONAL*, descrita na ficha de instrução TIC (00) 02-05, o combatente em nenhuma altura da execução tem a arma pronta a fazer fogo, ou seja, está mais vulnerável durante a execução. Na *QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA* temos a grande vantagem que durante a execução temos sempre a arma a apontar na direção do alvo. Será complicado fazer tiro ajustado, no entanto podemos fazer fogo de supressão durante a execução. Estas técnicas são empregues

quando a probabilidade de contacto é iminente ou já em contacto efetivo. Na probabilidade de contacto iminente se usarmos a técnica da **QUEDA NA MASCARA TRADICIONAL** podemos por em causa a surpresa e a deteção da força, devido ao ruído inerente da execução da mesma. Em contrapartida a **QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA** pode ser executada de forma mais silenciosa.

Neste parâmetro a **QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA** revelou-se a escolha mais acertada tendo em conta o fato de, no momento da execução da técnica, é possível responder ao fogo. Queremos deixar também um dado importante que diz respeito à segurança, ao nível das coronhas da espingarda automática HK G3. No IBIMec a grande maioria das coronhas partidas, derivam da técnica da **QUEDA NA MASCARA TRADICIONAL**. No entanto este fator não foi analisado porque não conseguimos aferir se este dado deriva da má execução da técnica ou do avançado estado de idade do material.

Quanto à fadiga analisámos as duas técnicas tentando dividir a execução em tempos bem definidos. A fadiga assume um papel importante pois vai ter influência diretamente no militar quer ao nível do tiro, quer ao nível da distância percorrida.

Na **QUEDA NA MASCARA TRADICIONAL** está implícito na ficha de instrução TIC (00) 02-05 que a execução tem 5 tempos: "1º tempo - Assentar os 2 pés simultaneamente no chão (...); 2º tempo - Cair sobre os joelhos (...); 3º tempo - lançar a coronha da arma para a frente, estendendo bem o braço (...); 4º tempo - deitar o corpo para a frente; 5º tempo - Com o corpo bem colocado no terreno, assentar a coronha da arma no ombro e tomar a posição de tiro deitado.

Na **QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA** podemos constatar com o nosso treino que a execução desta técnica tem 3 tempos: 1º tempo - baixar





a silhueta inclinando o corpo para a frente, pondo a mão contrária ao que é atirador no solo, 2º assentar o corpo no solo; 3º tempo - Assumir a posição de atirador deitado.

Comparando os tempos necessários para a execução das duas técnicas podemos concluir que na **QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA** é menos desgastante fisicamente pois

tem menos tempos de execução. Isso tem vindo a ser comprovado com o nosso treino operacional. Notamos que com a adoção desta técnica os militares mantêm mais facilmente o ímpeto durante o assalto, tem uma silhueta para o inimigo mais pequena e que durante a execução da técnica mantêm sempre os olhos e a arma na direção da ameaça.

Por último temos o risco de lesão, que é um fator que pode ser determinante no potencial de combate aos baixos escalões, pois não é expectável ter uma baixa na execução de uma das técnicas.

Esta análise foi feita com a colaboração do Tenente de Medicina Gilberto, que recentemente foi colocado no 1BIMec para integrar a KFOR.

O risco de lesão vai depender

sempre da variável terreno. No entanto, analisando as duas técnicas temos uma dicotomia de conceitos: o choque dos joelhos e amortecer com a mão.

Anatomicamente o joelho não possui capacidade para absorver convenientemente o impacto causado pelo peso do corpo. O que significa que, cada vez que o joelho embate numa superfície com um coeficiente de rigidez semelhante sendo esse movimento animado com uma energia cinética elevada, o resultado mais provável serão



microtraumatismos.

A curto e médio prazo vão originar a degeneração da articulação.

O tipo de lesões que advêm desta prática podem repercutir-se ao nível do menisco, ligamentos articulares e rótula. O tempo de recuperação de uma lesão no joelho pode variar entre 2 semanas a 6 meses de repouso.

Este prazo poderá ser alargado se for necessário intervenção cirúrgica, mais a fisioterapia necessária. Quanto à mão, esta possui uma anatomia muito mais favorável para suportar o peso do corpo, em comparação com o joelho, advindo esse fato de possuímos um antepassado quadrúpede.

Concluindo a análise deste parâmetro facilmente chegamos à conclusão que na **QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA** o risco de lesão é menor.

Com esta nossa análise e com a experiência adquirida ao longo do ciclo de treino operacional o 1BIMec optou pela adoção da **QUEDA NA MÁSCARA MODIFICADA**, com a plena convicção que mudamos em prol do soldado e tentamos melhorar o treino operacional.

Autor: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Referências:

- PDE 3-07-14 Manual CAE do Exército Português, Ficha de instrução TIC (00) 02-05;
- NEP 3.01.11 do 1BIMec;
- Tática de Pelotão e Secção de Atiradores – EPI 1993;
- PDE – 3-00 Operações





A VIDA DAS MULHERES NO 1BIMEC

Num mundo onde 90% dos trabalhadores são do sexo masculino, torna-se complicado para uma mulher fazer parte desse mundo: o exército. A dureza das tarefas e o facto de estarmos rodeadas de homens não nos assusta. Somos a cada dia que passa, uma presença mais marcante no 1 BIMEc, contrariando o estigma que diz que "a tropa é só para homens". Apesar de, nas condições de admissão as provas físicas, serem menos exigentes que as dos homens, a verdade é que quando entramos à porta de armas do 1BIMEc, "somos todos iguais" e as mulheres não são vistas como um elo mais fraco que não alcança os objetivos e as metas que a vida militar impõe.

O 1BIMEc conhecido por ser uma unidade exigente, onde o rigor e profissionalismo são paradigma, uma mulher tem que se manter à altura do desafio, porque aqui não goza de maior benevolência. Força de vontade e persistência são dois valores que têm de caracterizar uma mulher deste Batalhão. Dentro dos



pelotões, as mulheres são muitas vezes as que mais se destacam, seja pela arrumação da caserna, seja por se desembaraçarem melhor nas tarefas mais sensíveis, seja mesmo pela resistência e vontade com que suportam determinadas provas físicas. O número restrito de mulheres na unidade apresenta uma grande vantagem, nomeadamente a facilidade com que



se destaca uma militar pela sua competência física ou técnica. Tal facto reflete-se na própria camaradagem entre as mulheres deste Batalhão. Uma vez que somos em menor número, apoiamo-nos umas às outras e a entreaajuda é bastante visível entre nós, principalmente, quando se realizam provas de

carácter mais rigoroso, nomeadamente uma marcha, uma corrida, ou mesmo nos exercícios táticos. A maior dificuldade é passar uma semana em exercícios, onde a privacidade e higiene pessoal são escassas, e para a qual as mulheres têm necessidades fisiológicas adicionais. A viatura blindada de transporte de pessoal M113 que caracteriza o nosso Batalhão, necessita frequentemente de manutenção, e esta em alguns aspetos requer a ajuda de um homem, já que geneticamente tem mais força.

Em suma, até pode não ser fácil para uma mulher fazer parte do 1BIMec, em comparação com outras Unidades operacionais, mas é, sem dúvida alguma, uma honra e um privilégio fazer parte desta unidade...



Sold RC Dantas

O futuro de nós dirá...





DIA DA FAMÍLIA MECANIZADA DO 1BIMec

De acordo com a missão expressa na diretiva nº 14, “O 1BIMec organiza nas suas instalações e na região da *PUCARIÇA*, em *14Set13* o *DIA DA FAMÍLIA MECANIZADA DO 1BIMec* para estreitar os laços de camaradagem e amizade entre antigos e atuais militares do Batalhão.”

Assim, decorreu, no 1º BIMec, na noite do dia 13 e durante o dia 14 de setembro um encontro de antigos militares.

Foram realizadas diferentes atividades de carácter lúdico, procurando recriar alguns momentos vividos pelos antigos militares durante a sua passagem pelas fileiras.

Os cidadãos, antigos militares do BIMec e 1 BIMec, “apresentaram-se” na Unidade pelas 23h do dia 13 de setembro. Após um bríngue informativo, receberam o fardamento e foram alojados na Caserna da 3ª CATMec.

No dia seguinte, 14 de setembro, após o toque de alvorada e de acordo com o horário de serviço interno, realizaram-se as atividades seguintes:

- Deslocamento para a messe do Núcleo de Alimentação nº 2 onde tomaram a 1ª refeição;
- Execução de uma sessão de Ginástica de Aplicação Militar, adaptada à idade e condição física da classe;
- Realização de um percurso em viatura blindada M113, onde se recordaram as táticas dos mecanizados, o rugir dos motores e o trepidar das lagartas;
- O dia terminou com um almoço convívio, antecedido de um minuto de silêncio por todos os Camaradas do 1º BIMec, já falecidos.

Foram momentos plenos de emoção os vividos pelos antigos 42 militares do BIMec e 1 BIMec, neste regresso à sua Unidade, tendo envolvido, também, as suas Famílias.

O *ethos guerreiro*, a vontade e rusticidade do militar do 1º BIMec foram uma vez mais testados e “certificados”.

“*Estamos Prontos?*”, todos eles, cidadãos de Portugal, antigos militares do BIMec, 1 BIMec, da Brigada Mecanizada e do Exército manifestaram, com um elevado espírito de corpo, com um sustentado respeito pelos valores militares da Instituição Militar que Serviram, em brado guerreiro: “*Estamos!*”.

OPERAÇÕES DE APOIO CIVIL – 1 BIMec/BrigMec

Da missão restabelecida do 1BIMec/BrigMec extrai-se :

“(...) À ordem assegura a execução das missões que lhe sejam cometidas, no âmbito da defesa do território nacional e na satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, bem como, em ações de proteção civil e de apoio à população.”

No âmbito das operações de apoio civil, o 1BIMec/BrigMec, de acordo com a legislação enquadrante, conforme determinações da sua Brigada, ativou o PLANO CEGONHA e RESCALDO para vigiar as áreas de operações atribuídas: regiões da SERRA DA MALCATA de 30AGO13 a 06SET13, de 13SET a 20SET13, e de TANCOS/LINHACEIRA de 24SET13 a 25SET13. Constituiu finalidade destas operações de apoio civil, a de informar, detetar e prevenir, a existência de focos de incêndio e, ou quaisquer atos suspeitos associados a fogos florestais. O 1 BIMec/BrigMec, em simultâneo, executou e treinou o processo de decisão militar na UEB e tarefas táticas essenciais para o cumprimento da missão, nos pequenos escalões.

Admite-se, que a inexistência de focos de incêndio nas áreas de operações descritas, a imagem de profissionalismo e bem-fazer em prol do bem comum, contribuíram para dignificar a presença da força.

A expressão verbal e gestual da população para com os militares do exército, denotaram gáudio e reconhecimento pela utilidade da presença das forças destacadas.

Das muitas palavras expressas por parte de populares, releva-se o comentário seguinte: “a vossa presença acrescenta confiança; a população gosta, está grata pela presença e apoio prestado pelo Exército e pelas Forças Armadas”.

Durante estas operações estiverem empenhados, na totalidade, 428 militares, foram patrulhados 10794 Km e consumidos 1574l de combustível.





PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS - SOLDADO ATIRADOR MECANIZADO

Há cerca de três meses atrás apresentamo-nos numa nova unidade para ingressar nas fileiras do exército. Muitas eram as dúvidas e incertezas, tudo era novidade. A única certeza, porém, é que existia uma vontade em cada um de nós de servir o país. Sabíamos que seria um desafio tanto a nível físico como psicológico, mas a vontade de enfrentar uma nova experiência permitia ultrapassar todos os nossos receios.

Foram doze semanas de trabalho árduo, de adaptação à vida militar e de aquisição de vários conhecimentos. Com esforço e dedicação superámos as dificuldades, adquirimos valores militares e incutimos o espírito de camaradagem.

Terminada a recruta, é hora de dizer adeus a muitos dos nossos camaradas. Cada um foi colocado na respectiva unidade, ao longo de todo o país, para assim completar o curso com a especialidade.

Sendo assim, nove destes muitos militares foram colocados no 1BIMec em Santa Margarida, a distância e o desconhecimento tornaram-se logo, desde o início, hesitações. Contudo, sem perdas de tempo, engrenámos no batalhão para uma próxima fase da nossa formação - o nivelamento.

Logo no primeiro dia percebemos que o ritmo aqui vivido é intenso e que somos obrigados a exigir mais de nós e a dar o nosso melhor. Foram quinze dias de treinos físicos intensos e de aquisição de vários conhecimentos que consideramos necessários para a integração no batalhão e no treino operacional, tais como: montar e desmontar armamento, montar e operar meios de transmissões, conhecimentos sobre a viatura blindada de transporte de pessoal M113, sobre topografia, entre outros. Sentimos que existe uma preocupação por parte dos graduados em garantir que os conhecimentos foram adquiridos e que a integração nesta grande família ocorre de uma forma bastante positiva.

Consegue-se perceber desde o início que existe um convívio e ligação entre todos, visto que a maior parte dos militares estão deslocados da sua área de residência, e com isso o 1BIMec torna-se uma segunda família. No que diz respeito às dificuldades que se colocaram ao longo destes dias, sentimos que com esforço e dedicação estas podem ser superadas. Agora concluído o curso de atirador mecanizado, sentimos um orgulho em

pertencer a esta grande família que é o 1BIMec.

O que desejamos é continuar a aprender, pois a formação é um desafio permanente; Saber Cumprir com profissionalismo e orgulho as tarefas que nos são exigidas.

Autor: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado





EXERCÍCIO TAMARMA

A execução do Exercício TAMARMA integrou-se no Plano de Treino Operacional do 1BIMec/BrigMec Set13 – Dec14, fase II, que decorre de 21Out13 a 09Mar13.

Teve como finalidade simular no TO do KOSOVO, a projeção e retração da reserva tática, através da ocupação de Forward Operating Base (FOB), a partir da qual se executaram diferentes missões táticas. Esta fase insere-se no Treino Orientado para a Missão. Este exercício permitiu a execução de missões táticas, praticamente, com todos os sistemas de armas essenciais, dos quais se destacam as viaturas PANDUR.

Materializando a proficiência do combate em áreas edificadas um requisito operacional indispensável, planeou-se em Junho 13, e coordenou-se com a Escola das Armas (EA), a possibilidade de se utilizar o Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas na EA (CdE CAE) – MAFRA, para efeitos do exercício TAMARMA.



O CdE CAE permite, sem restrições, o treino de Combate em Áreas Edificadas (CAE), até ao escalão Pelotão, materializando-se como o único local desta dimensão no Exército.

O exercício TAMARMA destinou-se a treinar as UEC e validar as suas subunidades.

Teve como finalidade otimizar o planeamento, preparação e execução de



operações em ambiente predominantemente urbano direcionado, nesta fase, para as Tarefas Orientadas para o Cumprimento da Missão, tais como:

TOCM	
OBJECTIVOS DE TREINO OPERACIONAL	TAREFAS ORIENTADAS PARA O CUMPRIMENTO DA MISSÃO (TOCM)
1. OPERAÇÕES DE ISR E SEGURANÇA (defesa de ponto sensível, itinerário, Instalações, área)	Executar segurança área (ponto sensível, itinerário, instalações)
	Conduzir uma operação de informações, vigilância e reconhecimento
	Executar escoltas - entidades ou forças
	Montar e operar um CP móvel / Fixo
2. OPERAÇÕES EM AMBIENTE CRC	Neutralização de Barricadas
	Detenção, Revista e Condução de indivíduos (Técnicas de abordagem, Técnicas de revista, Técnicas de imobilização)
3. OPERAÇÕES EM AMBIENTE URBANO (CERCO E BUSCA)	Conduzir Cerco e Busca
	Conduzir um Golpe de Mão
	Assalto a um edifício
	Reconhecer uma AE, um Obstáculo ou uma atividade
	Conduzir a limpeza de uma área edificada
	Reagir ao contacto / Reagir a uma emboscada
4. CBO'S (Cross Boundary Operations)	Montar e Operar PO's/PE's
	Montar e operar Postos de Controlo
5. OPERAÇÕES de APOIO a CALAMIDADES	Evacuar civis
	Isolar uma area
	Tratar e evacuar baixas

O exercício teve três fases: projeção, execução e retração. Decorreu em ambiente de operações de alta, média e baixa intensidade permitindo o treino da adaptabilidade, flexibilidade e versatilidade da força.

Releva-se que o emprego tático da viatura PANDUR em ações de patrulhamento em MAFRA e ERICEIRA despoletou, uma reação de apreço e satisfação explícitos, por parte da população local, para com os militares. Contribuiu para divulgar as capacidades da viatura PANDUR, nomeadamente, as de FIABILIDADE, SEGURANÇA E DE MANOBRA EM ESPAÇO REDUZIDOS.





As missões táticas de execução de escoltas ao Comandante da BrigMec (02DEZ13) e ao CEME (03DEZ13) contribuíram, também, para apoiar a visita do CEMGFA de ANGOLA, ocorrida no dia 03DEZ13.

As fases de projeção, retração e a sustentação da força constituída por 210 militares, durante 8 dias



de exercício, implicaram um planeamento logístico exigente. Este planeamento teve início 5 semanas antes da projeção exigindo rigor, flexibilidade, detalhe e em tempo oportuno. Após o reconhecimento à FOB, cedo se percebeu, atendendo ao espaço disponível, de que

teríamos de ser metuculosos na distribuição dos órgãos de apoio de serviços.

Para a projeção do Batalhão destacaram-se 3 preocupações logísticas:

1. Rigorosa disciplina de consumos Classe III;
2. Planeamento detalhado do plano de movimentos e devida avaliação da função logística transporte, porque a capacidade de carga não é infinita e os recursos humanos para conduzir viaturas são sempre escassos;
3. Obtenção de recursos no meio local.



Este Exercício contou com o emprego de 28 viaturas e 14 atrelados: 05 Pandur 8X8, 08 Jeeps TOYOTA, 07 Mercedes Unimog 1300L, 02 Mercedes Unimog 1750L, 03 Mercedes 1222, 01 arca congeladora/refrigeradora,

01 ambulância LAND ROVER DEFENDER, 01 auto tanque de água Mercedes 1217, 01 atrelado cozinha SERT, 01 atrelado de Banhos, 01 atrelado de latrinas, 03 atrelados 1,5 Ton e 08 atrelados 1/4Ton.

Foram solicitados alguns serviços ao exterior dos quais se destacam: banhos, latrinas, ambulância e rede de dados.

Os equipamentos e viaturas utilizados no Exercício foram suficientes e permitiram garantir a sustentação da força e apoiar todo o tipo de Operações bem como o treino de tarefas críticas.

A Escola das Armas garantiu diversos apoios logísticos dos quais se destacam o reabastecimento Classe I, Classe III, apoio sanitário ROLE 2 e material diverso.

Da análise estatística durante o Exercício, o 1BIMec/KFOR efetuou 183 movimentos, percorreu 20.282 km por todas as viaturas e consumiu 5.300 litros de gasóleo.



Autor: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado





SÍNTESE DA APRESENTAÇÃO DO 1 BIMEC/BRIGMEC SOBRE O TREINO OPERACIONAL DE UMA UEB

Considera-se que a harmonização dos **vetores de desenvolvimento** - DOTLMPFII - das capacidades C2, ISR, COMBATE e PROTEÇÃO DA FORÇA devem ser privilegiados para a obtenção de efeitos relacionados com o emprego de forças em todo o espectro do conflito. No entanto, o QO 24.0.01, projeta um conjunto de sistemas de armas, que **não sendo, ainda, possível reunir em TN, já o é no TO KOSOVO.**

Admite-se que os desempenhos táticos futuros, tendencialmente, vão continuar a solicitar um esforço **partilhado na Segurança e Defesa entre as (OI)** de que fazemos parte.

Julga-se que o regresso ao essencial (*back to basics*), não se trata apenas de continuar a afirmar as valências de formação e treino operacional estruturantes do Soldado; deseja-se uma existência de boas práticas (i.e., doutrina **armas combinadas**, ARTEP, FTX/LFX/JCALFX) - obviamente adaptadas e adotadas - no âmbito do **Comando-Missão**, privilegiando a iniciativa dos escalões subordinados e a descentralização na execução das operações, de forma convergente com a intenção do Comandante (**INICIATIVA DISCIPLINADA**).

Desenvolver, concomitantemente, com as **Operações de Informação** uma **gestão do risco**, e uma necessária **sincronização** dos efeitos, perante a **complexidade crescente do ambiente operacional** (*situational awareness*, comunicação estratégica, relações públicas). A eventual dimensão GLOCAL (i.e., global e local) das ações táticas de hoje estrutura-se na velocidade de **acesso à informação e conhecimento**, horizontalizando em potência ou de facto, o patamar tático, operacional, estratégico e político.

Enfatiza-se que o **PRODUTO OPERACIONAL DA BrigMec SE DIFERENCIA DAS DEMAIS GRANDES UNIDADES PELA UNIDADE DE COMANDO** que a caracterizam, permitindo constituir com **coerência e celeridade UMA FORÇA DE ARMAS COMBINADAS.**

Este é o princípio diferenciador em qualquer Teatro de Operações – no passado, no presente e no futuro. O Desafio posiciona-se nos **dilemas que conseguimos criar na ameaça, através do diferente uso de sistemas de sistemas para vencer os obstáculos, por outro lado, a doutrina que nos**

move, é a que PRIVILEGIA A MANOBRA EM DETRIMENTO DA ATRICÇÃO; consideramos que os conflitos ocorrem entre a população e se situam tendencialmente em áreas edificadas.

Tendencialmente, admite-se, o emprego continuado e coerente dos pequenos escalões - agrupamento e sub-agrupamento – para participar em missões de **operações de resposta a crises**, de cariz **conjunto, combinado, interagência** (i.e., Operações de Resposta a Crises, Controlo de tumultos, Gestão de Catástrofes, Ciberdefesa), prontos para atuar, predominantemente, em **cenários de áreas edificadas**. Seja qualquer for o escalão da Força, devem ser privilegiados os aspetos seguintes: a sequência do **treino operacional da Força da alta intensidade** para a baixa intensidade, porquanto do contrário não se julga obter uma preparação credível; uma robusta integração tática, assegurada interoperabilidade dos RH (vide os aspetos de multinacionalidade) e dos sistemas de sistemas existentes, ou a obter.

Estamos cientes das dificuldades vencidas e das que se encontram ainda por ultrapassar. Sustentados numa Cadeia de Comando que promove a **CONFIANÇA**, a **RESILIÊNCIA** e a **INOVAÇÃO**, afirmamos a nossa vontade e firme determinação para levar de vencida, os desafios do dia-a-dia, nas operações, no treino operacional, na vivência dos Quadros e da Família Militar. Na procura incansável do aperfeiçoamento contínuo, e na senda dos nossos antecessores, desejamos obter: um produto operacional coerente e credível; uma valorização e motivação acrescida dos Quadros; um desenvolvimento da educação cívica dos nossos cidadãos militares; um incremento do espírito de Corpo e orgulho de pertença ao 1BIMec, à Brigada Mecanizada, ao Exército e a Portugal.

Ao fim de 20 anos de participação do Exército em operações de estabilização nos Balcãs, e de 10 anos no TO KOSOVO, é com satisfação e orgulho que se constata o prestígio e credibilidade acumulados, reconhecidos às Forças Armadas, ao Exército em particular, por militares de outras nações, e cidadãos portugueses e estrangeiros (i.e., juizes da EULEX e UN).

"O Futuro de Nós Dirá"

Brito Teixeira
Tenente-Coronel Infantaria
Comandante do 1BIMec/BrigMec





EUROPE DAY



It is a great pleasure to celebrate together the Europe Day in Camp Slim Lines – a symbolic day marking the beginning of a great project – a unity of European nations / living side by side in peace and prosperity.

On this very day in 1950 (nineteen hundred and fifty), Robert Schuman gave his famous speech, marking the birth of the European Union. He gave the speech against the backdrop of two world wars in which our countries and the citizens of Kosovo were, also, dramatically involved. Schuman began his speech with the following words:

"World peace cannot be safeguarded without the making of creative efforts proportionate to the dangers which threaten it."

The creative effort proposed by Shuman was a step by step approach that led to the emergence of a peaceful, united and more prosperous Europe. In the vision of Schuman, a strong and united Europe had to be based on a real solidarity, not only a government with its citizens, but also between states and between peoples; and this not only in Europe, but also worldwide. Europe has been doing that ever since.

The European Union maintains diplomatic relations with nearly all countries in the world. It has strategic partnerships with key international players, is deeply engaged with emerging powers around the globe, and has signed bilateral Association Agreements with a number of states in its vicinity. Abroad, the Union is represented by a network of 141 European Delegations, which have a similar function to those of an embassy.

In order to defend Europe's interests and promote its values, the European Union is supporting stability in the Balkans. Assistance projects in seven countries receive European funding, helping build stable societies. In Kosovo (Under United Nations Security Council Resolution 1244), the European Union has deployed a 1900 (nineteen hundred) strong justice and police force to help secure the rule of law. Countries in the Western Balkans are already candidates or potential candidates for membership of the European Union as part of its enlargement policy.

And it is this new deepening of integration which increases Europe's

relevance in today's globalised world. Globalization has changed our view of the 19th and 20th centuries. Back then what mattered was who would profit the most from the industrial and scientific-technical revolution.

Today, in the globalization era, it is true again that size matters, as does the influence that derives from it. European Union with 28 Member States and more than half a billion inhabitants is stronger. Together we can face better the consequences of globalization, the financial crisis or climate change. And the deepening of integration creates conditions for fostering unity among Member States. And that is why it is so important to put together these two seemingly opposite movements, which are part of the European Union from the outset, the deepening of integration and enlargement.

Pristina, 09 de Maio de 2014

Autor: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado/KFOR





SERVIR ALGO MAIOR QUE NÓS

Soldados do 1BIMec/KFOR, e do contingente Húngaro, da KTM/KFOR, bom dia.

Nesta data celebramos a língua portuguesa que, essencialmente disseminada com os Descobrimentos entre os séculos XV e XVI nos permite, revê-la hoje, como a língua oficial de oito países, abrangendo um total de 240 milhões de pessoas. Esta língua comum, que se materializa como uma força motriz de sinergias diversas,- sociais, culturais, económicas, tecnológicas e outras - entre os povos das comunidades e países da língua portuguesa.

Celebramos também nesta ocasião os Portugueses no Mundo, que partilham de forma contínua com outros povos e culturas, a nossa maneira de ser, e com ela, os valores de Liberdade, Democracia e Tolerância. São contributos preciosos para o reforço da interação entre povos, e organizações internacionais de que fazemos parte.

Aqui no TO do KOSOVO, e para além da língua portuguesa, pretendemos de forma simbólica, através da presença de representantes diplomáticos de diferentes países, militares da KFOR/NATO, EULEX/EU, instituições do Kosovo, relevar a importância da interação convergente, de “mentes e corações” entre estas organizações internacionais: EU e NATO; testemunho da importância do espaço comum transatlântico, iniciado no passado, ativo no presente, observado em perspectiva como essencial, desejavelmente reforçado, no futuro próximo.

Desejamos que este dia, através da exposição, gentilmente oferecida pelo Instituto de Camões, da confraternização e gastronomia preparadas, concorram para um sempre desejado estreitar de laços, e também por isso, como um modesto contributo para o vencer de novos desafios que se nos deparam, no âmbito das Organizações internacionais que Servimos: A União Europeia e a NATO.

Brito Teixeira

Tenente-Coronel Infantaria

Comandante do 1BIMec/BrigMec/KFOR



KTM COM
TO SERVE, SOMETHING BIGGER THAN OURSELVES

Good morning, Soldiers of the 1st Mech Bn/KFOR, and Hungarian Battalion, from KTM/KFOR.

Today we celebrate the Portuguese language which has been spread around the world during the Discoveries in the XV and XVI century. Today, there are 240 million people in 08 countries speaking the Portuguese language.

We also address in this day, the Portuguese community around the world, and their efforts to share our culture, and the precious principals of Freedom, Democracy and Tolerance. Those principals who should represent the main pillars for the development of synergies among different cultures, countries and International Organizations such as: UN, NATO e UE.

Here in KOSOVO, and beyond the celebration of Portuguese language, in a symbolic away, and with the presence of countries representatives, coming from different organizations, mainly NATO and EU, we emphasize the importance of the existing and developing convergent interaction of the “hearts and minds” among the NATO and European Union; evidence of the Transatlantic bridge, started in the past, present in today’s and perceived as essential for the near future.

We desire and wish that all entities do enjoy the exposition - kindly offered by Camões Institute -, the gastronomic pleasures available, as a support to the friendship, and values that we share, as a humble contribution to reinforce the Transatlantic bridge – NATO, EU and other countries; foreseen as the required Competitive Advantage to win the challenges ahead.

Brito Teixeira
Tenente-Coronel Infantaria
Comandante do IBIMec/BrigMec/KFOR





KTM COM
TO THE SOLDIERS OF KTM AND THE HUNGARIAN
CONTINGENT

To the KTM Soldiers of the Hungarian and Portuguese contingents, which worked together in the last 5 months, I would like to express my greatest appreciation for the outstanding commitments and results achieved, as part of KFOR Tactical Reserve, expressed in every single day, and emphatically, in an extraordinary way during the month of Jun14.

Throughout demanding and challenging situations, I would like to emphasize the executed reconnaissance, planning and readiness, in support for the Kosovo parliamentary elections; the SKYFALL and SCORPIAN RIDER Operations, where the KTM for several times, due to KTM Soldiers and the chain of command, showed high readiness, tactical primacy, and precision engagement.

Those facts have been an evidence of professionalism and dedication of Hungarian and Portuguese Soldiers, as well as the outstanding quality of the Staff and the Commanders.

Beyond the KTM missions' accomplishment there has been, always, the presence, contribution, initiative, and support of Hungarian NSE, which in a comprehensive approach was able to establish the bridge among the Hungarian and Portuguese contingents. The culture sharing processes transparency, the exemplary behavior, and proactive initiative aligned with the Commander's intent, have been, are, and will be, the foundations of your comradeship.

I am confident that the new Hungarian contingent, with their experience and knowledge, will pursue the ideals of Excellency performance continuity, as their predecessors have done, and achieved. It is a great pleasure to have you all in the KTM/KFOR team and I look forward to work with you all on the challenging and demanding missions at the forefront.

It has been my honour and privilege to command such brave Hungarian and Portuguese Soldiers, making me even more assertive about the importance of sharing values, cultures, friendship, determination to succeed, within the Transatlantic bridge – NATO, EU and other countries; foreseen as the required Competitive Advantage to win the challenges ahead.

MENSAGEM DO COMANDANTE DO 1BIMEC/KFOR

Aos Soldados de Portugal do 1BIMEc/KFOR, que nos últimos cinco meses, a par do contingente húngaro, entretanto substituído, participam na missão NATO, designada de JOINT ENTERPRISE no TO KOSOVO, como reserva tática da KFOR (KTM), pretendo expressar o meu reconhecimento e apreciação pelo desempenho e resultados obtidos no dia-a-dia, com ênfase nos momentos decisivos para os quais nos preparamos, salientando, até à presente data o mês de junho de 2014.

Enfatizo os desafios e as missões, associadas ao detalhe dos reconhecimentos realizados em apoio das eleições parlamentares e posteriormente integrados na operação MAVERICK; as operações SKYFALL e SCORPION RIDER, onde a unidade, por diversas vezes, devido à proficiência e empenho dos Soldados da KTM, e à cadeia de comando existente, mostraram elevada prontidão, primazia tática, e precisão no empenhamento da Força.

Os eventos expressos, entre outros, relevam o profissionalismo, a determinação, a cultura institucional do 1BIMEc/KFOR para vencer os desafios, bem como, a excecional qualidade do estado-maior e dos comandantes em todos os escalões.

O desempenho obtido, insere-se, salvo melhor opinião, numa continuidade de 15 anos de presença ilustre, dos nossos antecessores e, desejavelmente, dos nossos sucessores, materializando um posicionamento de afirmação de Portugal, das FFAA e, neste caso do exército em particular, perante a Aliança e outros atores internacionais no âmbito do espaço de defesa e segurança – União Europeia e Nações Unidas.

Saliente-se o apoio, inequívoco, da cadeia de comando nacional no âmbito de decisões sobre o emprego da Força na BiH; de defesa do conceito de emprego e de comando e controlo da KTM; de sustentação da força; e no domínio da inovação, autorizando a promoção de sinergias com entidades externas às FFAA, e ao exército, para experimentação de sistemas aéreos não tripulados, bem como, na otimização do sistema de comando e controlo do exército – Reachback Common Operational Picture.





A vivência multinacional que nos caracteriza, enquanto Soldados de Portugal da KTM, tem provado a nossa maturidade no relacionamento e comportamento exemplar com o contingente húngaro, com comunidades de famílias europeias residentes no Kosovo, com a multinacionalidade muito própria do HQ KFOR, com a EULEX, e com a população, relevando o que mais de profundo nos caracteriza como Portugueses no Mundo: a tolerância à diversidade da existência de outros povos, culturas e conhecimento. Por outro lado, temos sabido cimentar e desenvolver um espírito de corpo da KTM, que muito se deve ao vosso Honesto, Competente e profissional relacionamento com o contingente húngaro, sustentado numa saudável iniciativa disciplinada.

É para mim uma enorme honra e privilégio poder comandar tão Nobres Soldados de Portugal. Conhecemo-nos, há praticamente dois anos, outros há apenas um ano, com algumas exceções, e como em tudo na vida o trabalho realizado, tem permitido desenvolver amizades: fortificadas nas dificuldades, nos momentos menos bons, e também em períodos de franco convívio. À semelhança do que desenvolvemos no 1BIMec sinto a nossa KTM como uma unidade projetável para qualquer parte do KOSOVO, adaptável ao ambiente operacional que se lhe depara, e versátil para agir num espectro abrangente da conflitualidade.

Devem ostentar com orgulho a condecoração que agora recebem, porquanto, ela transporta o vosso mérito e o vosso contributo para a representação do país na Aliança Atlântica.

Ao comandar esta unidade multinacional integrada na KFOR com 31 países representados; por constatar o desenvolvimento de ameaças a SUL e a ESTE da Europa, contra os valores e culturas ocidentais, estou hoje mais consciente e assertivo da necessidade de se revigorarem os processos que viabilizem uma maior partilha de valores, cultura, vontade e determinação em vencer os desafios de índole Política, Económica, Militar, Social, de Infraestruturas e de cariz Religioso que se nos deparam, através da ponte Transatlântica; a NATO e a União Europeia materializam uma Vantagem Competitiva para vencer os desafios de Defesa e Segurança em prospetiva.

Brito Teixeira

Tenente-Coronel Infantaria

Comandante do 1BIMec/BrigMec/KFOR

Artigos





ATTACKS¹

O que nos poderá oferecer o livro *Attacks*, com 77 anos, editado em 1937 - 100 anos após o início da I Grande Guerra, e 75 anos após o início da II Grande Guerra - escrito por um Oficial de Infantaria, que apesar de se ter envolvido no atentado a Hitler, foi cúmplice do maior genocídio humano conhecido até à presente data? Que mensagem poderá este livro conter na actualidade? Sugiro que os leitores que sintam interesse e curiosidade pela motivação supostamente criada, procurem as respostas não no que estiver escrito, mas nas reflexões que vos surgirem. “A força que verdadeiramente me anima e que mais desejaria transmitir-lhes: *a de não se conformarem*”¹

A vida e personalidade do Marechal Erwin Rommel tem sido alvo de pesquisas e estudos ao longo do tempo. Guido Knopp², historiador e jornalista alemão, escreve no seu livro que o suicídio de Rommel na tarde 16 de Outubro de 1944, esteve relacionado com a tentativa de assassinato de Hitler; Rommel teve que optar entre preservar a reputação histórica dos seus feitos, o seu carisma, ou, a morte da sua Família. Apesar deste possível envolvimento no atentado a Hitler, Rommel, como Oficial General não esteve alheado, nem ausente em relação aos crimes e atrocidades cometidas. Daí não ser possível excluir nem esquecer a sua cumplicidade com o regime de Hitler.

Fora deste âmbito, este livro é um clássico da literatura militar. Na essência do livro e na sua leitura por estudantes das Ciências Militares, por Soldados que vivam com paixão a carreira das armas que escolheram, encontramos um diamante em bruto, raro e de natureza: histórica, técnica, tática, doutrinária, do Comando e Liderança.

De natureza Histórica porque situa-nos nos antecedentes da I Grande Guerra, cujas lições associadas à inexistência de posições comuns para a Europa, originaram a Tripla Aliança - Alemanha, Áustria e Itália - e a tripla Aliança designada de Entente Cordiale - Inglaterra, França e Rússia.

¹ Agostinho da Silva, frase transcrita no programa do Prémio D. Dinis 2004.

² Ver KNOPP, Guido, *Hitlers Krieger*, Munchen, Goldmann, 2000, 436pp.

O interesse da Rússia no desmembramento do Império Turco promoveu apoios a vários estados dos Balcãs na prossecução desse objectivo, através da expulsão de comunidades turcas situadas nessa região. Com o aumento das tensões promovidas pelos diferentes interesses em jogo, o gatilho premido para conduzir ao início da Iª Guerra Mundial materializou-se com o assassinato, em 28 Junho de 1914 do Arquiduque Austríaco, Franz Ferdinand em Sarajevo.

De natureza Técnica, porquanto, a utilização do armamento e a sua própria perícia são avaliados e sujeitos a trechos designados de observações, que representam as lições identificadas no decorrer dos diferentes combates. Vidé os conselhos: na utilização das granadas de mão no combate em áreas urbanas (p.16) e no assalto (p. 89); na importância do planeamento e execução do Treino Operacional (TREINA COMO COMBATES!), mesmo em campanha (p. 84) e as consequências da falta dele (p. 16,147, 201); na elaboração de esboços – presentes em todos os relatos de combates - que reflectem não só as direcções de ataque, as bases de fogos, áreas de empenhamento, bem como a simplicidade das manobras executadas.

De natureza Tática, porque o livro descreve as mudanças táticas ocorridas durante a I Guerra Mundial pela Infantaria Alemã a partir das táticas de linearidade para as táticas de infiltração de 1918. Marcha para o Contacto (p. 114); da importância da realização de acções de reconhecimento; ataque imediato; Fratricídio (p. 24); ataque deliberado; roturas de combate (p. 49); rendição de forças (p. 55); defesa em profundidade em oposição à defesa avançada (p. 40), emprego da reserva (111); colocação adequado de postos de observação (p. 106); manobras de decepção para garantirem a Surpresa (p. 116); construção de posições alternativas (p. 82); Sincronização do combate (p. 284); escolha do ponto decisivo (p. 121); posicionamento do Grupo de Comando (81). Todos estes temas são descritos em torrente, ao longo do livro, procurando o autor conduzir cada um de nós, através do seu processo mental de decisão, mantendo-nos num estado de alerta e curiosidade em relação às consequências da sua decisão. Em síntese, o FIND, FIX, STRIKE, da doutrina do Reino Unido e Estados Unidos está amplamente documentada neste livro.

De natureza Doutrinária, porque é neste livro que encontramos as raízes da ainda atual doutrina da Guerra da Manobra. Implementada no século





passado – assustador não é? - por volta dos anos 80, nos Estados Unidos e Reino Unido, testada em variados conflitos, dos quais a Tempestade do Deserto de 1991 e a invasão do Iraque em 2003, constituem os exemplos mais representativos.

Do Comando e Liderança, o livro além das acções do planeamento para as operações e da conduta em combate, com o assegurar dos elementos mais simples para o comando e controlo das suas unidades, refere aspectos associados à liderança situacional, mas exalta a liderança pelo exemplo (p. 100); É a mais difícil porque apenas subsiste enquanto houver coerência e suporte em todos os actos do Comandante. Honestidade, Competência, Carácter, Coragem moral e física, são as ferramentas da vitória.

Vários exemplos associados a um sofrimento humano, vividos pela sua unidade e outras congéneres, são revelados durante o livro: a ausência de comida, a impossibilidade de dormir, a frieza da decisão ao ter que deixar feridos para trás, o posicionamento do Comandante no local onde é mais requerida a sua determinação e decisão, a auto disciplina, as preocupações com o mérito dos seus subordinados.

Do ponto de vista da Guerra da Manobra, e do Comando e Liderança em combate, está o relato da ofensiva de Tolmein em 1917, em particular a conquista da elevação MATAJOUR (p. 264). O destacamento de Rommel com 3 Companhias de Infantaria e uma de metralhadoras, após 28 horas de combate, derrotou sucessivamente 5 Regimentos Italianos, traduzindo-se tal vitória na captura de 900 militares, 150 oficiais, 81 obuses. Com esta operação foi-lhe reconhecido posteriormente a Excelência da sua acção de comando com a atribuição da mais elevada condecoração, designada, Pour le Mérite (foto na capa do livro)³.

CONCLUSÕES

Ler este livro por si só é agradável mas proponho a sua associação a outros livros, para obter uma interessante correlação com a actualidade. Sugiro em tom de desafio para cada apaixonado pela “coisa” militar que façam a ligação das lições deste livro a outros quatro: Maneuver Warfare

³ Esta condecoração já não é atribuída nas Forças Armadas Alemãs. No entanto para feitos de cariz civil permanece a sua designação.

Handbook⁴; O Exército na Guerra Subversiva⁵; Asymmetrical Warfare⁶; Fiasco – The American Military Adventure in Iraq⁷.

Da guerra da manobra, falamos sobretudo da existência de confiança na Acção de Comando; da sua descentralização aos mais pequenos escalões, imbuída de uma partilha e conhecimento da Intenção do Comandante, que permitem a livre iniciativa – INICIATIVA DISCIPLINADA - dentro do conceito existente aos diferentes escalões; com ganhos óbvios no ciclo da decisão e no ímpeto das ações.

Relacionado com a guerra assimétrica e especificamente com a guerra subversiva, desde 1966 que Portugal desenvolveu o modo português de fazer a contra-subversão. A sua essência continua bem actual, como denota o livro FIASCO (p. 420), porquanto alega e faz referência a procedimentos que nós como Exército temos vindo a praticar desde então e que felizmente continuamos a preservar no cumprimento das operações correntes.

As restrições e condicionamentos de ordem operacional, organizacional, legal, e moral, para o emprego da força promovem não apenas a natureza do conflito assimétrico, mas também a necessidade de actualizar estratégias unicamente defensivas perante ameaças de actores não estatais, no qual o 11 de Setembro de 2001, marca o início de um nova fase, e a anexação da CRIMEIA, a mudança do paradigma.

Com esta associação entre livros, procuro expor de que forma vejo a continuidade e actualidade possível do livro Attacks, no âmbito da natureza e propensão dos conflitos actuais. Nesse sentido, é oportuno olhar para nós, enquanto elementos activos das nossas Forças Armadas.

As mudanças que vamos continuar a assistir e nas quais as Forças

⁴ LIND, William S., *Maneuver Warfare Handbook*, Colorado, Westview Special Studies in Military Affairs, 1985, 133pp.

⁵ EXÉRCITO PORTUGUÊS, *O Exército na Guerra Subversiva*, Exército Português, 1966, 5 Vols

⁶ BARNETT, Roger W., *Asymmetrical Warfare*, Brassey's Inc, 2003, 182pp.

⁷ RICKS, Thomas E., *FIASCO The American Military Adventure in Iraq*, Penguin Press, 2006, 482pp.





Armadas e particularmente o Exército vivem, caracterizam-se por oferecer um potencial espaço de oportunidades para nelas participar com qualidade (vidé, doutrina NATO, reforço dos assuntos de Defesa e Segurança da União Europeia, NATO Response Forces (NRF), reforço do produto operacional das FFAA); devem por isso, constituir fonte de regozijo e motivação.

Potencial: pelo valor dos nossos Quadros; porque, há continuidade nas directivas do Comando do Exército quanto à percepção do produto operacional do Exército ter que ser orientado por unidades constituídas e com vertente expedicionária. O cumprimento deste conceito e estes critérios contribuirá para acabar com o preconceito e dogma de atribuição de missões com base na cor de boinas. A Força Operacional que tivermos terá que existir para ser empenhada em qualquer cenário, onde os patamares da alta, média e baixa intensidade vivem dia a dia e em simultâneo!

Devemos encarar as mudanças com regozijo e motivação: porque o País é neste momento com as operações correntes onde participa, um elemento activo e forte contribuinte no contexto Europeu e Internacional, para a obtenção e produção de Defesa e Segurança; com motivação, porque o contributo das operações correntes e das organizações NATO e União Europeia promovem a nossa evolução.

A dinâmica da Doutrina existe, não a podemos evitar e enquanto o desenvolvimento tecnológico continuar avassalador – felizmente - a única constante do dia-a-dia é a contingência! Daí a necessidade da confiança, resiliência e inovação, e... muito trabalho!

Não se conformem!

Boas leituras.



TCor Inf Brito Teixeira

1BIMec/BrigMec





1BIMec/BrigMec/KFOR



VIVER O 1BIMec

O Militar do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado sabe que está integrado na primeira Unidade mecanizada do Exército Português, para cujo prestígio e eficiência se orgulha de contribuir, sentindo que deve regular o seu procedimento e conduta pelos princípios seguintes:

1. ...

É este o mote do código de honra do 1BIMec.

Os princípios aqui vertidos, identificam-se também no nosso Escudo de Armas e Guião, cuja simbologia e cores, materializam as virtudes militares da honra, da coragem, da humildade, da justiça e da lealdade.

Ao entrar na Porta de Armas do 1BIMec, sente-se o peso da responsabilidade de dar continuidade ao esforço e enorme dedicação, de quem lá se encontra, ou de quem noutros tempos, alicerçou e edificou a história de tão nobre Unidade.

Pertencer ao 1BIMec, acima de tudo, é viver a vida militar na sua plenitude, estando sempre disponível, dando o exemplo sem regatear esforços e contribuir para o cumprimento da missão. Quem chega, recebe de forma continuada, a formação e conhecimento, para que consiga desempenhar da melhor forma possível, a função que lhe foi confiada.

Vinte e seis anos passados da minha apresentação neste Batalhão, especificamente na Companhia de Apoio de Combate, recordo a palestra ainda ministrada (aos Oficiais, Sargentos e Praças, que faziam a sua apresentação nessa altura), sobre a vivência e atividade da Unidade, desde horários, fardamento utilizado durante e fora do horário de serviço, normas de execução permanente, serviços, métodos de trabalho, seguindo-se uma volta pela Unidade, com especial atenção aos locais mais importantes do Batalhão, e da Companhia em que fomos colocados.

Dissipadas as dúvidas, a partir desse momento, estávamos prontos, para dar o nosso melhor pelo 1BIMec, pela Brigada Mecanizada e pelo Exército Português.

A transmissão de conhecimentos dos militares mais antigos aos mais modernos é sem dúvida uma das grandes referências, materializando um dos grandes pilares, que caracterizam o 1BIMec.

É uma escola que passa de geração em geração, possibilitando a continuidade natural e sem interrupção. Tenho o privilégio de o





poder testemunhar pessoalmente e deste modo prestar uma sentida homenagem aos camaradas mais antigos, que em 1988, após terminar o 15º Curso de Formação de Sargentos, me receberam no Pelotão Anti-Carro da Companhia de Apoio de Combate. Senti de imediato o apoio e aconselhamento, por parte de todos, quer fossem Oficiais, Sargentos ou Praças.

A primeira lição estava encontrada: tinha que haver união entre todos, para superar os grandes desafios do dia-a-dia do 1BIMec.

As referências existiam, só tinha que as ouvir e tentar por em prática os seus ensinamentos e conselhos. Era com sentimento e enorme orgulho, que transportávamos o Escudo de Armas do 1BIMec ao peito.

O decurso natural da vida, levou-me a outras paragens, onde outros desafios e experiências surgiram, contudo, o bom filho à casa torna e passados onze anos, tive a oportunidade de novamente entrar na Porta de Armas, com uma guia de marcha com Unidade de colocação: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado. Exerço atualmente as funções de Adjunto do Comandante do 1BIMec, sentindo uma grande honra e privilégio, pelas importantes e desafiantes funções que desempenho.

Constato que hoje somos em menor número que há vinte e seis anos atrás, que tal como a nossa sociedade também os nossos militares são diferentes, contudo o empenho e vontade de bem servir perdura ao longo dos tempos.

Ser o mais antigo na categoria de Sargentos, com elementos de tão elevada competência, dedicação e profissionalismo, é um privilégio que muito me orgulha.

O orgulho de transportar o Escudo de Armas do 1BIMec ao peito mantém-se, acrescido de maior responsabilidade. No âmbito da técnica individual de combate, a categoria de Sargentos tem a responsabilidade primária de exigir e obter a excelência. Na execução do treino operacional da parêntese, da seção, seja nas unidades de manobra, apoio de combate ou apoio de serviços, o rigor, a gestão do risco, o bom senso, são critérios inestimáveis. Assegurá-los, é contribuir decisivamente para obter resultados de elevado desempenho que, se constituem como apanágio do produto operacional do 1BIMec.

Desde a execução das operações, do treino operacional à componente física, tudo é feito com um propósito: fazer homens, mulheres e militares,

cada dia melhores e mais conhecedores.

O dia-a-dia dos militares do 1BIMec é um permanente desafio ao seu conhecimento, à sua resistência física e psicológica.

O ambiente operacional caracterizado pela vasta área do Campo Militar de Santa Margarida, e pela doutrina das armas combinadas, a viatura blindada M113, e todo o material existente à sua disposição, nem sempre presente em outras unidades do país, permitem a todos os seus profissionais condições únicas para pôr em prática diariamente, todos os conhecimentos já adquiridos, e dar-lhes as condições necessárias, para obtenção de nova informação, sempre de forma progressiva e contínua.

Tanto em treino operacional como em exercícios com forças no terreno (FTX), ou exercícios de fogos reais (LFX), onde as dificuldades tendem a ser maiores, aprende-se que cada militar não vale só por si isoladamente, mas que necessita do apoio de todos, quer seja mais antigo ou mais moderno – o todo vale mais do que a soma das partes. Esta perceção, esta realidade, existe porque através da Cadeia de Comando, cultiva-se a Iniciativa, sustentada na Confiança obtida pelos desafios vencidos através da exigência e rigor do dia-a-dia.

Desde a distribuição da alimentação, passando pela dos turnos de serviço ou ao rádio, aprende-se que há prioridades que têm de ser respeitadas. No 1BIMec, quem Comanda dá o exemplo, dá o passo em frente, todos os outros, só têm que o seguir e dar o seu melhor.

O profissionalismo e competência dos militares do 1BIMec ficou, fica e ficará sempre bem patente, nos países por onde tem efetuado exercícios conjuntos, e combinados, nomeadamente em Itália, ou em missões de manutenção e apoio à paz, como Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Timor e Afeganistão.

“O FUTURO DE NÓS DIRÁ”



SCh Inf Chambel





DESAFIO DE CHEFIAR UM ESTADO-MAIOR MULTINACIONAL NUMA UNIDADE DE ESCALÃO BATALHÃO

A KTM: ORGANIZAÇÃO

As Forças Armadas Portuguesas contribuem para a Operação JOINT ENTERPRISE, com o Batalhão de Reserva Tática do Comandante da Kosovo Force designado de TACTICAL RESERVE MANOEUVRE BATTALION (KTM) que integra forças de nacionalidades Portuguesa e Húngara.

A participação portuguesa na KTM, cujo comando é atribuído a Portugal, é materializada pelas estruturas multinacionais do Estado-Maior (EM), da Secção de Ligação (SecLig) e da Companhia de Comando e Serviços (CCS) e pelas estruturas nacionais do Módulo de Apoio (ModAp) e de uma Companhia de Manobra (CompManobra), num total de 182 militares.

A organização da KTM integra as duas nacionalidades numa estrutura equilibrada, com a seguinte organização:

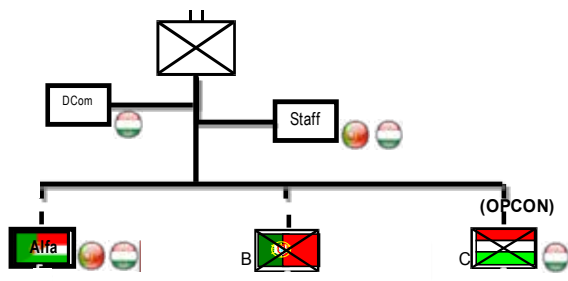


Fig 1 – Organização da KTM

O comandante (Cmdt) da KTM é um Tenente-Coronel Português, sendo o 2º Comandante (2º Cmdt) um Major Húngaro, O Estado-Maior (EM) assenta numa equipa multinacional, chefiada por um Major Português, sendo os Chefes de Secção do EM Coordenador (EM Coord) de nacionalidade portuguesa e os respectivos Adjuntos de nacionalidade Húngara. Os Oficiais do EM Técnico são de Nacionalidade Portuguesa.

A ESTRUTURA DO ESCALÃO BATALHÃO EM TERRITÓRIO NACIONAL (TN)

Em Território Nacional os Quadros Orgânicos de Pessoal (QOP), ao nível do escalão Batalhão, não contemplam o cargo de Chefe do Estado-Maior (CEM). Este cargo é desempenhado em acumulação de funções pelo 2º Cmdt do Batalhão. Doutrinariamente, o Major que desempenha a função de 2º Cmdt integra a cadeia de comando e acompanha o planeamento e condução das operações, para que possa assumir o comando, se necessário. Este duplo papel exige que quando empenhado em exercícios ou operações, esteja mais vocacionado para a função de CEM, e que na gestão das atividades do dia-a-dia da Unidade centralize o seu esforço nas áreas específicas de interesse e responsabilidade, previamente atribuídas pelo Cmdt.

Face à atividade diária de vida corrente das Unidades do Exército Português, a função de 2º Cmdt é mais exigente para ações de coordenação e supervisão de atividades correntes no âmbito das operações, para a resolução de assuntos na área das infraestruturas, alimentação, entre outros.

Contudo, os seis meses de preparação em Território Nacional (TN) para o cumprimento da missão como Força Nacional Destacada (FND) permitem, com a intensa atividade de treino e exercícios de âmbito operacional, recentrar a prática dos procedimentos de planeamento, coordenação e condução do Processo de Decisão Militar, e preparar a exigente função específica de CEM no T.O.

Para além destes 6 (seis) meses de preparação, de set13 a mar14, período em que a força realizou 3 (três) exercícios de escalão Companhia e 4 (quatro) de escalão Batalhão, o 1BIMec, enquanto Unidade da BrigMec responsável pelo treino do AgrMec/BrigMec, no período de jan13 a set13, desenvolveu um plano de treino que permitiu contribuir decisivamente para nos tornar aptos a planear e cumprir outras missões – média, baixa intensidade ou vulgarmente conhecidas por operações de apoio à paz. Durante estes cerca de 9 (nove) meses, realizaram-se 3 (três) exercícios de escalão Companhia e 4 (quatro) de escalão Batalhão.





FINALIDADE, COMPOSIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO ESTADO MAIOR

Por definição "O EM auxilia o comandante através da obtenção, da análise e da coordenação de informações e, principalmente apresenta-lhe sob a forma de proposta os elementos fundamentais que lhe permitem tomar a melhor decisão. Após esta, elabora as consequentes diretivas, planos e ordens e supervisa a sua execução"¹.

Ao nível escalão Batalhão a organização do EM, que tem direta dependência do CEM, baseia-se no grupo do EM Coord e no grupo do EM Técnico.

O Comandante enquanto responsável pelas ações e atividades da sua Unidade, desde o primeiro dia, com o seu discurso de tomada de posse até ao momento presente e através de diversas diretivas e despachos, difundiu orientações e procedimentos que possibilitam o trabalho sincronizado e eficiente dos militares que desempenham as funções de 2º Cmdt, CEM e EM.

O CEM é o responsável perante o Comandante pelo funcionamento do EM, admitindo, que perante exigências de Fluidez Operacional, e do conhecimento da situação, o Comandante assuma um papel mais interveniente e interativo, com a finalidade de acelerar a tomada de decisão. Neste âmbito, e como momentos marcantes desta intervenção, destacamos as diretivas e as orientações do Cmdt necessárias às atividades do EM, na fase de planeamento do primeiro exercício de escalão "AgrMec", para o qual todas as unidades de manobra, apoio de fogos e de combate da BrigMec contribuíram com forças; e durante toda a fase de planeamento e execução do exercício "TAMARMA", inserido no plano de treino Orientado para a Missão, em que o 1BIMec/KFOR projetou para a região de Mafra, 28 viaturas e 14 atrelados numa distância de 175 Km.

Com a definição do QOP para a missão da FND, ficaram identificados os elementos constituintes do EM, exceção feita a alguns Oficiais do Estado-Maior Técnico. Para quem tem responsabilidades de comando ou chefia é importante ter uma noção clara do valor individual e coletivo do seu grupo de trabalho, identificar as fragilidades nas diversas áreas devido à

¹ MC 55-5 (A) Manual do Oficial de Estado-Maior - 1997

falta de pessoal especializado, procurando através dos pontos fortes, criar sinergias e potenciar as valências de cada militar, em prol de um objetivo maior, a missão.

Com base nesta premissa, procurámos sempre e de forma incondicional, estimular os “*VALORES MILITARES – Honestidade e Lealdade, Competência, Espírito de Sacrifício* que potenciam a *CONFIANÇA* na cadeia de comando”².

O PROCESSO DE DECISÃO MILITAR

O processo de resolução de problemas, no meio militar, é utilizado em qualquer escalão. O Processo de Decisão Militar (PDM) é um método de planeamento tático, que se apoia no processo de resolução de problemas.

O PDM é o mais apropriado em escalões com EM porque, para além de permitir uma sequência lógica de decisões e de interações entre o comandante e o EM, rotina a forma de encarar e pensar as diversas áreas de trabalho.

Durante o período de aprontamento que antecedeu a missão, o PDM foi por diversas vezes utilizado com o objetivo de envolver toda a equipa do EM no método, afinar procedimentos de coordenação, permitir um melhor conhecimento entre os elementos que a constituem, de modo a reduzir o número de reuniões necessárias para coordenação.

Sendo o tempo um fator crítico do planeamento e tendo o 1BIMec/KFOR previsto no seu Plano de Treino Operacional executar toda a documentação e reuniões, referente aos exercícios, em língua Inglesa, foi muito importante a ação do Cmdt no planeamento, porque disciplinou o processo e permitiu que, com o seu envolvimento, os trabalhos se desenrolassem de forma mais célere e objetiva, factos que se vieram a revelar ao longo do tempo no decorrer do aprontamento e durante a missão. Durante a missão, destaca-se a relevância no que diz respeito à integração dos elementos Húngaros na equipa já formada, em TN, e com experiência de trabalho em grupo.

² Discurso de tomada de posse do Cmdt 1BIMec, de 20 de Setembro de 2012





A DAPTAÇÃO ÀS FUNÇÕES EM TO

A entrada em Teatro de Operações de uma FND é uma fase muito exigente do ponto de vista das capacidades humanas de cada elemento da FND, e que acaba por ter reflexos no desempenho da força como um todo. De um dia para o outro tudo se altera: as instalações e equipamentos de trabalho, a Língua em que passamos a comunicar, em permanência; a permanência do acompanhar da situação geral e particular, as pessoas com quem nos passamos a relacionar dentro da KTM, no escalão superior e com os nossos pares de Unidades laterais; os locais de descanso, e todas as diferenças decorrentes de estarmos num país estrangeiro, ainda em fase de estabilização, e distantes da família.

Para obviar as dificuldades referidas no parágrafo anterior, gostávamos de relevar a importância do reconhecimento ao TO, que permite canalizar e orientar o esforço do treino operacional, elaborar recomendações aos 182 militares, voluntários, mas selecionados, que integram o 1BIMec/KFOR da FND para a missão. Destacamos os 6 (seis) meses anteriores à projeção, de intensa atividade operacional que nos permitiu formar um grupo de trabalho de EM coeso, profissional, onde a iniciativa - disciplinada - ao nível dos chefes das respetivas áreas, de acordo com a intenção do Cmdt, foi incentivada e apoiada, no âmbito da doutrina comando-missão.

Face ao exposto anteriormente, e agora que estamos numa fase quase final da missão, ao olharmos para trás comparando com o que foram os quase 5 (cinco) meses de missão, conseguimos fazer uma avaliação mais pormenorizada do primeiro mês e concluir que, de uma forma geral e do ponto de vista do grupo de trabalho do EM, não baixamos o rendimento nem a produtividade, mas executamos com muito mais esforço e dificuldade as nossas tarefas.

6 MESES DE MISSÃO EM TO

Uma missão de 6 (seis) meses, num TO como o do Kosovo, em que o grau da avaliação da ameaça para a KFOR está identificada como “**Médio**” no Norte do Kosovo e de “**Baixo**” nas restantes áreas, e em que a FND dispõe de um Aquartelamento com adequados requisitos

de trabalho e de comodidade; a possibilidade de trabalhar e partilhar o mesmo Aquartelamento com militares de outra nacionalidade, por si só, caracteriza esta missão como um desafio de oportunidades.

A exigência do trabalho diário focada numa preocupação permanente em melhorar, dificultada por barreiras de comunicação, culturais e, ou fonéticas; a integração de elementos de outra nacionalidade nos processos de trabalho doutrinários, treinados e otimizados; o esclarecimento do “battle rhythm” e a forma de planeamento do escalão superior; a exigência de produzir e divulgar documentação de qualidade, em tempo oportuno para o escalão superior e subordinados, gera muitas vezes incerteza, insegurança, e provoca um forte desgaste, só ultrapassados por uma forte dinâmica de equipa e de uma elevada dose de Confiança e Resiliência.

A equipa do EM/KTM foi por diversas vezes colocada à prova quer na execução do planeamento das operações realizadas, bem como nas atividades de treino operacional efetuadas. Como memória futura de todos quantos integraram a equipa do EM/KTM - 2ºSemestre 2014 enfatizamos algumas das Operações e eventos de Treino Operacional que consideramos terem sido as nossas principais provas de fogo durante a missão: “*Operation Eyes Open*”, “*Drenica Force of Law*”, “*Maverick*”, “*Argus Eyed I e II*”, “*Scorpion Rider*”, “*Skyfall I,II,III e IV*” e “*Golden Eye*” e exercícios “*Silver Saber*”, “*Silver Bayonete*”, “*Fox 1*” e “*Fox 2*”. Foi no meio de todo o trabalho atrás referido, e de forma concorrente, que ainda houve tempo e disponibilidade para estabelecer um excelente relacionamento entre militares portugueses e húngaros, e de outras nacionalidades que conosco trabalharam - ITA, SLO, CH, GER, ROM, DAN, AUS, SUI – contribuindo para manter o prestígio do Soldado de Portugal no seio dos países da Aliança.

CONCLUSÃO

Com a finalidade de contribuir para o *DESAFIO* que se constitui *DE CHEFIAR UM ESTADO-MAIOR MULTINACIONAL NUMA UNIDADE DE ESCALÃO BATALHÃO*, sugiro no âmbito da experiência vivida algumas ideias, divididas entre a razão e a emoção com as quais nos identificamos, e que acreditamos se possam revestir de utilidade no futuro:





1. O período de aprontamento de uma FND para o cumprimento de uma missão por um período de seis meses, é fundamental que seja conduzido com a preocupação de aproximar, o mais possível, às situações de trabalho e de vivência do dia-a-dia à realidade com que nos vamos deparar na missão. É nesta fase que se conhecem as pessoas, que se sedimentam processos de trabalho, que se formam equipas de trabalho, e que se identificam potenciais situações passíveis de vir a acontecer durante os seis meses de missão;
2. A passagem do desempenho das funções de 2º Cmdt de um Batalhão em Território Nacional para as funções de CEM de um Batalhão Multinacional em TO, requer algum empenho e engenho, muita concentração e alguma experiência internacional, de modo a que esta adaptação de funções não afete o produto de uma equipa de trabalho, não crie dificuldades à ação do Cmdt ou a um mau aconselhamento do mesmo;
3. As dificuldades iniciais decorrentes da adaptação tanto na fase de aprontamento, como da missão, são abreviadas ou aligeiradas por um espírito de camaradagem forte, por uma atenção permanente sobre aqueles que nos rodeiam e por um espírito de grupo coeso, para o qual, todos quanto fazem parte dele, têm a responsabilidade de contribuir;
4. O bom nome dos militares Portugueses entre forças da KFOR, consolidado com base em 15 anos de trabalho de FND no Kosovo, a consciência que o militar português tem do seu valor e das suas capacidades, a boa formação que todos nós de uma forma geral possuímos, deve continuar a ser potenciado e sempre melhorado de modo a manter o “status” adquirido, aproveitando toda a experiência e maturidade que advêm destas missões, para passar como testemunho aos que se nos seguirão;
5. Terminar 2 (dois) anos de trabalho em equipa, em situações de muito empenhamento, intensidade e alguma incerteza, e ter a consciência que cumprimos bem, as missões certas, dando desta forma o nosso contributo para o desempenho da Força; e poder afirmar que se estabeleceram e melhoraram relações pessoais saudáveis, com superiores e inferiores hierárquicos, assentes na honestidade, lealdade e competência é muito gratificante.

Bibliografia:

MC 55-5 (A) Manual do Oficial de Estado-Maior: Organização e Procedimentos do EM- 1997;

Discurso de tomada de posse do Cmdt 1BIMec, de 20 de Setembro de 2012;

PDE 5-00 Planeamento tático e tomada de decisão, Ago07;

Diretiva 16/13/1BIMec, Diretiva de treino Operacional Set13 a Dez14, 27Jun13 (documento de trabalho);

Diretiva Operacional Nº13/CEMGFA/12 – Alt 2,de 09SET13;

Plano de Treino Operacional do 1BIMec/BrigMec para a período de Set13 a Dez14;

KTM OPLAN “PARADIGM SHIFT”, Dated 07Apr14.



Maj Inf Martins

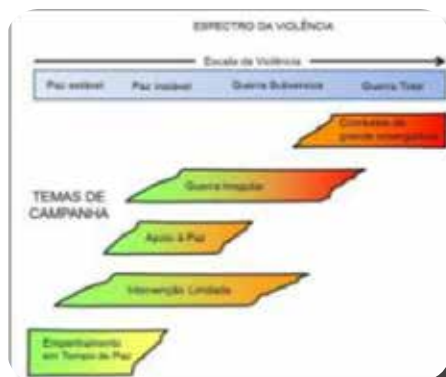




TREINO OPERACIONAL

1. INTRODUÇÃO

Em 2001 surge o conceito de Operações em todo o Espectro. O aparecimento deste conceito, motivado pela intervenção OTAN no Kosovo em 1999 e reforçada pela necessidade de intervir no Iraque e no Afeganistão, levou a que os países membros da OTAN tivessem que adequar a sua doutrina e, conseqüentemente, o seu processo de preparação e treino.



Segundo a doutrina americana, o conceito de operações em todo o Espectro do Conflito - alta, média e baixa intensidade - aplicam a Força em teatros de operações normalmente não lineares, tendencialmente urbanizados, e através de uma contínua e concomitante combinação de quatro elementos: ataque, defesa, operações de estabilização e de apoio humanitário (civil support operations), simultaneamente, como parte de uma força combinada interdependente para ganhar manter e explorar a iniciativa, aceitando correr riscos controlados a fim de criar oportunidades para alcançar o resultado decisivo. São empregues ações sincronizadas – letais e não letais – proporcionais á missão. Toda a informação, decorrente das operações, é transmitida de forma clara e com o entendimento de todas a variáveis do ambiente operacional.

Paralelamente ao aparecimento do conceito de operações em todo o espectro ressurgiu, com maior ênfase no Iraque e Afeganistão, o ambiente subversivo. É perante este cenário de incerteza e de grande ambigüidade que as Forças Nacionais irão ser empregues no futuro, quer tenham tempo de preparação e planeamento para a missão (caso das FND's), quer sejam projetadas num curto espaço de tempo no âmbito de uma Operação de Resposta a Crise (caso das NRF). De facto, as forças da OTAN, aliança da qual Portugal faz parte, encontram-se perante um enorme desafio de estarem preparadas para atuar em todo o espectro das operações, com

a possibilidade cada vez maior de atuar num ambiente subversivo, em ambiente urbano, quer seja numa operação art.º 5º ou Não art.º 5º. De forma a cumprir os compromissos internacionais, minorar baixas e aumentar a eficiência das nossas forças, torna-se imperativo analisar o processo de formação e de treino.

O objetivo deste artigo partilhar conhecimento e descrever como executamos o treino operacional no 1BIMec.

2. TREINO VERSUS OS ELEMENTOS DO FULL SPECTRUM OPERATIONS (OPERAÇÕES EM TODO O ESPECTRO)

As Operações em todo o Espectro (Full Spectrum Operations) aplicam o poder de combate através de uma contínua e simultânea combinação de quatro elementos: ataque, defesa, estabilização e de apoio humanitário (civil support operations). Cada um destes elementos tem como principais tarefas, as seguintes:

Operações ofensivas

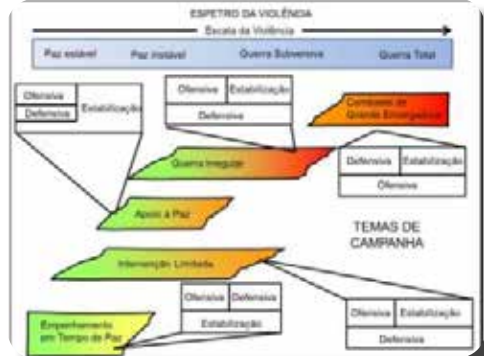
- Marcha para o contato;
- Ataque;
- Perseguição;
- Exploração.

As finalidades destas tarefas são: deslocar, isolar, romper ou destruir a ameaça; manter a posse de terreno decisivo; privar a ameaça de recursos; desenvolver uma rede de Intel; iludir e desviar a ameaça; criar um ambiente seguro para o sucesso das operações de estabilização.

Operações Defensivas

- Defesa Móvel;
- Defesa de Área;
- Operações retrógradas.

As finalidades destas tarefas são: deter ou destruir a ameaça; ganhar tempo estratégico; economizar forças; manter a posse de terreno decisivo/chave; proteger populações, infraestruturas e meios vitais; desenvolver uma rede de Intel.





Operações de Estabilização

- Estabelecer um ambiente seguro e estável;
- Apoiar o restabelecimento da segurança;
- Apoiar a governação e o desenvolvimento;
- Restabelecer serviços essenciais;
- Apoiar a recuperação e desenvolvimento de infraestruturas;

As finalidades destas tarefas são: proporcionar um ambiente seguro; estabelecer áreas seguras; Satisfazer as necessidades básicas das populações; obter apoios para o governo da HN; moldar o ambiente para permitir às autoridades da nação hospedeira e às organizações civis, desenvolver as suas atividades com sucesso.

Operações de Apoio Civil

- Apoio na prevenção e resposta a acidentes graves ou catástrofes;
- Apoio nas necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida das populações;
- Apoiar na resposta a acidentes graves/incidentes NBQR-E;
- Outros apoios...



As finalidades destas tarefas são: salvar vidas; restaurar os serviços essenciais; melhorar a qualidade de vida das populações; manter ou restabelecer a ordem.

Ao constatarmos a imensidão de tarefas rapidamente se conclui que a organização e treino de uma unidade operacional, com vista dar uma

resposta imediata a todo o espectro de operações é um objetivo muito ambicioso que exigirá as unidades prolongados e aturados períodos de empenhamento operacional com disponibilidade de equipamentos, abastecimentos das diversas classes e com recursos humanos especializados ao nível das suas competências individuais mas também na interação com os seus pares.

3. PRINCÍPIOS DO TREINO

Todo o treino tem por base um conjunto de princípios que os comandantes a todos os níveis devem ter como linhas orientadoras para o planeamento do treino da sua unidade, são eles:

OBJECTIVO – Consiste na determinação de objetivos bem definidos a todos os níveis o tanto mais pormenorizados, quanto mais baixo for o escalão considerado. Tem por base os seguintes corolários: A preponderância dos resultados em detrimento dos meios e processos utilizados para os atingir; A otimização da relação custo/eficácia; O rendimento do sistema, em termos da minimização do tempo necessário para se atingirem os fins fixados; A correspondência entre o planeamento, a execução e a avaliação; O papel preponderante da validação como fator da melhoria do sistema (validação interna/eficiência) e da sua adequação as situações reais de desempenho (validação externa/eficácia).

REALISMO – Por realismo entende-se o controlo, no decorrer da instrução, das variáveis que ocorrerem no campo real. O paralelismo que tem de existir entre as situações reais (“TRAIN AS YOU FIGHT”) e as situações de treino, que as servem, constituirá sempre o maior desafio dos que tem por missão planear, conduzir e avaliar, validar o treino, mas também o ponto de referencia mais importante para todo o aparelho militar.

DESCENTRALIZAÇÃO - Traduz-se na capacidade dos comandantes atribuírem responsabilidades de planeamento e de execução aos escalões subordinados, em definirem objetivos e em fornecerem recursos compatíveis com as responsabilidades atribuídas. A observação deste princípio implica também que o treino seja multe escalão e de pares.

ORIENTADO PARA A EXECUÇÃO - Pretende-se que cada individuo seja capaz de executar em vez de saber como se faz.





CRUZADO - Cada elemento de uma mesma unidade orgânica elementar (esquadra, secção, guarnição), deve ser capaz de desempenhar as funções dos restantes, pelo que é essencial a rotação de funções durante o treino.

INTEGRADO – O treino dos elementos recém-chegados a determinada unidade, ocorre também por terem de se integrar em equipas onde já se encontram elementos mais proficientes. Também deve existir uma integração dos vários sistemas de armas (infantaria, cavalaria, artilharia, força aérea...) e não só um sistema isolado.

CONCORRENTE – é a capacidade de uma unidade utilizar as suas várias atividades em proveito do treino dos quadros e tropas e de outras unidades.

4. TREINAR PARA TODO O ESPECTRO DAS OPERAÇÕES

Face às inúmeras tarefas táticas que caracterizam o espectro das operações e tendo em conta as restrições de tempo (tempo necessário para estar pronto a operar), o treino de todas as tarefas é difícil de alcançar. No entanto, poderemos interrogarmo-nos se o treino para fazer face a todo o espectro de operações passa realmente por treinar todas as tarefas inerentes as mesmas. É nossa opinião que para treinar para todo o espectro das operações são determinadas um conjunto de tarefas que abrangem a maior parte das operações, denominadas tarefas essenciais ao cumprimento da missão, tendo por base um possível teatro de projeção (futuro empenhamento), e elegê-las como prioridade para treino e em simultâneo procede ao levantamento de necessidades e ou recursos para desenvolver o seu plano de treino, que como adiante veremos poderá ter prazos mais ou menos alargados.

Após estes procedimentos dá-se início ao ciclo de treino propriamente dito que contempla 3 fases – Planear, Executar e validar.

Vejam de seguida o processo de desenvolvimento da lista de tarefas essenciais para o cumprimento da missão, e analisemos cada fase do ciclo mais detalhadamente.

Para iniciar o seu planeamento o Cmdt tem em consideração a lista de TECM e a avaliação inicial da situação da sua Unidade.

O Comandante, sustentado e envolvido no processo de decisão do



prioridades relativas ao treino operacional deve ter em conta um possível cenário de emprego da força, como também a ameaça que esta poderá encontrar por forma a estabelecer um ou mais objetivos de treino; tarefas implícitas - não integram a listagem anterior mas que se consideram igualmente importantes.

Após consolidar e priorizar as tarefas táticas, devem ser selecionadas as tarefas consideradas críticas, associadas. Entendem-se como tarefas críticas aquelas que poderão causar danos graves (morte) na força devido à ação direta ou indireta da ameaça (reforçar a ideia com

TECMA		
OBJECTIVOS DE TREINO	TAREFAS ORIENTADAS PARA O CUMPRIMENTO DA MISSÃO	PRIORIDADE DE TREINO
1 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA (defesa de pontos sensíveis, simulação, exercícios, etc)	Conduzir operações de presença	2
	Executar preparação área (pontos sensíveis, itinerários, instalações)	1
	Conduzir uma operação de inteligência, vigilância e reconhecimento	1
	Executar recostas - unidades ou tropas	2
	Tratar e evacuar feridos	2
2 OPERAÇÕES EM AMBIENTE CFC	Montar e operar um CP móvel / Flot	2
	Estabelecer e validar uma ZMS	2
	Manobração de Baricadas	1
	Dispositivos móveis - Condutor de Máquina, Veículo, Carga, Segurança, parafusos (Barril em Função)	4
	Emprego de Equipar Especial em apoio a Operações de CT - Equipar Comandos - Equipar de recuperação / Promoção -	3
	Equipar Inter - Fuzil	4
	Dispositivos base - Condutor Feridos, Alvo, Barragem	3
Emprego de meios aéreos em CT (plata e saída de helicópteros e Segurança)	4	
3 OPERAÇÕES EM AMBIENTE URBANO (SECUR E BUSCA)	Detecção, Fuzil e Condução de indivíduos (Técnicas de abordagem, Técnicas de busca, Técnicas de instalação)	2
	Manobras Controladas de Tanques	2
	Ajuda como elemento de Carro	1
	Ajuda como elemento de Bateria	1
	Conduzir Carro e Bateria	1
	Conduzir um Outgo de Mito	1
	Estação de rádio Combatentes	3
	Accesso a um edifício	1
	Processar Documentos e Equipamentos Capturados	4
	Reconhecer uma PJ, um Objectivo ou uma atividade	1
Conduzir a limpeza de uma área edificada	2	
Paragem ao contacto / Paragem a uma emboscada	1	
4 CBO'S (CROSS Boundary Operations)	Conduzir uma Operação de Ligação	3
	Conduzir Planalhamentos	2
	Montar e Operar FO sMPE's	1
	Executar Itinerário de um Atividade	4
	Outgo uma Zona de Recurso / FOB	3
5 OPERAÇÕES DE APOIO E CALAMIDADES	Montar e operar Pontos de Controlo	2
	Estabelecer ligação com autoridades locais	4
	Evacuar feridos	2
	Tratar uma área	1
	Tratar e evacuar feridos	2
Limpeza de áreas afetadas	3	

estado - maior, o responsável pelo planeamento do treino e no estabelecimento de prioridades, face à análise da situação, determinará: tarefas explícitas - expressas nas diretivas, planos de treino, ordens ou planos de operações do escalão superior. Ao disseminar as linhas orientadoras e

uma exemplo: tarefa reagir a uma emboscada; tarefas críticas - controlo e disciplina de fogo;...) Estas tarefas poderão ainda subdividir-se nas que terão de ser executadas por reação a iniciativas da ameaça e as que terão de ser executadas por iniciativa da força. Este constituirá um passo importante na determinação da lista prioritária de tarefas essenciais ao cumprimento da missão a treinar obrigatória e proficientemente ainda que com prejuízo das restantes. Isto porque, as ações da ameaça que podem causar ferimento ou





morte terão de ter uma resposta rápida e instintiva, da nossa força, de forma a minimizar os seus efeitos. Neste sentido, as condições criadas para treino destas tarefas e os níveis definidos a atingir, deverão ser o mais realistas, devendo-se reiterar o treino das mesmas até que os níveis exigidos sejam atingidos.

Após levantada a lista de tarefas a treinar o comandante deve, mediante o tempo disponível, atribuir uma prioridade, sendo essa prioridade maior consoante a probabilidade de a tarefa acontecer num possível teatro de operações.

Após a lista de tarefas estar consolidada e com as respetivas prioridades de treino, há que ter em conta que o atual ambiente onde decorrem as operações é abrangente e diversificado.

O Cmdt define o seu conceito de treino, os objetivos e estabelece prioridades e finalmente elabora os seus Planos de Treino.

O Plano de treino é elaborado tendo em atenção que a força, tem que ser proficiente, possuir flexibilidade e adaptabilidade para executar uma grande diversidade de tarefas (tipo “*THREE BLOCK WAR*”), sendo assim o treino deve ser faseado, numa primeira fase e gradual até atingir níveis de proficiência aceitáveis e numa segunda fase cíclico (em que as tarefas prioritárias devem ser treinadas pelo menos uma vez por semana) de forma a abranger as tarefas com maior prioridade de treino. Como também deve privilegiar a execução em ambiente de *ALTA INTENSIDADE*, porque só assim é que a força fica apta a cumprir as outras missões – média, baixa intensidade ou vulgarmente conhecidas por operações de apoio à paz – *CONTRÁRIO NÃO É VERDADE*.

Os Planos de treino poderão ser de curto, médio e longo prazo. Não obstante a sua diferente perspetiva temporal todos eles se devem reger pelos mesmos princípios, a saber:

Manter a orientação para a prontidão de combate da Unidade; Promover o treino de armas combinadas; Manter a proficiência nas *TECM* definidas; Focalizar-se no horizonte temporal correto; Integrar a Gestão do risco; Promover a estabilidade na Organização da Unidade; Rentabilizar a utilização dos recursos.

Terminado o planeamento dá-se início à fase seguinte, a *EXECUÇÃO* que engloba 3 sub-fases : Preparação, conduta e recuperação do treino
A 3ª fase do ciclo, avaliação tem por finalidade avaliar o desempenho



prioritárias estas devem ser treinadas numa primeira fase gradualmente e depois ciclicamente.

Em simultâneo treinar a componente física e o tiro. O treino deve ser encarado como um prolongamento da tarefa e não como um caso isolado, ou seja uma tarefa prioritária só está treinada quando a força a consegue realizar sem qualquer excitação com munição real. O Treino físico deve ter como objetivo para além de dar robustez física, dotar os militares um maior desembaraço e resistência na execução das tarefas.

Os exercícios de campo têm como objetivo verificar debilidades na execução das tarefas, para retirar as lições aprendidas e introduzi-las como melhorias nas próximas sessões de treino (Learn and adapt), só assim se atingem altos níveis de treino operacional. Neste exercícios os comandantes devem criar ambientes complexos, dúbios e em situações desconfortáveis com o objetivo de desenvolver a capacidade individual e coletiva das unidades para reagir em situações de stress e de grande cansaço, como também devem contemplar transições rápidas de tipo de missões (tipo Three Block War) dando assim flexibilidade e adaptabilidade á força. Revela-se a importância de associar a cada FTX de UEC ou UEB, o LFX respetivo, sempre que possível de armas

REFERÊNCIA	TAREFAS	NÍVEL A ATINGIR	
		TREINADO	NECESSITA DE PRÁTICA
OPERAÇÕES DE ENSAIOS			
ARTEP - 11-2-0212	Declinar em relâmpago armem em estado	X	
ARTEP - 11-2-0222	Conduzir fogo e movimento	X	
ARTEP - 11-2-0205			
ARTEP - 01-03-41M1			
ARTEP - 01-03-1M14 PDE 2-01-M	Conduzir a limpeza de uma área edificada	X	
ARTEP - 11-2-0212	Conduzir uma operação de vigilância	X	
ARTEP - 11-2-0205	Conduzir uma manobra em posição		X
ARTEP - 11-2-0531 PDE 3-05-00	Conduzir operações com helicópteros	X	
ARTEP - 11-2-0520	Conduzir uma infiltração / estilhação		X
ARTEP - 01-03-119 PDE 2-03-00	Conduzir operações de presença	X	
ARTEP - 01-03-120 PDE 3-05-00	Executar a escola a uma coluna	X	
ARTEP - 11-2-0901			
ARTEP - 01-02-4063 PDE 3-01-M	Tratar e evacuar baixas	X	
ARTEP - 03-0-1251			
ARTEP - 03-0-1219 PDE 5-01-M	Progradi em áreas edificadas	X	
ARTEP - 01-03-1000			
ARTEP - 01-03-110 PDE 2-01-M	Azarrato a um edifício	X	
ARTEP - 03-0-100A PDE 2-01-M	Conduzir Carro e Bateria	X	
ARTEP - 01-03-1115			
ARTEP - 11-2-0505	Conduzir um Golpe de Mão		X
ARTEP - 01-03-1115			
ARTEP - 01-03-1006 PDE 3-01-M	Presenciar uma AE e um Desfilado		X
ARTEP - 01-03-1202			
ARTEP - 01-03-0111	Abri uma Brecha num Obstaculo		X
ARTEP - 11-2-2070 PDE 3-01-M			
ARTEP - 01-03-1024 PDE 3-05-00	Mostrar e operar um CP móvel	X	
ARTEP - 01-02-5021	Consolidar e reorganizar	X	
ARTEP - 01-02-5026			
ARTEP - 01-03-1011 PDE 2-03-00	Conduzir uma Operação de Ligação		X
ARTEP - 01-02-5000	Estabelecer meios alternativos de LU em áreas edificadas		X
ARTEP - 11-2-5001	Sobreviver / apoiar pelo fogo	X	
ARTEP - 01-03-1432	Reagir a ataques Símbol	X	
ARTEP - 01-03-1432	Reagir a fogos indirectos	X	
ARTEP - 01-03-1432	Reagir ao contacto / Reagir a uma emboscada	X	
ARTEP - 01-03-1112			

combinadas.

Este modelo tem como objetivo garantir que uma força atinge o nível de TREINADO para ser empregue num qualquer tipo de cenário e evitando assim o desfocar do treino em tarefas que não contribuem para o cumprimento da missão mas que fazem parte do espectro das operações.

6. CONCLUSÕES

A necessidade e urgência de pretender antever situações e de possuir respostas para as diferentes contingências que vão surgindo, constituem algumas das razões porque o planeamento tende a reduzir as incertezas e os riscos que caracterizam o ambiente, nomeadamente em tempos de grandes mudanças. O bom planeamento ajuda a organização a adaptar-se às circunstâncias peculiares.

Treinar uma força para todo o espectro das operações, na nossa opinião, passa por não treinar todas as tarefas inerentes a ele, mas sim por filtrá-las segundo a sua probabilidade de ocorrerem num determinado cenário e priorizá-las de acordo com a missão principal da força. O plano de treino deverá ser gradual para que os executantes mecanizem os procedimentos (do simples para o complexo e da alta para a baixa intensidade). Deverá ser sustentado e ter como base o aperfeiçoamento da Técnica individual de combate – regresso ao essencial bem como na descentralização da execução - Comando Missão. Admite-se que os exercícios setoriais devem, sempre que possível, permitir validar o treino de Operações em Áreas Edificadas, a prevenção e reação a Improved Explosive Devices (IED), privilegiar a manobra em detrimento da atrição, a execução, e transição bidirecional, entre operações de média e alta intensidade. Revela-se ainda a importância de associar a cada FTX de UEC ou UEB, o LFX respetivo, sempre que possível de armas combinadas.

Bibliografia:

1. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Publicação doutrinária 3-0, Operações - Abril 2012
2. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Reflexões de experiência feita, 1º BIMec/BrigMec, NRF 5, 2006, 159 pp
3. EXÉRCITO PORTUGUÊS, A Certificação do AgrMec/BrigMec/NRF 12, Reflexões e Lições Aprendidas, 2012, 184 pp
4. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Diretiva nº1 do 1º BIMec/BrigMec, 2013
5. NATO, ATP 3.2.1, Allied Land Tactics, 2009
6. NATO, Non-Article 5 Crisis Response Operations, AJP-3.4, North Atlantic Treaty Organization, 2005
7. US ARMY, Field Manual 3-0 Operations, 2008
8. US ARMY, Field Manual 7-0 Training the Force
9. US ARMY, ARTEP 71-2 Mission Training Plan, Tank and Mechanized Battalion, 2004



Maj Inf Jesus



Cap Inf Narciso

Endereços eletrónicos consultados:

- <http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Publicacoes/Documents/Reflex%C3%B5es%20de%20Experi%C3%Aancia%20Feita.pdf>
- http://www.army.mod.uk/training_education/training/20541.aspx
- <http://www.army.mod.uk/operations-deployments/22713.aspx>
- http://www.armyrecognition.com/united_states_us_army_artillery_vehicles_system_uk/centurion_cram_landbased_weapon_system_phalanx_technical_data_sheet_specifications_pictures_video.html
- [http://www.exercito.pt/sites/EPI/Publicacoes/Documents/AZ_187_AGO09\(1\).pdf](http://www.exercito.pt/sites/EPI/Publicacoes/Documents/AZ_187_AGO09(1).pdf)





AS OPERAÇÕES NÃO SE APRENDEM, VIVEM-SE

“Se quisermos que a glória e o sucesso acompanhem nossas armas, jamais devemos perder de vista os seguintes fatores: a doutrina, o tempo, o espaço, o comando, a disciplina.”

SUN TZU

1. INTRODUÇÃO

a. GENERALIDADES

Vivemos numa sociedade globalizada e muito complexa, onde as características e as permanentes mudanças sociais que a definem são imprevisíveis e inconstantes. A evolução tecnológica como necessidade premente do conhecimento requer do ser humano uma permanente adaptabilidade, criatividade, capacidade de crítica, capacidade de inovação e reação positiva para fazer face ao inesperado.

Face a esta mutualidade da sociedade, o ambiente operacional onde se desenrolam as Operações Militares é por si ambíguo e imprevisível, sendo cada vez mais difícil a correta identificação, caracterização e localização das ameaças e riscos.

Para fazer face às incertezas do atual ambiente operacional, uma força na sua génese deve-se caracterizar pelos princípios seguintes:



adaptabilidade, modularidade, precisão, nível de prontidão e flexibilidade de emprego; como princípios orientadores para viabilizar o seu emprego num cenário difuso e inconstante onde a ameaça rentabiliza a sua ação e modo de atuação, através do perfeito conhecimento do meio envolvente.

b. SITUAÇÃO

(1) Enquadramento

O 1BIMec/BrigMec recebeu a missão de aprontar durante o 4º trimestre de 2013 e 1º trimestre de 2014 uma força a fim de integrar a KTM/TACRES/KFOR no âmbito da Operação JOINT ENTERPRISE no Teatro de Operações (TO) do KOSOVO.

Para fazer face às exigências do TO, o Batalhão elaborou um Plano de Treino Operacional¹, com orientações para a condução da Formação, do Treino Operacional e das Operações, conferindo prioridade às tarefas essenciais ao cumprimento de Operações de Estabilização. Estas tarefas estão relacionadas com o ambiente que se vive no TO e visam a manutenção dos requisitos operacionais exigidos à certificação da Força. Durante a execução do plano privilegiou-se uma sequência de treino operacional progressiva, que privilegiou o treino em Alta – Média e Baixa Intensidade, do simples para o complexo, do individual para as coletivo, com o máximo rigor, realismo e dureza, sempre no estrito cumprimento das normas de segurança em vigor². Como resultado final



do treino efetuado o batalhão atingiu a Versatilidade e Adaptabilidade necessárias para fazer face às contínuas alterações do Ambiente Operacional.

Já no TO e como KTM/TACRES/KFOR, e antes de se declarar a Full Operational Capability³, a força durante aproximadamente uma semana, validou os critérios de Comando e Controlo, Interoperabilidade e Proteção da Força, permitindo à KTM

manter a possibilidade de intervir com duas unidades de manobra (uma Companhia Portuguesa e outra Húngara).

¹ Diretiva de Treino Operacional do 1BIMEc de 2013 a 2014, data 14Nov12.

² Relatório Final de Aprontamento do 1BIMEc, de 20Mar14.

³ Full Operational Capability – Força pronta, de acordo com os critérios pré-definidos, para ser empenhada em Operações.





(2) O Atual Ambiente Operacional do TO do Kosovo

Atualmente o TO do Kosovo, caracteriza-se por existir uma ambiguidade política de expectativas e incertezas, em consequência do vazio de poder a que se assiste no Governo de Pristina. Da expectativa, porque se aguarda uma decisão para se saber se existem eleições antecipadas ou não – pelo que não se antevê tendências confortáveis para o curto prazo; Das incertezas, porque se constata, que apesar da existência de um pré-acordo entre a Sérvia e o Kosovo, para nomear juízes sérvios para o Norte do Kosovo com a finalidade de exercerem a força da lei, a concretização deste assunto só é viável após nomeação oficial do novo governo do Kosovo. Até se verificar a eleição de um novo governo, no NORTE do Kosovo apenas se mantém, sob a jurisdição da EULEX, os julgamentos com maior importância.

Recentemente foram detidas 42 pessoas pela Kosovo Police, por se encontrarem na posse de armamento e explosivos, e se admitir estarem associadas a fações extremistas islâmicas presentes no Kosovo. A maior parte destas detenções foi realizada no SUL do Kosovo.



Resumindo, o ambiente operacional do TO é ambíguo e imprevisível. Ambíguo, devido ao desconhecimento das futuras decisões políticas; imprevisível pela incerteza de quais serão as intenções ou ações das fações extremistas presentes no TO⁴.

(3) Palavras-Chave

- Comando e Controlo (C2);
- Interoperabilidade;
- Proteção da Força;
- Flexibilidade;
- Iniciativa Disciplinada.

⁴ Memorando do 1BIMec “Das Operações no Kosovo”, de 14AGO14.

(4) Finalidade

Este artigo tem por finalidade, descrever como o 1BIMec/KFOR como uma força de reserva, designada de KTM⁵ se articulou e conduziu as operações segundo o conceito prescrito para o empenhamento da reserva.

2. AS OPERAÇÕES NO TO

a. Conceito e método de emprego utilizados

Uma reserva tática pode ser empregue por terra ou por ar em todo o TO com a finalidade de restabelecer o SASE⁶ em caso da sua deterioração. Para tal a força necessita de estar sempre pronta a cumprir uma vasta panóplia de missões táticas em todo o espectro das operações.

Para ser empregue como reserva tática a KTM combinou transições entre o treino e operações, através da aplicação do método: treino de aperfeiçoamento operacional – prontidão – projeção/operações (TRAIN – ALERT - DEPLOY⁷), de modo a estar apta e pronta a cumprir todas as tarefas definidas pelo escalão superior. Este método permitiu à KTM manter um nível de proficiência contínuo na execução de missões táticas e tarefas essenciais, com maior probabilidade de serem executadas em



caso de empenhamento. Assegurou uma constante prontidão para uma possível projeção, adaptabilidade para fazer face às contínuas alterações do ambiente operacional

e versatilidade, para agir, simultaneamente, em situações de combate próximo e de acordo com a gradação da força prevista nas Rules of Engagement (ROE)⁸.

⁵ Kosovo Tactical Maneuver

⁶ SASE – safety And Secure Environment

⁷ De acordo com o OPLAN “PARADIGM SHIFT” que enquadrou o empenhamento da 1BIMec/KFOR durante 6 meses, de Abril 14 a Setembro 14.

⁸ Diretiva de planeamento do 1BIMec, 2012-2014, 20 de Setembro de 2012





Com os critérios do Comando e Controlo (C2), Interoperabilidade e Proteção da Força consolidados e validados, através de um contínuo aperfeiçoamento, a KTM esteve pronta a responder às solicitações superiores. Tendo por base estes critérios e com a finalidade de obter flexibilidade para o emprego e dentro dos parâmetros doutrinários NATO, a força mediante a missão atribuída, articulou-se em dois níveis de empenhamento: Nível 1, com uma unidade de manobra; Nível 2, com duas unidades de manobra.

No que respeita ao planeamento e execução das operações, a força privilegiou o planeamento centralizado e uma execução descentralizada (“O verdadeiro método, quando se tem homens sob as nossas ordens, consiste em utilizar o avaro e o tolo, o sábio e o corajoso, e em dar a cada um a responsabilidade adequada.” – Sun TZU), onde se evidenciou o conceito doutrinário do Comando – Missão privilegiando a iniciativa disciplinada dos escalões subordinados e a descentralização na execução das operações, de forma convergente com a intenção do Comandante (iniciativa disciplinada). Este planeamento integrado permitiu uma



rápida resposta da força às exigências superiores, o que colmatou a falta de tempo dos mais baixos escalões para planearem as suas ações. Este conceito com o decorrer do tempo associado

ao aumento da experiência acumulada dos diferentes patamares de comando encontrou espaço para se desenvolver, permitindo ganhos e resultados de produtividade significativos merecendo estes a apreciação do escalão superior.

Associado aos resultados obtidos, resultante de um eficaz emprego da KTM, não nos podemos abster do contributo significativo e importância que teve a utilização dos equipamentos sofisticados e tecnologicamente evoluídos como elementos multiplicadores de potencial de combate, nomeadamente o mini-uav LIGHT RAY, a viatura PANDUR e o rádio PRC 525. Este contributo potenciou e credibilizou a força nomeadamente no comando e controlo, na informação, na vigilância, no reconhecimento, na pesquisa e transmissão de dados e imagem, na proteção da força, equiparando-a com forças tecnologicamente

evoluídas presentes no TO (i.e., EUA).

b. Viver as Operações

Concentrando a nossa atenção nas operações efetuadas devemos sublinhar, antes de mais, o facto de o 1BIMec/KFOR até à data, ter realizado num espaço de aproximadamente cinco (05) meses 21 operações, evidenciando a intensidade operacional a que a força foi submetida⁹. As operações efetuadas foram desenvolvidas num esforço conjunto de multinacionalidade de recursos humanos, materiais e tecnológicos onde a Versatilidade, Adaptabilidade e Interoperabilidade para agir, simultaneamente, em situações de gradação da força com atividades realizadas em Low Profile/Low Visibility¹⁰ (Patrulhas, Intel Gathering¹¹, Vigilância), se constituíram como um marco importante



e decisivo para alcançar o estado final de cada uma, reforçando a credibilidade da força, através dos contributos dados para os objetivos superiormente estabelecidos.

Como reserva tática a força conduziu, tendo por base o espetro das operações, desde o ISR¹² ao CRC¹³, passando pelas operações relativas à área de interesse KTM AOI (Patrulhas de Presença, Observação, Intel Gathering), localizada numa área sensível e volátil do TO.

É nossa intenção de enunciar, de forma geral, algumas operações, das quais se evidencia a expressão utilizada para identificar o nome presente artigo. Das Operações desenvolvidas, salientamos a exigência técnica, física e psicológica que as caracterizaram, contribuindo para fornecer dados em tempo oportuno ao escalão superior, e concomitantemente, para a proteção da força. A palavra-chave deste sucesso esteve no tempo oportuno, e precisão de empenhamento, que importa dizer que foi alcançado pela força possuir a capacidade de transmissão da informação

⁹ Sensivelmente uma operação por semana

¹⁰ Baixa visibilidade e presença reduzida de forças numa determinada área

¹¹ Recolha de Informações de acordo com um Plano de Pesquisa

¹² ISR – intelligence, surveillance and reconnaissance operations

¹³ CRC – crowd and control military operations





em tempo real através do rádio ou pelo mini – UAV, sobre a atividade existente nas diferentes áreas onde a força operou, constituindo estes meios um multiplicador de potencial de combate, significativo.

A volatilidade e a mudança repentina do ambiente operacional no Kosovo fizeram com que o escalão superior tivesse que empenhar a sua reserva (KTM) para à ordem intervir a fim de evitar um conflito inter-étnico, e restabelecer o ambiente calmo e seguro. Perante a



ameaça de uma manifestação degenerar em atos violentos, a KTM, planeou a operação “SKYFALL” onde contemplou o pré-posicionamento da força numa determinada Assembly Area (AA)¹⁴; acautelando e preparando em simultâneo,

todas as possíveis missões táticas e tarefas essenciais associadas, passíveis de realizar em caso de empenhamento, sustentados na gestão do risco para a execução das mesmas. A projeção decorreu dentro da normalidade, aguardando a força já na AA o desenvolvimento da manifestação, onde devido à sua organização interna, manteve sempre uma atualização em tempo real sobre o que estava a acontecer no terreno. De um momento para o outro, tudo mudou: o TCP¹⁵ recebe a informação que a manifestação se tinha tornado violenta. Quase em simultâneo, a força recebe a ordem do escalão superior para se pré-posicionar num curto espaço de tempo numa outra AA localizada a cerca de 1Km do local da manifestação. O Comandante dá a ordem “vamos sair”, os motores das viaturas começam a soar, a força estava pronta a sair em menos de cinco minutos, entretanto, as indicações tinham sido transmitidas aos comandantes subordinados, a operação “SKYFALL II” estava a rolar. Durante o deslocamento, os relatos contínuos do escalar da violência foram mantendo a força informada

¹⁴ AA – Zona de Reunião

¹⁵ TCP – Tactical Command Post. Organização interna da força para operações, onde se articula em TOC (Tactical Operational Center) e que se necessário, se associa, ao grupo de Comando.

da situação do local, relevando-se a informação recebida de que os manifestantes estavam a fabricar cocktails molotov dentro de uma determinada casa. Relato este transmitido de imediato à Força e ao escalão superior. A força chega à AA, com os updates contínuos da situação e com a difusão de novas orientações do escalão superior, e em 07 minutos a “SKYFALL III” estava a ser implementada. A força executou missão tática de vigiar uma determinada área adjacente ao local da manifestação a fim de informar possíveis reações por parte de uma das partes, e concomitantemente, controlar o acesso a uma ponte, com a possibilidade de poder vir a bloquear os acessos, caso a situação se deteriorasse; Manter um conhecimento da situação geral e particular muito detalhado, para se necessário intervir à ordem no local da manifestação. Ao receber a missão tática os comandantes subordinados, mandam sair as suas forças para o local onde teriam de desempenhar as respetivas missões táticas, aproveitando o deslocamento para refinar o restabelecer da missão, revelando a capacidade de lidar com a incerteza, sustentados na confiança da cadeia de comando que fomenta o espírito de iniciativa disciplinada e autonomia no processo de tomada de decisão, dos comandantes dos baixos escalões.



Passados três (03) dias, outro evento suscitou a nossa Força. Para o efeito, a KTM foi reforçada com uma unidade de manobra, para, se necessário intervir com a finalidade de prevenir conflitos interétnicos. Com um tempo muito reduzido para planeamento, suscitando acrescidos problemas às unidades subordinadas, foi numa fase inicial, transmitido o conceito da operação apenas com base num esboço de um transparente de operações, o que permitiu às partes iniciarem o seu próprio restabelecer da missão. Fase após fase, o Batalhão, e de acordo com a informação e orientações do escalão superior, ia validando os diferentes produtos associados. Nasceu assim a operação “SCORPION RIDER”, que após a condução de um ROCK DRILL¹⁶ se constatou estar a operação pronta a ser executada. As subunidades, antes do dia nascer

¹⁶ Jogo da guerra efetuado com a finalidade de sincronizar ações e refinar procedimentos.





estavam a sair para ocupar os postos de observação, efetuar patrulhas e ocupação das AA. Estava tudo em posição e os primeiros relatos começaram a surgir. A informação era clara e precisa, permitindo a todas as partes estarem por dentro da situação. De repente, o inesperado acontece: a força recebe orientações que deve ocupar num curto espaço de tempo uma nova AA, com a finalidade de reduzir a sua exposição a determinadas entidades. Uma vez mais o comandante, após ouvir o comandante da unidade de manobra, decide a ocupação de uma nova AA. Em cerca de 15 minutos a mesma encontrava-se pronta a reagir em caso de necessidade. A informação sobre a tensão no local foi passada em tempo real para o escalão superior e a força estava pronta a intervir apesar da pressão e incertezas criadas. Os ânimos acalmaram e a força monitorizou todos os movimentos e ações decorrentes da cerimónia. De realçar que nesta operação estiveram envolvidas cinco nacionalidades a interagir, a relatar e prontas para intervir. Desta operação destacamos, a interoperabilidade, a flexibilidade e a Cultura institucional própria do 1BIMec; a interoperabilidade porque a força atuou de uma forma coesa e segundo os critérios definidos no ACO Force Standards¹⁷, o que demonstra a preocupação internacional na preparação das forças; a flexibilidade no que respeita à rápida e eficaz adaptação para ir de encontro às indicações do escalão superior sem afetar o cumprimento da missão e muito menos a proteção da força; cultura institucional na execução do rápido e eficaz planeamento colaborativo para fazer face ao curto tempo, não afetando o planeamento das unidades de manobra.

3. CONCLUSÕES

O 1BIMec caracteriza-se, e prima, por manter ao longo dos anos uma continuidade da ação de comando focada na passagem de conhecimento e conduta interna da unidade entre os quadros que constituem e vivem a unidade. Isto tem permitido a manutenção de um fio condutor, que possibilitou e assegura, que o conhecimento relacionado com o treino

⁷ Define os critérios que uma força da Componente Terrestre deve atingir para efeitos de certificação. Vol II e VII

operacional, com prioridade para as operações, se caracterize por uma intemporalidade, adaptável ao ambiente operacional previsto para o emprego da força.

Um fator determinante para o sucesso de uma força está relacionada com a sua adaptação rápida ao ambiente operacional caracterizado, atualmente, como complexo e incerto. Constitui-se como desafio para ação de comando a adoção, adaptação e prática, da doutrina Comando-Missão orientada para as operações, e assegurada através de uma execução descentralizada baseada em ordens tipo- missão; que após solidificada e validada se constitui, na nossa opinião, como uma solução para fazer face às constantes e inerentes incertezas do ambiente operacional.

A preparação das forças segundo um padrão internacional revela-se ser bastante eficaz e facilitador para assegurar a interoperabilidade entre as forças de nacionalidades diferentes.

Perante as incertezas do ambiente operacional, Viver as Operações, é um trabalho árduo, do ponto de vista técnico, tático, físico e psicológico, realizado na preparação da força, e testado no fluir no decorrer das operações. Tudo isto permite tornar o que parece difícil em fácil, desde que se mantenha em mente o farol que para nós se resume, simplesmente, em cumprir a missão atribuída. Viver as operações é elevar o nome de Portugal além-fronteiras através do empenhamento dos seus nobres soldados em “Levar a Carta a Garcia”.

Viver as operações é

“...Nesta perspetiva, o meu pensamento flui, em primeiro lugar, para os militares do 1.º BIMec que, no TO do Kosovo, cumprem com exemplar abnegação, zelo e profissionalismo, a missão de Reserva Tática da KFOR, muito dignificando e prestigiando o Exército, as Forças Armadas Portuguesas e Portugal. ...” – Mensagem do Comandante da Brigada Mecanizada, Major General Luís Nunes Da Fonseca, Newsletter Nº11 da BrigMec de 01AGO14.



Cap Inf Narciso





LOGÍSTICA DAS PEQUENAS UNIDADES: DOS PRINCÍPIOS ÀS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

"Forget logistics, you lose."

Lt. Gen. Fredrick Franks, USA, 7th Corps Commander, Desert Storm

Ao longo das últimas quatro décadas, tem-se assistido a uma mudança profunda na forma como se aplica a Logística das pequenas Unidades, mantendo elevados níveis de apoio à condução das operações.

Desde os tempos do Ultramar em que Portugal conseguia projetar e sustentar um elevado número de forças militares e vários Teatros de Operações em simultâneo, passando pela década de 80 em que a então Brigada Mecanizada Independente no âmbito do Treino Multinacional projetava sucessivas Unidades Mecanizadas para o Norte de Itália, a "fórmula" de aplicação do conceito Logístico tem alterado forçosamente os coeficientes de rentabilização e o princípio da economia sobre os recursos existentes em detrimento de um conceito de apoio generalista. Pretendo com este artigo evidenciar algumas experiências vividas no âmbito da Logística das pequenas Unidades.

Ao longo do meu percurso militar, todo ele passado no 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, enquanto Comandante de Companhia e Pelotão tive a oportunidade de sentir o pulsar das Unidades requisitantes do apoio logístico, e enquanto Oficial de Logística, sentir a dificuldade em apoiar pela constante escassez de recursos e a necessidade em manter elevados níveis de operacionalidade da Força.

Enquanto Oficial de Logística tive diversos desafios, mas aqueles em que mais me senti realizado profissionalmente foram os diversos exercícios de Batalhão em que tive o privilégio de comandar os Trens de combate. Doutrinariamente os trens de combate são da responsabilidade do Oficial de Logística e servem como um apoio imediato às unidades em 1º escalão. Os trens de combate, também designados na gíria mecanizada de 35MM, compreendem uma estrutura modular¹ que por norma são constituídos

¹ A organização modular significa pois a possibilidade de, sem qualquer perturbação, poder combinar, a partir de uma estrutura-padrão, forças (módulos) à medida da situação e alterá-la, a qualquer momento, conforme o requerido.

por: uma equipa de reabastecimento Classe III em viatura M49, uma equipa de transporte de munições em viatura de rodas ou lagartas, o respetivo apoio sanitário com ambulância M113 e apoio de manutenção adequado com equipa de contacto, manutenção e recuperação em viaturas de rodas e mecanizada M 578.

Recordo particularmente o Exercício ROSA BRAVA em 2012, em que o 1BIMec foi reforçado com 5 equipas sanitárias do Hospital Cirúrgico Móvel. Neste Exercício foram criados incidentes com inúmeras baixas (pessoal e viaturas) obrigando os trens de combate a proceder a evacuações e tratamentos massivos. Foi nesse momento que me apercebi da importância do treino integrado com os módulos dos trens de combate, que para além do treino específico deve ainda incluir o seguinte:

- Orientação pedestre e em viatura;
- Treino exaustivo com caixa de areia;
- Comunicações rádio;
- Segurança aos trens de Combate em deslocamento e em zona de reunião;
- Reação a emboscadas

Pessoalmente comparo os trens de combate a um guarda-redes de uma equipa de futebol, em que poderão passar um jogo inteiro sem ser necessário intervir, mas no momento em que são chamados, têm pouca margem para errar.

Para além desta experiência, tive ainda a oportunidade de servir como Oficial de Logística na FND do Kosovo em Pristina. Com a aquisição do Campo Slim Lines pelo Estado Português e posterior receção e sustentação de um Contingente Húngaro, as funções logísticas passaram a ter responsabilidades acrescidas em diversas áreas de trabalho.





A Logística nesta FND trabalha essencialmente 3 áreas: apoio às operações, constituir-se como National Support Element e como nação líder garantir a gestão do Campo Slim Lines.

Ao longo desta missão fui aprendendo a valorizar o princípio logístico da “Interdependência com a Manobra” que alerta para a perfeita sintonia que deve existir permanentemente entre as operações e o apoio logístico, constituindo-se como um fator multiplicador de força. Apoiar logisticamente qualquer manobra, significa planeamento detalhado, pró-atividade e acima de tudo flexibilidade para que se possa adaptar com rapidez e eficiência às mudanças de cenário, garantindo o desiderato que tantas vezes ouvi do Comandante: “fluidez operacional”.

Mas na missão do Kosovo, Logística é bem mais do que apoiar as operações em curso, Logística significa um olhar atento às necessidades do Campo e dosar o emprego dos recursos materiais disponíveis, sem esquecer as potencialidades do mercado local. Como os recursos são sempre escassos e as verbas limitadas, é fundamental encontrar soluções que possam contribuir para a redução de custos e respetiva otimização de serviços.

Garantir apoio logístico em Território Nacional ou em FND nos tempos atuais para além de ser um grande desafio é sentir que contribuímos para sucesso da missão, tendo sempre presente a máxima de que *“Forget logistics, you lose.”*

Referências:

PDE 4.00 LOGÍSTICA de Abril de 2013



Cap Inf Campos

MANUTENÇÃO – O TRABALHO INVISÍVEL

A função logística manutenção numa Força Nacional Destacada (FND) contribui para o cumprimento da missão da mesma, esta função logística funciona claramente de forma diferente em Território Nacional (TN) e no Teatro de Operações (TO) do Kosovo da Kosovo Force (KFOR) embora as duas situações procurem atingir o mesmo objetivo, manter a operacionalidade das viaturas e equipamentos de uma FND.

Em TN, durante o aprontamento de uma FND, mais especificamente na Brigada Mecanizada (BrigMec) onde se insere o 1ºBatalhão de Infantaria Mecanizado (1BIMec), existem quatro grandes intervenientes na execução e gestão da manutenção, nomeadamente a Secção de Manutenção (SecMan) do 1BIMec, o Oficial de Manutenção (OfMan) do 1BIMec, o Batalhão de Apoio de Serviços (BAS) e por último o Oficial de Manutenção da BrigMec. Estes intervenientes são na realidade o canal técnico da manutenção, sendo que o 1BIMec assim como outras Unidades da BrigMec não têm ligação direta com a Direção de Material e Transportes (DMT).

O OfMan do 1BIMec/KFOR é um Oficial do Estado-maior Técnico, equivalente ao Oficial de Transmissões e Finanças, no entanto é muitas vezes confundido com o Adjunto da Secção Logística, como todos os oficiais de Estado-Maior (Coordenador, Técnico ou Pessoal) o OfMan caso necessário colabora com a Secção Logística. O OfMan está unicamente subordinado ao Chefe de Estado-Maior (CEM) e ao Comandante do 1BIMEC/KFOR.

O Chefe do Módulo de Manutenção, usualmente designado de Chefe de Oficina, faz a gestão da manutenção, dos elementos constituintes do Modulo de Manutenção é também responsável por aquisições de sobressalentes de valor reduzido, o Chefe de Oficina é também o adjunto do OfMan da FND, sendo o





seu conselheiro nos assuntos relacionados com a manutenção.

A manutenção assenta na disponibilidade de sobressalentes, esses mesmos sobressalentes podem ser fornecidos pelo Canal Normal de Reabastecimento (CNR) ou através de aquisição ao mercado local ou internacional. Na BrigMec, os sobressalentes são requisitados pelo OfMan do 1BIMec ao BAS, após decisão do OfMan da BrigMec, caso haja em CNR na BrigMec e seja justificada a sua necessidade será autorizado o seu fornecimento. Caso não exista em CNR os sobressalentes na BrigMec e sejam necessários para as operações de manutenção o OfMan da BrigMec pode requisitar à DMT ou dependendo do custo/urgência/especificidade do sobressalente existe a possibilidade de utilizar a rubrica¹ de Material de Transporte e Peças (MTP) da BrigMec, para adquirir os sobressalentes no Mercado Local ou mesmo Internacional.

O 1BIMec foi a primeira a FND/KFOR a ter as Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8 durante a totalidade do aprontamento, exemplificando a modernização do Exército no cumprimento das suas missões no estrangeiro. O Sistema de Armas PANDUR não é orgânico da BrigMec, assim para este sistema existiu contacto direto entre o 1BIMec (OfMan) e a Repartição de Apoio à Manutenção (RAM) da DMT. Este novo sistema de armas emprega a aplicação informática ManWinWin, para a gestão da manutenção das VBR PANDUR, permitindo as seguintes modalidades:



- Estado operacional em tempo real da frota PANDUR;
- Estado da Manutenção Programada e Corretiva
- Abrir e fechar Ordens de Trabalho (OT);
- Requisitar sobressalentes ao CNR;

O 1BIMec solicitou autorização à DMT para instalar e utilizar o programa de gestão da manutenção ManWinWin no TN de forma a otimizar a gestão da manutenção das VBR

¹ Atualmente designada de “item financeiro” de acordo com o Sistema Integrado de Gestão do Ministério da Defesa Nacional

PANDUR e ao mesmo tempo simular os procedimentos intimamente ligados à manutenção das PANDUR existentes no TO.

No TO do Kosovo, para FND/KFOR a função logística manutenção sofre alterações mudando os intervenientes, procedimentos, canal técnico e urgência das ações da manutenção devido a razões de índole operacional.

Os intervenientes são Módulo de Manutenção Português, onde se inclui a Secção de Manutenção Portuguesa e a Secção de Manutenção VBR, o OfMan da FND e a DMT com as suas Repartições, nomeadamente RM, RAM, Repartição de Reabastecimento e Serviços (RRS). O canal técnico altera-se em relação ao TN, havendo ligação direta com DMT para todos os assuntos relacionados com a manutenção incluindo para as VBR PANDUR à semelhança de como acontece no TN.



O OfMan será o supervisor e responsável por toda a manutenção na FND/KFOR e o ponto de contacto com DMT (RM, RAM, RRS) para todos os assuntos relacionados com a manutenção de viaturas e equipamentos da gestão da DMT. Todas as ações de manutenção devem ser de acordo com as diretivas da DMT, quaisquer

dúvidas que ocorram a DMT está prontamente a esclarecer.

Durante a Missão do 1BIMec/KFOR de 2014 a DMT apoiou em diversas ocasiões, não apenas em questões de fornecimento de sobressalentes e atribuição de CELs, mas também em aconselhamento de questões de cariz técnico, como por exemplo problemas mecânicos de viaturas PANHARD M11, PANDUR, TOYOTA LAND CRUISER e trabalhos de pintura em viaturas ligeiras. É de referir que o apoio prestado pela DMT foi executado com grande prontidão e rapidez, permitindo reduzir o tempo de inoperacionalidade das viaturas e equipamento da FND/KFOR.

De acordo com as mudanças introduzidas no Exército em 2011² as Unidades do Exército que executam Manutenção de Unidade (as Unidades Utilizadoras) deixaram de ter Listas de Níveis Orgânicos (LNO³)

² Despacho N°225/CEME/2011

³ Muitas vezes referido como Prescribed Loaded List (PLL)





de sobressalentes, passando a não existir sobressalentes em armazém nas mesmas. A únicas Unidades autorizadas a terem sobressalentes em armazém, isto é, Lista de Níveis de Apoio (LNA) são as Unidades responsáveis pela Manutenção Intermédia de Apoio Directo/Geral ou de Depósito (Unidades de Manutenção) de acordo com o “novo” Conceito de Manutenção de 2011. No entanto as FND's (Unidades Utilizadoras) são Unidades com grandes requisitos operacionais e isoladas logisticamente da restantes Unidades do Exército, obrigando no caso específico da FND/KFOR a executar a Manutenção Intermédia de Apoio Direto no TO. Esta necessidade por sua vez contempla obriga as FND's da KFOR a ter em seu poder um armazém de sobressalentes, agora devido ao nível de manutenção a executar (Manutenção Intermédia de Apoio Direto) será com a nomenclatura de LNA⁴.

Os artigos presentes em LNA no TO do Kosovo, poderão ter duas origens, fornecidos através do CNR ou adquiridos através do Mercado Local ou Internacional (caso seja fora do Kosovo).

Os artigos requisitados ao CNR, nomeadamente os sobressalentes são manifestados através da requisição 1012, com destino à DMT, tendo com destino final uma das suas Repartições anteriormente referidas.

O programa de gestão da manutenção ManWinWin empregue nos Sistemas de Armas PANDUR está interligado à rede de dados do Exército, sendo possível utilizar no TO do Kosovo com todas as suas potencialidades, conforme enunciado anteriormente.



valor seja superior à capacidade financeira da FND.

A rúbrica de MTP é empregue na aquisição de sobressalentes para viaturas, as verbas a utilizar vindas dessa mesma rúbrica poderão ser da FND ou atribuídas pela DMT, designado de Crédito Especial Logístico (CEL). O CEL é solicitado quando as ações de manutenção necessitam de sobressalentes cujo

⁴ Muitas vezes referido como Authorized Stockage List (ASL)

Caso os sobressalentes sejam adquiridos através da rubrica de MTP da FND (normalmente para artigos de pequeno valor, até aos 200€ ou 300€), o processo de aquisição é uma simples compra do artigo com fatura em nome de “KFOR, PORTUGUESE ARMY”.

O CEL passa por várias fases, designadamente:

1. Estudo das necessidades, pedido de orçamento à(s) firma(s);
2. Solicitação à DMT de aprovação de CEL e atribuição de verba;
3. Aprovação do CEL e atribuição da verba por parte da DMT;
4. Aquisição dos artigos prescritos no pedido de CEL;
5. Informar a DMT da aquisição e aceitação dos artigos prescritos no pedido de CEL;

Entre o estudo das necessidades e aceitação dos artigos, pode decorrer um período de tempo variável entre 30 dias a 180 dias no máximo.

Em conclusão, a função logística manutenção não se resume simplesmente à reparação de viaturas e equipamentos, está associada a outras funções logísticas como Reabastecimento e Serviços. Existem inúmeros intervenientes, desde o utilizador do equipamento à DMT, todos estes colaboram nos procedimentos necessários para manter a operacionalidade de uma Unidade do Exército.



Cap Mat Balula





O APOIO MÉDICO NA PREPARAÇÃO, PROJEÇÃO E MANUTENÇÃO DA PRONTIDÃO OPERACIONAL DE UMA FORÇA

No presente capítulo, será abordado o apoio médico a uma Força Militar contemplando as suas diversas vertentes. A descrição destas será essencialmente baseada na experiência do módulo sanitário 1BIMec/KTM/KFOR.

Na maioria das atividades o apoio sanitário possui, a meu ver, uma visibilidade inversamente proporcional ao seu desempenho. Existem diversos exemplos desta situação, sendo um deles a medicina preventiva, pois quanto maior o desenvolvimento desta área num batalhão, menor será o número de doentes, em especial os alvo de doenças infecciosas; outro exemplo prende-se com a rapidez, tratamento e acompanhamento dos doentes, quanto melhor, menor o período de convalescença e menor o impacto na força. Por fim, outra ação pouco visível mas deveras importante é a ação de aconselhamento médico realizado pelo Comandante do Módulo Sanitário ao Comandante da Força.

Felizmente existem outro tipo de atividades que conferem alguma visibilidade ao apoio Sanitário e ao trabalho da equipa Médica. Tais atividades, realizadas menos frequentemente que as descritas acima, contemplam a participação das equipas de evacuação de uma forma ativa nos exercícios militares, a colaboração nas ações CIMIC, as atividades de formação interna da força através de palestras ou cursos, as conferências ou reuniões de natureza médica noutras unidades militares e por fim as atividades de natureza científica produzida pelos elementos constituintes das equipas médicas, apresentadas em congressos ou reuniões científicas.

O Apoio Sanitário na Preparação e Projeção de uma Força Nacional Destacada

Focando-me agora no objetivo que me foi solicitado e que se encontra expresso no título deste artigo, irei abordar de uma forma quase simultânea o Apoio Sanitário na Preparação e na Projeção de uma Força.

Como ponto de partida e para uma melhor compreensão do descrito posteriormente, parece-me pertinente iniciar este tema com a orgânica e funções dos elementos do Módulo Sanitário. Este é constituído por cinco elementos: o Oficial Médico que acumula a função de Comandante do

Módulo Sanitário, elemento do Estado-Maior Técnico e de conselheiro do Comandante para as questões sanitárias da força. O Enfermeiro-Chefe do Módulo Sanitário integra a ACOY e é simultaneamente o Comandante da Equipa de Evacuação 1. O outro enfermeiro é o Comandante da Segunda Equipa de Evacuação, possuindo ainda outras funções, como apoiar o Oficial-Médico nas suas tarefas quotidianas assim como o Chefe do Módulo, possuindo ainda a responsabilidade de informar o médico em assuntos relacionados com a Medicina Preventiva. Os restantes 2 elementos são socorristas, integrando as equipas de evacuação, um por cada uma, e quando não empenhados apoiam a equipa médica em permanência no Posto de Socorros.

Durante o período de preparação de uma força, as principais funções desenvolvidas pelo Módulo Sanitário são a realização do Aprontamento Sanitário e a execução do apoio Médico desta. Na primeira atividade destaco a observação clínica pelo Médico e medição de sinais vitais pelos Enfermeiros a todos os elementos da força, sendo estes procedimentos apoiados pela restante equipa. A título complementar, é realizada a solicitação e/ou interpretação dos exames complementares de diagnóstico e a vacinação da força. Para além destas atividades de carácter mais clínico, foi realizado também um breve estudo na tentativa de prever quais as doenças mais prováveis e solicitação de medicação em função disso.

Para além destas funções, o Módulo Sanitário também desenvolveu outras atividades, tais como a realização de palestras com informações no âmbito da medicina preventiva, controlo de comportamentos de risco, toxicologia, Suporte básico de vida, entre outras temáticas adequadas à natureza da missão. Na componente operacional, destaca-se a ação do módulo sanitário no planeamento da missão, através de várias vertentes como a coordenação das ambulâncias no terreno, das coordenações com o escalão superior, estabelecimento de vias de evacuação, desenvolvimento, planeamento e projeção do posto de socorros avançado, estabelecimento de um plano MASCAL e por fim a realização de ações de apoio à população em coordenação com o Oficial com competências na área CIMIC.

Nos exercícios militares, o apoio sanitário apresenta a particularidade de realizar tarefas no âmbito PLAY, ou simuladas, mas acima de tudo, no âmbito NO PLAY, ou reais, sendo cada exercício sempre um desafio pois para além do cumprimento das etapas planeadas do exercício, existem,





como já presenciamos, situações reais, cuja ação das equipas de evacuação tem de ser rápida e eficaz. Assim, cada atividade possui um planeamento para as situações de simulação e outro para as situações reais. Em casos extremos, a equipa de evacuação que está no integrada no desenrolar do exercício poderá ter de apoiar a equipa *NO PLAY*.

O Apoio Médico na Manutenção da Prontidão Operacional

De forma a materializar este tema, creio que a forma mais fácil é partir de uma realidade operacional, onde o apoio médico seja mais relevante. Assim, e começando pela orgânica da KTM 1º Semestre 2014, o Módulo Sanitário está reforçado pela Equipa Médica Húngara que confere ao Módulo Sanitário mais um médico, um paramédico e três enfermeiros. Assim, na constituição final deste módulo ficam 2 médicos, 1 paramédico, 5 enfermeiros e 2 socorristas. Na maioria dos casos estas equipas trabalham separadas, visto o apoio sanitário ser uma componente nacional.

As atividades desenvolvidas no Teatro de Operações (T.O.) apresentam algumas alterações comparativamente às realizadas em território nacional, sendo estas condicionadas por uma realidade distinta do Território Nacional. Estas são maioritariamente questões relacionadas com a prestação de cuidados de saúde primários, questões logísticas onde está incluída a gestão da farmácia, ambiente multinacional, capacidade operacional, sendo que nesta última a mais relevante é a de evacuação e o tratamento pré-hospitalar.

Desenvolvendo o primeiro tópico, existem diversas variáveis que podem condicionar a ação médica num Teatro de Operações estrangeiro. Tomei a liberdade de as subdividir em três classes, tendo em conta a meu raciocínio aquando do tratamento de cada individuo: condicionantes ambientais exteriores ao individuo, condicionantes internas e condicionantes inerentes à sua missão. Assim, cada diagnóstico pode ter uma série de tratamentos, mediante os fatores supracitados. Desenvolvendo mais esta ideia, posso dar como exemplos de condicionantes/variáveis ambientais o clima e exposição a este, as doenças endémicas, a alimentação, o isolamento do país natal, entre outros. Como variáveis internas ao individuo, podemos contemplar a capacidade de adaptação, resistência psicológica à adversidade de onde destaco a capacidade de gestão do stress, o moral, as relações humanas e robustez física, por fim e não menos

importante, saliento também a capacidade de cumprir as recomendações preventivas e/ou terapêuticas do pessoal de saúde. Em relação às condicionantes inerentes à missão, é de extrema importância perceber qual o empenhamento e função do doente nas tarefas quotidianas da Força, de forma a assegurar a sua recuperação e simultaneamente manter o potencial humano fornecido por este a ela. A conjugação de todos estes fatores determinará que para um mesma doença, possam existir múltiplos tratamentos, sendo que um curto tempo de recuperação deverá ser um dos grandes objetivos do tratamento.

Outro tópico de relevo refere-se a questões de sustentação logística, mais evidentes pelo fato da Força Nacional Destacada se encontrar longe do apoio de uma unidade de escalão superior Nacional. Isto significa que tal como noutras áreas deverá existir um planeamento logístico, em especial no que toca a material médico. Assim, antes da força ser projetada deverá ser elaborada uma requisição de material de classe VII e VIII atendendo, pelo menos, às necessidades identificadas pela força no T.O. em vias de ser rendida, variáveis sazonais, variáveis epidemiológicas e por fim algumas variáveis inerentes a doenças não eliminatórias identificadas durante o aprontamento. O controlo da medicação é realizado maioritariamente pelo Comandante e pelo Chefe do Módulo, sendo alvo de revisão e registo sistemático. Em caso de existir um voo de sustentação, este permite o recompletamento periódico dos fármacos em falta.

Apoio Sanitário em ambiente Multinacional

O ambiente multinacional vivido nas missões internacionais confere algumas diferenças à ação do Módulo Sanitário. Visto sermos a única unidade militar no Kosovo com uma equipa médica nacional, faz com que prestamos cuidados de saúde não só aos elementos de nacionalidade portuguesa da KTM, mas também da restante KFOR, assim como a alguns civis que partilham a mesma nacionalidade. Prestamos também outro apoio, especialmente aos civis que trabalham no nosso campo ou fora deste, como é o caso de ações de natureza CIMIC assim como, em algumas situações, a militares de outras nacionalidades que frequentem o Camp Slim Lines. Em termo de cuidados médicos da força, como já foi referido, existe algum isolamento do ponto de vista logístico em relação a Portugal, assim como em termos de cuidados diferenciados, felizmente,





encontramo-nos enquadrados numa força multinacional, a KFOR, o que nos permite obter ajuda médica diferenciada no *ROLE 2*, Bondsteel e em *ROLE 3*, Prizren, existindo ainda a possibilidade de adquirir medicação em caso de emergência. Outro benefício desta relação é a capacidade de evacuação, nomeadamente a evacuação por helicóptero. Assim, conseguimos assegurar grande parte dos cuidados de saúde necessários ao sustento da força.

Em relação às operações militares, a ação Médica representa um peso mais significativo comparativamente aos exercícios conduzidos em Portugal. Tal como vimos existe uma boa cadeia de evacuação estabelecida, contudo há um risco acrescido inerente ao fato de estarmos num país em fase de pacificação. Assim, toda a ação sanitária deverá estar devidamente coordenada com as unidades de manobra, em primeiro lugar, mas também com o escalão superior. Visto isto, uma das formas de efetivar esta relação é padronizar procedimentos de evacuação entre o Módulo Sanitário e as companhias operacionais. No nosso caso, realizámos uma formação intitulada de “Técnicas de Socorrismo em Ambiente Tático”, a alguns elementos da BCOY e da ACOY no sentido de fortificar os conhecimentos médicos e permitir agilizar a ação médica, em especial os procedimentos de evacuação ao nível de secção e pelotão, com a ação a ser desenvolvida pela unidade de manobra.

Outra particularidade da ação médica no T.O. deve-se á capacidade de prestar apoio às ações desenvolvidas pelas unidades de manobra, o leva à permanência constante de uma equipa de evacuação em notice to move 15 minutos, pronta a ser projetada para onde for necessário, permitindo em caso de necessidade uma ação rápida de socorro e os cuidados pré-hospitalares necessários.

Em suma, a ação do Módulo Sanitário permite a manutenção do potencial humano, sendo o seu desempenho proporcional a este.



Ten Med Gilberto

A VIVÊNCIA DE UM SARGENTO DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR NO 1BIMec (Set12 a Out14)

O BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO nasce em 15 de Março de 1977, dia em que foi publicada a 1ª Ordem de Serviço. Neste mesmo ano, seis meses depois, nasce para o mundo para ser Sargento de Administração Militar. Foi com enorme privilégio e honra que me apresentei, em 03 de Setembro de 2012, na primeira Unidade mecanizada do Exército Português.

Unidade que se caracteriza pelos “curtos mas intensos” 37 anos de vida, para a qual tive a oportunidade e o privilégio de participar na organização logística do almoço convívio, bem como receber no dia 10 de Outubro de 2012 os Oficiais, Sargentos e Praças, Fundadores.

Consequente da humilde camaradagem, do espírito de bem receber, da exemplar e respeitável conduta característica dos militares do 1BIMec que me receberam, foi fácil a adaptação à vivência da Unidade e à compreensão das tarefas e responsabilidades que me foram exigidas. É importante realçar a forma mui prestável e amiga com fui recebido pelo Sargento-Chefe do Batalhão, e a maneira como os camaradas do 1BIMec me receberam, com realce para os da Secção de Logística, que em muito contribuíram para a minha adaptação ao 1BIMec.

Colocado na Secção de alimentação do Pelotão de Reabastecimento da Companhia de Comando e Serviços, foi na Secção de Logística que tive a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos obtidos e vividos na abrangência de todos os problemas ligados à finalidade de fazer viver as tropas e “alimentar o combate”.

Fruto de experiências diferentes do pessoal especializado no Núcleo de Confeção Centralizado nº 2 (NCC2), da disposição de exigência e particular visão do Comandante do 1BIMec, obtive o desafio mais ousado e relevante de toda a minha carreira militar: Chefiar o NCC2 e em simultâneo apoiar o Chefe da SecLog/1BIMec na área de logística, nomeadamente no que concerne ao reabastecimento de material de vida corrente e gestão da alimentação da Unidade.

O 1BIMec, quer durante o comando do Agrupamento Mecanizado da Brigada Mecanizada, quer durante o aprontamento para a missão, deu-me





a oportunidade de pôr em prática o cumprimento da missão da Logística na execução das mais diversas tarefas. Desde a conjugação das exigências do dia-a-dia das diferentes Unidades da Brigada Mecanizada afetas ao NCC2, das necessidades particulares das subunidades do 1BIMec, bem como das disposições e diferentes disponibilidades dos diferentes agentes no circuito logístico, dentro e fora da Brigada Mecanizada. Tudo isto associado às particulares tarefas do dia-a-dia de uma Unidade de combate mecanizada, foram para mim o “alimento” para o engrandecimento da responsabilidade na resolução dos problemas que foram surgindo.

Não sendo grande adepto do atletismo, foi com agrado e satisfação que encontrei numa Unidade como o 1BIMec, camaradas com gosto pela corrida, em que aproveitando o espaço que a Brigada Mecanizada nos oferece, pude não só praticar treino físico, salvaguardando a condição física militar, bem como reforçar o laços de camaradagem e amizade com os militares com quem tive o privilégio de conviver!

Obviamente que não poderia terminar sem mencionar todo o apoio familiar que obtive, em virtude de poder ter por perto de mim a minha esposa e os meus filhos, que em muito contribuíram para que pudesse dar a resposta aos desafios que me foram colocados.

Tal como na vida, este é um ciclo que se encerra. É mais um momento de despedida, mais uma batalha vencida, mas que chega o momento da partida.

Não esquecerei o que aqui vivi, os laços de amizade e camaradagem que conheci. Considero um privilégio e uma honra pertencer à primeira Unidade mecanizada do Exército Português, que foi criada no ano em que nasci.

A vida nem sempre segue o nosso querer, mas ela é perfeita naquilo que tem que ser, é um ciclo!

“O Futuro de nós dirá!”



1Sarg AdMil Torres

C⁴ISR – DA INFORMAÇÃO AOS BAIXOS ESCALÕES

1. Introdução

O Comando, Controlo, Comunicações, Computadores, *Intelligence, Surveillance e Reconnaissance* (C⁴ISR) são um conjunto de meios e capacidades que garantem ao comandante uma perceção adequada da situação operacional¹ permitindo a aplicação, imposição e sustentação a sua vontade através do exercício de um comando efetivo. Esta capacidade, permite aumentar o potencial de combate de uma força através da tomada de decisões em tempo oportuno pelo que esta só é conseguida mediante a recolha, análise e distribuição da informação no mais curto espaço de tempo.

Face à evolução tecnológica, nomeadamente de sistemas eletrónicos através das técnicas de produção da microeletrónica, tornou-se possível quantificar e transmitir de forma cada vez mais rápida e rigorosa dados importantes tais como movimentos das forças, padrões de consumo, efeitos da aplicação de determinadas armas sobre uma determinada força “digitalizando” cada vez mais o campo de batalha. Este facto, permitiu aumentar o fluxo de informação influenciando o incremento ao nível do ritmo do *Processo de Decisão Militar* (PDM)². Para além disso, esta evolução permitiu o alargamento do campo de batalha para uma nova dimensão designada o *Ciberespaço*³. Importa analisar quais os fatores que permitiram esta evolução, perceber a realidade destes sistemas no Exército Português bem como possíveis tendências destes sistemas num futuro próximo.

¹ Situational Awareness definida como no FM 3-0 (pg.6-13) como “conhecimento imediato das condições das operações bem como constrangimentos geográficos e de tempo”;

² Definido no PDE 5-00 como “Processo de planeamento analítico que estabelece procedimentos para analisar a missão, gerar, analisar e comparar m/a com base em critérios de avaliação, selecionar a m/a ótima e produzir um plano ou uma ordem.”;

³ Segundo o JP 1-02 “Domínio global baseado num ambiente de informação constituído por uma infraestrutura de rede interdependente de tecnologias de informação como a internet, redes de telecomunicações, sistemas de computadores, processadores e controladores embutidos”;





2. Enquadramento Tecnológico

Os sistemas de apoio ao C⁴ISR desenvolveram-se em virtude dos avanços tecnológicos nomeadamente ao nível do *hardware*⁴ pelo que estes possibilitaram o desenvolvimento de sistemas por *software*⁵ exponenciando o surgimento de novas soluções C⁴ISR no mercado. O desenvolvimento de *hardware* deve-se principalmente à utilização e emprego de materiais semicondutores⁶ tais como o silício e o germânio bem como o desenvolvimento de processos de fabrico de desses componentes pela da sua miniaturização, compactação e produção massificada. Assim, foi possível integrar esses componentes num único circuito eletrónico designado de circuito *integrado*⁷ evoluindo e dando mais tarde origem ao *microprocessador*⁸. Este, possibilitou a introdução do software nos circuitos eletrónicos pelo cujo princípio baseia-se na introdução de rotinas ou instruções através da sequência lógica digital permitindo o processamento e tratamento de informação obtida através de sensores eletrónicos. Com o desenvolvimento dos microprocessadores, foi possível substituir gradualmente os tradicionais complexos circuitos analógicos designados de *hardware* por de soluções baseadas em software, simplificando o processo de desenvolvimento e fabrico de vários sistemas eletrónicos existentes tornando alguns sistemas acessíveis ao comum utilizador. De salientar que há bem pouco tempo estas tecnologias só estavam disponíveis às grandes potências normalmente

⁴ Grupo de componentes eletrónicos que constituem um computador;

⁵ Conjunto de rotinas ou instruções que permitem ordenar um computador a executar operações específicas;

⁶ São componentes eletrónicos que sustentam a tecnologia da moderna eletrónica tais como os transístores, células fotovoltaicas, light-emitting diodes (LEDs) bem como os circuitos analógicos e digitais. O constante desenvolvimento dos processos de fabrico e dos materiais permitiram

⁷ Este dispositivo conhecido vulgarmente por chip, acabou por substituir os componentes eletrónicos discretos tais como os transístores..

⁸ Designado normalmente por processador, é um circuito integrado bastante compacto capaz de realizar as funções de processamento aritmético a reduzidos custos de energéticos e de fabrico.

apoiadas na indústria militar face ao seu elevado valor de investigação e desenvolvimento (I&D). Paralelamente, verificaram-se evoluções ao nível dos sensores eletromagnéticos bem como nos eletro-ópticos aumentando a capacidade de recolha de informação dos sistemas.

Esta evolução tecnológica possibilitou a obtenção e informações a respetiva produção de informação de forma cada vez mais precisa e detalhada permitindo o aumento da perceção do ser humano para elementos ambientais de tempo e espaço possibilitando a compreensão do seu impacto na variação durante a ocorrência de um determinado evento. Essa perceção normalmente designada no meio militar por *Situational Awareness* (SA) obtém-se através de uma *Common Operational Picture* (COP)⁹ onde o decisor visualiza a informação operacional através da posição das suas forças bem como as do inimigo, estado de pessoal, infraestruturas e equipamentos importantes. Para além disso, a possibilidade de partilha por mais que um comando de forma a permitir o planeamento colaborativo entre os vários escalões táticos. O grande desafio para os sistemas C4ISR é a integração através da *interoperabilidade*¹⁰ dos sistemas nomeadamente nas suas arquiteturas existentes, garantindo a troca segura de informação para os domínios terrestres, aéreos e marítimos.

3. O C4ISR no Exército Português

Com base no anteriormente referido, pode-se afirmar que o Exército Português já deu passos significativos com produtos nacionais de forma a ir de encontro ao conceito C4ISR. Exemplo disso são os três sistemas que irão ser descritos sendo um sistema baseado em software, outro em hardware e por fim a combinação dos dois.

Durante a década de 80 foi possível assistir-se à introdução da tecnologia

⁹ A COP segundo o FM 3-0 é definida como “Uma única imagem com informação relevante à área de interesse do comandante, dimensionada aos requisitos do utilizador e baseada em informação comum e partilhada por mais que um comando.”;

¹⁰ Esta capacidade permite aumentar a flexibilidade e a eficiência de forma a ir de encontro com os objetivos da missão através da partilha de meios e utilização comum da informação gerada pelos meios de comunicações e sistemas de informação.





dos microprocessadores no Exército Português nomeadamente através da utilização dos computadores de secretária vulgarmente conhecidos por *Personal Computer* (PC). Durante a década de 90 foi possível dar um passo em frente e interliga-los através de uma rede local ou *Local Area Network* (LAN) através de cabo de cobre. Essa interligação permitiu que o Exército pudesse procurar e desenvolver uma ferramenta baseada em software que permitisse a partilha de informação entre Unidades através de recursos informáticos. O desenvolvimento de um protótipo português de um sistema de comando e controlo de operações ao nível tático e segundo as normas especificadas pela NATO no projeto *Army Tactical Command and Control Information System*¹¹ (ATCCIS) iniciou-se em Janeiro de 1998 na Escola Prática de Transmissões (EPT). Esse projeto, segundo o modelo de dados comum e com o mecanismo de réplica interoperável nos vários sistemas NATO nasceu com o nome de *Sistema de Comando e Controlo do Exército* (SICCE) pelo que a duração inicial prevista do mesmo seriam dois anos. Contudo esta aplicação já foi alvo de algumas melhorias tanto ao nível de integração de base de dados bem como de ambiente gráfico. Atualmente, encontra-se instalado e em produção a aplicação SICCE no TO do Kosovo através da rede segura do EMGFA verificando-se o funcionamento ininterrupto do mecanismo de réplica entre os servidores existentes, permitindo a estrutura de comando das forças terrestres possuir informação atualizada sobre as operações da FND no Teatro de Operações (TO) do Kosovo.

Outro exemplo da introdução da tecnologia de microprocessadores no Exército Português foi o surgimento e desenvolvimento do rádio PRC-525 *Tactical Combat Net Radio* pela Empresa de Investigação e Desenvolvimento de Electrónica, S.A (EID). Este equipamento, também designado por *Software-Defined Tactical Radio*¹² ou simplesmente por *Software-Defined Radio* (SDR) permitiu dar um salto significativo nas comunicações rádio

¹¹ Conceito comum para um sistema de Comando e Controlo (C2) tático e de sistemas de informação do exército para a NATO a implementar após o ano 2000;

¹² É um sistema de comunicações rádio onde os componentes tradicionais de hardware são substituídos por software num computador ou sistema embutido. A grande vantagem destes sistemas é a flexibilidade na utilização de formas de onda em que operam bem como da possibilidade de programação segundo necessidades específicas.

possibilitando maior segurança e versatilidade nomeadamente através da introdução no Exército Português das comunicações digitais por rádio. Neste momento, assiste-se à gradual integração de várias tecnologias sendo o exemplo da partilha de informação entre o PRC-525 com o SICCE possibilitando a georeferenciação que foi aplicado pela primeira vez num teatro de operações como o do Kosovo pelo 1BIMec. Já a alguns anos também se utiliza esta capacidade para o envio de imagens de forma digital através desde rádio.

Por fim, resta apresentar a referência de um sistema desenvolvido ao nível nacional onde integra a aplicação de tecnologia baseada em software com hardware. O sistema em questão é o AR4 “*Light Ray*” sendo o primeiro *Small Unmanned Aircraft System* (SUAS) a ser utilizado no Exército Português, fruto de um protocolo estabelecido com o fabricante do grupo TEKEVER e uma universidade. Mais recentemente, o Exército empregou este sistema no TO do Kosovo através do 1BIMec. Este sistema desenvolvido e fabricado em Portugal tem-se revelado uma preciosa ferramenta no que diz respeito às suas capacidades para missões de *Intelligence, Surveillance, Targuet Aquisition and Reconnaissance* (ISTAR). Este sistema tem todas as potencialidades de forma a ser um meio privilegiado de fonte de informação no campo de batalha graças à excelente integração de sensores óticos e eletromagnéticos.

4. A Experiência do 1BIMec/KFOR no TO

O 1BIMec contribuiu de forma ativa na utilização dos meios anteriormente descritos na sua missão como Força Nacional Destacada (FND) durante o período de Abril a Outubro de 2014. Foram tiradas algumas conclusões pelo que estas foram alvo de um relatório onde foi salientado as várias potencialidades dos vários sistemas.

Quanto à utilização do SICCE, foi verificado que este sistema ainda tem muito espaço para evoluir pelo que verificou-se que este poderá ser mais eficaz quando for possível uma melhor integração com as bases de dados de pessoal e material que existem no Exército permitindo que a informação flua de forma colaborativa, bidirecional e automatizada permitindo uma melhor eficiência na utilização dos recursos humanos para a utilização deste sistema. Verificou-se que é possível utilizar o SICCE





sistema em conjunto com os equipamentos da família 525 de forma a que o Exército Português possa ter pela primeira vez um sistema nacional de georeferenciação equivalente ao existente em forças da NATO tal como o *KFOR Force Tracking System* (KFTS) e possivelmente de melhores características em termos de robustez e segurança.

Na utilização dos equipamentos da família 525, foi possível tirar partido da capacidade de comunicar de uma forma segura embora com algumas limitações pois por motivos de interoperabilidade com os restantes equipamentos existentes na FND nomeadamente os da família PRC-425 onde não é possível tirar partido de todo o potencial do rádio em termos de segurança das comunicações (COMSEC). Foi testado durante a fase de aprontamento bem como no destacamento no TO do Kosovo o envio de mensagens e imagens de forma segura permitindo o Batalhão utilizar um meio nacional e seguro para o envio de informação sem recorrer aos meios fornecidos pela NATO.

Relativamente ao AR4 *Light Ray*, foi possível validar o seu empenhamento em missões dentro e fora do território nacional pelo que o seu emprego no âmbito da proteção da força foi fundamental em apoio às várias missões táticas ao nível da manobra e no apoio de combate. De referenciar o seu enorme potencial na eventual integração com os dois sistemas anteriormente descritos podendo num futuro próximo disponibilizar informação de georeferenciação bem como das imagens obtidas através do SICCE e, posteriormente o envio dessas de uma forma rápida e segura para o escalão superior. Foi verificado que existe também a possibilidade de se explorar este sistema ao nível da sua capacidade de transporte designada de *payload* de forma a que esta possa comportar sistemas de comunicações baseados na tecnologia SDR de forma a que este sistema possa executar missões de *Signal Intelligence* (SIGINT)¹³, *Electronic Warfare* (EW)¹⁴ bem como de apoio às operações nomeadamente através do transporte de repetidores de VHF/UHF ou de pontos de acesso wireless de alta velocidade para forças no terreno ao nível tático.

¹³ Recolha de Informação através da interceção dos sinais de comunicações;

¹⁴ Guerra Eletrónica é um conjunto de ações que utilizam a energia eletromagnética de forma a permitir destruir, neutralizar ou reduzir a capacidade de combate do Inimigo;

5. Conclusões

Os três sistemas anteriormente descritos são prova que o Exército Português está no caminho da modernização através da aplicação da estratégia nacional de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (IDI) permitindo dotar as pequenas unidades de ferramentas suficientemente capazes de forma a apoiar as operações de C⁴ISR. Esta tendência surge fruto da evolução tecnológica e da necessidade de otimização de recursos pelo que face aos novos desenvolvimentos será previsível num futuro próximo uma maior integração dos sistemas permitindo a criação de novas possibilidades a serem exploradas.

Bibliografia:

- [1] RIBEIRO, TCor Tm Carlos, Os novos sistemas C⁴I para o Exército Português, Proelium, Vol. VI, n.º4, 2005, pp. 19 a 45;
- [2] ROSA, Cor Tm Francisco, Sistema C⁴I para o Exército, sua integração nos sistemas C⁴I nacional e das alianças de que Portugal faz parte, CSCD 97/98, IAEM, 1998;
- [3] MELO, Cor Tm Pedro, SICCE – Prespectivas de Futuro, Revista Mensagem da EPT, 2005;
- [4] ATOLEIROS, O Emprego dos Sistemas MINI-UAV no Treino Operacional de uma Unidade Escalão Batalhão/Agrupamento, Ano XVI, n.º28, 2014, pp. 27 a 29;
- [5] JORNAL DO EXÉRCITO, Mini UAV no Teatro de Operações do Kosovo, Ano LV, n.º638, 2014, pp. 24 a 29;
- [6] EXÉRCITO PORTUGUÊS, ME 3-31-18 Emprego da Secção Mini UAV, 2013;
- [7] US ARMY, FM 3-0 Operations, 2008;
- [8] DoD, JP 1-02 Dictionary of Military and Associated Terms, 2010;
- [9] EME, PDE 3-00 RC Operações, 2005;
- [10] EME, PDE 5-00 Planeamento Tático e Tomada de Decisão, 2007;
- [11] IDA, Technical Standards for the ATCCIS Architecture ED.2, 1990;

Endereços Eletrónicos Consultados:

1. IEEE – Spectrum

<http://spectrum.ieee.org/automaton/robotics/military-robots/repurposed-military-drones-mobile-wireless-hotspots-in-new-darpa-project>

Contem informação acerca da possibilidade da utilização de payload de UAV para utilização como repetidores;

2. EID

http://www.eid.pt/prod/7/prc-525_combat_net_radio

Contém informação acerca das características técnicas do rádio PRC-525

3. Standards for Army Tactical Command and Control Information System (ATCCIS)

http://www.mip-site.org/01-Atccis/ATCCIS_Home.htm

Fornece informação acerca da norma de interoperabilidade ATCCIS



Cap TM Santos





O COMANDO-MISSÃO: O GOZO DA INICIATIVA DISCIPLINADA

Iniciamos a redacção do nosso artigo com a pertinência do tema em questão, e quais devem ser as luzes orientadores para atingir a excelência da iniciativa disciplinada e conseqüente contributo para o cumprimento da missão. Efetuaremos também, uma breve explicação etimológica do tema em separado, abordando o Comando-Missão, por inerência a intenção do comandante e a iniciativa disciplinada de forma a compreender a sua génese. Posteriormente, abordaremos os preceitos variáveis que nos parecem fundamentais para conseguir uma iniciativa disciplina, não meramente teóricos, mas também com um cariz prático fruto da experiência de Comando aos mais baixos escalões. Por último, tecer algumas conclusões meramente explicativas e fruto da relação etimológica das palavras, da nossa experiência e daquilo que percebemos como o mais correto para atingir a excelência da iniciativa disciplinada. Assumimos que é a nossa visão e poderá ser tão correcta como incorrecta, e é o fruto experimental da realidade que passámos e que cultivamos no nosso batalhão.

A possibilidade de confiarmos às subunidades a iniciativa disciplinada exige uma cultura institucional onde prevalece esta temática. Não é possível e confiável permitir uma iniciativa deliberada se os Comandantes subordinados e as suas tropas não estiverem preparados para tal. Para esse fim, é necessário educar, abordar, formar, integrar e treinar um conjunto de preceitos já nossos conhecidos mas complexos em termos operacionais. Investigar este tema é um ponto de partida aceitável para esclarecer a pertinência deste tema, pois não existe um corolário científico que o permita usar, e mesmo que o houvesse não seria cem por cento certo que resultaria, pois a complexidade das operações e as variáveis intrínsecas dariam uma complexa formula onde seria difícil integrar preceitos como a experiência do Comando, o tato com os Homens e uma relação de comando de sucesso.

Assim, iniciamos análise etimológica das palavras Comando-Missão, intenção do Comandante e iniciativa, com o intuito de as compreendermos em separado. Facilmente e do senso comum chegámos à conclusão preparatória que estas estão profundamente ligadas.

O conceito de Comando de Missão (“Mission Command”) data desde a antiguidade, um sistema de comando de forças utilizado por Alexandre o Grande que perdura até aos dias de hoje. Contudo foi oficialmente estudado e promulgado pelo na altura Chefe de Estado Maior do Exército Prussiano Helmuth Von Moltke em 1857, designou o conceito como *Auftragstaktik* – Tática de Missão. O Objetivo era descentralizar a iniciativa dentro de um conceito estratégico definido. Defendia que a guerra era um combate de incertezas, e á medida que a guerra continua essas incertezas retiram valor a um trabalho de planeamento minucioso feito de antemão. Durante uma campanha os Comandantes têm que tomar decisões numa fluida e constante evolução da situação. A *Auftragstaktik* encorajava os comandantes das subunidades a serem flexíveis e a reagirem de imediato a qualquer situação com que se deparassem. Substituiu o planeamento detalhado pela delegação do poder da tomada de decisão aos seus comandantes, mas sempre orientada pela Intenção do Comandante. Helmut Von Moltke apercebeu-se que as decisões táticas têm que ser tomadas num instante, por isso encorajava os seus subordinados a terem iniciativa. Os comandantes devem apenas difundir as ordens mais essenciais, definir traço de orientações gerais e definir qual é o objetivo principal e missões específicas, deixando a tática (o “como”) para os subordinados. Para Moltke a vantagem que um Comandante pensa que tem ao tratar pessoalmente de tudo é ilusória, pois ao empenhar-se em tarefas que realmente pertencem a outros, ao mesmo tempo aumenta as tarefas sobre si ao ponto de não conseguir concentrar-se em pleno em nenhuma.

A intenção do comandante é a forma do comandante expressar a sua visão para o cumprimento da missão. A intenção do comandante deve compreender 3 elementos essenciais na sua redação: a finalidade, as tarefas chave e o estado final pretendido. A finalidade prende-se com a razão de ser da operação, as tarefas chave são o “como” o comandante vê as suas subunidades a executar a missão e o estado final são as condições alcançadas aquando o cumprimento da missão. (PDE 5-00 Planeamento tático e tomada de decisão, 2007)

A intenção do comandante vai até ao escalão companhia, o que não quer dizer que não concorram todas para o mesmo. A intenção do comandante é sempre o farol da missão dos escalões subordinados.





As intenções dos comandantes devem ser redigidas de forma clara e concisa evitando os detalhes para dar liberdade aos escalões subordinados. (PDE 5-00 Planeamento táctico e tomada de decisão, 2007)

Ao nível do pelotão não há intenção do comandante, o pelotão executa a intenção do comandante de companhia. O comandante de pelotão vai restabelecer a sua missão com base na tarefa chave que lhe foi atribuída concorrendo para a finalidade e o estado final da intenção do seu comandante de companhia.

O cumprimento da missão e a intenção do comandante são, assim, dois conceitos inseparáveis para o sucesso. O cumprimento da missão tem ser um compromisso assumido por todos, e esse é o grande desafio do comandante de pelotão, imbuir os seus subordinados do espírito de missão.

Para se conseguir atingir total confiança e exacerbar uma iniciativa disciplinada é necessário treinar os Comandantes subordinados a todos os níveis garantindo um perfeito conhecimento teórico e prático de requisitos fundamentais como:

A Educação e Formação – A iniciativa disciplinada é um tema complexo em termos de execução. Este deve ser compreendido, investigado e perfeitamente aplicado desde as bases de formação nas Escolas Práticas, e na Educação ministrada na Academia Militar e Escola de Sargentos do Exército e cursos de promoção. Por vezes não compreendemos a sua importância e o possível sucesso no cumprimento da missão porque nos é um tema desconhecido, e tudo o que é desconhecido eleva-nos para a zona de desconforto e corre-se o risco de o descartar efectivamente da nossa acção de comando. Este é um profundo erro, que deve ser fomentado e colmatado à nascença pela base de educação e formação da nossa instituição.

O Planeamento – O planeamento detalhado paralelo e colaborativo permite aos comandantes subordinados compreenderem perfeitamente o Comando-Missão e a intenção do Comandante para que apesar da sua iniciativa proveitosa para cumprir a mesma esta tem que estar perfeitamente de acordo com a supra citada, para não se correr o risco de ficarem por terra tarefas chave essenciais ao cumprimento da missão. O planeamento paralelo e colaborativo permitem integrar em tempo oportuno discussões positivas entre comandantes subordinados,

despoletando assim possibilidades de iniciativa, compreendendo perfeitamente e sem uma leitura exigente de uma Ordem de Operações: as vontades, intuítos, intenções e o Estado Final Desejado.

A **Flexibilidade** – Para uma iniciativa disciplinada a garantia da segurança, a integridade física da força e o emprego consciente dos equipamentos, armamento e meios à disposição deve ter sempre em conta os preceitos fundamentais da tática e das NEP em vigor da unidade. O Como o fazemos? - deve ter uma enorme flexibilidade para poder explorar o sucesso da iniciativa.

O **Treino** – Situações perfeitamente contextualizadas com diferentes ambientes operacionais, ameaças e situações o mais próximas da realidade temática devem ser integradas de forma a prever-se a iniciativa disciplinada. Agir ao invés de reagir necessita de um treino pormenorizado, onde a experiência e o apoio dos elementos mais capazes e vividos torna-se fundamental para criar cenários e situações que desenvolvam a capacidade de iniciativa nos comandos subordinados.

A **Confiança** – A observação direta e participativa nos exercícios das subunidades, as conversas e os esclarecimentos entre os comandos subordinados fomentam a confiança em tomar decisões antecipadas sem que se espere por uma ordem direta. Fomenta-se assim a iniciativa consciente e disciplinada e corrige-se eventuais desvios daquilo que serão ou não iniciativas descontextualizadas por parte dos comandos subordinados. A relação de confiança é transversal à unidade como um todo, pois, ao confiar nos meus comandos subordinados estamos a despoletar a acção de comando e a iniciativa disciplinada ganhando tempo e espaço no cumprimento das tarefas chave.

A **Integridade** – A integridade física da subunidade é responsabilidade do seu comandante e tudo o que aconteça de bom ou mau com a mesma é imputada ao mesmo. É importante analisar o risco da iniciativa disciplinada, pois esta ocorre de forma imediata. Para minimizar este risco, quando efetuamos o “jogo da guerra” ao nosso nível, podemos e devemos prever já possibilidades de iniciativa disciplinada no nosso próprio planeamento ouvindo a opinião dos nossos comandantes subordinados.

Unidade de Comando – A garantia de ordens precisas e concisas, o





perfeito conhecimento do Comando Missão, o domínio das tarefas chave, explora o sucesso da iniciativa disciplinada. A centralização na percepção da missão e a descentralização no planeamento e execução conjugada com a unidade de comando garantem bons níveis de iniciativa perfeitamente contextualizados tendo em vista o princípio último e final da intenção do comandante – O cumprimento da missão e a prossecução do estado final. O **Tempo** – O tempo como todos os outros factores de decisão torna-se preponderante no planeamento e fundamentalmente no treino da iniciativa, para que a execução se garanta flexível não fugindo daquilo que é a missão. Garantir uma unidade de tempo de 1/3 nosso e 2/3 para o planeamento das unidades subordinadas contribui para uma execução capaz onde quando mais tempo mais pormenores e possíveis iniciativas deliberadas são estudadas e treinadas.

Um longo caminho para uma iniciativa disciplinada...

Na prática, a iniciativa disciplinada representa a percepção por parte dos Comandantes de Pelotão ou de Secção daquilo que são as orientações do Comandante de companhia. Para se atingir este nível de execução, é necessário treino após treino ser-se capaz de ouvir, criticar construtivamente e fomentar uma verdadeira relação de confiança, em que o produto final é sucessivamente corrigido, e percebido por todos.

O bom senso e a lógica explicativa, o porquê na execução da tarefa, faz com as tarefas possam ser feitas de formas diferentes, aplicando uma inovação comedida e garantindo a segurança e integridade adequada da força para cada situação nova de treino.

Em suma, preceitos como Comando Missão, intenção do Comandante e tarefas chave devem despoletar em todos uma confiança e uma audácia perseverante no que toca à iniciativa, pois esta efectivamente poderá fazer toda a diferença no desenrolar das operações no espaço de batalha. A responsabilidade e o gosto na iniciativa é exigente para o treino operacional, no entanto, devem ser conceitos já ouvidos, estudados e treinados tendo em conta as inúmeras variáveis abordadas. A eloquência da iniciativa disciplinada exige um perfeito conhecimento de todos no que toca à missão, uma informação descendente próxima e esclarecida, e uma profunda confiança profissional contribuirá certamente para um

ganho de espaço por tempo e consequente aceleração na decisão e na execução.

O desafio da iniciativa é tão grande para os mais modernos como para os mais antigos, pois a confiança não se deve dar, deve sim construir-se, e deve ser mútua de forma ascendente e descendente. Esta fórmula exigirá de todos uma proximidade maior, um sentido de ensinamento e aprendizagem, em que a inteligência, a inovação, e a procura de novo conhecimento teórico e prático, a rotura parcial do passado obsoleto e a procura incessante da excelência concorrerão para um azimute comum:

O cumprimento da missão e o Soldado.

Diferentes execuções e diferentes falhas fruto do desconhecimento e não do desleixo, ajudar-nos-ão, a melhorar-nos tática e tecnicamente, não se esperando que corra tudo bem, do erro é que efectivamente surge a aprendizagem e a flexibilidade na ação.

Como tudo, torna-se mais um desafio extensível a todas as subunidades do batalhão, em que requer confiança, treino, confiança, espírito de sacrifício e o acompanhamento superior não só na exigência da execução mas também no “feedback” construtivo na complexa execução do Como?



Ten Inf Calado



Ten Inf Lopes



Ten Inf Tavares





O DESTACAMENTO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS DO 1BIMEC/KFOR, NA MISSÃO NATO, JOINT ENTERPRISE

O Destacamento de Operações Especiais 23 (SOD 23) é um national asset que integra a ordem de batalha do 1BIMec/KFOR no cumprimento da missão reserva tática da KFOR (KTM), no Kosovo. Sendo este destacamento uma Força com sólida formação militar, elevada prontidão e de efetivo reduzido, tem a capacidade para efetuar reconhecimento especial, monitorização, vigilância, assim como, apoiar o Batalhão em operações de controlo de tumultos (CRC), em qualquer parte do teatro de operações num curto espaço de tempo.

A maioria das missões táticas desenvolvidas pelo SOD 23, estiveram associadas a missões de ISR (Intelligence Surveillance and Reconnaissance), com vista a alimentar o ciclo de informação do Batalhão em tempo oportuno, através da recolha e transmissão de informação. São exemplo disso os muitos reconhecimentos desenvolvidos dentro do território do Kosovo, representando o apoio às eleições um ponto de destaque nesta matéria. Salientam-se ainda as várias monitorizações e vigilâncias efetuadas com vista a auxiliar à tomada de decisão do Comandante, e com a finalidade de contribuir para o ímpeto do Batalhão apoiando o conhecimento da situação particular com ênfase para os aspetos seguintes: proteção da força, estabilidade e segurança e liberdade de movimentos. A Capacidade de prontidão para empreender ações diretas esteve sempre presente, de acordo com as regras de empenhamento em vigor.

As missões táticas executadas pelo SOD 23 tiveram como finalidade apoiar o Batalhão em proveito de um objetivo comum superiormente estabelecido, contribuindo para obter uma Fluidez Operacional no empenhamento do reserva tática da KFOR (KTM) - 1BIMec/KFOR – como verificado, com ênfase, nas operações *MAVERICK*, *SKYFALL* e *SCORPION RIDER*.



Ten Inf Couto

A IMPORTÂNCIA DO SARGENTO DE PELOTÃO NA DINÂMICA OPERACIONAL DE UM PELOTÃO DE ATIRADORES

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo recolher e registar dados e experiências vividas antes e durante a projeção do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (1BIMec) para o Teatro de Operações (TO) do Kosovo, na ótica do Sargento de Pelotão.

Para além das funções inerentes ao cargo de Sargento de Pelotão, irão ser referidas algumas questões que normalmente ocorrem no seio dos Pelotões tanto ao nível logístico, administrativo e moral e bem-estar.

Para além das Normas de execução permanente (NEP) em vigor na 2ª Companhia de Atiradores (2CAAt) foram utilizadas experiências vividas, que se tornam em lições aprendidas, que deverão ser utilizadas futuramente por quem ocupar a função de Sargento de Pelotão, de modo a fazer-se a passagem de conhecimentos e evitar erros que já se cometeram no passado e melhorar procedimentos no que respeita à segurança e operacionalidade do pelotão. Tendo, o Sargento de Pelotão, a clara noção das lições aprendidas no passado, se as aplicar no presente, certamente o Pelotão terá um futuro estável e coeso, beneficiando desde o Comandante de Pelotão até ao Praça mais moderno.

2. DISCIPLINA E COESÃO

Desde o primeiro dia que o Sargento de pelotão assume a função que a preocupação é constante com a disciplina do Pelotão. No TO do Kosovo são considerados os aspetos disciplinares normais e diários que se têm no 1ºBIMec, a todos os níveis dentro do Pelotão, acrescentando situações diferentes que surgem pela razão do Pelotão se encontrar 6 meses a viver diariamente no mesmo local, cruzando-se constantemente com as mesmas pessoas e o facto da distância de casa e das famílias por vezes começar a mexer com questões psicológicas.

É aí que surgem os desafios. Para os dirimir o Sargento de Pelotão deverá desde o início da preparação começar a moldar e preparar psicologicamente os homens do Pelotão para factos que poderão acontecer.





As principais preocupações deverão ser;

- Resolver possíveis problemas familiares.
- Compromissos monetários mensais em dia, com empresas de serviços.
- Não tomar a missão e o respectivo rendimento mensal como garantido (fazer compras indevidas, ou créditos mal parados, antes do início da missão)

• O atavio individual

É a imagem do militar que dá a primeira impressão a quem olha para ele. O Militar deve ter orgulho e vaidade no País, na força que representa, e nos símbolos que ostenta.

Numa missão internacional onde se está permanentemente em contacto com a população civil e forças de outros Países, uma boa imagem é fundamental para criar uma opinião credível e profissional do Pelotão.

Deve-se passar, e inculcar aos Comantes de Secção a passar revistas aleatórias no dia-a-dia corrigindo o que está mal e realçando à frente de todo o Pelotão ou Secção o que está bem.

Durante as patrulhas, reconhecimentos, ou deslocamentos que o Pelotão ou as secções façam deve-se ter sempre em atenção ao atavio e postura individuais.

Para o final da missão poderá, em certos casos, começar a verificar-se uma ligeira tendência para a despreocupação pelo atavio, a todos os níveis dentro do Pelotão. Cabe ao Sargento de Pelotão estar atento e corrigir esses pequenos desvios que começam a acontecer, dando sempre o exemplo, e não abrir exceções que não sejam justificadas.

• Cumprimento de horários

Todos os elementos do Pelotão são exímios no cumprimento de horários. As secções atuam muitas vezes isoladas e têm horários diferentes, desde o primeiro dia devem ser corrigidos de forma firme os atrasos, para que quanto se começa a instalar a monotonia de serviços não haja uma tendência a descorar os horários e a colocar em causa o bom cumprimento dos serviços ou missões que lhes são atribuídos.

Saber sempre o que cada secção está a desempenhar e os horários que lhe são atribuídos, tanto em serviço de Main Gate, Patrulhas ou Quick Reaction Force (QRF). Desse modo está sempre atento, e antecipar

alguma falha ou falta que poderá existir. Quando se começa a instalar a monotonia do serviço e fruto de horários sempre diferentes e rotativos de 24 horas, há tendência a começar a baralhar horários.

Coadjuvar sempre o comandante de Pelotão na execução de matrizes e escalas, tendo sempre atenção a ser justo para todas as secções e tentar dar o máximo de descanso aos homens de forma imparcial. Deve-se sempre tentar adaptar as escalas e as matrizes às funções que são dadas ao Pelotão como um todo ou às secções de forma isolada, pedindo opinião e mantendo sempre informados os comandantes de secção.

• **Higiene pessoal**

Desde o primeiro dia que se deve dar muita importância à higiene pessoal de cada um. Se vão viver 6 meses a compartilhar quartos deve-se zelar pelo bom convívio e camaradagem, inculcar bons hábitos de higiene pessoais. A quem não os tem ou estão pouco habituados, fomentar-lhes de forma explicativa, para o bem do respeito mútuo.

No início poderão acontecer casos como chegar tarde da patrulha e querer ir dormir sem antes tomar banho. Esses casos devem ser imediatamente identificados e corrigidos.

Este é um ponto que parte da educação e dos princípios de cada um, não se justificando na actualidade e em pleno séc. XXI com toda a informação existente e os meios disponíveis, para a possível falta de higiene. No entanto deve o Sargento de Pelotão estar atento a este pormenor.

• **Forte espírito de camaradagem e entre ajuda**

Tem de haver um respeito mútuo para que a camaradagem dentro do Pelotão seja forte e coesa, criando de início hábitos simples como bater sempre à porta do quarto antes de entrar, ouvir música baixa, ter atenção aos horários de descanso de cada secção, respeitar quando alguém está a falar com a família tanto pelo telefone como pela internet. São estes pequenos detalhes que o Sargento de Pelotão deve inculcar desde cedo a todos os homens.

Para alguns são conceitos simples a que já estão habituados, mas para muitos outros, fruto da idade e educação que têm, são conceitos novos e levam algum tempo a assimilar.

Inculcar a entre ajuda dentro do Pelotão em fases negativas ou





desmotivantes que alguns elementos venham a ter. Há sempre problemas pessoais ou do foro psicológico devido, por exemplo, a saudade da família, problemas financeiros ou de outro tipo. Para detetar e ajudar nestes casos, cabe ao Sargento de Pelotão estar atento e ir tendo conversas individuais e descontraídas com os elementos do Pelotão, tentando sempre saber como estão as coisas com o homem, e inculcar-lhes o hábito de falar com a família e saber notícias para que se sintam mais acompanhados e alivie as saudades ou alguns problemas que possam estar a ter.

A maioria das missões são dadas ao Pelotão mas atuam as secções isoladas, acabando por andar sempre o Pelotão separado e com poucas atividades em conjunto, fazer convívios e atividades desportivas de Pelotão é uma boa forma para reunir todo o Pelotão e reforçar os laços.

• **Faltas de respeito**

Têm de ser prevenidas todas as faltas de respeito que poderão acontecer no seio do Pelotão, estando atentos a algumas desavenças que poderão acontecer fruto do convívio 24 sobre 24 horas e do choque de personalidades. Quando se começa a detetar algum caso por muito pequeno que seja tem de ser imediatamente corrigido de forma firme, correta e sem hesitações.

3. MATERIAIS E ARRECADAÇÕES

Todo o material à carga do Pelotão deve ser recebido de forma correta no início da missão, conferidos todos os números e estado de conservação antes de receber definitivamente a carga da força cessante. A passagem de material tem de ser feita de forma transparente e leal entre as partes e estar sempre em estreita ligação com o Sargento de Reabastecimento da Companhia.

O Sargento de Pelotão tem de conhecer todo o material que tem à sua disposição e a forma de o utilizar. Ser consciente da quantidade de material que tem e prever necessidades de reabastecimentos por parte da companhia, seja de munições, rações de combate, ou material específico. Deve empenhar os quarteleiros do Pelotão desde o momento em que se está a receber a carga; são uma preciosa ajuda e começam a ficar conhecedores de todo o material que o Pelotão tem e quais os seus locais

de arrumo. Atribuir áreas de responsabilidade a cada um dos quarteleiros.

Assim que todo o material está recebido deve-se proceder à redistribuição do material individual e de Secção. Entregar o material aos Comandantes de Secção, conferir, e passar-lhe uma guia de entrega interna de forma a que os Comandantes de Secção fiquem com um registo do material que têm e a sua numeração respetiva.

Zelar sempre pela boa conservação e utilização do material, passar revistas aleatórias ao material das secções para verificar o seu estado. Inculcar desde o início a responsabilidade pela manutenção e boa utilização do material aos Comandantes de Secção e aos seus homens, não tolerando desleixos.

Elaborar, em conjunto com o Comandante de Pelotão, o plano de carregamento do Pelotão, tendo em atenção todo o material que tem disponível e utilizar o material necessário para cada tipo de missão. Certificar-se que todo o material necessário vai com os homens e prevenindo todos os cenários possíveis, tendo de levar material que poderá vir a ser necessário nesses casos, prevenindo em vez de remediar.

As arrecadações de material deverão ser vistas por todos como um “Templo do Pelotão“, onde todos os elementos têm algo que lhes pertence a eles ou à secção. Dessa forma devem ser estabelecidas regras rígidas desde início como não fumar dentro das arrecadações, o material tem de estar sempre devidamente acondicionado e no local respetivo, zelar pela constante limpeza e manutenção da arrecadação, estar em constante atualização do estado do material, e promover uma forma simples e rápida de acesso ao material.

É o Sargento de Pelotão o principal conhecedor e responsável pelo material e arrecadações, deve auxiliar-se da preciosa ajuda dos quarteleiros e dos comandantes de Secção, que devem desde o primeiro dia sentir-se profundamente conhecedores e responsáveis por todo o material da sua Secção e pelos locais atribuídos nas arrecadações. Comunicando de imediato qualquer anomalia que ocorra dentro da sua área de responsabilidade.

Inculcar nos Comandantes de Secção o hábito de informar o sargento de Pelotão, de qualquer tipo de anomalia no material distribuído às respectivas Secções, para este tomar as diligências possíveis para a sua reparação, de modo a manter o material operacional no curto espaço de





tempo.

4. VIATURAS

Na receção das viaturas à carga do Pelotão deve-se ter em conta o estado das mesmas, e as palamentas existentes na folha de carga de cada viatura. As viaturas deverão ser distribuídas pelo comando e pelas secções, conforme as necessidades operacionais, fazendo uma guia de entrega interna, de forma que os comandantes de secção tenham ao seu dispor a folha com a carga referente a cada viatura a eles atribuída.

Desde o início deve-se fazer um bríftingue com os condutores onde se referem as responsabilidades a que estão sujeitos na condução e manutenção das viaturas e si entregues. Esse bríftingue deve ser repetido periodicamente e quando se ache necessário.

Neste apresentação deverão constar as informações seguintes:

- Condução defensiva;
- Manutenção da viatura (Combustível, níveis de óleo, estado dos pneus incluindo o de reserva, limpeza, verificar as luzes, verificar a existência do colete de sinalização, extintor e estado das palamentas da viatura);
- Preenchimento correto da folha de movimentos;
- Ter sempre a viatura atestada, limpa e pronta a sair;
- Comunicar de imediato ao Comandante de Secção, que posteriormente comunica ao Sargento de Pelotão, alguma anomalia com a viatura.
- Aquecimentos às viaturas que andam menos. Poderão ser diários ou semanais, dependendo das condições atmosféricas.

5. TREINO E OPERAÇÕES

O desgaste do material de CRC, (velcros, dispositivos de ajuste), revela-se uma das preocupações na segurança de cada militar, nomeadamente detectadas na componente de treino;

Em todo o momento os homens, material e viaturas devem de estar disponíveis e em condições para serem empregues caso haja a necessidade do Pelotão ter de intervir, em ações de treino ou em operações, inopinadamente;

Cabe ao Sargento de Pelotão premeditar o material que poderá ser

necessário para cada ação do Pelotão, tanto em termos logísticos (Rações de combate, água, packing meals) como operacionais (Condições das viaturas, combustível, armamento e munições);

Deve-se ter sempre em conta a necessidade do descanso dos militares, contribuindo para isso deve-se tentar levar material para dar as melhores condições possíveis aos militares do Pelotão, como por exemplo “burros do mato”, redes de camuflagem para sombra, conjuntos de iluminação, aquecedores a gás, mantas.

Pode também o Sargento de Pelotão aconselhar e incentivar os Comandantes de Secção a praticar tarefas que se executam com menos regularidade devido a vários fatores. Temos como exemplo o manuseamento de armamento coletivo por parte de todos os elementos, treino de tarefas menos utilizadas no dia-a-dia e relembrar procedimentos durante os serviços.

6. CONSELHEIRO

O Sargento de Pelotão tem inerente à sua função o papel de conselheiro, revelando maturidade nas suas decisões e acções, em que por vezes é solicitado pelos seus subordinados para a auxílio de decisões em conjunto e até pessoais.

Deve seguir de perto o dia-a-dia dos elementos do Pelotão, tendo em atenção o estado de espírito de cada um e ajudar a resolver alguns problemas coletivos ou individuais.

Incentivar os homens a manterem um contacto regular com a família, e a participarem em ações de convívio que ocorram dentro do Pelotão, evitando assim o isolamento.

Apoiar os Comandantes de secção, aconselhado nas decisões que tenham de tomar em relação às tarefas que vão realizar, mas tendo sempre em atenção para não interferir diretamente na ação de comando do Comandante de secção.

7. APOIA À DECISÃO DO COMANDANTE DE PELOTÃO

Dada a função que o Sargento de Pelotão exerce, acarreta em si a





responsabilidade de coadjuvar e auxiliar o Comandante de Pelotão, de forma correta e assertiva, nas decisões e acções dos diversos tipos de missões, atribuídas ao Pelotão, para que se cumpram os objetivos exigidos com sucesso e a segurança que assim o exigem.

No decorrer de operações ou treinos operacionais, o Sargento de Pelotão deve de estar juntamente com o Pelotão e manter-se sempre atento a tudo o que o rodeia. Por, normalmente, estar á retaguarda do Pelotão consegue ter uma visão mais ampla das ações que estão a decorrer podendo assim aconselhar o Comandante de Pelotão sobre determinadas ações que tenham de ser tomadas, contribuindo de forma ativa para o sucesso da missão em que o Pelotão está inserido.

No decorrer normal do dia-a-dia, caso haja alguma situação irregular, o Sargento de Pelotão deve contribuir para a decisão do Comandando de Pelotão, antes de ser tomada alguma medida.

8. CONCLUSÕES

Um Sargento de Pelotão preparado, atento e que preveja as necessidades consegue pro-ativamente contribuir para o moral e bem-estar do Pelotão, tornando-se num elemento importante no dia-a-dia. É importante ter alguma agilidade mental e emocional de forma a garantir que todas as suas tarefas sejam cumpridas o melhor possível tendo ao mesmo tempo a capacidade de apoiar e aconselhar nas decisões coletivas ou individuais no cerne do Pelotão, tornando-se assim a espinha dorsal do mesmo, que apoia e contribui nas decisões a serem tomadas pelo Comandante de Pelotão e nas ações executadas pelas secções.

Todos os assuntos administrativos e logísticos devem passar pelo Sargento de Pelotão, tornando-o o elo de ligação entre a Companhia e o Pelotão, agilizando assim os procedimentos permitindo ao Comandante de Pelotão e Comandantes de secção, total disponibilidade e foco nas tarefas Operacionais.



1Sar Inf Carreira



2Sar Inf Matos

A PRESENÇA DA MULHER NAS FORÇAS ARMADAS

Durante algum tempo o papel definido para as mulheres era o lar e a maternidade, sendo que o homem assumia a posição de chefe de família e lhes conferia controlo e proteção criando assim uma padronização moral da sociedade.

A sua posição social apenas surtiu efeitos com os movimentos feministas de 1970, originando a sua subjugada inserção social e familiar. Com a sua entrada no mercado de trabalho formalmente remunerada concedeu-lhe algumas possibilidades e obrigou a que os padrões conjugais e familiares, social e culturalmente estabelecidos sofressem alterações, evidenciando a importância do papel do homem na família e permitindo à mulher um papel ativo na sociedade.

Ao longo da história as mulheres desempenharam diversos tipos de funções/cargos nas mais diversas áreas, desde domésticas, empregadas fabris, costura, estética, contabilidade, saúde, gestão, etc. Com alguma dificuldade e muita persistência a mulher foi transpondo, conquistando a confiança e demonstrando a capacidade de desempenhar funções em áreas que inicialmente eram “atribuídas ao homem”, abrindo assim novas possibilidades.

Desta forma as Forças Armadas Portuguesas não foram exceção e receberam as primeiras mulheres, um grupo de Enfermeiras Pára-quedistas que entre 1961 e 1974, assinalaram a Guerra do Ultramar contribuindo na recuperação e evacuação dos feridos do campo de batalha.

A incorporação de mulheres nas Forças Armadas pode considerar-se um resultado de um longo processo de defesa de igualdade de tratamento e oportunidades.

No entanto ainda hoje existem críticas sobre a presença das mulheres no âmbito militar, por causa de diferenças físicas e psíquicas, mas o que é certo, é que a mulher é capaz de conciliar a razão e a emoção de forma equilibrada usando em simultâneo a sua inteligência.

Por vezes necessita de inverter os valores para não se ser criticada ou acusada de falta de robustez ou incapacidade, ou seja, tendo de ser firme e segura para ocultar a sensibilidade protegendo o lado mais frágil, como





reação a situações adversas, sendo por vezes em escudo difícil de suportar. Este processo torna-as mais fortes mas consequentemente mais frias e menos emotivas.

Ainda que se diga que não existem diferenças no desempenho de funções entre homens e mulheres, não é de toda verdade, pois ao homem ainda é associada a força, audácia, persistência, inteligência enquanto que à mulher a fragilidade, emotividade e raciocínio.

Neste TO foi concedida a oportunidade e depositada a confiança em onze elementos femininos que desempenharam funções distintas tanto ao nível operacional como administrativo, conforme se discrimina:

- 1 Administradora de Rede;
- 1 Chefe da Secção de Alimentação;
- 3 Conductoras;
- 1 Socorrista;
- 1 Cozinheira;
- 1 Comandante de Esquadra;
- 2 Apontadoras de Metralhadora Pesada;
- 1 Atiradora.

Esta oportunidade ainda que numa percentagem reduzida em comparação com a totalidade do efectivo do contingente Português, torna-se significativa pois demonstra mais uma vez que é possível a concretização da missão com elementos mistos.

O seu sucesso deve-se à qualidade da formação e treino conjunto para que o desempenho de funções seja testado, assimilado e que cada elemento saiba exactamente qual a sua missão e não ponha em causa a eficácia/eficiência quer do elemento feminino quer masculino que está a seu lado em situações fulcrais.

Em conclusão, a evolução das capacidades demonstradas pelas mulheres e a diversidade de funções desempenhadas na Instituição não devem ser vistas como uma “ameaça” mas sim como um sinal de evolução de mentalidades, oportunidades e se a união faz a força, façamos jus do nosso lema: **“O FUTURO DE NÓS DIRÁ”**.

Endereços Eletrónicos Consultados:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Enfermeiras_P%C3%A1ra-quedistas
http://www.aph.pt/ex_assPropFeminina14.php



1Sar Tm Pereira



Fur Rc Duarte





COMANDAR UMA SECÇÃO - A LIDERANÇA CONSTRÓI-SE E A LIBERDADE DE ACÇÃO CONQUISTA-SE.

“Para o Exército, o Soldado é a sua força e o elemento mais valioso da estrutura. Fazer dele um combatente é um direito. Utilizar da melhor forma a sua juventude, as suas aptidões, a sua formação, na paz e na guerra, é a missão. Torná-lo um cidadão mais apto e mais consciente do seu valor e as suas limitações para suportar o mundo e o trabalho, é um dever”.

General António Barrento, in “Os Soldados”.

1. O Ponto de partida

O longo caminho percorrido até à projeção para o TO do Kosovo, fez-nos conhecer melhor os nossos Homens, pois são eles que efetivamente cumprem as tarefas que lhes atribuímos, tendo-nos dado um prazer enorme, participar no seu processo de formação pessoal e de treino até construir uma secção capaz de cumprir as mais exigentes tarefas.

O resultado final só foi possível com a cooperação, uma relação direta de confiança entre o Comandante de Pelotão, Sargento de Pelotão e Comandantes de Secção, contribuindo positivamente e diariamente para a melhoria da técnica, da tática e das condições de trabalho que ao nosso nível nos são exigidos.

Sentimo-nos felizes quando vemos os nossos Homens a cumprir de forma voluntária, consciente, disciplinada, competente e sempre abertos ao desenvolvimento de competências e habilidades.

A imagem de uma secção terá sempre correspondência no espírito de entendimento, à liderança e à exigência do seu Comandante de Secção, portanto para o bem ou para o mal será sempre o reflexo do seu Comandante de Secção, do SarPel e em última e não menos importante do seu Comandante de Pelotão.

2. Como treinar a Secção

O treino de secção é responsabilidade direta do seu Comandante, havendo uma uniformização (nivelamento) exigida pelo Comandante de Pelotão para que as três secções cumpram o estipulado. Muitas das tarefas

de preparação para o TO do Kosovo, descentralizam-se na Secção, sendo o esclarecimento um primeiro ponto fundamental para perceber qual a intenção do treino de determinada tarefa.

Treinar uma secção é muito mais do que aperfeiçoar a tática, é envolver a técnica com o equipamento e armamento, é desenvolver o espírito da secção, é dotá-los de capacidades físicas de forma integrada, é prepará-los emocionalmente para as adversidades e torna-los somente um só – A Secção.

O cumprimento dos horários de treino definidos e atribuídos pelo Comandante de Pelotão são restabelecidos ao seu nível, começando o treino de uma tarefa pelo individual, em que tecnicamente cada homem sabe o que lhe é exigido. Nesta parte fundamental o auxílio por parte dos Comandantes de Esquadra torna-se fundamental, pois acaba por emergir a sua experiência e com uma devida orientação funciona muito bem, elevando a sua confiança, profissionalismo e elevando a sua auto-estima e confiança recíproca.

A passagem da esquadra até à secção exige um planeamento à tarefa, para que no final cada elemento tenha bem treinado cada responsabilidade individual e para que se possa passar ao treino da secção como um todo.

No Teatro de Operações o treino das secções deve manter-se constante, e continuar a bater preceitos fundamentais que dão confiança ao Soldado. Continuar a trabalhar a tática de combate, o tiro, o treino físico constante, os primeiros socorros e diversas actividades lúdicas e de trabalho com o objetivo de construir uma secção coesa.

Os militares que estão preparados e perfeitamente à vontade com a técnica de combate, sentem-se confiantes pois estão preparados para a pior das realidades. A adaptação às operações de estabilização depende de uma profunda explicação teórica e conhecimento da realidade cultural e da ameaça do teatro de operações que pode vir a surgir.

O militar bem treinado sabe adaptar o uso da força à realidade, fazendo o uso mínimo da força consoante a situação que é confrontado adaptando a sua técnica e exigência a diferentes tarefas e missões: Patrulhamentos – Divisão de tarefas consoante a responsabilidade, seja de recolha de informação, seja de atenção premente a determinados pormenores, à condução defensiva e coerente, à preocupação com os materiais, armamento e comunicações. Seja qual seja a patrulha, deve





fazer-se um “refresh” de actualização na área de interesse, explicar a actualização da ameaça e o que procuramos e vamos fazer tendo em vista a responsabilidade individual em cada uma das tarefas que contribuem para o sucesso da mesma.

Quick Reaction Force – O estado de prontidão e os reduzidos NTM, são uma constante no TO do Kosovo devido à especificidade da missão, os nossos soldados habituem-se a fazer uma vida normal, e em poucos minutos, estarem profundamente aptos e predispostos a ouvir uma Ordem de Operações e ter que preparar todo o material e capacidades para uma saída imediata. A divisão de responsabilidades entre os elementos da secção agiliza e acelera o processo de prontidão, havendo uma necessidade de passagem de informação e actualização da situação e da ameaça repentina.

Segurança ao Aquartelamento – O profissionalismo e a divisão de tarefas consoante a tarefa que lhe é atribuída, exige uma atenção e disponibilidade para trabalhar por turnos, contactar com diversas pessoas, e adaptar a receptividade do dia-a-dia da rotina, para que os militares aquartelados se sintam seguros e que possam descansar e levar um dia a dia o mais normal possível.

Operações de Controlo de Tumultos – Os treinos e operações em que as secções adquirem uma nova forma de “combate” é o controlo de tumultos. A preparação e a adaptação a esta tipologia de missão exige flexibilidade, preocupação constante com a capacidade de resposta e integridade física dos militares. O treino desta matéria, e a organização da secção deve ir de acordo com a aptidão de cada um, em que o conjunto de apoios, sistemas de armas, e gradação da força exige uma mentalização e profunda descentralização da informação e das ações.

Os treinos conjuntos e multinacionais com outras forças militares da NATO, contribuíram com novos métodos de realização das mais diversas táticas e técnicas, tais como: a rendição em posição entre secções, pelotões e companhias; a interoperabilidade entre o canhão de água e as secções que o apoiam, o treino com os elementos do TPT (Tactical Psyops Team), o treino com a FOMD (Forward of Movement Detachment). Esta interoperabilidade e contacto comum na remoção de obstáculos e/ou Barricadas, treinos de embarque e desembarque de helicópteros, treinos com a IMP (International Military Police), e muitas outras ações exigem

uma capacidade e flexibilidade intensa do Comandante de secção. Nestas situações é importante que o Cmdt de Sec esteja sempre a informar os homens do que está a acontecer, tornando-se fundamental a execução e coordenação através de gestos, códigos e comunicações ao rádio, devendo os Sargentos estar muito próximos da situação sensível de forma a apoiarem a decisão e acção do Comandante de Pelotão.

O CmdtSec deve estar a todo o tempo, atento a cada um dos elementos da secção, saber em que condições se encontra o equipamento individual, o estado físico e psicológico dos homens, as condições do armamento, e ter a certeza que o seu militar seja no Lança Granadas, na Shotgun, no extintor, na condução ou na protecção se sente apoiado e é liderado na execução.

4. O Treino Físico e a coesão da secção

O treino físico é essencial para que todas estas actividades sejam efetuadas com o máximo de rendimento, para tal, é prioritário que o CmdtSec realize actividades físicas de secção, tendo sempre como prioridade o tipo de treino adequado às necessidades do treino operacional, tais como, corridas contínuas, treinos de resistência muscular, treino de fortalecimento muscular; consoante a operação que poderemos vir a desenvolver. A preocupação constante com a integridade e resposta física dos militares exige inovação no treino, podendo-se adaptar o treino físico ao forte cultivo da rusticidade, da coesão; e a partir de actividades comuns, bem delineadas começando a com a consequente necessidade e a responsabilidade de treinar em prol do objectivo comum – a prontidão e o espírito de corpo.

5. A Liderança e o Exemplo

“Leadership is solving problems. The day Soldiers stop bringing you their problems is the day you have stopped leading them. They have either lost confidence that you can help, or concluded you do not care. Either case is a failure of leadership.”





Como líder, parte do nosso trabalho é inspirar os outros a serem exigentes com eles próprios, e conseqüentemente levar os nossos homens a atingir o sucesso. Para isso, precisamos de lhes mostrar o caminho, ao fazer também as coisas. É importante parar, para pensar naqueles que com os seus exemplos, mudaram o mundo. Consideremos o que Mahatma Gandhi conseguiu fazer com as suas ações: Passou a maior parte da sua vida adulta a viver o que pregava aos outros. Defendia a resistência não violenta para protestar contra as injustiças e as pessoas seguiam os seus passos. Levou os seus seguidores e a Índia à independência, porque a sua vida era o exemplo de que tal poderia ser feito.

Embora a situação de Gandhi seja muito diferente da nossa, o princípio é o mesmo. As pessoas olham para nós e dizem “Se ele consegue, eu também consigo.” Ao liderar dando o exemplo, será mais fácil para os nossos homens seguirem-nos.

O exemplo não se deve verificar só em termos comportamentais e disciplinares; o Comandante de seção deve ser exímio na técnica, organizar a sua seção por funções e atribuir-lhes responsabilidades, ser um profundo conhecedor do meio que o envolve e estudar muito bem todos os materiais e equipamentos que tem à sua disposição, treinando e dando o exemplo na procura da excelência na execução, garantindo um profundo conhecimento e tornando cada um dos seus militares excepcional na sua função especializando o militar no seu dia-a-dia.

6. Liberdade de ação e a responsabilidade

Relativamente à Liberdade de Acção e Responsabilidade Individual de cada homem, existe um lema: "Máxima Liberdade, Máxima Responsabilidade". Quando confiamos nos nossos homens, temos que lhe dar liberdade, de modo a que eles sejam autênticos e que consigam algum espírito de iniciativa, pro-atividade e de alguma forma serem exemplo a um certo ponto para os restantes camaradas da seção, nomeadamente o CmdtEsq, pois ele por norma é o braço direito do CmdtSec, no qual o coadjuva em diversas tarefas.

A liberdade de acção incutindo a responsabilidade demora tempo a construir, exigindo muitas horas de treino, confidências técnicas e táticas, e um pormenorizado conhecimento da cultura institucional do

Comandante de secção.

É brilhante observar que os Homens executam com conhecimento as tarefas, dominam as técnicas e naturalmente as executam sem necessitar de uma supervisão constante. Sabem o que têm a preparar, sabem o que têm a fazer e sabem para onde têm de ir após dada a ordem do Comandante de Secção ou Comandante de Esquadra.

Atingir este desiderato, constitui um processo moroso e exigente. Uma boa modalidade de atingir este estado final, é explicar “o porquê” de como e quando as coisas são feitas, pois naturalmente e com o próprio senso comum, o militar quando é chamado a cumprir usa a lógica e a referência da explicação na execução.

7. Relação com o SarPel e Comandante de Pelotão

A relação com o SarPel e o CmdtPel deve ser saudável, próxima e alicerçada na confiança entre todos, e acima de tudo profissional, de modo a que haja um bom ambiente no seio do Pelotão; para que, quando seja dada uma missão, essa seja cumprida com exímio profissionalismo e prontidão.

Terá que haver também, uma confiança nos seus CmdtSec e no trabalho que eles realizam com as suas Secções, pois essa será a base para que se consiga a excelência; o gosto por melhorar e não fazer-se apenas porque alguém mandou fazer. Quando chegamos a este ponto a dinâmica e a relação profissional funcionam e os grandes feitos nas tarefas mais básicas às mais complexas acontecem com o brio e gosto de todos.

O SarPel ao ser o elo de ligação entre os CmdtSec e o CmdPel, tem responsabilidades acrescidas, podendo influenciar positivamente a decisão do Comandante de Pelotão, no que toca à resolução dos problemas diários dos soldados, na maximização e criação de melhores condições de trabalho e na execução das tarefas que se conjugam no cumprimento da missão.

Relativamente ao CmdtPel, é o elemento chave no Comando, Liderança e controlo tático do Pelotão.

A proximidade com os Comandantes de Secção e SarPel, a preocupação constante com as condições dos seus homens, o conhecimento individual e colectivo do pelotão, e o respeito conseguido por todos pela sua atitude





e humildade, permitem-lhe exponenciar as capacidades de cada um no cumprimento das tarefas e missões; e construir um pelotão coeso, ganhador no cumprimento das tarefas e fortemente motivado para as dificuldades do dia-a-dia.

A cooperação e o trabalho em equipa facilitam a comunicação, alimentando uma atmosfera de suporte mútuo, para que todos os elementos do pelotão se apoiem mutuamente. Essa comunicação entre o comando do Pelotão aumenta os sentimentos de solidariedade, pois todos começam a desenvolver ideias e ações, para que, se atinjam os objectivos propostos.

Da mesma forma cada militar precisa estar consciente das oportunidades que o seu trabalho lhe traz em termos de realização pessoal e profissional, podendo assim também e exponencia-las.

Não devemos confundir sugestões construtivas e contribuições no processo de decisão, com a missão que é atribuída. Isto é, parece-nos importante e proveitoso para o Comandante de Pelotão contribuir com a nossa forma de vermos as tarefas da seção e do pelotão, que recorrem da nossa experiência técnica e do conhecimento dos homens, mas saindo a decisão final concorde-se ou não, ela é sempre cumprida com o máximo de empenho e dedicação. É interessante que existam conversas paralelas no planeamento e tomada de decisão, para que o Comandante de Pelotão tenha a noção de uma outra visão das coisas, podendo assim melhorar e aperfeiçoar o planeamento já de acordo com a contribuição de cada comandante de seção. Este esquema funciona muito bem e foi várias vezes testado.

8. Conclusão

“Leaders must have a heart for Soldiers and be passionate about their welfare and their lives. Leaders need to know what their Soldiers are going through on a personal level and be available to help. In the end, the reward is a bond of trust more precious than any medal that could ever be pinned on your chest.”

in Building and Empowering Leaders - SSG Clareyssa T. Hall and CSM David S. Davenport.

Após a análise de alguns preceitos, muita coisa fica por dizer, especialmente a parte técnica que daria para escrever um livro, e necessitaria de um enorme trabalho de campo para recolher com pormenor tudo aquilo que desejaríamos transmitir. Mas, se assim fosse, também tiraria o gozo enorme que nos deu desenvolver com os nossos homens estes dois longos e interessantes anos no 1BIMec, seja no dia-a-dia da unidade, seja nas inúmeras operações que fizemos parte. Correta ou incorrectamente é a nossa experiência, são os nossos Homens e fizemo-lo o melhor que podíamos e sabíamos, havendo com certeza outras formas de liderar e executar, que poderão ser e deverão ser mais corretas. Mesmo assim consideramo-lo um exemplo e portanto achamos que devem ser partilhadas para que os futuros sargentos do nosso 1BIMec possam tirar algumas lições.

Ser Comandante de secção obriga a uma enorme relação de proximidade com os nossos Soldados, pois sentimos a necessidade de nos constituirmos no exemplo voluntário para eles, sentirmos que nos seguem não pelo que temos nos ombros mas porque nos respeitam como pessoas, como militares e na forma como fazemos e nos apaixonamos por cada tarefa e missão atribuída.

Quando olhamos para o passado lembramo-nos dos nossos chefes e antigos comandantes, e tudo o que com eles aprendemos, e desde essa altura tentamos de certa forma ser como eles são, e é assim que os nossos soldados devem olhar para nós.

Todas as decisões que tomamos devem ser sempre direccionadas para fortificar e unificar as secções, podendo assim criar um melhor bem-estar e vivência das mesmas, e principalmente para obter melhores resultados em todas as tarefas que sejam atribuídas.

Um ambiente de trabalho é composto por um grupo, grupo este em que todos devem trabalhar em conjunto de forma a obter melhores resultados. O trabalho em equipa maximiza os pontos fortes desse grupo e minimiza as suas fraquezas, levando a um ambiente de trabalho eficiente, dinâmico e produtivo, para tal devemos sempre levar a que os nossos homens trabalhem em equipa nunca olhando para as falhas uns dos outros como aspetos negativos mas sim tentarem combater essas diferenças.

O trabalho diário faz-se naturalmente, no entanto as tarefas e operações executadas com a motivação certa, com o apoio e esclarecimento dos





ossos Comandantes, com o respeito mútuo e o sentido de pertença comum, fazem com que nós e os nossos Homens tenhamos um carinho e motivação especial para desenvolver todos os preceitos anteriormente abordados. Conjugando os mais diversos temas abordados de forma sinérgica no treino, e no cumprimento detalhado nas operações só tem um estado final desejado – A proficiência técnica e tática no cumprimento da missão, nunca esquecendo quem coloca as botas no terreno – **O NOSSO SOLDADO.**



Ten Inf Calado



2Sar Inf Rasoilo



2Sar Inf Jorge



2 Sar Inf Figueiredo



A IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL NO INÍCIO DE UM PERCURSO PROFISSIONAL SUSTENTADO DO SARGENTO DO 1BIMec

O exército Português desde a sua criação no séc. XII tem vindo a sofrer inúmeras alterações organizacionais derivadas da evolução tecnológica, social e financeira, pautando sempre a sua conduta pela estratégia baseada em lições aprendidas e na resiliência ao enfrentar a progressividade mundial. A estrutura organizacional desta instituição secular baseada na hierarquia, doutrina, valores humanos e valores materiais, apresenta níveis de complexidade distintos da maioria das outras instituições. Este artigo permite expor uma visão pessoal focada na importância e impacto da estrutura organizacional no meu percurso profissional, relatando algumas das mais marcantes experiências vividas no 1BIMec.

“É no desprezo dos pequenos deveres que se faz a aprendizagem das grandes faltas.”

Suzanne Curchod

O percurso profissional do sargento começa inevitavelmente na ESE, com justiça considerada a casa mãe dos sargentos elevando permanentemente a divisa “Vontade e Saber”. É na formação base do sargento que durante as atividades de instrução e ensino é incutido ao aluno as virtudes militares das quais se destacam a aptidão técnico-militar, abnegação e camaradagem, culminando o ciclo de formação na certificação profissional. No percurso profissional do sargento, a transição entre o estatuto de “formando” e o estatuto de “técnico profissional”, está envolto em insegurança, incerteza e curiosidade que certamente terá a atenção vigilante da tutela, visto que, estes sentimentos colocam à prova a motivação, coragem e iniciativa do militar para enfrentar possíveis fragilidades na formação. É nesta fase sensível da vida e carreira do sargento, por muitos considerada a fase de maior relevância e impacto no percurso profissional, que se destaca a importância da estrutura organizacional, onde o cruzamento entre o alívio incomensurável do sucesso no “términus” do curso e a ingenuidade na escola da vida pode deturpar a adaptação, conduta e clarificação das funções atribuídas na primeira colocação do militar. Foi em janeiro de 2005 que me apresentei no 1BIMec mais concretamente na 2CAAtMec,





onde tudo o que tinha aprendido durante a formação foi colocado à prova. Recordo com nostalgia o dia de apresentação: era segunda-feira e nesse mesmo dia fui integrado como comandante de secção de atiradores onde recebi a missão de navegar durante uma progressão motorizada em ambiente noturno em direção a região de Valeira Alta, como secção flecha. Considerei uma verdadeira prova de fogo visto não conhecer o terreno e a vontade de não falhar era total. No final, após conclusão da missão a confiança começava a crescer assim como a motivação, o pensamento e a vontade visava o “mais e melhor”, fruto do incentivo de todos os camaradas e do ciclo operacional vivido na altura.

Sendo esta instituição exemplar nas tradições, usos e costumes, e transversalidade na indução de valores e ensinamentos, pode porém realçar aspetos de conduta diferentes mas convergentes, presentes nos diversos “códigos de honra” das diferentes unidades dispostas na organização territorial.

O impacto destes baluartes de conduta moral conjuntamente com a primordial e necessária presença nos ciclos operacionais e uma escalada transitória de funções sustentada em conceitos como o “on job training”, formação baseada na prática através de treinos específicos e certificação de competências, devem estar constantemente presentes no militar em início de carreira, permitindo desta forma uma clarificação de funções, assim como, a demonstração de dedicação, espírito de sacrifício e motivação, assegurando a experiência e confiança necessária para integrar os diferentes patamares funcionais e hierárquicos da categoria.

Durante os 10 anos vividos como sargento do QP, muitas foram as funções, etapas e ciclos de treino operacional vividos, sempre integrado numa companhia de atiradores mais concretamente na 2CAAtMec. Todavia, o vício na procura de conhecimento e no aperfeiçoamento das técnicas e práticas militares não é por si só suficiente para obter a desejada motivação. Destes 10 anos destaco três etapas: como primeira, as funções de comandante de secção de atiradores durante a NRF 5 e consequente projeção para o teatro de operações do Kosovo integrando o IBIMec/TACRES/KFOR em 2006; a conduta, a aprendizagem através da prática e exemplo, a responsabilidade exigida na manutenção de equipamentos, e a exigência no produto operacional, eram alvos de atenção constante dos demais camaradas, porque tudo se resumia ao absoluto respeito pelo

ideal máximo designado de “cultura institucional do 1BIMec”. Na segunda etapa, vieram as funções de comandante de secção de morteiros médios, sargento de pelotão de atiradores durante a NRF 12, e projeção para o teatro de operações do Kosovo integrando o 1BIMec/KTM/KFOR em 2009, tudo o que tinha aprendido na primeira etapa era alvo de progressão, dedicação e continuidade, juntando ainda a responsabilidade de preservar a segurança e a moral e bem-estar do pelotão, onde não interessava apenas o treino operacional, mas também fatores igualmente importantes, como todas necessidades administrativo-logísticas do pelotão; de referir que o exemplo obtido pelos camaradas antecessores foi um fator chave para a ultrapassagem deste novo obstáculo. Desde então, e até aos dias de hoje, o nível padrão exigido manteve-se. Como sargento auxiliar do adjunto do comandante de companhia durante a preparação da força mecanizada da BrigMec, no aprontamento e projeção para o teatro de operações do Kosovo integrando o 1BIMec/KTM/KFOR, tudo o que é exigido requer organização e toda a experiência acumulada, onde se torna primordial a tarefa de passar o “saber da experiência feita”.

Estes diferentes ciclos de vida profissional concluídos e comprovados através de uma certificação de competências são de extrema relevância devido ao facto de se tornarem num “cunho” intrinsecamente presente na personalidade do militar, permitindo ao mesmo encarar com humildade, motivação e flexibilidade, todas as missões que lhe forem cometidas nos diferentes ciclos operacionais presentes nos vários escalões da carreira militar do sargento.

Toda esta progressividade sustentada na aprendizagem e carreira é por experiência própria, encontrada numa das verdadeiras “escolas da prática” designada de 1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO, onde o empenhamento contínuo em atividades operacionais torna prática comum a passagem de conhecimento, valores sociais e profissionais.



1Sar Inf Sousa





CIVIL-MILITARY CO-OPERATION (CIMIC)

1. INTRODUÇÃO

A descrição portuguesa de CIMIC tem como principal referência doutrinária, a definição produzida na NATO, constante na sua publicação AJP-9 NATO Civil-Military Co-Operation (CIMIC) Doctrine, que a define como: “A coordenação e cooperação, em apoio da missão, entre o Comandante NATO e os atores civis onde se inclui a população civil local e as suas autoridades representativas assim como as organizações não-governamentais internacionais e nacionais e ainda as agências”.

2. MISSÕES ANTERIORES

Até à presente data, o 1BIMec projetou forças constituídas em oito missões, nos teatros de operações da Bósnia Herzegovina, Kosovo e Timor-Leste.

Desde a projeção para a Bósnia Herzegovina em 1997 até à mais recente no Kosovo, no presente ano, o 1BIMec sempre levou a cabo ações no âmbito da CIMIC/Solidariedade. Esta interação assumiu especial relevância aos mais baixos escalões.

Nas 3 missões (1997, 1999 e 2001) que o 1BIMec desempenhou na Bósnia Herzegovina prestou apoios significativos às entidades locais e respetivas autarquias, como assistência médica, apoio em trabalhos de engenharia, trabalho de limpeza das cidades, reparação de pontes, transporte de alunos e refugiados, distribuição de água, madeira e carvão.

Em 2003 o 1BIMec em Timor Leste levou a cabo ações de apoio a escolas com entrega de material escolar, projeção de filmes, cortes de cabelo às crianças. Prestou apoio aos escuteiros de Díli e ministrou instrução de Técnicas de Montanhismo ao Corpo de Bombeiros de Timor Leste. De destacar ainda a consulta e medicação de doentes e o transporte e distribuição de alimentos em apoio da World Food Program.

Em 2006, o 1BIMec no Kosovo levou a cabo dois projetos associados à construção e melhoria de infraestruturas desportivas de duas escolas primárias e um concurso de rádio.

Em 2010, no Kosovo apoiou na recuperação da vedação exterior e do chão de uma sala na escola primária de Radevo, Vuk Karadzic. Realizou ainda a montagem de um abrigo de passageiros, oferecido por uma empresa portuguesa e a doação de material escolar, material de limpeza, roupa, comida e brinquedos.

3. APRONTAMENTO 2014

Todo o conhecimento e experiência que estas atividades proporcionaram ao longo destes 17 anos, alicerçaram o projeto CIMIC do 1BIMec para esta missão no Kosovo. Com a confiança adquirida e pelo conhecimento do Teatro de Operações, procurámos durante a fase de aprontamento, exercitar e consolidar as capacidades e perícias na área do CIMIC em ações de apoio à população do Concelho de Constância.

Deste modo, entre 18 e 20 de Fevereiro, como parte integrante do Exercício Final de Aprontamento, PRISTINA 141 realizámos as seguintes atividades:

a. Rastreio médico nas povoações de Santa Margarida da Coutada, Vila de Constância e Montalvo. Esta ação médica preventiva ao nível da população adulta contemplou 170 adultos e 46 crianças, possibilitando a aferição da categoria tensional, risco de diabetes e medição do perfil adiposo nos adultos e a respetiva prevenção primordial, com educação para a saúde nas crianças. Salienta-se a fluidez na cooperação recebida, que permitiu uma intervenção mais avançada, materializada com a apresentação de medidas que possibilitam a prevenção e controlo da doença.

b. Entrega em 19 de Fevereiro, no Agrupamento de Escolas do Concelho de Constância, cerca de 300 kg de resíduos tecnológicos, recolhidos na Unidade e contribuição dos militares. Deste modo, contribuímos para a sensibilização dos alunos, relativamente à importância de separar os resíduos de modo a proteger o ambiente e poupar os recursos naturais, assim como para o bom desempenho da escola, no âmbito do concurso de recolha de resíduos tecnológicos. Importa evidenciar a forte adesão por parte dos militares do 1BIMec, assim como a total cooperação dos professores e alunos;

c. Divulgação no âmbito da Segurança e Defesa, com a realização





de uma demonstração de sistemas (exposição das viaturas PANDUR e PANHARD, Mini UAV LIGHT RAY, armamento e equipamento e uma Secção de Atiradores de Infantaria) e a realização de uma palestra, relativa à participação de Portugal nas missões internacionais, no âmbito da Segurança e Defesa, para uma audiência de aproximadamente 80 alunos entre o 7º e o 12º ano. Estas atividades possibilitaram um conhecimento mais abrangente dos meios que equipam o Exército, assim como, uma compreensão mais global da participação das Forças Armadas Portuguesas, no âmbito das Organizações Internacionais que integra, nomeadamente a NATO, a ONU e a EU, merecendo destaque o interesse e motivação dos alunos nas atividades propostas.

4. KOSOVO 2014

“How Small Moves, Smartly Made, Can Set Big Things in Motion”

No Teatro de Operações do Kosovo, e ao nível da KFOR, as atividades CIMIC visam a ligação e cooperação com as autoridades civis, as organizações internacionais e as organizações não-governamentais, com a permanente preocupação de Neutralidade e Imparcialidade, assim como a integração de uma perspetiva de “Gender Balance”. Deste modo, neste ano de 2014, a KFOR integra 9 projetos CIMIC em todo o Kosovo.

Define ainda a KFOR, que as iniciativas de CIMIC/Solidariedade concretizadas pelos diferentes contingentes presentes no Teatro, devem ser divulgadas como iniciativas Nacionais, devendo contudo respeitar os mesmos princípios, acima descritos.

Em complemento do descrito anteriormente, importa aqui relevar que todas as iniciativas realizadas, não implicaram encargos financeiros no orçamento do Contingente Português ou qualquer outra fonte de dinheiros públicos. Concretizámos as seguintes atividades:

a. Em ligação com a EULEX e a OSCE, participámos em 25 de Maio, no evento de Solidariedade “Cycle Kosovo for Children” que em colaboração com a ONG “Action for Mothers and Children”, realizou uma campanha de solidariedade com o objetivo de angariar 10.000 Euros para adquirir um aparelho de análises sanguíneas para a Unidade Neonatal de Pristina. Materializámos a nossa participação através de um donativo financeiro de 300 euros, recolhidos entre os militares da força, e preparámos 6

cabazes com produtos nacionais oferecidos (i.e., vinho e azeite, fornecidos pela marca de cafés DELTA), e géneros disponíveis (bacalhau e outros géneros), cujo valor total estimado, após leilão e venda de senhas, tenha permitido obter um valor final superior a 1000 euros.

b. Em resultado da interação estabelecida com a Câmara Municipal de Pristina, em 25 de Agosto demos início ao projeto designado Ambiente e Cidadania. Com a participação de militares do Contingente Português, e funcionários da Câmara Municipal de Pristina. Nesta fase, promovemos uma ação de Recolha de Resíduos Sólidos, a colocação de uma rede exterior verde, e a plantação simbólica de uma árvore, na faixa de terreno contígua e exterior ao Campo de SLIM LINES. O Diretor Xhelal Sveçla, do directorado para a inspeção da câmara municipal de PRISTINA, assim como, outros representantes dessa mesma instituição, estiveram presentes durante o evento. A comunicação social fez salientar o projeto no âmbito da preservação do ambiente e como um testemunho do reforço dos laços de Confiança e Cooperação, entre KFOR/NATO, as Instituições do KOSOVO, e a população. Este projeto permitiu ainda, no contexto da segurança e combate a atividades de venda ilegal, em resultado da requalificação do espaço envolvente no exterior do campo de SLIM LINES, que vendedores ilegais de madeira, sem autorização das instituições competentes, tivessem que abandonar o local. Desejavelmente, em Setembro 2014, o projeto é concretizado pela câmara municipal de PRISTINA, com a plantação de árvores, flores, e com a colocação de um painel publicitário sobre Proteção Ambiental e Cidadania.

c. Durante a nossa passagem no Kosovo contactámos com uma comunidade carenciada perto de Gračanica, chamada de Janjevo. A falta de alimentos em casa de algumas famílias, assim como, a falta de medicamentos, foram reveladoras das enormes carências que de uma forma geral afetam esta comunidade, em particular, as crianças. Contudo, a forma carinhosa e desinteressada como fomos recebidos, impulsionaram-nos para fazermos algo em prol de alguém que podíamos ajudar. Assim, em 31 de Agosto materializámos a nossa iniciativa com a entrega de 2150 kg de géneros alimentares (i.e., arroz, massas, conservas, leite, azeite, óleo, bolachas, compotas) e um donativo financeiro de 586 euros, recolhidos entre os militares da força, com vista à aquisição dos





medicamentos e material médico necessário para suprir as necessidades básicas desta comunidade.

5. CONCLUSÕES

As atividades CIMIC realizadas ao longo destes 17 anos pelo 1BIMec nos diferentes Teatros de Operações, apesar de diferenciadas nas diferentes ações realizadas, procuraram contribuir para os seguintes objetivos:

- a. Fomentar a cooperação civil para correntes e futuras ações militares;
- b. Desencadear efeitos psicológicos favoráveis;
- c. Melhoria das relações locais entre civis e militares, procurando manter um equilíbrio na distribuição dos apoios entre as partes como elemento revelador de imparcialidade.

Termino com dois testemunhos enviados: por um Cidadão Português, e pelo Presidente em exercício do Conselho de Administração da Organização “Action For Mothers And Children”, relativos a uma das iniciativas realizadas;

“A contribuição generosa e desinteressada do Batalhão Português rendeu uma quantia superior a mil euros e foi a mais significativa de todas as “entidades” doadoras. Mas não foi apenas o valor material das ofertas que se fez notar. Foi também e muito a disponibilidade e simpatia dos militares portugueses e a forma como aderiram à iniciativa. (...). Algumas pessoas nem sabiam que havia militares portugueses no Kosovo. Agora, graças à vossa disponibilidade, ficaram a saber não só que o Kosovo tem militares do nosso País mas também – e mais importante ainda – que esses militares são pessoas generosas capazes de se envolverem em causas civis para ajudar o próximo. De todo o lado ouvi referências elogiosas e palavras de admiração. Internacionais e locais pediram-me que lhe transmitisse esse agradecimento. Ontem senti orgulho em ser português.”

Sr. Doutor Juiz, Manuel Henrique Ramos Soares (EULEX - KOSOVO)



Dear Mr. Pedro,

Thank you and all the Portuguese battalion for your donation and support to Charity Cycle Event. Your willingness to help is essential to our work saving the lives of children and mothers in Kosovo. Whether through studying health problems of mothers and children, advocating for better maternal and child health, or developing programs to improve maternal and child health in Kosovo, the AMC promotes better mother and child health care. We look forward to keeping you informed on our progress and invite you to visit www.amchealth.org and subscribe to our newsletters for the latest programs.

Appreciations to people like you, the perinatal mortality rate today has dropped to 17 per 1,000 in Kosovo, as compare to 29 in 1,000 back in 2000. With your help, the Action for Mothers and Children is continuing the mission to save the lives of children and improve the care for mothers in the Republic of Kosovo.

We are grateful to you for being an important part of the AMC community and for your commitment to our ongoing mission. Thank you for being part of those working to save the lives of children and mothers in the Republic of Kosovo.

Sincerely,

Prof. Dr. Rexhep Hoxha

Acting Chair of the Board of Directors

All donations to Action will be acknowledged in writing, and external auditors will annually review Action's budget.





Bibliografia:

1. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, (1998). Brigada Mecanizada Independente 1978-1998 – 20 Anos. Brigada Mecanizada Independente
2. BRIGADA MECANIZADA, (2008). Brigada Mecanizada 1978-2008 – 30 Anos. Brigada Mecanizada
3. QG/CMSM, (2012). 60 Anos do Campo Militar de Santa Margarida – 1952-2012. QG/CMSM
4. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Sitrep 2003-2005, 1º BIMec/BrigMec
5. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Sitrep 2012-2013, 1º BIMec/BrigMec
6. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Sitrep 2013-2014, 1º BIMec/BrigMec
7. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Todos juntos pelo futuro de Timor, 2003, 1º BIMec/UNMISSET;
8. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Reflexões de experiência feita, 1º BIMec/BrigMec, NRF 5, 2006;
9. EXÉRCITO PORTUGUÊS, O Mecanizado, 1BIMec/BrigMec/KFOR, Abril 2010
10. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, Revista Militar Atoleiros, Ano I - Nº 01 - Abril 1999
11. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, Revista Militar Atoleiros, Ano I - Nº 02 - Outubro 1999
12. BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE, Revista Militar Atoleiros, Ano II - Nº 03 - Abril 2000
13. BRIGADA MECANIZADA, Revista Militar Atoleiros Ano VIII - Nº 16 – Outubro 2006
14. BRIGADA MECANIZADA, Revista Militar Atoleiros Ano XI - Nº 29 – Outubro 2009
15. BRIGADA MECANIZADA, Revista Militar Atoleiros Ano XII - Nº 30 – Abril 2010
16. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Regulamento de Campanha – Operações, EME, Lisboa, 2005



Cap Inf Faustino

O EMPREGO DA PANDUR NO TO DO KOSOVO

A viatura PANDUR chegou ao Teatro de Operações (TO) do Kosovo no passado 26Nov13 para substituir as “muito utilizadas” Chaimites. Desde então têm vindo a ser utilizadas nas mais diversas tarefas, confirmando que as suas características, também se adequam a uma missão desta natureza.

Passado praticamente um ano de utilização e sujeita às condições atmosféricas de um Inverno e Verão rigorosos, cumpre enquanto utilizadores deste sistema de armas tecer algumas considerações sobre aspetos que parecem constituir-se como uma mais-valia, para os Soldados de Portugal do IBIMec/KFOR.

Verifica-se hoje em dia, que o emprego deste sistema de armas se alimenta da doutrina dos mecanizados, da tática de mecanizados, porquanto, a ligação entre a esquadra de viatura e esquadra de manobra, mantém-se, no entanto, com um ênfase acrescido, em virtude das potencialidades operacionais e técnicas do sistema de armas. Salvo melhor opinião, parecem redutor e perigoso, olhar para a viatura PANDUR, como um mero meio de transporte. Os requisitos operacionais e técnicos da PANDUR II representam um enorme salto tecnológico, fundamentalmente assente em quatro pilares: a proteção, a fiabilidade, a mobilidade/flexibilidade de emprego e comando e controlo; devendo ser otimizados.

De uma forma muito simplista associamos a proteção à blindagem. De facto esta característica é materializada com a introdução das placas de cerâmica “ADD-ON” e capacidade anti-mina do casco. Porém, a proteção não se resume a isto. Devemos considerar o sistema de deteção da ameaça (Threat Detection System – TDS), bem como, o “Thermal Identification



Pedro Monteiro



Pedro Monteiro





Beacon” (TIB) que, permite em ambiente de visibilidade reduzida a identificação das nossas forças. Apresenta ainda a capacidade para operar em ambiente NBQ através da utilização de um filtro colocado no sistema de ventilação da viatura.

A fiabilidade é uma das virtudes que temos verificado com muito apreço e nos dá por um lado cada vez mais confiança para utilizar a plataforma Pandur II em circunstâncias hostis, e inesperadas. Em simultâneo, reconhece-se a motivação adicional de se possuir material de última geração para a qual militares e civis não ficam indiferentes – efeitos no âmbito da Demonstração de Força e Dissuasão (i.e., Operação SKYFALL e SCORPION RIDER).

Em termos da mobilidade e flexibilidade de emprego, releva-se a autonomia, e velocidade, validadas e elogiadas aquando da operação SKYFALL, em que a capacidade de resposta, precisão de emprego da força, e demonstração de força foram decisivas. Ainda neste contexto, de realçar a importância do emprego da viatura para operações de Controlo de Tumultos (Crowd and Riot Control - CRC), assim como, a capacidade de operar, em espaços reduzidos, e em visibilidade reduzida através do aparelho de visão noturna (THEON NX-199) e a existência de um guincho com motor independente e força de 96Kn.

No âmbito do comando e controlo assistimos a um salto qualitativo evidente. O sistema de comunicação TSF que permite a ligação ao escalão subordinado e superior está assente num rádio tecnologicamente avançado, de origem portuguesa (E/R 525), com funções muito variadas, e interoperável com meios húngaros entre outros países. Entre outras funções, permite operar em salto de frequência, enviar mensagens e fotografias de uma forma célere e segura. Esta partilha de dados, contribui, desejavelmente com o SICCE,



uma visualização integrada do emprego operacional da força (Common Operational Picture – COP).

Em suma, o salto tecnológico é elevado, caso seja desenvolvido. Admite-se a necessidade de rever e agilizar dinâmicas de formação – desejavelmente com o incremento de simuladores, a desenvolver no âmbito do conceito em prática no Exército e nos fora de Defesa e Segurança da EU e NATO, para a Investigação, Inovação e desenvolvimento -, de treino operacional tático, e na rentabilização do processo de manutenção.

A PANDUR integra um conjunto de sistemas tecnologicamente evoluídos que permitem incrementar a Capacidade de Proteção da Força de forma direta em consequência da sua fiabilidade, mobilidade, flexibilidade de emprego, e comando e controlo; de forma indireta em resultado da Demonstração de Força obtida pela combinação dos requisitos descritos e dos efeitos obtidos com a visualização do sistema de armas.

Acreditamos que o potenciar das Capacidades que se encontram associadas ao sistema de armas PANDUR II - Capacidade de Empenhamento, Comando e Controlo, Proteção da Força -, traduzem um aumento do potencial relativo de combate para a Força, tanto maior, quanto mais rentabilizado estiver a vertente tecnológica que se encontra associada ao sistema de armas PANDUR II.



Cap Inf Viana



Pedro Monteiro





O EMPREGO DE PEQUENOS SISTEMAS AÉREOS NÃO TRIPULADOS (SUAS) NUMA UNIDADE ESCALÃO BATALHÃO, COMO FORÇA NACIONAL DESTACADA NO TEATRO DE OPERAÇÕES DO KOSOVO

CONTEXTUALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO PROJETO

No âmbito do projeto celebrado entre o Exército Português, a empresa TEKEVER e a Universidade de Aveiro, foram projetados para o teatro de operações (TO) do KOSOVO, em 07ABR14, com o 1BIMec/KFOR, dois sistemas¹ LIGHT RAY com a finalidade de os utilizar em contexto operacional.

Esta fase do projeto surge na sequência de um programa de treino de emprego tático que decorreu no 1BIMec/BrigMec, durante a fase de aprontamento do 1BIMec/KFOR, no período de 12FEV14 e 28FEV14, no qual participaram 20 militares, 10 (dez) oriundos do 1BIMec, e os outros 10 (dez) das diferentes unidades da BrigMec. No seguimento do treino de emprego tático referido, e no âmbito do Exercício final de Aprontamento “Pristina 141”, o 1BIMec/KFOR teve em acumulação de funções, 5 equipas treinadas com dois sistemas LIGHT RAY centralizados nas Operações do Batalhão. Respetivamente: três equipas na companhia de manobra BCoy (uma por Pelotão), uma no Estado-Maior e uma no Módulo de Apoio. Cada uma destas equipas é constituída por 2 elementos – um Sargento (Operador GCS) e uma Praça (Conductor/Lançador/Operador de Telecomunicações).

EMPREGO TÁTICO NO TO DO KOSOVO

A formação e treino obtidos em Território Nacional (TN) permitiram, após 6 (seis) dias da chegada ao TO, e depois se ter esclarecido com o Comando da KFOR a forma e os requisitos necessários para o emprego

¹ Cada sistema Mini-UAV contempla uma Ground Control Station (GCS), duas aeronaves, um equipamento auxiliar de comunicações (DATA LINK), um Remote Video Terminal (RVT) e um conjunto de acessórios de apoio ao seu funcionamento e manutenção.

do LIGHT RAY, como por exemplo a utilização de uma ROZ² (Restricted Operating Zone), foi pela primeira vez lançado um Mini-UAV por uma unidade do Exército, em TO, para efeitos da proteção da força. A receção de imagem em tempo real contribuiu para o sucesso da missão no exercício FOX da reserva tática do comandante da KFOR – KFOR TACTICAL RESERVE MANOUVRE BATTALION (KTM), exercício este integrado no processo de declaração da completa capacidade operacional (FOC) da KTM que se realizou em 12ABR14 nos arredores de PRISTINA.



Figura A: Planeamento e monitorização de missão



Figura B: Aterragem do LIGHT RAY

O sucesso do lançamento do LIGHT RAY permitiu ao 1BIMec/KFOR participar, no treino cruzado, combinado, com três dos quatro Small Unmanned Aerial Systems (SUAS) presentes no teatro de operações do KOSOVO. Os Estados Unidos apresentaram o PUMA, a Alemanha o MIKADO e ALADIN (não testado), e Portugal o LIGHT RAY.

Quase todos os sistemas, equipamentos e operadores, demonstraram as suas capacidades e limitações, denotando vontade de partilhar conhecimento, e de evidenciar capacidades num espírito de cooperação e partilha de informação entre as forças que detêm este tipo de meios na KFOR.

O LIGHT RAY provou ser um sistema leve e portátil, de emprego rápido permitindo flexibilidade no emprego para operações, quando comparado com os restantes sistemas. Foi atestada a possibilidade de o montar

² A ROZ é pedida com 72 horas de antecedência e tem como finalidade neste TO sincronizar o emprego de SUAS com helicópteros. Em virtude do LIGHT RAY voar abaixo dos 500 m de altitude, esta necessidade de coordenação é diminuta.





rapidamente, lançar, operar e aterrar de uma forma precisa e suave graças à existência de um paraquedas no sistema. Esta componente do sistema, foi alvo de uma grande curiosidade por parte da audiência, pois era o único sistema que a possuía, admitindo constituir-se como uma mais-valia para a preservação dos equipamentos, e precisão na recolha do sistema.

A natureza da missão evidencia uma elevada utilidade dos SUAS, no âmbito da proteção da força, no acelerar do ciclo de planeamento e tomada de decisão, na actualização do SA (Situational Awareness) dos comandantes aos diferentes escalões e em contacto, em resultado do conhecimento da situação, fornecido em tempo real pelos sistemas – dia e noite.



As observações recolhidas, no decorrer do evento de treino operacional combinado com SUAS, alavancam o desenvolvimento de conhecimento dos requisitos operacionais e técnicos associados ao emprego tático de SUAS pelo Exército. O 1BIMec coligiu dados, elaborou um relatório oficial, com a finalidade de eventualmente, permitir um aperfeiçoamento técnico do sistema LIGHT RAY.

A utilização intensa do LIGHT RAY, suscitou a necessidade de trabalhos de manutenção dos sistemas, para os quais, apenas elementos especializados estariam

em condições de os realizar.

Nesse sentido, e de acordo com o protocolo em vigor, a vinda de dois Eng^a da TEKEVER resultou em pleno, porquanto, os problemas de manutenção dos sistemas existiam, foram diagnosticados e resolvidos.

Durante uma semana os Engenheiros aperfeiçoaram particularidades do sistema, formaram especificamente as 5 equipas no que concerne à

manutenção preventiva e corretiva do sistema. Responderam a algumas questões técnicas, que se julgam permitir desenvolver o emprego do sistema às necessidades táticas das operações, dos requisitos de informação existentes.



LIÇÕES APRENDIDAS COM O EMPREGO DOS SISTEMAS

O LIGHT RAY, até à presente data, foi empregue nos exercícios FOX, SILVER BAYONET, TURUL e SILVER SABER da KFOR, para validar critérios de Comando e Controlo, Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP), e Interoperabilidade; foi ainda executada uma operação de escolta, desde o ponto de entrada no Kosovo até ao Campo Slim Lines, no qual esteve montado um dispositivo tático que envolveu, em simultâneo, o emprego de sistemas aéreos não tripulados.

Resumidamente, as principais missões táticas executadas pelas equipas que operam o LIGHT RAY foram as seguintes: Reconhecimento de um Itinerário, Monitorização de pontos sensíveis no empenhamento das Companhias em Controlo de Tumultos para remoção de barricadas, Segurança de um Itinerário, e Segurança a uma Escolta.

Fruto do emprego dos sistemas no treino operacional e em operações surgiu a necessidade de sistematizar procedimentos. Desenvolveu-se uma NEP de emprego dos sistemas, que concentra as verificações, julgadas, necessárias para empregar os SUAS, bem como, dados de planeamento, capacidades e limitações e inclusive o 7 Line ROZ (Informar via rádio a iniciação e a monitorização de uma ROZ numa missão de voo).



Figura C – SOP 22.1 Emprego do sistema Mini UAV em operações



Figura D – Conceito de emprego do sistema no Exercício FOX





Esta sistematização de procedimentos, permite às equipas o emprego dos sistemas de forma sincronizada, segura e sistemática, focando o emprego do sistema na recolha de uma de uma COP (Common Operational Picture). Requer um domínio técnico do sistema para o adaptar às necessidades de recolha de informação do TOC (Tactical Operations Centre), denotando-se um acelerar do processo de tomada de decisão para o empenhamento da força e meios disponíveis.

No caso específico de operações de controlo de tumultos, e resultante do emprego de equipas integradas com o planeamento do TOC, destacam-se as seguintes lições identificadas: identificar a localização da aeronave e da GCS tentando garantir se possível a linha de vista; calcular o período de tempo de voo necessário, e a adaptação das capacidades e limitações da aeronave, que permitam de forma sincronizada, informar da aproximação de manifestantes, da sua perigosidade, e dos meios que possuem.

Assim, foi possível preparar as forças de Controlo de tumultos, para a ameaça numa remoção de uma barricada, preparando a força previamente para a utilização dos elementos disponíveis na gradação da força. Releva-se, ainda, o contributo para: a sincronização de meios entre as companhias de manobra e o Tactical Psyops Team (TPT); o emprego do canhão de água; o uso de granadas de lacrimogénio, a simples preparação da máscara BQ pelos elementos no terreno antes de chegar a uma barricada; o acelerar do emprego e a autorização necessária para utilizar armas não letais em situações de extrema ameaça para a integridade da força (uso de Cocktails Molotov por parte dos manifestantes); o acelerar do emprego dos elementos do Freedom of Movement Detachment (FOMD) na remoção de uma barricada; a preparação atempada de subunidades para reforçar os escalões em contacto Relief in Place (RIP); ou, em caso de ameaça letal, a projeção atempada com recurso



a helicópteros de uma companhia numa Forward Operating Base (FOB) com um reduzido Notice to Move (NTM).

Fatores de decisão	Planeamento da missão
<p>Missão: Densidade do alvo e distâncias para o alvo. Questões a resolver:</p> <p>Inteligência: Ameaça para o sistema, ameaça para a geração, outras capacidades de ameaça.</p> <p>Terreno: Características do terreno para escolha da ZAVZ. Características da Classe de Condições Meteorológicas (Classe de Condições Meteorológicas (UAV)).</p> <p>Meio: Características do sistema, ameaças adicionais necessárias para proteção e sucesso.</p> <p>Tempo: Disponibilidade de informação imediata ou posterior, pré-preparação de aeronave e Plataforma, Emissão de informação?</p> <p>Considerações éticas: Risco de acidente, emissão de informação no domínio público.</p>	<p>Áreas de Interesse: Localização e prioridade</p> <p>RIS</p> <p>Tempo: Disponibilidade de informação</p> <p>Meio de Projeto: Atribuição e modo</p> <p>Áreas de Interesse: Localização e prioridade</p> <p>Trabalho e Informação: Trabalho e informação</p>

Figura E: Dados de planeamento para uma missão de voo

A aplicação prática do sistema em contexto operacional fez-nos operacionalizar a sua utilização. Existe em nós uma motivação e preocupação acrescida no 1BIMec/BrigMec com a finalidade, de cada subunidade ou módulo, de tirar o maior proveito do sistema tendo em conta a tática, técnica, as limitações, as possibilidades, os factores de decisão e a recolha de informação, bem como, o acompanhamento premente, no planeamento e na tomada de decisão.

O Conhecimento adquirido permite-nos de forma sustentada, trocar ideias, debater as possibilidades de emprego de SUAS com forças de outros países (i.e., EUA). Refina a nossa motivação e resiliência para aperfeiçoar, de forma contínua, no Exército, e Forças Armadas Portuguesas, o Conhecimento sobre o emprego tático destes sistemas em operações de Defesa e Segurança.

Do ponto de vista da tática, os SUAS, são na realidade um multiplicador do potencial de combate: materializam para o exército a utilização do eixo de aproximação designado de sobressolo - espaço de “terreno” até aos 500m, que não necessita de coordenação de espaço aéreo; representam o posto de observação do século XXI, complementando os sensores humanos e outros meios aéreos; alavancam o processo de decisão militar, eventualmente, com menos incertezas, tornando-o célere, contribuindo para a doutrina da manobra³ da Força em detrimento da Atrição; em síntese, obtém-se maior Proteção da Força.



³ Doutrina da manobra, considera posicionamento de forças - com ímpeto e surpresa - obter a vitória. forte da força opositora, para através do





O 1BIMec/BrigMec, teve a oportunidade de ser a primeira unidade a empregar SUAS em Operações, constituindo para nós este facto um motivo de orgulho, e um privilégio:

De orgulho, pela tomada de decisão em tempo oportuno, da cadeia de comando nacional, fomentando a CONFIANÇA, RESILIÊNCIA e INOVAÇÃO nos quadros, e que se materializa com a pesquisa, discussão, e contribuição escrita em termos táticos, e técnicos para o desenvolvimento do sistema;



Um privilégio, pela oportunidade de concretizar, e de aperfeiçoar o conhecimento tático aplicado, sobre o emprego de SUAS em operações em todo o espectro do conflito, em particular, nas operações em curso no TO do KOSOVO.

Autor: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado/KFOR

O APOIO DE COMBATE NAS UNIDADES ESCALÃO BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO: POSSÍVEIS TENDÊNCIAS DE EVOLUÇÃO

FINALIDADE E SITUAÇÃO GERAL

SITUAÇÃO GERAL

Com a proliferação de fundamentalismos no Norte de Africa, Médio Oriente e a tendência crescente para o aparecimento de focos de atrição na região da Ásia-Pacífico, julga-se prudente considerar, prospectivamente, a necessidade de preparar e acautelar o treino operacional para a intervenção de forças militares em cenários de alta intensidade e média intensidade.

As Forças Armadas dos diferentes estados, da Europa e da América do Norte, sob o conceito da *POOL AND SHARING*, desejavelmente, em convergência com o conceito de *SMART DEFENCE* da Aliança, respetivamente, procuram o desenvolvimento de um modelo cooperativo de Segurança e Defesa, que assegure os valores e cultura ocidental - Liberdade, Democracia, e o uso da Força da Lei, por oposição à Lei da Força.

A publicação doutrinária do Exército (PDE) 3-0 e a doutrina de referência norte-americana do *Field Manual* (FM) 3-0, *Operations*, relevam que os conflitos envolvem mais do que os atores militares, necessitando de uma constante e contínua sincronização com todos os vetores, a saber: Políticos, Militares, Económicos, Sociais, de Informações, Infraestruturas (PMESII). Assim, reconhece-se que a existência de uma compreensão abrangente da Situação Geral (*Situational Awareness*) contribui para uma realística-pragmática condução das operações em todo o espectro do conflito (*Full Spectrum Operations*). As Operações em todo o Espectro do Conflito - alta, média e baixa intensidade - aplicam a Força em teatros de operações normalmente não lineares, tendencialmente urbanizados, e através de uma contínua e concomitante combinação de quatro elementos: ataque, defesa, estabilização e de apoio humanitário (*civil support operations*).

Em prospetiva a natureza dos conflitos pode não ser, essencialmente, do tipo assimétrica, nem tão pouco, de natureza não letal.





A alteração das políticas de imigração na Europa para o espaço Shengen, associadas à instabilidade na Ásia Pacífico, com a Síria, Irão, Índia e Paquistão em destaque, podem originar conflitos onde intervenções multinacionais do tipo de *Small Joint Operation* (SJO) e *Major Joint Operation* (MJO) ganham maior probabilidade de ocorrer.

A existência de sistemas de armas letais que permitam conjugar fogo, manobra, proteção e precisão, revelam-se imprescindíveis, em associação com o emprego de escalões (i.e., Brigada, Agrupamento) com elevados níveis de descentralização na ação - Comando-Missão.

Os efeitos das operações sustentam-se, consecutivamente, na força da lei, legitimando a ação, para evitar a todo o custo efeitos colaterais.

SITUAÇÃO PARTICULAR - A AMEAÇA

A ameaça com que nos deparamos já não é clara, como no período da guerra industrial. As forças oponentes não têm formas definidas e os seus líderes e operacionais estão fora das estruturas normais da sociedade. As ameaças vão desde os terroristas, aos insurgentes no Afeganistão, aos terroristas e grupos armados dos senhores da guerra no Afeganistão e em África.

A ameaça com que nos deparamos hoje em dia, mistura-se com a população;

Utiliza técnicas e táticas subversivas, tem no ambiente urbano o seu campo de batalha ideal, uma vez que consegue dissimular-se muito mais facilmente; as suas ações violentas têm maior efeito, e a natureza do combate urbano, com toda a sua complexidade, facilita o estabelecimento de santuários aos grupos subversivos.

Esta caracterização da ameaça pode se tornar mais complexa, caso a população que habita o Teatro de Operações onde se desenrola a Campanha, por não lhe terem sido conquistadas as *mentes nem os corações*, aderir à causa dos movimentos subversivos. O ambiente de cariz subversivo, que de alguma forma hoje se percebe em muitas operações de estabilização - com menor ou maiores probabilidades de risco -, é propenso à ocorrência de atentados em grande escala, limitando a atuação da força em consequência da dificuldade em dirimir potenciais danos colaterais. Considere-se, também, a probabilidade e severidade da

ocorrência de desacatos e desobediência civil, o que rapidamente pode degenerar em tumultos de difícil controlo, ou mesmo, em combates de alta intensidade.

O PRESENTE E FUTURO DO APOIO DE COMBATE

Julga-se que decorrente da situação geral descrita, e de acordo com as tendências expressas, que continua a existir a necessidade de termos **Forças constituídas, treinadas e certificadas** com ênfase para as Capacidades - Comando e Controlo, Uso da Força e Informações/Vigilância/Reconhecimento (C⁴ISR) -, para combater uma ameaça organizada, para realizar operações convencionais, em conjugação com a ameaça assimétrica referida, presente, e imiscuída no meio urbano, com a população.

Embora se reconheça a importância do dinamismo tecnológico, para com menos recursos humanos se aperfeiçoar a proteção da força, a mobilidade tática, e a precisão, também se assiste à necessidade de assegurar valores e competências essenciais da formação básica do Soldado (vide rusticidade, treino operacional, liderança, prática de tiro armamento ligeiro e pesado, orientação, condição física). Por hipótese, e como denominador comum, qualquer Soldado com as competências devidas, opera os sistemas de armas na ausência de determinada tecnologia, embora, reconhecendo-se o aumento do risco nos efeitos a obter para o cumprimento da missão.

Há neste regresso ao essencial, o reconhecer que apesar das novas tecnologias, contribuirão para aperfeiçoar a proficiência e efeitos dos exércitos na conduta da guerra em todo o espectro do conflito, mantêm-se incapazes de mesmo com estruturas centradas em rede (network centric), erradicar toda a incerteza do campo de batalha. Julga-se que os sistemas e tecnologias de informação devem contribuir para uma real descentralização da execução das operações, por oposição ao uso dos novos sistemas para exercer um comando e controlo centralizador, inviabilizador da iniciativa aos escalões subordinados - integrada com a intenção do Comandante.

O apoio de combate¹ como o facilitador do processo de decisão, da

¹ Definição de Fire Support, extraída do ATP-3.2.1, pp 2-26: the application of fire, coordinated with the manoeuvre of forces, to destroy, neutralize or suppress the enemy. (AAP 6)





manobra, com a finalidade de **criar dilemas à ameaça, e também, de contribuir para a sua resolução**, é obviamente indispensável para o desenvolvimento da Capacidade Emprego da Força (*Engage*).

Pretendemos detalhar este **apoio de combate**, iniciando o nosso percurso, sustentados numa análise de per se dos vetores de desenvolvimento de capacidade Doutrina, Organização, Treino Operacional, Liderança, Material Pessoal, Formação, Infraestruturas, Interoperabilidade (DOTLMPFII)

ANÁLISE DE VETORES DE DESENVOLVIMENTO PARA O APOIO DE COMBATE

É nossa intenção, com base nos elementos estruturantes de uma capacidade², identificar de forma realista-pragmática os aspetos mais significantes, que hoje se julgam reconhecer no sistema de sistemas do apoio de combate das unidades de infantaria.

Admite-se que uma predisposição para promover a fluidez de processos, uma adaptabilidade constante³, e a prática do Comando-Missão⁴ na instituição militar, contribuem decisivamente para levar de vencida as surpresas doutrinárias e tecnológicas, do presente e do futuro.

Da Doutrina julga-se adequado enfatizar o conceito de Comando-Missão que se julga constituir como um conceito comum para os países da Aliança. Pretende-se com este conceito que o comando das operações se materialize através de uma execução descentralizada dos escalões subordinados, sustentados na atribuição de missões táticas, e de acordo com a intenção do comandante. Os efeitos que se julgam fluir para o apoio de combate, é o foco da necessidade dos pequenos escalões obterem

² Entende-se por capacidade a integração e harmonização de vetores de desenvolvimento (Doutrina, Organização, Treino, Liderança, Material, Pessoal, Formação, Infraestruturas e Interoperabilidade) com a finalidade de obter um efeito ou atingir um objectivo

³ FINKEL, Meir, *On Flexibility*, Stanford University Press, 2011, 324 pp

⁴ SHAMIR, Eitan, *Transforming Command, The pursuit of mission command in the US, British, and Israeli Forces*, Stanford University Press, 2011, 203.

vantagem - proteção da força - com a iniciativa que lhes é concedida, para em prol da missão do escalão superior e da incerteza que caracteriza o combate, estarem mais aptos para descobrir, fixar e apoiar a derrota da ameaça.

O conceito operacional do exército visa a condução de operações em todo o espectro do conflito⁵ - alta, média e baixa intensidade - admitindo-se o emprego em operações ofensivas, defensivas, de estabilização, e de apoio civil. As operações tendencialmente realizar-se-ão num cenário de alta intensidade, mas com forças preparadas para conduzir operações em todo o espectro, pelo que a flexibilidade das unidades desde o escalão secção a Batalhão terá de ser bastante grande. Quer as operações ocorram no decorrer de uma operação ofensiva ou no decorrer de uma operação de estabilização o fator urbano e o de população manter-se-ão.

De todos os sistemas de apoio de combate, os sistemas de Informações, Reconhecimento e Vigilância (ISR) (i.e., radares, e sistemas não tripulados) são os que se julgam promover uma maior necessidade de adaptabilidade doutrinária desde os baixos escalões ao escalão Brigada. O impacto tecnológico que neles se regista e prospetiva, tem se vindo a alterar, com maior ênfase, nos últimos 5 anos, e no âmbito dos níveis da guerra - tático, operacional e estratégico.

Dentro das operações de estabilização, a doutrina da Aliança e a doutrina de referência sobre a contra-subversão (COIN) - sem esquecer as nossas referências do exército na Guerra Subversiva de 1966 -, permitem-nos, em conjugação com a tipologia da ameaça, perceber da complexidade associada ao emprego do apoio de combate, em particular.

No Afeganistão, de acordo com a doutrina da Aliança e de referência consideradas (vide bibliografia), o conceito COIN orienta-nos para a realização das missões táticas seguintes: Limpar (Clear), Segurar (Secure), Manter (Hold) e Construir (Build). Após 10 anos de emprego de forças em TO onde o COIN se viveu e vive em elevada intensidade e com

⁵ EXÉRCITO PORTUGUÊS, Operações, PDE 3-00, pp 2-12, 2012





riscos muito elevados para as vidas de militares da Aliança, admitimos conveniente constatar como os morteiros pesados e médios satisfazem a doutrina, através das missões táticas seguintes:

- **Limpa (Clear):** Remoção de todas as forças insurgentes de uma área. Os morteiros são utilizados em apoio direto e contínuo às pequenas unidades que conduzem as operações de limpeza. Neste tipo de operações a gestão do risco é realizada com a finalidade de dirimir eventuais danos colaterais e sob o respeito das regras de empenhamento em vigor;

- **Segura (Secure) :** A construção de postos de controlo (*Check Points*) nas entradas das áreas urbanas e dentro delas, pretendem controlar e interromper a atividade insurgente. Os morteiros fornecem, se necessário, um grande poder de fogo, e acarretam um efeito dissuasor quando visualizados.

- **Mantém (Hold):** O pelotão de morteiros pode ser empregue em proveito da necessidade de incrementar a frequência de patrulhas montadas, ou de instalação de postos de controlo de viaturas inopinados (*Vehicle Check Points*), a fim de proteger a população e garantir a sua segurança. Pode, ainda, ser empregue em ações ofensivas caso exista essa necessidade;

- **Constrói (Build):** os morteiros assumem outras tarefas que não se encontram necessariamente relacionadas com as operações de combate (i.e., contacto com ONG e OI, ações de apoio à população local).

Assim, reconhece-se a, recuperada, importância do apoio de fogos indiretos oportunos, e contínuos para o sucesso das operações, embora, necessariamente associado a um incremento tecnológico nos seus sistemas de armas ou munições. A finalidade é reduzir os **danos colaterais** através do **aumento de precisão**, e a diminuição do tempo de resposta aos pedidos de fogos inopinados.

Dos sistemas de armas anticarro, há a referir a manutenção do apoio mútuo entre sistemas, a sua utilização com distâncias de segurança para os utilizadores, a adaptabilidade destes sistemas para distâncias até aos 2.500 m, precisamente para tirar o máximo proveito das distâncias possíveis em áreas edificadas. No entanto, salientamos as disrupções tecnológicas, que viabilizam a existência de armas do tipo "dispara e esquece", reforçando a doutrina e a tática subjacente ao enquadramento redigido no parágrafo supra. Reconhece-se ainda, de acordo com o conceito comando-missão, a utilização destes sistemas, de forma descentralizada, pelas unidades de

manobra, ou tradicionalmente, centralizados sob o comando do batalhão para influenciar o combate nos momentos decisivos. Assim, em total alinhamento com a doutrina reconhece-se que hoje o anticarro procura também ele, reduzir danos colaterais, aumentar a precisão, e maximizar a sua aplicabilidade em áreas urbanas.

O apoio de combate perante todo o espectro do conflito, depara-se com desafios associados ao seu uso em operações de estabilização, especialmente, quando o esforço se exerce para implementar a doutrina de contra-subversão. Portugal tem ratificado na Aliança um conjunto de publicações doutrinárias pelo que se julga adequado, traduzi-las, tanto quanto possível, para técnicas e táticas padrão (TTP).

Note-se por exemplo, que o empenhamento do comandante da companhia de apoio de combate (CAC) em operações não se debate muito. Ele comanda, e não comanda; Em treino operacional ele constitui-se como um elo indissociável e imprescindível no planeamento, sincronização e avaliação do treino operacional do apoio de combate; Em operações, doutrinariamente ele constitui-se como um conselheiro para o apoio de fogos do comandante de Batalhão, embora, o Oficial de Apoio de Fogos exista e deva estar presente no estado-maior técnico do Comando do Batalhão. Logo, tacitamente, podemos admitir que o comandante da CAC, pode em casos particulares, dispor de uma organização para o combate que lhe permita potenciar a sua ação de comando sobre o emprego de unidades de apoio de combate, no apoio à manobra, Julga-se, por isso, existirem condições para se reajustar doutrina, e TTP, referentes ao apoio de combate em ambiente urbano, desde os pequenos escalões até Agrupamento.

Da Organização julga-se que o Quadro Orgânico (QO) 24.0.01, aprovado em 2009, é convergente com o conceito operacional do exército para atuar em **todo espectro do conflito** e corresponde aos requisitos operacionais correntes e prospetivos. Garante, ainda, a necessária **flexibilidade** para promover, quando determinado, forças tarefa, para satisfação de determinadas missões. Constata-se que os teatros de operações, tendencialmente, não são lineares, originando a atribuição de áreas responsabilidade, para além de dimensões doutrinárias de zonas de ação ou setores, a flexibilidade do QO 24.0.01 continua a assegurar que a **adaptabilidade** da força, através da decisão do Comandante, reforce a





proteção da força em subunidades que se julgam estar mais isoladas - vide a articulação de sistemas de armas sob comando do batalhão para atribuir em apoio direto às unidades de manobra carenciadas.

O Apoio de Combate do Batalhão de Infantaria Mecanizado encontra-se posicionado na Companhia de Apoio de Combate, através do seu Pelotão de Reconhecimento de Infantaria (PelRecInf), Pelotão de Morteiros Pesados (PelMortPes) e do Pelotão Anticarro (PelACar), Secção VCB (SecVCB), Secção Mini UAV (SecM-UAV), ao nível das Companhias de Atiradores no seu Pelotão de Apoio - com uma secção de morteiros médios e uma secção anticarro.

Para reunir as condições, julgadas convenientes, para atuar em contra subversão e em ambiente urbano pode ser necessário promover uma reestruturação a nível organizacional do apoio de combate, integrando módulos que lhe garantam outras valências ou potenciem as já existentes, através do incremento de subunidades e/ou apenas alguns elementos com requisitos técnicos e operacionais específicos. A capacidade de adaptação modular associada a cada tipo de missão corresponde aos princípios de flexibilidade e adaptabilidade, já anteriormente referidos.

Considere-se como exemplo, a organização do apoio de combate no exército do Reino Unido para numa operação de estabilização, a executar a COIN. As companhias de apoio de combate dos Batalhões, são constituídas por cinco pelotões: um PelACar armado com Javelin, um PelRecInf, um PelMortPes (com 8 morteiros 81mm), um pelotão de metralhadoras (com 9 metralhadoras pesadas) e um pelotão de assalto. Os Pelotões de Apoio das Companhias de Atiradores são constituídos por Secção de Metralhadoras Pesadas, Secção de Morteiro 60 e uma Secção ACar Javelin.

De acordo com as necessidades operacionais, requisitos operacionais, e por força da imperiosa urgência em a força se adaptar à ameaça, a companhia de apoio ao combate promove reorganizações modulares das unidades escalão pelotão, obtendo grupos de apoio de escalão seção ou pelotão com: metralhadoras pesadas, sistema Javelin (anti-carro), morteiros, e Sniper. Estas seções são organizadas e atribuídas em apoio direto às unidades de manobra - Companhias de Atiradores, provendo-lhes o poder de fogo julgado como necessário.

Relativamente aos fogos diretos a novidade encontra-se presente na

criação de uma força que integra vários sistemas de armas, designado de FSG (*Fire Support Group*). O FSG é composto por quatro sistemas de armas: metralhadora pesada (*Heavy Machine Gun*), Lança Granadas Automático (*Grenade Machine Gun*), metralhadora ligeira e pelo Javelin, (míssil anti-carro de alcance médio, com a capacidade disparar e esquecer). Normalmente, este *Fire Support Group* usa o morteiro portátil 60 mm, mantendo-se os morteiros de 81 milímetros sob o comando do Batalhão.

Estes 4 sistemas de armas integrados num só sistema, proporcionam uma grande precisão e efeitos em alcances até ou superiores aos 2.500m. Admite-se a possibilidade do FSG ser operado em viaturas ou por forças apeadas. Ao nível de emprego este FSG permite a um comandante uma diversidade de fogos que de acordo com a missão, o utiliza como um todo ou separadamente (força tarefa).

As secções estão, também, equipadas com o "Rocket 66mm HEAT L1A1" M72 LAW, com uma alteração: a sua capacidade anticarro foi substituída/modificada pela capacidade de demolição (fins de demolição). Com esta capacidade as secções diminuem a sua exposição (diminuindo o risco - stand-off - proteção do força) por exemplo, para abrir uma brecha com a finalidade de entrar num edifício.

Admitindo que os fogos indiretos devem ser um recurso imediato que um comandante dispõe para influenciar diretamente o resultado de uma operação, no Afeganistão, todos estes sistemas, foram concentrados pelas forças da coligação, organizando-os com um sistema de apoio de fogos, sedado em bases de fogos, cuja finalidade visa garantir o apoio de fogos em 360º grau a cada Área de Operações. As bases de fogos estão equipadas com obuses 105 e 155 milímetros (mm) rebocados, morteiros 120 mm, 81 mm, e 60 mm - estes últimos, guarnecem UEP de alguns países. Os radares de deteção de munições como o Q-36, Q-37, e o sistema portátil de contra morteiro, encontram-se também integrados neste sistema de fogos, supra descrito. Enfatiza-se a importância destes radares, porquanto, facilitam a identificação e execução oportuna de fogos indiretos - em tempo e precisão - para os locais de origem dos ataques de rockets ou granadas de morteiro.

Considera-se perante os factos descritos que o nosso QO 24.0.01 em vigor, responde aos requisitos operacionais de organização para todo o





espectro da conflitualidade. As considerações que julgamos adequadas realizar, prendem-se com a necessidade de esclarecer da razoabilidade de manter seções de vigilância (i.e., equipadas com AN PPS5B) do campo de batalha (i.e., equipadas com AN PPS5B) da Companhia de Apoio de Combate quando, se reconhece o desfasamento técnico e operacional destes radares, e em simultâneo - de acordo com os dados de planeamento conhecidos - a edificação do Batalhão ISTAR no exército.

Do Treino Operacional e de acordo com as orientações que são determinadas superiormente, sejam elas Ordens, Planos, ou a "simples" necessidade de manter o nível de prontidão, o Comandante (Cmndt) através do Processo de Decisão Militar (PDM), e para cada ciclo de treino operacional⁶, seleciona as tarefas essenciais para o cumprimento da missão (TECM)⁷, concomitantemente, com a identificação de disponibilidades e carências, que alavancam ou comprometem, respetivamente, o plano de treino a desenvolver.

O treino operacional deve se focar em satisfazer critérios que viabilizem a prontidão de combate da Unidade, desejavelmente, promovendo o treino de armas combinadas de acordo com as TECM selecionadas, para cada ciclo de treino - operações ofensivas, defensivas, de estabilização. O treino operacional de apoio de combate, como qualquer outra unidade com encargo operacional deve evoluir da seguinte forma: no âmbito da tática com a realização de exercícios do nível da parêlha/seção ao Agrupamento/Batalhão, do tipo *Field Training Exercise* (FTX) e *Joint, Combined Arms, Live Firing Exercise* (J-CALFEX); no domínio do tiro deve-se privilegiar a realização de tabelas de desempenho gradativas: adaptação, qualificação e de combate.

A maior especificidade técnica dos sistemas de armas do apoio de combate, e conseqüente maior custo na realização de fogos reais, sugere a existência de simuladores de tiro que contribuam para uma adequada gestão dos recursos, maximizando o investimento financeiro associado ao disparo de munições/granadas/mísseis reais. Um dos sistemas que muito contribui para o treino dos morteiro médios e pesados, através

⁶ Reflexões de experiência feita, 1º BIMec/BrigMec, NRF5 e A Certificação do AgrMec/BrigMec/NRF 12, Reflexões e Lições Aprendidas

⁷ US Army, Mission Training Plan Tank and Mechanized Battalion 71-2, 2004

da formação e validação dos observadores avançados, designa-se de INFRONT. Estes sistemas, devem constituir-se como prioridades na escolha de investimentos financeiros a realizar, no âmbito da manutenção preventiva e corretiva, e pela abrangência do universo de militares de diferentes armas e serviços que dele tiram proveito.

A existência do Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas (CdE CAE), tem viabilizado um treino operacional dos pequenos escalões de qualidade e de grande rigor técnico-tático. No entanto, reconhecem-se as limitações do espaço para um treino de escalão Subagrupamento, onde a interação entre o Soldado de Infantaria e o emprego dos Carros de Combate se consiga materializar. O mesmo se constata para a necessária validação do emprego do apoio de combate, com ênfase para o apoio de fogos indiretos. Para o efeito, e em virtude da experiência acumulada nas unidades de infantaria da Brigada Mecanizada, existe um rol extenso e bastante detalhado de tabelas de tiro utilizadas para validar e certificar subunidade da companhia de apoio de combate. Essas tabelas foram novamente coligidas e associadas⁸ em documento, com a intenção, de poderem se constituir como contributos, também, para o aperfeiçoamento do tiro dos sistemas de armas do apoio de combate.

"Tendências demográficas tornam claro que num futuro próximo a maior parte se não a totalidade dos conflitos decorrerão em áreas urbanas. Parece-nos megalómano propor que exista em Portugal um local de treino para combate em áreas urbanas para escalão Agrupamento, todavia, não nos parece descabido expressar a urgência em existir um local de treino que possibilite o treino do escalão Subagrupamento, face ao imperativo que hoje constitui esta realidade"⁹.

Ao falarmos do regresso ao essencial (*back to basics*) no apoio de Combate julga-se, não estarmos apenas a falar do esforço a exercer para continuar a afirmar as valências de formação técnicas, tática do treino operacional, consideradas estruturantes do Soldado; deseja-se, também, uma existência de boas práticas - obviamente adaptadas e adotadas¹⁰

⁸ EXÉRCITO PORTUGUÊS, Brigada Mecanizada, Diretiva nº1 do 1º BIMec/BrigMec, 2013

⁹ http://www.triplov.com/miguel_garcia/cpos/cpos_04.html

¹⁰ SHAMIR, Eitan, Transforming Command, The pursuit of mission command in the US, British, and Israeli Forces, Stanford University Press, 2011, 203 pp.





no âmbito do Comando-Missão, privilegiando a iniciativa dos escalões subordinados e a descentralização na execução das operações, de forma convergente com a intenção do Comandante.

Da Liderança: O conceito de Comando-Missão¹¹ requer e "*incentiva ao exercício da iniciativa em todos os escalões de comando diretamente envolvidos com o decorrer do combate, campanha ou conflito. Encoraja os subordinados a explorar as oportunidades, através do uso da iniciativa e decisão com a finalidade de cumprir a missão; mantendo um total alinhamento com a intenção do Comandante*"¹².

Para que a adoção e adaptação do conceito Comando-Missão ocorra, a educação e o desenvolvimento de líderes deve concorrer para que os comandantes se sintam confortáveis em delegar o controlo e autoridade. A organização e doutrina para a apoio de combate assim o assegura. A centralização dos morteiros pesados sob o Comando do Batalhão e a iniciativa do comandante de pelotão, para o planeamento da manobra com a finalidade de assegurar o apoio de fogos contínuo ao Batalhão numa marcha para o contacto, representam apenas um dos muitos exemplos que se podem replicar nas outras subunidades da Companhia de Apoio de Combate.

Os sistemas de comunicação e informação de que dispomos devem contribuir para obter uma assertiva capacidade de decisão a todos os níveis de comando, em alternativa ao uso dos mesmos para exercer um comando e controlo centralizador, e por isso inibidor de criar vantagens competitivas nos desempenhos das unidades.

Parece adequado promover a doutrina e prática do Comando-missão, com a finalidade: de no presente melhorar a proficiência das unidades perante um quadro de surgimento de tendências pacifistas utópicas; derrotar racionais exclusivamente tecnocráticos ditadores da simplificação da "coisa" militar; de dirimir o exagero pelos efeitos da tecnologia na conduta dos conflitos e na análise do "nevoeiro" da guerra, até porque a assimetria continua a vencer batalhas, até porque a incerteza e o risco na guerra não são erradicáveis.

¹¹ EXÉRCITO PORTUGUÊS, Publicação doutrinária 3-00, Operações, 2012;

¹² SHAMIR, Eitan, Transforming Command, The pursuit of mission command in the US, British, and Israeli Forces, Stanford University Press, 2011, 203 pp.

Com esta abordagem, pretendemos corroborar a ideia de que com a experiência de combate repetida, a execução em anos sucessivos de operações de estabilização, por vezes, torna-se importante regressar ao essencial:

- Motivar os subordinados para atingir patamares de excelência promovendo iniciativa e decisão;
- Dar prioridade a treinos de situação de forma a conduzir operações planeadas e lidar com situações inopinadas;
- Assegurar que os padrões e critérios são atingidos;
- Treinar e monitorizar continuamente as suas unidades no sentido de obter a proficiência da força;
- Garantir a segurança e gestão do risco aos mais baixos escalões.

Do Material, como temos vindo a referir, a inexistência de sistemas desejados e necessários, não devem impedir o treino da formação técnica e tática do armamento de apoio de combate existente. Até porque, os princípios associados ao apoio de combate - vigiar sem se empenhar; garantir apoio mútuo no anticarro e apoio de fogos contínua ao Batalhão - e porque se trata de princípios, são aplicáveis a qualquer outras plataformas e sistemas de armas.

No entanto quando se olha para o QO 24.0.01, reconhece-se a inexistência de alguns sistemas de armas, viaturas . Outros, apesar de existirem - vide morteiros pesados 10,7 - indiciam a existência de reduzidos conhecimentos técnicos que permitam assegurar uma manutenção corretiva eficaz¹³.

Prospectivamente admitimos que algumas das tendências que viabilizam um aperfeiçoamento do emprego do apoio de combate, envolvem os aspetos seguintes:

Um sistema de comando e controlo integrado - SICCE - que permita a interoperabilidade de todos os sistemas de armas e de ISR, permitindo uma melhor tomada de decisão num menor espaço de tempo.

Aperfeiçoar os meios de vigilância do campo de batalha (VCB) para

¹³ Em 2005, morteiros médios enviados para manutenção corretiva, foram abatidos aos QOM de uma unidade da BrigMec. Em 2013, após se terem esgotado as soluções alternativas para executar a manutenção corretiva de morteiros 10,7 na BrigMec, está por esclarecer quem a poderá realizar, e quais as soluções existentes - não incluindo, desejavelmente, a modalidade de ação do abate dos sistemas no QOM





o PelRecInf que lhe permitam com sucesso realizar operações de ISR - observação contínua de áreas e objetivos, sensores remotos, telémetro laser, designador de objetivos. Os sistemas aéreos não tripulados deixaram de se constituir como uma tendência para se assumirem como um facto. A sua existência para a força materializa uma vantagem competitiva, numa dimensão multidisciplinar do emprego da violência organizada - otimiza as funções de combate, aumenta a proteção da força, garante a surpresa e contribui para uma tomada de decisão mais assertiva. Para o Batalhão, a existência na companhia de apoio de combate de uma seção com três mini-sistemas aéreos não tripulados, permite assumir que o(s) posto(s) de observação", também designados "os olhinhos do comandante" podem existir, também, no sobressolo - espaço aéreo situado entre o solo até aos 500 m de altura. Parece-nos óbvia, a existência de "um eixo de aproximação" para o qual o PelRecInf, se dotado daqueles meios, pode agora ser potenciado em prol da proteção da força e da tomada de decisão.

O morteiro garante fogos indiretos, pelo que a sua importância associada à utilização de granadas inteligentes, quer sejam guiadas por GPS ou por designador laser, apoiam a condução das missões de maneira muito significativa. Este incremento tecnológico tem sido traduzido em granadas de precisão, imagens de satélite disponíveis em tempo real ao nível do soldado, e um sistema integrado de tiro que aumenta a **letalidade dos fogos indiretos**. Estes avanços tecnológicos, reduzem o risco de ocorrência de **danos colaterais, e de fratricídio**. Assiste-se ao uso de granadas de Morteiro 120 mm com a integração de um sistema GPS, e materializa-se a capacidade dos observadores avançados em identificar o alvo com uma precisão de 1 metro, obtido através da ajuda de um sistema de imagem estereoscópica e de um sistema de aquisição de objetivos. A combinação do sistema de aquisição de objetivos e as granadas guiadas por GPS¹⁴ trouxeram uma nova definição para apoio de fogo indiretos de precisão, para além de continuarmos a constatar a necessidade de manter

¹⁴ Também a granada do morteiro 120 mm se tem desenvolvido com a finalidade de aumentar a precisão. Existem atualmente granadas guiadas por GPS e por designador laser além do PERM (Precision Extended Range Munition) que permite o aumento do alcance para 17Km, com precisão.

as competências essenciais ao nível do Soldado, para operar os sistemas, tanto quanto possível, na ausência de tecnologia - regresso ao essencial. Refira-se a propósito que o custo estimado por cada morteiro 120 mm do tipo *Roll Control Guided Mortar* (RCGM), que viabiliza a utilização de munições inteligentes, custa cerca de 7.500,00 euros¹⁵.

Os morteiros 81 e 60 devem acompanhar as unidades na condução das operações, a partir de uma existência orgânica, ou centralizados sob o comando do Batalhão e empregues quando entendido como necessário. Por exemplo, e à semelhança do que se viveu na Guerra do Ultramar, uma das respostas mais eficaz a emboscadas, passa por poder desencadear fogos indiretos - morteiro 60 ou de 81mm, outros - em tempo oportuno e com precisão.

O Batalhão de Infantaria Mecanizado está equipado com 6 Viaturas M113 A2 Lança Mísseis Tube-launched, Optically tracked, Wire guided missile (TOW) - terceira geração de mísseis. Uma das características deste míssil é ser filo guiado. A partir desta característica podemos dizer que para o ambiente urbano em operações de estabilização do tipo COIN, anteriormente descrito, este sistema não satisfaz os requisitos operacionais atuais. Regista-se hoje a existência de sistemas anticarro de quarta geração, com mísseis do tipo fire and forget, com alcances até aos 1.500/2.000 m (i.e., modelo SPIKE de origem israelita). A Espanha entre 2006 e 2014 vai comprar cerca de 260 sistemas com um custo total de 320 milhões de euros, o custo por sistema é de 1,23 milhões de euros¹⁶.

Existe no exército, também como arma anticarro o CANHÃO S/R CARL GUSTAV cujo alcance pode atingir os 2.000 m. Salienta-se que esta arma dispõe de munições especificamente concebidas para destruir fortificações, o que satisfaz alguns dos requisitos necessários para operar em áreas edificadas, e que está reforçado em virtude da munição não ser filoguiada.

Relembramos o exposto no vetor de desenvolvimento de treino operacional, sobre a importância de um sistema de simuladores que sustentem o treino operacional, a certificação de guarnições, visando obter

¹⁵ <http://www.army-guide.com/eng/article/article.php?forumID=2184>

¹⁶ <http://www.army-guide.com/eng/product1245.html>





um custo/eficácia da realização de fogo real mais assertivo e remunerador.

Do Pessoal e Formação, reiteramos a alteração de mentalidades que a adoção e adaptação ao conceito do Comando-Missão, exigem dos recursos humanos do exército. Este resultado constitui-se como a primeira fase do regresso ao essencial.

Todo o apoio de combate, exige estabilidade na permanência dos recursos humanos para potenciar a formação obtida em proficiência das unidades que guarnecem. Assim, constituindo a especialização do pessoal no cumprimento das tarefas da sua função, diretamente proporcional aos sistemas e tecnologias disponíveis nas subunidades de apoio de combate, é nosso entendimento, que a permanência em unidades de apoio de combate não deve ser inferior a três anos.

Os militares que servem em unidade de apoio de combate, devem estar qualificados nas seguintes áreas de formação técnica e tática: Reconhecimento; Cargos de Atiradores (Bipé, granadeiro, MetLig, MetPes, etc.); Atiradores especiais; HUMINT; Transmissões, transmissão de dados, SATCOM e computadores; Condução de viaturas ligeiras, médias e pesadas de rodas e lagartas; Engenharia (EOD, NBQR, Descontaminação, Infra-estruturas); 1º Socorros, Trauma, enfermeiros; Mecânicos de viaturas de rodas, lagartas, armamento, material ótico e optrónico, rádio montador; Atiradores qualificados com curso de controlo de tumultos; Operar morteiros ligeiros, médios e pesados; Operar armas anticarro (TOW, MILAN e CANHÃO S/R CARL GUSTAV); Operar mini UAV;

Sobre Infraestruturas, considerando como referência, o exemplo do CdE CAE, e com a intenção de o complementar, julga-se que se deve ser incentivar a preparação e o desenvolvimento de outras áreas que permitam o treino das unidades com menores restrições de espaço para a manobra; ou seja, a existência de uma área que viabilize o treino operacional de combate em áreas urbanas até escalão subagrupamento motorizado/mecanizado, com o emprego do apoio de combate, para propiciar às unidades em cada ciclo de treino operacional, o maior realismo possível. Aperfeiçoar a satisfação de critérios operacionais que sustentam o emprego credível da força, deve ser o estado final a atingir.

Da Interoperabilidade, entende-se que para obter sucesso em todo o espectro do conflito, torna-se necessária a compatibilidade dos meios, em

ambiente conjunto e combinado. O documento APP-6 (*OTAN Glossary Of Terms and Definitions*), define interoperabilidade como sendo "a capacidade de Forças Aliadas ou outras nações, quando apropriado, treinarem, participarem em exercícios e em operações conjuntas na execução de determinadas tarefas e missões".

Algumas das valências e competências que importa priorizar para alavancar o apoio de combate, admitem-se ser: Capacidade de Integrar HUMINT; Integração de sistemas aéreos não tripulados; partilha da COP - *Common Operational Picture*; Integração dentro do sistema JISR - *Joint Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*; obter/partilhar informação em "tempo real" que contribua para o BFSA - Blue Force Situation Awareness; transmitir e receber/identificar sinais de identificação de forças amigas terrestres para evitar o fratricídio; atuar integrado num ambiente em rede (NNEC - OTAN Network Enabled Capability);

EFEITOS A OBTER COM O EMPREGO DO APOIO DE COMBATE

Desenvolver um Comando e Controlo descentralizado, baseado no conceito comando/missão e assente num desenvolvido e eficaz sistemas de informações, permitindo obter fluidez operacional e uma oportuna tomada de decisão em todos os níveis de comando, sob a intenção do comandante.

Privilegiar a manobra em detrimento da atrição. Máxima flexibilidade - fluidez operacional - no apoio à manobra através, se necessário, da organização de forças-tarefa, dotadas de sistemas existentes ou de tecnologia avançada.

Assegurar Precisão e evitar Fratricídio; Dirimir as situações que possam provocar fratricídio ou efeitos colaterais, através do exercício de uma aturada gesta do risco que contribua para antecipar a execução de medidas corretivas.

Aceitar a Flexibilidade nas mentes e na organização, para desenvolver uma atitude de permanente adaptabilidade às incertezas, e ao "nevoeiro" da guerra, predispondo-nos para vencer as surpresas doutrinárias e tecnológicas ou, apenas, a ausência delas - vide a constituição de forças-tarefa.





Priorizar a Proteção da Força, maximizando os sistemas tecnológicos que permitam antecipar a ameaça (i.e., mini-UAV), otimizar a estrutura do BISTAR em prol das missões do Batalhão e em proveito da eficácia do emprego do apoio de combate.

Detalhar a Gradação da Força, para garantir o emprego do apoio de combate de acordo com as regras de empenhamento.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Correlacionando a descrição da situação geral, particular, da ameaça e após a análise elaborada sobre os vetores de desenvolvimento para o apoio de combate, julgamos que o desenvolvimento das capacidades que se descrevem de seguida, são convergentes com a ambição de aperfeiçoar o sistema de apoio de combate no Batalhão de Infantaria Mecanizado:

1. **Comando e Controle** - desenvolvimento desta capacidade por unidades constituídas. Evoluir na obtenção dos meios, desde os mais baixos escalões até ao escalão Agrupamento;

2. **Informações** - Desenvolver o ISR até ao escalão Brigada (vide o BISTAR), com a aquisição de meios tecnologicamente desenvolvidos para a obtenção de maior precisão e alcance nas operações de estabilização, e se necessário em outras operações que possam vir a ser desencadeadas.

3. **Sustentação** - Acautelar a recuperação de competências na área da manutenção preventiva e corretiva dos sistemas de armas do apoio de combate que, por exemplo, viabilize o uso e aumento da proficiência no emprego de morteiros 81 e 10, 7 mm. Recomenda-se, a atribuição de prioridades para investir na aquisição e preservação de simuladores de tiro, condução, também relacionados com os sistemas de tiro do apoio de combate (i.e., INFRONT)

Julgamos que o Apoio de Combate nos Batalhões de infantaria Mecanizada, no âmbito da estrutura, da orgânica e da genética se deve manter conforme estabelecido em QO 24.0.01 aprovado, com exceção das seções de VCB admitido a continuação dos dados de planeamento conhecidos sobre o projeto do Batalhão de Intelligence, Surveillance Target Acquisition and Reconnaissance (BISTAR). Ele é convergente com o conceito operacional do exército para atuar em **todo espectro do conflito** e corresponde aos requisitos operacionais correntes e prospetivos.

Garante, ainda, a necessária **flexibilidade** para poder promover, quando determinado, forças tarefa, para satisfação de missões determinadas.

Gostaríamos de reiterar que ao falarmos no apoio de Combate do **regresso ao essencial** (*back to basics*) julga-se, não estarmos apenas a falar do esforço a exercer para continuar a afirmar as valências de formação técnica, tática do treino operacional, consideradas estruturantes do Soldado; deseja-se, também, uma existência de boas práticas - obviamente adaptadas e adotadas¹⁷ - no âmbito do Comando-Missão, privilegiando a iniciativa dos escalões subordinados e a descentralização na execução das operações, de forma convergente com a intenção do Comandante. Assim, importa utilizar os sistemas de informação e comunicações para desenvolver a confiança na cadeia de comando, por oposição à centralização e *micromanagement* da ação de comando, predispondo as estruturas de comando para delegar.

Todavia, reconhecemos que o apoio de combate necessita de um incremento tecnológico ao nível dos sistemas. O Apoio de Combate do Batalhão de Infantaria Mecanizado apresenta atualmente, limitações para satisfazer a ambição do exército - atuar em todo o espectro do conflito. Sejam quais forem os sistemas de armas ou munições a considerar, devem ser sempre analisados os vetores de desenvolvimento que lhes estão associados - DOTLMPFII - , bem como o ciclo de vida dos materiais - Sustentabilidade.

De forma realista-pragmática, e atendendo à nossa interpretação sobre o regresso ao essencial, julga-se que existem condições para com os sistemas de que dispomos, de aperfeiçoar o nosso apoio de combate, ou de o articular de outra forma, relevando para o efeito a organização de forças tarefa e os requisitos operacionais existentes; tudo isto, sem esquecer as tendências e evoluções, de cariz tecnológico e tático.

No âmbito dos morteiros médios e pesados, e de acordo com os materiais existentes, a precisão e oportunidade de resposta a pedidos de tiro inopinados, pode evoluir se potenciarmos o uso das calculadoras de Tiro Gunzen e Morgan, obtendo a interoperabilidade entre os requisitos

¹⁷ SHAMIR, Eitan, Transforming Command, The pursuit of mission command in the US, British, and Israeli Forces, Stanford University Press, 2011, 203 pp.





técnicos do sistema com os aparelhos de pontaria dos morteiros em uso no exército¹⁸.

Admite-se que o apoio de fogos dos morteiros pesados e morteiros médios nas unidades de infantaria mecanizada, pode ser complementado com o morteiro 60mm, desejavelmente, a atribuir às UEP, quando no desempenho de operações de estabilização, em ambiente não permissivo, de risco elevado, e com reduzida probabilidade de ocorrerem efeitos colaterais.

Como recomendações finais, desenvolvem-se as seguintes opções para a CAC dos Batalhões de Infantaria Mecanizada da Brigada Mecanizada:

Do Pelotão anticarro uma possível evolução assenta na existência de condições para concretizar um emprego sustentado, dos sistemas de 3º geração – TOW¹⁹; embora a aquisição de sistemas com míssil de 4ª geração (tipo SPIKE), possa ser uma ambição legítima, não nos parece de fácil concretização no médio prazo – até 2020; julga-se que uma possível alternativa à incapacidade para manter os sistemas TOW, e para adquirir novos sistemas anticarro, pode passar por otimizar e emprego de outros sistemas de armas existentes, através de novas atribuições e da aplicação do conceito de armas combinadas.

Assim, o Pel ACar/CAC, a trabalhar num conceito de armas combinadas com um Pel CC pode dar origem a dois pelotões, que em resultado da articulação e complementaridade dos sistemas, se passam a designar de pelotões de armas de fogo direto (Pel AFD).

Partindo do pressuposto que não existem condições para sustentar os TOW, esta modalidade configura a constituição de cada pelotão AFD com os seguintes sistemas: duas secções anticarro em viatura blindada de transporte de pessoal (VBTP), equipadas cada uma com um CANHÃO S/R CARL GUSTAV 90 mm; uma secção de carros de combate a dois carros; uma secção de metralhadora pesada (MP) a 02 M113 com MP Browning 12,7 mm, onde cada viatura integra uma guarnição de 02 esquadras ML (equipadas com a metralhadora HK-21 ou MG 3) e uma secção a 2 viaturas M113 adaptadas com reparo para o Lança Granadas

¹⁸ É necessário adquirir o módulo, compatível com os aparelhos de pontaria existentes. Caso existam orientações que viabilizem a aquisição das placas de circuito corretas, é possível resolver o problema identificado, transmitido superiormente em 2005 e 2013.

¹⁹ Referimo-nos ao ciclo de vida e processos aquisitivos de mísseis TOW 2

Automático (Santa Bárbara).

Estes Pelotões mantêm-se na dependência da CAC, admitindo-se um ênfase na ação de comando do comandante da CAC, no emprego dos dois pelotões AFD, no apoio à manobra.

Partindo do pressuposto que o Batalhão não é reforçado com meios que lhe permitam a constituição dos dois pelotões de AFD, e da inexistência de condições para sustentar os TOW, admite-se a reorganização do PelACar num Pelotão de AFD desde que para o efeito se materializem as seguintes factos: existe CANHÃO S/R CARL GUSTAV 90 mm em número suficiente para constituir 2 secções a 4 viaturas; são atribuídos 2 LGA SANTA BÁRBARA para constituir uma secção a duas esquadras. Nesta modalidade, em relação ao PelACar orgânico não existe atribuição adicional de viaturas.

Com a matriz de avaliação, em anexo, e de acordo com as opções acima apresentadas, sustentados nos vetores de desenvolvimento considerados e nos requisitos operacionais correntes e prospetivos implícitos, conclui-se que a modalidade que enfatiza o conceito de armas combinadas, viabilizando a existência de dois Pel AFD é, obviamente, a mais vantajosa, considerando os efeitos a obter para o apoio de combate.

Do PelRecInf e de forma a garantir um aperfeiçoamento e maior ênfase nas missões do tipo ISR, deve ser dada prioridade para promover uma atualização dos sistemas de vigilância do campo de batalha, tais como: equipamento de visão noturna Individual/coletivo de curto, médio e longo alcance. Estes sistemas garantem a capacidade de operar em quaisquer condições meteorológicas e de visibilidade reduzida, de forma a permitir a observação, deteção e registo de imagens de forma contínua de áreas e objetivos selecionados. O PelRecInf deve estar preparado para ser reforçado de acordo com a missão atribuída. A doutrina do Comando-Missão para o PelRecInf, não existe apenas, respira-se.

Conforme o Quadro orgânico 24.0.01, de 29JUN09 estabelece, as missões de ISR da CAC devem ser complementadas com três secções mini UAV, desejavelmente, com a possibilidade de operar além da linha de vista, com capacidade de realizar várias missões com reduzida assinatura eletrónica, permitindo a obtenção de notícias em tempo real, de forma descentralizada, mas, sob controlo do Batalhão.





Em síntese, considera-se que a harmonização dos vetores de desenvolvimento do apoio de combate - DOTLMPFII - para a obtenção de efeitos relacionados com o emprego de forças em todo o espectro do conflito, se pode e deve aperfeiçoar. No entanto o QO 24.0.01, projeta um apoio de Combate atual, julgando-se que o regresso ao essencial (back to basics), não se trata apenas de continuar a afirmar as valências de formação e treino operacional estruturantes do Soldado; deseja-se uma existência de boas práticas - obviamente adaptadas e adotadas - no âmbito do Comando-Missão, privilegiando a iniciativa dos escalões subordinados e a descentralização na execução das operações, de forma convergente com a intenção do Comandante. Admite-se que os desempenhos táticos futuros tendencialmente vão continuar a solicitar os pequenos escalões - agrupamento e subagrupamento - o que sugere uma robusta integração tática e assegurada interoperabilidade do apoio de combate de per se, nestes escalões, com a finalidade de garantir o apoio de combate adequado para cada missão, conforme recomendações apresentadas anteriormente.

Gestor de projeto: Major Jesus, Oficial de Operações, 1º BIMec
Trabalho realizado pelo 1º BIMec e 2º BIMec da Brigada Mecanizada

Bibliografia:

1. EXÉRCITO PORTUGUÊS, O Exército na Guerra Subversiva, Exército Português, 1966;
2. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Quadro Orgânico 24.0.01 - Jun 2009
3. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Publicação doutrinária 3-0, Operações - Abril 2012;
4. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Reflexões de experiência feita, 1º BIMec/BrigMec, NRF 5, 2006, 159 pp;
5. EXÉRCITO PORTUGUÊS, A Certificação do AgrMec/BrigMec/NRF 12, Reflexões e Lições Aprendidas, 2012, 184 pp;
6. EXÉRCITO PORTUGUÊS, Diretiva nº1 do 1º BIMec/BrigMec, 2013
7. FINKEL, Meir, On Flexibility, Stanford University Press, 2011, 324 pp
8. JANES INTERNATIONAL DEFENSE REVIEW, April 2013
9. NARCISO, Carlos. O Apoio de Fogos/ Combate Atual no Afeganistão, 2013.
10. NATO, ATP 3.2.1, Allied Land Tactics, 2009
11. NATO, Non-Article 5 Crisis Response Operations, AJP-3.4, North Atlantic Treaty Organization, 2005
12. SMITH, Rupert, The Utility of Force: The Art of War in The Modern World, 2007
13. SHAMIR, Eitan, Transforming Command, The pursuit of mission command in the US, British, and Israeli Forces, Stanford University Press, 2011, 203 pp.

14. TEIXEIRA, Pedro Brito, Na Procura do Alvo : A Utilidade da Força, Revista de Segurança e Defesa nº 9, 2009
15. TEIXEIRA, Pedro Brito, O Desafio Da Defesa e Segurança em 2030, 2012
16. UK ARMY, Countering Insurgency, 2009
17. UK DEFENCE, Joint Doctrine Publication, Security and Stabilisation: The Military Contribution
18. US ARMY, Field Manual 3-0 Operations, 2008;
19. US ARMY, Field Manual 7-0 Training the Force;
20. US ARMY, ARTEP 71-2 Mission Training Plan, Tank and Mechanized Battalion, 2004;

Endereços eletrónicos consultados:

- <http://www.army-guide.com/eng/product1245.html>
- http://www.triplov.com/miguel_garcia/cpos/cpos_03.html
- SMITH, Edward A. (2003). Effects-Based Operations: Applying Network Centric Warfare in Peace, Crisis and War, Internet: www.dodccrp.org
- <http://www.exercito.pt/sites/1BIMec/Publicacoes/Documents/Reflex%C3%B5es%20de%20Experi%C3%Aancia%20Feita.pdf>
- http://www.army.mod.uk/training_education/training/20541.aspx
- <http://www.army.mod.uk/operations-deployments/22713.aspx>
- http://www.armyrecognition.com/united_states_us_army_artillery_vehicles_system_uk/centurion_cram_landbased_weapon_system_phalanx_technical_data_sheet_specifications_pictures_video.htm
- <http://www.insightonconflict.org/conflicts/afghanistan/conflict-profile/>
- <http://sofrep.com/special-forces/weapons-gear/>
- <http://world.guns.ru/grenade/rus/ags-17-e.html>
- [http://www.exercito.pt/sites/EPI/Publicacoes/Documents/AZ_187_AGO09\(1\).pdf](http://www.exercito.pt/sites/EPI/Publicacoes/Documents/AZ_187_AGO09(1).pdf)





Heráldica

Armas



Escudo de vermelho, uma besta de ouro, acompanhada de duas margaridas de prata, abotoadas de ouro.

- Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra;

- Correia de vermelho perfilada de ouro;

- Paquife e virol de vermelho e de ouro;

- Timbre: um rinoceronte de prata, segurando nas patas dianteiras o escudete da Brigada Mecanizada Independente;

- Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir

“O FUTURO DE NÓS DIRÁ”

Simbologia e Alusão das Peças

O **VERMELHO** do campo lembra o das armas da Divisão Nun'Álvares, antecessora da Brigada Mecanizada Independente em que o 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado está integrado.

- A **BESTA**, como antepassada da espingarda, alude à Arma de Infantaria.

- AS MARGARIDAS referem-se à localização do 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado da Brigada Mecanizada Independente desde a sua criação: Santa Margarida.

- O RINOCERONTE, caracterizado pelo poder de ataque associado a uma eficaz blindagem, representa os meios de que a unidade dispõe.

- O ESCUDETE alude à Grande Unidade Operacional que integra o 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado: a Brigada Mecanizada Independente.

- A DIVISA, “O FUTURO DE NÓS DIRÁ” afirma a confiança dos militares do 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado no cumprimento das mais árduas missões, bem como a certeza de que elas serão factor de engrandecimento para o Exército.

Os Esmaltes Significam

- O OURO, constância e vigor;

- A PRATA, eloquência e humildade;

- O VERMELHO, ânimo e valentia;

- O AZUL, justiça e lealdade



1º BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO

CÓDIGO DE HONRA

O Militar do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado sabe que está integrado na primeira Unidade mecanizada do Exército Português, para cujo prestígio e eficiência se orgulha de contribuir, sentindo que deve regular o seu procedimento e conduta pelos princípios seguintes:

1. Ser natural e conscientemente disciplinado;
2. Ser corajoso e ter o mais elevado espírito de sacrifício;
3. Respeitar a cadeia hierárquica e manter uma total confiança nos seus camaradas e chefes;
4. Cumprir conscientemente as tarefas que lhe forem cometidas com entusiasmo, abnegação e sentido da responsabilidade;
5. Desenvolver o espírito de iniciativa e o desejo de participar na resolução dos problemas da vida da Unidade;
6. Praticar em elevado grau as virtudes da lealdade e da camaradagem;
7. Ser generoso e humilde na vitória e resignado na adversidade;
8. Orgulhar-se da dignidade da sua missão devotando-se a ela com absoluto apatidarismo político;
9. Ter o patriotismo como a mais nobre das suas virtudes;
10. Impor-se pela sua exemplar conduta como militar e como cidadão.



O FUTURO DE NÓS DIRÁ





Título: *Da Fundação do BIMec ao 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado:
O Futuro de Nós Dirá
(1ª edição)*

Edição: 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado

Data de edição: Setembro de 2014



1 BIMec

São meus discípulos,

se alguns tenho, os que estão contra mim;

porque esses

guardaram

no fundo da alma

a força que verdadeiramente

me anima e que mais

desejaria transmitir-lhes:

a de não se conformarem.”

*Agostinho da Silva**

“O FUTURO DE NÓS DIRÁ”



EXERCITO
1 BIMec / Brig Mec